

ALUIZIO AZEVEDO

CASA DE PENSÃO

TYPOS E FACTOS

EDIÇÃO POPULAR

(TERCEIRA)

Rio de Janeiro

FARO & LINO — EDITORES

1884

AO DISTINCTO CAVALHEIRO

JOSÉ RODRIGUES BARBOSA

O autor.

CASA DE PENSÃO

I

Desconfia de todo aquelle
que se arreceia da verdade.

Seriam onze horas da manhã.

O Campos, segundo o costume, acabava de descer do almoço e, á penna atraz da orelha, o lenço por dentro do collarinho, dispunha-se a proseguir no trabalho interrompido pouco antes. Entrou no seu escriptorio e foi sentar-se á secretaria.

Defronte d'elle, com uma gravidade official, empilhavam-se grandes livros de escripturação mercantil. Ao lado, uma prensa de copiar, um copo d'agua, sujo de pó, e um pincel chato; mais adiante, sobre um mocho de madeira preta, muito alto, via-se o Diarío deitado de costas e aberto de par em par.

Tratava-se de fazer a correspondencia para o norte. Mal, porém, dava começo a uma nova carta, lançando cuidadosamente no papel a sua bonita letra, desenhada e grande, quando foi interrompido por um rapaz, que da porta do escriptorio lhe perguntou—si podia fallar com o Sr. Luiz Baptista de Campos.

— Tenha a bondade de entrar, disse este.

O rapaz approximou-se das grades de cedro polido, que o separavam do commerciante.

Era de vinte annos, typo do norte, franzino, amorenado, pescoço estreito, cabellos crespos e olhos vivos e penetrantes, si bem que alterados por um leve estrabismo.

Vestia casimira clara, tinha um alfinete de esmeralda na camisa, um brilhante na mão esquerda e uma grossa cadeia de ouro sobre o ventre. Os pés, coagidos em apertados sapatinhos de verniz, desappareciam-lhe casquilhamente nas amplas bainhas da calça.

— Que deseja o senhor? perguntou o Campos, mettendo de novo a penna atraz da orelha e pousando um pedaço de papel mata-borrão sobre o trabalho.

O moço avançou dous passos, com o ar muito acanhado; o chapéo de pello seguro por ambas as mãos; a bengala debaixo do braço.

— Desejo entregar esta carta, disse, cada vez mais atrapalhado com o seu chapéo e a sua bengala, sem conseguir tirar da algibeira um grosso maço de papeis que levava.

Não havia onde pôr o maldito chapéo, e a bengala tinha-lhe já cahido no chão, quando o Campos foi em seu soccorro.

— Cheguei hoje do Maranhão, accrescentou o provinciano, sacando as cartas finalmente.

As ultimas palavras do moço pareciam interessar devéras o negociante, porque este, logo que as ouviu, passou a consideral-o da cabeça aos pés, e exclamou depois:

— Ora espere... O senhor é o Amancio!

O outro sorrio, e, entregando-lhe a carta, pedio-lhe com um gesto que a lesse.

Não foi preciso romper o sobrescripto, porque vinha aberta.

— E' de meu pae... disse Amancio.

— Ah! é do velho Vasconcellos?... Como vai elle?

— Assim, assim... O que o atrapalha mais é o reumatismo. Agora está em uso da Salça-e-caroba, do Hollanda.

— Coitado! lamentou o Campos com um suspiro— Elle soffre ha tanto tempo !...

E passou a ler a carta, depois de dar uma cadeira a Amancio, que já estava para dentro das grades.

— Pois, sim, senhor! disse ao terminar a leitura— Está o meu amigo na Côrte, e homem! Como corre o tempo !...

Amancio tornou a sorrir.

— Parece que ainda foi outro dia que o vi, d'este tamanho, a brincar no armazem de seu pae.

E mostrou com a mão aberta o tamanho de Amancio n'aquella época.

— Foi ha seis annos, observou o mogo, limpando o suor que lhe corria abundante pelo rosto.

Fez-se uma pequena pausa e em seguida o Campos fallou do muito que devia ao fallecido irmão e socio do velho Vasconcellos; citou os obsequios que lhe merecera; disse que encontrára n'ellé « um segundo pae » e terminou perguntando quaes eram as intenções de Amancio, na Côrte.— Si vinha estudar ou empregar-se.

— Estudar! acudio o provinciano.

Queria ver si era possivel matricular-se ainda esse anno na escola de medicina. Não negava que se havia demorado um pouquinho nos preparatorios... mas seria d'elle a culpa?... Só com umas sezões, que apanhara na fazenda da avó, perdera tres annos...

Campos escutava-o com attenção. Depois lhe perguntou, si já havia almoçado.

Amancio disse que sim, por cerimonia.

— Venha então jantar connosco; precisamos conversar mais a vontade. Quero apresental-o á minha gente.

O rapaz concordou, mas ainda tinha que entregar varias cartas e varias encommendas que trouxera. O Campos talvez conhecesse os destinatarios.

Mostrou-lhe as cartas; eram quasi todas de recommendação.

—O melhor é tomar um carro, aconselhou o negociante—Olhe, vou dar-lhe um moço, ahí de casa, para o guiar.

E, pelo acustico, que havia a um canto do escriptorio, chamou um caixeiro.

D'ahi a pouco, Amancjo sahia, acompanhado por este, promettendo voltar para o jantar.

A casa de Luiz Campos era na rua Direita. Um d'esses casarões do tempo antigo, quadrados e sem gosto, cujo ar severo e recolhido está a dizer no seu silencio os rigores do velho commercio portuguez.

Compunha-se do vasto armazem ao rez do chão, e mais dous andares; no primeiro dos quaes estava o escriptorio e á noite aboletavam-se ós caixeiros, e no segundo morava o negociante com a mulher—D. Maria Hortencia, e uma cunhada—D. Carlotinha.

A meza era no andar de cima. Faziam-se duas: uma para o dono da casa, a familia, o guarda-livros e hospedes, si os havia, o que era frequente; e a outra só para ós caixeiros, que subiam ao numero de cinco ou seis.

Apezar de intelligente e de brasileiro, Campos nunca logrou espantar de sua casa o ar triste que a ensombrecia. A meza, quando raramente se palestrava, era sempre com muita reserva; não havia risadas expansivas, nem livres exclamações de alegria. Os hospedes, pobre gente de provincia, faziam uma cerimonia espessa; o guarda-livros poucas vezes arriscava a sua anedota e, só se determinava a isso, tendo de ante-mão escolhido um assumpto discreto e conveniente.

Campos não apertava a boisa em questões de comida: queria meza-farta; quatro pratos ao almoço, café e leite á discreção; ao jantar seis, sôpa e vinho. Os caixeiros fallavam com orgulho d'essa generosidade e faziam em geral boa ausencia do patrão, que, entretanto, fôra sem-

pre de uma sobriedade rara: comia pouco, bebia ainda menos e não conhecia os vícios sinão de nome.

Aos domingos, e ás vezes mesmo em dias de semana, apparecia para o jantar um ou outro estudante com-provinciano do Campos, ou algum freguez do interior, que estivesse de passagem na Córte e a quem lhe convinha agradecer.

Luiz Campos era homem activo, caprichoso no serviço de que se encarregava e extremamente susceptível em pontos de honra; quer se tratasse de sua individualidade privada, quer de sua responsabilidade commercial.

Não descia nunca ao armazem, ou simplesmente ao escriptorio, sem estar bem limpo e preparado. Caprichava no asseio do corpo: as unhas, os cabellos e os dentes mereciam-lhe bons desvelos e atenções.

Entre os companheiros, passava por homem de vistas largas e espirito adiantado; nos dias de descanso dava-se todo ao Figuiér, ao Flammarión e ao Julio Verne; outras vezes, poucas, atirava-se á litteratura; mas os verdadeiros mestres aborreciam-no e enterturbavam-no com os rigorismos da forma.

— E' um bom typo! diziam os estudantes á volta do jantar, e no seguinte domingo lá estavam de novo. O «bom typo» tratava-os muito bem, levava-os com a familia para a sala, offerecia-lhes charutos, cerveja, e nunca exigia que lhe restituíssem os livros que lhes emprestava.

Quanto á sua vida commercial, pouco se tem a dizer. Até aos dezoito annos, Campos estivera no Maranhão, para onde fôra em pequeno de sua provincia natal, o Ceará. No Maranhão fez os primeiros estudos e deu os primeiros passos no commercio, pela mão de um velho negociante, amigo de seu pae.

Esse velho foi o seu protector e o seu guia; só com a morte d'elle se passou o Campos para o Rio de Janeiro, onde, graças ainda a certas relações da familia de seu

bemfeitor, conseguiu arranjar-se logo, como ajudante de guarda-livros, em uma casa de comissões. D'esta sahio para outra, melhorando sempre de fortuna, até que afinal o admittiram, como gerente, no armazem de uns taes Garcia, Costa & C.

O Garcia morreu, Campos passou a ser interessado na casa ; depois morreu o Costa, e Campos chamou um socio de fóra, um capitalista, e ficou sendo a principal figura da firma.

Por esse tempo encontrou D. Maria Hortencia, menina de boa familia, soffrivelmente ajuizada e com dote. Pouco levou a pedil-a e a casar-se.

Nunca se arrependera de semelhante passo. Hortencia sahira uma excellente dona de casa, muito arranjadinha, muito amiga de poupar, muito presa aos interesses de seu marido, e limpa, « limpa, que fazia gosto ! »

O segundo andar vivia, pois, n'um brinco ; nem um escarro secco no chão. Os moveis luziam, como si tivessem chegado na vespera de casa do marceneiro ; as roupas da cama eram de uma brancura fresca e cheirosa ; não havia teias de aranha nos tectos ou nos candieiros e os globos de vidro não apresentavam sequer a nodoa de uma mosca.

E Campos sentia-se bem no meio d'essa ordem, d'esse methodo. Procurava todos os dias enriquecer os trens de sua casa, já comprando umas jardineiras, que lhe chamaram a attenção em tal rua ; já trazendo uma estatuetta, um quadro, uma nova machina de fazer sorvetes, ou um systema aperfeiçoado para esta ou aquella utilidade domestica.

Gostava que em sua casa houvesse um pouco de tudo. Não apparecia por ahi qualquer novidade, qualquer novo apparelho de bater ovos, gelar vinho, regar plantas, que o Campos não fosse um dos primeiros a experimentar.

A mulher, ás vezes, já se ria, quando elle entrava da rua abraçado a um embrulho.

— Que foi que se inventou?... perguntava com uma pontinha de mófa.

O marido não fazia esperar a justificação do seu novo apparelho, e, tal interesse punha em jogo, que parecia tratar de uma obra propria, de cujo successo dependesse a sua felicidade. E, logo que encontrasse algum amigo, não deixava de fallar n'isso; gabava-se da compra que fizera, encarecia a utilidade do objecto e aconselhava a todos que comprassem um igual.

Campos, depois do casamento, principiou a prosperar de um modo assombroso; dentro de tres annos era, o que vimos,—rico, muito acreditado e seguro na praça.

E, comtudo, não tinha mais do que trinta e seis annos de idade.

— E' um felizardo! resmungavam os collegas, com o olhar fito.—E' um felizardo! Quem o vio, como eu, ha tão pouco tempo!...

— Mas sempre teve boa cabeça!...

— São fortunas, homem! Outros ha por ahi, que fazem o dobro e não conseguem a metade!

— Não! elle merece, coitado! E' muito bom moço, muito expedito e trabalhador!

— Homem! todos nós somos bons!... O que lhe affianço é que nunca em minha vida consegui pôr de parte um bocado de dinheiro!

E o caso era que o Campos, ou devido á fortuna ou ao bom tino para os negociós, prosperava sempre.

A's quatro horas da tarde appareceu de novo Aman-cio.

Vinha esbaforido. O dia estava horrivel de calor. Campos foi recebê-lo com muito agrado.

— Então? disse-lhe. Está livre das cartas?

—Qual! respondeu o moço,—tenho ainda cinco para

entregar... Uma estafa! No Maranhão nunca senti tanto calor!...

— Falta de habito! observou o outro. D'aqui a dias verá que isto é muito mais fresco!

— Estou d'esta forma!... queixava-se Amancio, quasi sem folego, a mostrar o collarinho desfeito e os punhos encardidos.

— Suba, voltou o Campos, empurrando-o brandamente.— Tome qualquer coisa. Vá entrando sem cerimonia!

E, já na escada do segundo andar, perguntou de subito:

— E' verdade! e a sua bagagem?...

— Está tudo no *Corôa de Ouro*. Hospedei-me lá.

— Bem.

E subiram.

Amancio deixou-se ficar na sala de visitas; o outro correu a prevenir á mulher.

— Nenem! disse elle. Sabes? hoje temos ao jantar um moço que chegou do norte, um estudante. E' preciso offereer-lhe a casa.

Hortencia respondeu com um gesto de má vontade.

— Não! replicou o negociante. E' uma questão de gratidão!... Devo muitos obsequios á familia d'este rapaz! Lembras-te d'aquelle velho, de que te fallei, aquelle que foi quem me deu a mão lá no norte?...

Pois este é o sobrinho, é filho do Vasconcellos. Não nos ficaria bem recebê-lo assim, sem mais nem menos!...

— Mas, Lulú, isto de metter estudantes em casa é o diabo! Dizem que é uma gente tão esbodegada!

— Ora, coitado! elle até me parece meio tolo! Além d'isso, não seria o primeiro hospede!...

— Queres agora comparar um estudante com aquelles typos de Minas, que se hospedam aqui!...

— Mas, si te estou dizendo que o rapaz até parece tolo...

— Manhas, homem! Todos elles parecem muito in-

nocentes, e depois... Emfim, tu farás o que entenderes!... Só te previno de que esta gente é muito reparadeira!

— Não há de ser tanto assim!...

E Campos voltou á sala.

Amancio soprava, estendido em uma cadeira de balanço, a abanar-se com o lenço.

— Muito calor, heim? perguntou o Campos, entrando.

— Está horroroso, disse aquelle.

E resfolegou com mais força.

— Venha antes para este lado. Aqui para a sala de jantar é mais fresco. Venha! Eu vou dar-lhe um paletot de brim.

Amancio esquivava-se, fazendo cerimonia; mas o outro, com o segredo da hospitalidade que em geral possui o cearense, obrigou-o a entrar para um quarto e mudar de roupa.

O jantar, como sempre, correu frio e contrafeito. Amancio não tinha appetite, porque pouco antes comera mãe-bentas em um café; Campos, porém, desfazia-se em obsequios e empregava todos os meios de lhe ser agradável.

— Vá, mais uma fatia de pudim, insistia elle, a tentá-lo.

— Não, não é possível, respondia o hospede, limpando sempre o rosto com o lenço.

A' sobrezeza fallou-se no velho Vasconcellos e mais no irmão. O negociante lembrou ainda as obrigações que devia á familia de Amancio, citou pormenores de sua vida no Maranhão; elogiou muito a provincia; disse que havia lá mais sociabilidade que no Rio de Janeiro, e acabou brindando a memoria de seu bemfeitor, de seu segundo pae.

Maria Hortencia parecia tomar parte no reconhecimento do marido e, sempre que se dirigia ao estudante, tinha nos labios um sorriso de amabilidade.

Carlotinha não deu uma palavra durante o jantar. Comia vergada sobre o seu prato e só ergueu a cabeça na ocasião de deixar a meza.

Amancio, todavia, não a perdera de vista.

A's sete horas da tarde, quando se despedio, estava já combinado que no dia seguinte elle voltaria com as malas, para hospedar-se em casa do Campos.

— E' melhor... disse este—é muito melhor! Alli, o senhor não póde estar bem; sempre é vida de hotel! Venha para cá; faça de conta que minha familia é a sua!

Amancio prometteu, e sahio, reconsiderando pelo caminho todas as impressões d'esse dia.

Mais tarde, deitado na cama do *Corôa de Ouro*, com o corpo moido, o espirito saturado de sensações, procurava recapitular o que tinha a fazer no dia seguinte; e, bocejando, via de olhos fechados, o vulto amoroso de Hortencia a sorrir para elle, estendendo-lhe no ar os bellos braços, palpitanes e carnudos.

II

No dia seguinte mudava-se Amancio para a casa do Campos. Seria por pouco tempo,—até que descobrisse um «commodo definitivo».

Deixou com algum pezar o hotel. Aquella vida bohemia, com os seus almoços em meza redonda, o seu quartinho, uma janella sobre os telhados, e a plena liberdade de estar como bem entendesse, tinha para elle um seductor encanto de novidade.

Nunca sahira do Maranhão ; vira de longe a Côte atravez do prisma fantasmagorico de seus sonhos. O Rio de Janeiro afigurava-se-lhe um Pariz de Alexandre Dumas ou de Paulo de Kock, um Pariz cheio de canções de amor, um Pariz de estudantes e costureiras, no qual podia elle a vontade correr as suas aventuras, sem fazer escandalo como no diabo da provincia.

Ha muito tempo ardia de impaciencia por tal viagem: pensára n'isso todos os dias ; fizera calcûlos, imaginára futuras felicidades. Queria theatros buffos, ceias ruidosas ao lado de francezas, passeios fóra d'horas, a carro, pelos arrabaldes. Seu espirito, excessivamente romantico, como o de todo maranhense n'essas condições, pedia uma grande cidade, velha, cheia de ruas tenebrosas, cheia de mysterios, de hoteis, de casas de jogo, de logares suspeitos e de mulheres caprichosas : fidalgas encantadoras e libertinas, capazes de tudo, por um momento de gozo. E Amancio sentia necessidade de dar começo áquella existencia que encontrára nas

paginas de mil romances. Todo elle reclamava amores perigosos, segredos de alcova e loucuras de paixão.

Entretanto, o seu typò franzino, meio imberbe, meio ingenuo, dizia justamente o contrario. Ninguem, contemplando aquelle insignificante rosto moreno, um tanto chupado, aquelles pomulos salientes, aquelles olhos negros, de uma vivacidade quasi infantil, aquella bocca estreita, guarneçada de bons dentes, claros e alinhados, ninguem acreditaria que alli estivesse um sonhador, um sensual, um louco.

Sua pequena testa, curta e sem espinhas, margeada de cabellos crespos, não denunciava o que n'aquella cabeça havia de voluptuoso e ruim. Seu todo acanhado, fraco e modesto, não deixava transparecer a brutalidade d'aquelle temperamento calido e desensoffrido.

Amancio fôra muito mal educado pelo pae, portuguez antigo e austero, d'esses que confundem o respeito com o terror. Em pequeno levou muita bordoadá; tinha um medo horroroso de Vasconcellos; fugia d'elle como de um inimigo, e ficava todo frio e a tremer quando lhe ouvia a voz ou lhe sentia os passos. Si acaso algumas vezes se mostrava docil e amoroso, era sempre por conveniencia: habituou-se a fingir desde esse tempo.

Sua mãe, D. Angela, uma santa de cabellos brancos e rosto de moça, não raro se voltava contra o marido e apadrinhava o filho. Amancio agarrava-se-lhe ás saias, fôra de si, suffocado de soluços.

Aos sete annos entrou para a escola. Que horror!

O mestre, um tal Antonio Pires, homem grosseiro, bruto, de cabello duro e olhos de touro, batia nas erianças por gosto, por um habito do officio. Na aula só fallava a berrar, como se dirigisse uma boiada. Tinha as mãos grossas, a voz aspera, a catadura selvagem; e, quando mettia p'ra dentro um pouco mais de vinho, ficava peor.

Amancio, já na Còrte, só de pensar no bruto, ainda sentia os calafrios dos outros tempos, e com elles

vagos desejos de vingança. Um mal querer doentio invadia-lhe o coração, sempre que se lembrava do mestre e do pae. Envolvia-os no mesmo resentimento, no mesmo odio surdo e inconfessavel.

Todos os pequenos da aula tinham birra ao Pires. Nelle enxergavam o carrasco, o tyranno, o inimigo e não o mestre; mas, visto que qualquer manifestação de antipathia redundava fatalmente em castigo, as pobres crianças fingiam-se satisfeitas; riam muito quando o beberão dizia alguma chalaça e afinal, coitadas! iam-se habituando ao servilismo e á mentira.

Os paes ignorantes, viciados pelos costumes barbaros do Brazil, atrophizados pelo habito de lidar com escravos, entendiam que aquelle animal era o unico professor capaz de «endireitar os filhos».

Elogiavam-lhe a rispidez, recommendavam-lhe sempre que « não passasse a mão» pela cabeça dos rapazes e, que, quando fosse preciso, «dobrasse por conta delles a dóze de bôlos. »

Angela, porém, não era dessa opinião : não podia admittir que seu querido filho, aquella creaturinha fraca, delicada, um mimo de innocencia e de graça, um anginho, que ella affagára com tanta ternura e com tanto amor, que ella podia dizer criada com os seus beijos—fosse lá apanhar palmatoadas de um brutalhão daquella ordem ! « Ora ! isso não tinha geito ! »

Mas o Vasconcellos saltava-lhe logo em cima : Que deixasse lá o pequeno com o mestre !... Mais tarde elle havia de agradecer áquellas palmatoadas !

Assim não succedeu. Amancio alimentou sempre contra o Pires o mesmo odio e a mesma repugnancia. Verdade é que tambem fôra sempre tido e havido pelo peor dos meninos da aula, pelo mais atrevido e in-subordinado. Adquerio tal fama com o seguinte facto :

Havia na escola um rapazito, empicante e levado

dos diabos, que se assentava ao lado d'elle e com quem vivia sempre de turra.

Um dia pegaram-se mais seriamente. Amancio teria então oito annos. Estava a coisa ainda em palavras, quando entrou o professor, e os dois contendores tomaram á pressa os seus competentes logares.

Fez-se respeito. Todos os meninos começaram a estudar em voz alta, com affectação. Mas, de repente, ouviu-se o estalo de uma bofetada.

Houve rumor. O Pires levantou-se, tocou uma campainha, que usava para esses casos, e syndicou do facto.

Amancio foi o unico accusado.

— Sr. Vasconcellos ! — gritou o mestre— porque espancou o senhor aquelle menino ?

Amancio respondera humildemente que o menino insultára sua mãe.

— E' mentira ! protestou o novo accusado.

— Que disse elle ? ! perguntou o Pires.

Amancio repetio o insulto que recebera. Toda a escola rebentou em gargalhadas.

— Cale-se, atrevido ! berrou o professor encolerizado, a tocar a campainha—Mariola ! Dizer tal coisa em pleno recinto da aula !

E, puxando a pura força o delinquente para junto de si, ferrou-lhe meia duzia de palmatoadas.

Amancio, logo que se vio livre, fez um gesto de raiva.

— Ah ! elle é isso ? ! exclamou o professor—Tens genio, tratante ? ! Ora espera ! isso tira-se !

E, voltando-se para o rapazito que levou a bofetada, entregou-lhe a ferula e disse-lhe que applicasse outras tantas palmatoadas em Amancio.

Este declarou formalmente que se não submettia ao castigo. O professor quiz submettel-o a força ; Amancio não abriu as mãos. Os dedos pareciam collados contra a palma.

O professor, então, desesperado com semelhante con-

triedade, muito nervoso, deixou escapar a mesma frase que pouco antes provocára tudo aquillo.

Amancio recuou dous passos e soltou uma nova bofetada, mas agora na cara do proprio mestre. Em seguida deitou a fugir, correndo.

Um « Oh ! » formidavel encheu a sala. O Pires, rubro de colera, ordenou que prendessem o atrevido. A aula ergueu-se em pezo, com grande desordem. Cahiram bancos e derramaram-se tinteiros. Todos os meninos abraçaram sem hesitar a causa do mestre, e Amancio foi agarrado no corredor, quando ia alcançar a rua.

Mas quatro pontapés puzeram em fugida os dous primeiros rapazes que lhe lançaram os dedos. Dous outros acudiram logo e o seguraram de novo, depois vieram mais tres, mais oito, vinte, até que todos os quarenta ou cincoenta estudantes o levaram á presença do Pires, alegres, victoriosos, risonhos, como si houvessem alcançado uma gloria.

Amancio soffreu novo castigo; servio de escarneo aos seus condiscipulos e, quando chegou á casa, o pae, informado do que succedera na escola, deu-lhe ainda uma boa sóva e obrigou-o a pedir perdão, de joelhos, ao professor e ao menino da bofetada.

Desde esse instante, todo o sentimento de justiça e de honra, que Amancio possuia, transformou-se em odio systematico pelos seus semelhantes. Ficou fazendo um triste juizo dos homens.

— Pois si até seu proprio pae, directamente offendido na questão, abraçára a causa do mais forte !...

Só Angela, sua adorada, sua santa mãe, á noite, ao beijal-o antes de dormir, depois de lhe perguntar si ficára muito magoado com o castigo, segredára-lhe entre lagrimas que « elle fizera muito bem... »

Como aquelle, outros factos se deram na meninice de Amancio. Todas as vezes que lhe apparecia um impeto de coragem, sempre que lhe assistia um assomo de

dignidade, sempre que pretendia repellir uma affronta, castigar um insulto, o pae ou o professor cahia-lhe em cima, abafando-lhe os impulsos pondonorosos.

Ficou medroso e descarado.

No fim de algum tempo já podiam na escola insultar a mãe, quantas vezes quizessem, que elle não se abalaria; podiam lançar-lhe em rosto as offensas que entendessem porque elle se conservaria impassivel. Temia as consequencias de qualquer desaffronta. « Estava domesticado » segundo a frase do Pires.

Todavia, esses pequenos episodios da infancia, tão insignificantes na apparencia, decretaram a direcção que devia tomar o character de Amancio. Desde logo habituou-se a fazer uma falsa idéa de seus semelhantes; julgou os homens por seu pae, seu professor e seus condiscipulos.— E abominou-os. Principiou a aborrecel-os secretamente, por uma fatalidade do resentimento; principiou a desconfiar de todos, a prevenir-se contra tudo, a disfarçar, a fingir que era o que exigiam brutalmente que elle fosse.

Nunca lhe deram liberdade de especie alguma: Si lhe vinha uma idéa propria e desejava pol-a em pratica, perguntavam-lhe « a quem vira elle fazer semelhante asneira? »

Convenceram-no de que só devemos praticar aquillo que outros já praticaram. Oppunham-lhe sempre o exemplo das pessoas mais velhas; exigiam que elle procedesse com o mesmo discernimento de que dispunham seus paes.

E os rebentões da individualidade, e o que pudesse haver de original no seu character e na sua intelligencia, tudo se foi mirrando e fallecendo, como os renovos de uma planta, que regassem diariamente com agua morna.

A' meza devia ter a sisudez de um homem. Si lhe appetecia rir, cantar, conversar, gritavam-lhe logo: « Tenha modo, menino! Esteja quieto! comporte-se! »

E Amancio, com medo da bordoadá, fazia-se grave, e cada vez ia-se tornando mais hypocrita e reservado. Sabia affectar seriedade, quando tinha vontade de rir; sabia mostrar-se alegre, quando estava triste; calar-se, tendo alguma recriminação a fazer; e, na igreja, ao lado da familia, sabia fingir que resava e sabia aguentar por mais de uma hora a mascara de um devoto.

Como o pae o queria innocente e dócil, elle affectava grande toleima, fazia-se muito ingenuo, muito admirado das cousas mais simples.

— E' uma menina!... dizia a mãe, convicta—Amanquinho tem já dez annos e conserva a candura de um anjo!

Vasconcellos nunca o puxava para junto de si, nem conversava com elle, nem o interrogava; e, quando a infeliz criança, justamente na idade em que a intelligencia se desabotôa, ávida de fecundação, fazia qualquer pergunta, respondiam-lhe com um berro: « Não seja bisbilhoteiro, menino! »

Amancio emmudecia e abaixava os olhos, mas, logo que o perdiam de vista, ia escutar e espreitar pelas portas.

Com semelhante esterco, não podia desabrochar melhor no seu temperamento o leite escravo, que lhe deu a mamar uma preta da casa.

Diziam que era uma excellente escrava: tinha muito boas maneiras; não respingava aos brancos, não era respondona: aturava o maior castigo, sem dizer uma palavra mais aspera, sem fazer um gesto mais desabrido. Emquanto o chicote lhe cantava nos costas, ella gemia apenas e deixava que as lagrimas lhe correm-sê silenciosamente pelas faces.

Além disso—forte, rija para o trabalho. Poderia nesse tempo valer bem um conto de réis.

Vasconcellos a comprára, todavia, muito em conta, «uma verdadeira pechincha!» porque o demonio da

negra estava então que não valia duas patacas ; mas o senhor a metterá em casa, dera-lhe algumas garrafas de laranja da terra, e a preta em breve começou a deitar corpo e a endireitar, que era aquillo que se podia ver !

O medico, porém, não ia muito em que a deixassem amamentar o pequeno.

— Esta mulher tem rheuma no sangue... dizia elle — e o menino póde vir a soffrer para o futuro.

Vasconcellos sacudio os hombros e não quiz outra ama.

— O doutor que se deixasse de partes !

A negra tomou muita affeição á cria. Desvelava por ella noites consecutivas e, tão carinhosa, tão solícita se mostrou, que o senhor, quando o filho deixou a mamma, consentio em passar-lhe a carta de alforria por seiscentos mil réis, que ella ajuntára durante quinze annos. Mas a preta não abandonou a casa dos seus brancos e continuou a servir, como d'antes ; menos, está claro, no que dizia respeito aos castigos, porque a desgraçada, além de fôrta, ia já cahindo na idade.

Amancio dera-lhe bastante que fazer. Fôra um menino levado da breca ; só não chorava emquanto dormia e, quando se punha a espernear, não havia meio de contel-o.

Era muito feio em pequeno. Um nariz disforme, uma bocca sem labios e dous rasgões no logar dos olhos. Não tinha um fio de cabello e estava sempre a fazer caretas.

A principio—muito agachado de feridas, coitadinho ! Os pés frios, o ventre duro constantemente.

Levou muito para andar e custou-lhe a balbuciar as primeiras palavras. Angela adorava-o com o entusiasmo do primeiro parto ; por duas vezes suppoz vel-o morto e deu promessas aos santos da sua devoção.

Conseguiram fazel-o viver, mas sempre fraquinho, anemico, muito propenso aos engurgitamentos escrofulosos.

Quando acabou as primeiras letras, não era, entretanto, dos rapazes mais debeis da aula do Pires. Para isso contribuíram em grande parte uns passeios que costumava dar, pelas ferias, á fazenda de sua avó materna, em S. Bento.

Esses passeios representavam para Amancio a melhor época do anno. A avó, uma velha quasi analphabeta, supersticiosa e devota, permittia-lhe todas as vontades e babava-se de amores por elle. O rapaz escondia-lhe o cachimbo, pizava-lhe os canteiros da horta, divertia-se em quebrar a pedradas as lamparinas dos Santos, suspensas na capella, e, ás vezes, quando não estava de boa maré, atirava com os pratos nos escravos, que serviam á meza.

A avó ralhava, mas não podia conter o riso. O netinho era o seu encanto, o fraco de sua velhice; só um pedido daquelle diabrete faria suspender o castigo dos negros e desviar do serviço da roça algum dos moleques—para ir brincar com Nhôsinho. Estava sempre a dizer que se queixava ao genro e que o devolvia para a cidade; mas, no anno seguinte, si Amancio não apparecia logo no começo das ferias, choviam os recados da velha em casa de Vasconcellos, rogando que lhe mandassem o neto.

— Mande! mande o pequeno! aconselhava o medico.

E lá ia Amancio.

Só aos doze annos fez o seu exame de portuguez na aula do Pires.

Houve muita formalidade. A congregação era presidida pelo Sotero dos Reis; havia vinte e tantos examinandos. Amancio tremia n'aquelles apuros. Não tinha em si a menor confiança.

Foi, contudo, «*approvedo plenamente*». Mas não sabia nada, quasi que não sabia ler. Da grammatica apenas lhe ficaram de cór algumas regras, sem que elle comprehendesse patavina do que ellas definiam.

O Pires nunca explicava: — si o pequeno tinha a lição de memoria, passava outra, e, si não tinha, dava-lhe algumas palmatoadas e dizia-lhe que trouxesse a mesma para o dia seguinte.

Mas, emfim, estava habilitado a entrar para o Lyceu, onde iria cursar as aulas de francez e geographia.

— O Lyceu, que bom!—oh! Ahi não havia castigos, não havia as pequenas miserias aterroradoras da escola! Não poderia faltar ás aulas, é certo! mas, em todo o caso, estudaria quando bem entendesse e, lá uma vez por outra, havia de «fazer a sua parede.»

E, só com pensar nisso, só com se lembrar de que já não estava ao alcance das garras do maldito Pires, o coração lhe saltava por dentro, tomado de uma alegria nervosa.

O Vasconcellos quiz festejar o exame do filho, com um jantar offerecido aos senhores examinadores e aos velhos amigos da familia.

A' noite houve dansa. Amancio convidou os companheiros do anno; compareceram sómente os pobres,— os que não tinham em casa tambem a sua festa.

O pae, por instancias de Angela, fizera-lhe presente de um relógio com a competente cadeia, tudo de ouro. A avó, que se abalára da fazenda para assistir ao regresso de seu querido mimalho, trouxera-lhe um moleque, o Sabino.

Amancio, todo cheio de si, a rever-se na sua corrente e a consultar as horas de vez em quando, foi n'esse dia o alvo de mil felicitações, de mil brindes e de mil abraços.

Alguns amigos do pae prophetisavam n'elle uma gloria da patria e diziam que o João Lisbôa, o Galvão e outros, não tinham tido melhor principio.

Lembraram-se todas as partidas engraçadas de Amancio, vieram á balha os repentes felizes que o diabrete tivera até ahi. Na cozinha a *mãe preta*, a ama,

contava ás parceiras as travessuras do menino, e, com os olhos embaciados de ternura, com uma especie de orgulho amoroso, referia sorrindo os trabalhos que lhe dera elle, as noites que ella desvelára.

— Já em pequeno, diziam— era muito sabido, muito esperto! enganava os mais velhos; tinha labias, como-ninguém, para conseguir as coisas, e sabia empregar mil artimanhas para obter o que desejava!—Não! definitivamente não havia outro!

Angela, a um canto da varanda, assentada entre as suas visitas, seguia o filho com um olhar temperado de magua e doçura.

— O que lhe estaria reservado?... o que o esperaria no futuro?... scismava a bôa senhora, meneando tristemente a cabeça—oh! ás vezes cria-se um filho com tanto amor, com tanta lagrima, para depois vel-o andar por ahí aos trambolhões, nesse mundo de Christo!...

E a idéa de que, talvez, nem sempre o teria perto de si, que nem sempre o poderia obrigar a mudar a cama, quando estivesse suado; obrigar-o a tomar o remedio, quando estivesse doente; obrigar-o a comer, a dormir com regularidade; a evitar, emfim, tudo que podesse-lhe prejudicar a saude; oh! a idéa de tudo isso lhe entrava no coração, como um sopro gelado, e fazia tremer a pobre mãe.

— Ai! ai! disse ella.

— Que suspiros são esses, D. Angela? perguntou o Dr. Silveira, que estava ao seu lado; homem intimida casa e figura conhecida na politica da terra.

— Malucando cá commigo... respondeu a senhora.

E como o outro estranhase a resposta: — Quem tem filho, tem cuidados, senhor doutor!...

— Oh! oh! exclamou este, com um gesto autorizado, abrindo muito a bocca e os olhos.— A quem o diz, Sra. D. Angela, a quem o diz!... Só eu sei o que me custam esses quatro péccados que ahí tenho?...

E, para provar que dizia a verdade, teria fallado nos seus cabellos brancos, si não os pintasse.

— Quando Angela se affligia daquelle modo, sendo rica; quanto mais elle—pobre jurisconsulto, com pequenos vencimentos e uma familia enorme!...

— Ah! Os tempos vão muito máos...

Pozeram-se logo a fallar na ruindade dos tempos. « Estava tudo pela hora da morte!— Comia-se dinheiro! »

Mas o Silveira voltára-se rapidamente, para dar attenção a Amancio, que acabava de se approximar, em silencio, com o ar presumido de quem tinha consciencia de que toda aquella festa lhe pertencia.

— Então, meu estudante! disse o jurisconsulto, empinando a cabeça—Já escolheu a carreira que deseja seguir?

— Marinha, respondeu Amancio seccamente.

A farda seduzia-o. Nada conhecia « tão bonito » como um official de marinha.

A mãe rio-se com aquella resposta, e olhou em torno de si, chamando a attenção dos mais para o desembaraço do filho.

A' meia noite foram todos de novo para a meza. O Vasconcellos era muito rigoroso quando recebia gente em casa; queria que houvesse toda a fartura de vinhos e comidas. Os brindes reapareceram. Abriram-se garrafas de Moscato d'Asti, Chateau Yquem e Champagne.

Conversou-se a respeito dos vinhos de Vasconcellos. « O Muranhão era incontestavelmente uma das provincias onde melhor se bebia! »

Do meio para o fim da ceia, Amancio sentio-se outro.

Em uma occasião, que o pae se afastára da meza, elle pediu um brinde e complimentou as « pessoas presentes. »

Este facto causou delirios. O próprio pae não se poudo conter e disse entre dentes, a rir:

— Ora o rapaz sahio-me vivo!

Angela abraçou o filho, chorando de commovida.

— Que lhe disse eu?... resmungou delicadamente o Silveira ao ouvido d'ella—Este menino promette! Dê-m-lhe azas e hão de ver... dê-m-lhe azas!...

Amancio foi coberto de ovações. Batiam-lhe no copo, faziam-lhe saudes. Elle a todbs respondia, rindo e bebendo.

D'ahi a uma hora recolheram-no á cama da mãe, porque lhe apparecera uma afflicção na bocca do estomago; mas vomitou logo, e adormeceu depois completamente alliviado.

Foi a sua primeira bebedeira.

Aos quatorze annos prestou exame de francez e geographia e matriculou-se nas aulas de grammatica-geral e inglez.

Já eram válidos, felizmente, os exames do Lyceu do Maranhão, e com as cartas, que d'ahi houvesse, podia entrar nas academias da Côte.

Amancio, depois da escola do Pires, nunca mais, voltou a passar ferias na fazenda da avó. Preferia ficar na cidade: tinha namoros, gostava loucamente de dansar, já fumava, e já fazia pandegas grossas com os collegas do Lyceu.

Como o pae não lhe dava liberdade, nem dinheiro, e como exigia que elle ás nove horas da noite se recolhesse á casa, Amancio arranjava com a mãe os cobres que podia e, quando a familia já estava dormindo, evadia-se pelos fundos do quintal. Era Sabino quem lhe abria e fechava o portão.

O moleque gostava muito dessas patuscadas. O senhor-moço levava-o ás vezes em sua companhia. Amigos esperavam por elles lá fóra, reuniam-se; tinham um farnel de sardinhas, pão, queijo, charutos e vinho. Era pagodear até pela madrugada!

Si havia *chimfrim*— entravam, ou então iam tomar banho no *Apicúm* ou ceiar ao *Caminho Grande*. Em noites de luar faziam serenatas; apparecia sempre alguém que tocasse violão ou flauta ou soubeesse cantar chulas e modinhas. Aos sabados o passeio era maior; no dia seguinte Amancio estava a cahir de cansaço, aborrecido, necessitado de repouso.

Mas não deixava de ir.—Era tão bom passear pela rua, quando toda a população dormia; fumar, quando tinha certeza de que nenhum dos amigos de seu pae o pilharia com o charuto no queixo; era tão bom beber pela garrafa, comer ao relento e perseguir uma ou outra mulher, que encontrassem desgarrada, a vagar pelos beccos mal illuminados da cidade!

Tudo isso lhe sorria por um prisma voluptuoso e romanesco.

A's vezes entrava em casa ao amanhecer. Não podia dormir logo; vinha excitado, sacudido pelas impressões e pela bebedeira da noite. Atirava-se á rede, com uma vertigem impotente de conceber poesias byronianas, escrever coisas no genero de Alvares de Azevedo, cantar orgias, extravagancias, delirios.

E afinal adormecia, lendo *Mademoiselle de Maupin*, *Olympia de Clèves* ou *Confession d'un enfant du siècle*.

Não penetrava bem na intenção deste ultimo livro, mas tinha-o em grande conta e, visto conhecer a biographia de Musset, embriagava-se com essa leitura; ficava a sonhar fantasias estranhas, amores scepticos, viagens mysteriosas e paixões indefnidas.

As criadas da casa ou as mulatinhas da visinhança já o enfaravam: era preciso descobrir amores mais finos, mais dignos, que, nem só lhe contentassem a carne, como igualmente lhe soccorressem as ancias da imaginação.

Por esse tempo leu a *Graziella* e o *Raphael* de Lamartine. Ficou possuido de uma grande tristeza; as lagrimas saltaram-lhe sobre as paginas do livro. Sentio

necessidade de amar por aquelle processo, mergulhar na poesia, esquecer-se de tudo que o cercava, para viver mentalmente nas praias de Napolis, ou nas illhas adoraveis da Sicilia, cujos nomes sonoros e musicaes lhe chegavam ao coração como o effeito de uma saudade, amargo e doce, de uma nostalgia ineffavel, profunda, sem contornos, que o attrahia para um outro mundo desconhecido, para uma existencia, que lhe acenava de longe, a puxal-o com todos os tentaculos do seu mysterio e da sua irresistivel melancolia.

Uma occasião, deitado ao pé da janella de seu quarto, pensava em « Graziella ».

A tarde precipitava-se no crepusculo e enchia a natureza de tons plangentes e doloridos. A um canto da rua um italiano tocava uma peça no seu realejo. Era a Marselheza.

Amancio conhecia algumas passagens da revolução de França; lêra os *Girondinos* de Lamartine. E a reminiscencia do sentimentalismo emphatico dessa obra, cõada pela rhetorica poderosa da musica de Lisle, trouxe-lhe aos nervos um sobresalto muito mais vehemente que das outras vezes.

Julgou-se infeliz, sacrificado nas suas aspirações, no seu idéal. Precisava viver, gozar, gozar sem limites!... Não alli, perto da familia, estudando miseraveis lições do lyceu, mas além, muito além, onde não fosse conhecido, onde tudo para elle apresentasse surpresas de uma outra vida, attractivos de um mundo vasto, enorme, tão enorme, que sua imaginação mal podia delinear.

Por isso estimou deveras ter de seguir para o Rio de Janeiro. A Côte era « um Paris » diziam na provincia e elle, por consequente, havia de lá encontrar boas aventuras, scenas imprevistas, impressões novas, e amores,— oh! amores principalmente!

E, com effeito, desde que pôz o pé a bordo, principiou a gozar a impressão de novidade, produzida no seu espirito pela viagem.

A circumstancia de achar-se em um paquete, sozinho, ouvindo o *rom-rom* monotonico da machina e sentindo, como nos romances, as vozes mysteriosas dos elementos sussurrarem á volta de seus ouvidos— encantava-o. Prestava muita atençaõ aos mais pequeninos episodios de bordo: olhava interessado para a grossa figura dos marinheiros, que baldeavam pela manhã o tombadilho, a dansar com a vassoura aos pés; estudava o typo dos outros passageiros, procurando descobrir em cada qual um personagem de seus livros favoritos; ao abrir e fechar das portas dos camarotes, espiava, sempre, e ás vezes lobrigava de relance, no fundo do beliche, uma figura pallida, offegante, toda descomposta na impudencia do enjõo.

Elle é que nunca enjoava. A' noite ia fumar para a tolda, estendido sobre um banco, as pernas cruzadas, os olhos perdidos pelo oceano.

Vinham-lhe então as nostalgias da provincia; o coração dilatava-se-lhe por um sentimento morno de saudade. Via defronte de si o vulto carinhoso de sua mãe, a chorar, com o rosto escondido no lenço, o corpo sacudido pelos soluços.

Quanto não custou á pobre mulher separar-se do filho?... Que violencia não foi preciso para lh'o arrancarem dos braços! foi como si pela segunda vez lh'o tirassem a ferro das entranhas.

Antes mesmo da partida de Amancio, muito soffrêra a misera com a idéa d'aquella separação. Pensava n'isso a todo o instante, sem se poder capacitar de que elle devia ir, atirado a bordo de um vapor, tão sozinho, tão em risco de perigos. « Oh! era muito duro! Era muito duro!... » Mas Vasconcellos oppunha-lhe argumentos terriveis: — O rapaz precisava fazer carreira, ter uma posição! Não seria agarrado ás saias da mãe que iria pr'a diante! Ha muito mais tempo devia ter seguido — o filho de fulano fõra aos quinze annos; o de beltrano voltára com vinte e tres, e Amancio já ti-

nha vinte. Ia tarde! Angela que se deixasse de pieguiças. Justamente por estimal-o é que devia sera primeira a querer que elle fosse, que se instruisse, que se fizesse homem! Além d'isso o rapaz a poderia visitar pelas ferias, nem sempre, mas de dous em dous annos.

Angela parecia resignar-se com as palavras de Vasconcellos; fazia-se forte: jurava que « não era egoista » que « não seria capaz de cortar a carreira de seu filho »; mal, porém, o marido lhe dava as costas, voltava-lhe a fraqueza: vinham-lhe as lagrimas; tornavam as agonias. Por vezes, no meio do jantar, enquanto os outros riam e conversavam, ella, que até ahi estivera a pensar, abria n'uma explosão de soluços e retirava-se para o quarto, afflicta, envergonhada de não poder dominar aquelle desespero. Outras vezes acordava por alta noite, a gritar, a debater-se, a reclamar o filho, a disputal-o contra os fantasmas do pezadelo.

No dia da viagem não se pôde levantar da cama, tinha febre, vertigens; a cabeça andava-lhe á roda. E não queria mais ninguem perto de si, além do filho, só elle! « Não a privassem de Amancio ao menos n'aquelle dia! » E tomava-o nos braços, procurava agasalhal-o ao collo, como fazia d'antes, quando elle era pequenino. Affagava-lhe a cabeça, beijava-lhe os cabelols prendia-o contra o scio. Depois, voltava a acarinhá-lo, beijava-lhe de novo as mãos, os olhos, o pescoço, envolvia-o todo em mimos, como, si, na santa loucura de seu amor, imaginasse que elles lhe preservariam o filho contra os escolhos da jornada e contra os futuros perigos que o ameaçavam.

— Minha pobre mãe!... suspirava Amancio no tombadilho, derramando o olhar lacrimoso pela inconstante planicie das aguas.

— Minha pobre mãe!...

E vinham-lhe então fundas saudades de sua terra, de sua casa e de seus parentes. As palavras de Angela

palpitavam-lhe em torno da cabeça, com uma expressão de beijos estalados. Lembrava-se dos ultimos conselhos que ella lhe déra, das suas recommendações, das suas pequeninas providencias; de tudo isso, porém, o que mais lhe ficára grudado á memoria foi o que lhe disse a boa velha, muito em particular, a respeito de dinheiro. « Si te não chegar a mezada, ou si te vierem a faltar os recursos, escreve-me logo duas linhas, que eu te mandarei o que precisares. Mas não convem que teu pai saiba d'isto... »

Para as primeiras despezas na Côrte e para os gastos nas provincias, juntou, ao que dera Vasconcellos ao filho, mais quinhentos mil réis; não achava bom, entretanto, que Amancio saltasse em todos os portos. « Era muito arriscado! Elle não se devia expor de similhante forma! »

E a lembrança do dinheiro puxou logo outras consigo e arremessou-o no frivolo terreno de seus desvanecios tolos e voluptuosos. Vieram as recordações; começou a desenfiar mentalmente o rosario dos amores que accumulára dos quinze annos até alli.

Era um rosario extravagante; havia contas de todos os matizes e todos os feitos.

Entre ellas, porém, só tres se destacavam, tres bellas contas de marfim:— a filha mais velha do Costa Lobo, a mulher de um commendador, amigo de seu pae, e uma viuva de um official do exercito.

E só. Todas as outras suas conquistas não valiam nada; de algumas tinha, comtudo, bem boas recordações: a Francisca da Villa do Paço, por exemplo— uma caboclinha, que se apaixonou por elle e vinha perseguil-o até a cidade; uma hespanhola, mulher de um typo barbado e calvo, que andava a mostrar figuras de cêra pelas provincias do norte, uma senhora gorda, amasiada com um boticario, da qual elogiavam muito as virtudes, mas que um dia atirou-se brutal-

mente sobre Amancio, dizendo que o amava e trincando-lhe os beiços.

E como estas, outras e outras recordações foram-se enfiando e desenfiando pelo espirito sensual e mesquinho do vaidoso, até deixal-o mergulhado na apathia dos entes sem ideaes e sem aspirações.

Mas, já não queria pensar n'esses amores da provincia; tudo isso agora se lhe afigurava ridiculo e acanhado. A Côrte, sim! é que lhe havia de proporcionar boas conquistas. « Ia principiar a vida! »

E, n'essa disposição, chegou ao Rio de Janeiro.

III

Estava hospedado ha dous dias em casa do Campos ; esse tempo levára elle a entregar cartas e encomendas. A' noite, fatigado e entorpecido pelo calor, mal tinha animo para dar uma vista d'olhos pelas ruas da cidade.

Entretanto, a vida externa o attrahia de um modo desabrido; estalava por cahir no meio d'esse formigueiro, d'esse bulicio vertiginoso, cuja vibração lhe chegava aos ouvidos como os echos longiquos de uma saturnal. Queria ver de perto o que vinha a ser essa grande Córte, de que tanto lhe fallavam; ouvira contar maravilhas a respeito de cortezãs cynicas e formosas, ceias pela madrugada, passeios ao jardim Botanico, em carros descobertos, o champagne ao lado, o cocheiro bebado; — e tudo isso o attrahia em silencio, e tudo isso o fascinava, o visgava com o dominio secreto de um vicio antigo.

— Mas, por onde havia de principiar?... Não tinha relações, não tinha amigos que o encaminhassem!... Além d'isso, o Campos estava sempre a lhe moer o juizo com as matriculas, com a entrada na academia, com um inferno de obrigações a cumprir, cada qual mais pezada, mais antipathica, mais insupportavel!

— Olhe, seu Amancio, que o tempo não espicha—ên-colhe!... E' bom ir cuidando d'isso!... repetia-lhe o negociante, fazendo ar serio e compromettido. — Veja

agora si vae perder o anno! Veja si quer arranjar por ahi um par de botas!...

Amancio fingia-se logo muito preocupado com os estudos e fallava calorosamente na matricula.

— Mexa-se então, homem de Deus! bradava o outro.
— Os dias estão correndo!...

Afinal, graça aos esforços do Campos, conseguiu matricular-se na academia, duas semanas depois de ter chegado ao Rio de Janeiro.

O medo ás mathematicas levára-o a desistir da Marinha e agarrar-se á Medicina, como quem se agarra a uma taboa de salvação; pois o Direito, si bem que, para elle, fosse de todas as formaturas a mais risonha, não lhe servia igualmente, visto que Amancio não estava disposto a deixar a Côrte e ir ser estudante na provincia.

A Medicina, comtudo, longe de seduzil-o, causavalle um tédio atroz. Seu temperamento aventureiro e frivolo não se conciliava com as frias verdades da cirurgia e com as pacientes investigações da therapeutica. Presentia claramente que nunca daria um bom medico, que jámais teria amor á sua profissão.

Esteve a desistir logo nos primeiros dias de aula: o cheiro nauseabundo do amphitheatro da escola, o aspecto nojento dos cadaveres, as maçantes licções de chimica, phisica e botanica, as troças dos veteranos, a descripção minuciosa e fatigante da osteologia, a cara insociavel dos explicadores; tudo isso o fazia vacillar; tudo isso lhe punha no coração um duro sentimento de má vontade, uma antipathia angustiosa, um não querer, doloroso e taciturno.

A's vezes, no emtanto, pretendia reagir: atirava-se ao Baunis Bouchard e ao Valle, disposto a ler durante horas consecutivas, disposto a prestar attenção, a comprehender; mal, porém, elle se entregava aos compendios, o pensamento, pé ante pé, ia-se escapando da leitura, fugia sorrateiramente pela janella, ganhava a

rua, e prendia-se ao primeiro *fru-fru* de saia, que encontrasse.

E Amancio continuava a ler a estranha tecnologia da sciencia, a repetir machinalmente, de cór, os caracteres distinctivos das vertebbras, ou a scismar abstracto nas propriedades do chloro e do bromo, sem todavia conseguir que patavina d'aquillo lhe ficasse na cabeça.

— Não haver uma academia de direito no Rio de Janeiro! lamentava elle, bocejando, a olhar vagamente a sua enfiada de vertebbras, que havia comprado no dia anterior.

Porque, no fim de contas, tudo que cheirasse a sciencia de observação o enfastiava: « Deixassem lá, que a tal osteologia e a tal chimica nada ficavam a dever ás mathematicas!... »

Ah! o direito, o direito é que, incontestavelmente, devia ser a sua carreira. Preferia-o por achal-o menos aspero, mais tangivel, mais docil, que outra qualquer materia. E esse mesmo... Valha-me Deus! tinha ainda contra si o diabo do latim, que era bastante para o tornar difficil.

E lembrar-se Amancio de que havia por ahi creaturas, tão dotadas de paciencia, tão resignadas, tão perseverantes, que se votavam de corpo e alma ao cultivo das artes!... das artes, que, segundo varias opiniões, exigiam ainda mais constancia e mais firmeza do que as sciencias!... Com effeito! Era preciso ter muita coragem, muito heroismo, porque as taes bellas-artes, no Brazil, nem sequer offereciam posição social, nem davam sequer um títulozinho de doutor!

— Qual! Não seria com elle!... Fosse gastando quem melhor quizesse a existencia na concepção de um bom quadro, de uma boa estatua, de uma operagenial ou de um bom livro de litteratura, que elle ficava cá de fóra—para apreciar. O mais que podia fazer, era—applaudir; applaudir e pagar! — E já não fazia pouco!...

Isso justamente ouviu, por mais de uma vez, da bocca

de seu pae. O velho Vasconcellos nunca tomou a serio os artistas « Uns pedaço-d'asnos ! » qualificava elle, e, de uma feita em que o Franco de Sá lhe communicou os seus projectos de estudar pintura na Europa, o negociante fez uma careta e exclamou, batendo-lhe no hombro : « Homem, seu Sazinho ! não seria eu que lhe aconselhasse similhante cabeçada.. porque, meu amigo, isto de artes é uma cadellagem ! Procure meios de obter cobres, e o senhor terá á sua disposição os artistas que quizer ! »

—E n'isto tinha o velho toda a razão, pensava Amancio. — Acho apenas que devia estender a sua theoria até o estudo de certas sciencias... como a medicina... Sim ! porque, afinal, com dinheiro tambem obtemos os medicos de que precisamos, e não vale a pena, por conseguinte, gramar seis annos de academia e curtir as maçadas que estou aqui supportando, sabe Deus como !

—Mas, neste caso, a questão muda muito de figura !... dizia-lhe em resposta uma voz que vinha de dentro do seu proprio raciocinio. — Não se trata aqui de fazer um « medico, » trata-se de fazer um « doutor, » seja elle do que bem quizer ! Não se trata de ganhar uma « profissão, » trata-se de obter um « titulo. » Tu não precisas de meios de vida, precisas é de uma posição na sociedade.

— Visto isso, porém, objectava Amancio, — quero crer que o mais acertado seria comprar uma carta na Belgica ou na Allemanha, e mandar ao diabo, uma vez por todas, aquella peste de medicina !

Ora, medicina ! Medicina servia para algum moço pobre que precisasse viver da clinica ; elle não estava n'essas circumstancias. Era rico ! só com o que lhe tocava por parte materna, podia passar o resto da vida sem se fatigar !... Porque, pois, soffrer aquellas apoquentações do estudo ? Porque razão havia de ficar preso aos livros, entre quatro paredes, quando dispunha

de todos os elementos para estar lá fóra, em liberdade, a se divertir e a gosar?!...

Mas uma idéa sustinha-lhe o vôo do pensamento; o vulto angelico de sua mãe vinha collocar-se defronte d'elle, abrindo os braços, como se o quizesse proteger de um abysmo.

Ah! quanto empenho não fazia a pobre velha em vel-o formado ás direitas, n'uma faculdade do Brazil!... Vel-o doutor!...

— Doutor, hein?! repetia Amancio, meio animado com o prestigio que ao nome lhe daria o titulo.

E ligava-os mentalmente, para vêr o effeito que juntos produziam:

— Doutor Amancio! Doutor Amancio de Vasconcellos! Não fica máo! não fica! A mãe tinha razão:—Era preciso ser doutor!

E quanto gosto, que prazer, não sentiria n'isso a querida velha!... Oh! elle agora pensava em Angela com muito mais ternura; n'ella resumia toda a familia e tudo que houvesse de bom no seu passado. Só com a ausencia poude avaliar o muito que a respeitava e o muito que a extremecia. Elle, que não chorára ao despedir-se da mãe; elle, que algumas vezes chegou até a se aborrecer de seus desvelos e da insistencia de seus carinhos,—agora não a podia ter na memoria, sem ficar com o coração oppresso e os olhos relentados de pranto. Pungia-lhe a consciencia uma especie de remorso por não se ter mostrado mais affectuoso e mais amigo, em quanto a possuio perto de si, por não ter melhor aproveitado essa occasião para deixar bem patente que sabia ser « bom filho. »

E punha-se então a mentalisar planos de melhor conducta para quando voltasse ao lado de Angela; considerava os mimos que teria com ella, os affagos que lhe havia de dispensar, os beijos que lhe havia de pedir.

— Ah! Si n'aquelle momento elle a tivesse alli, o que não lhe diria!

E, por uma necessidade urgente de expansão, levantou-se da cadeira em que estava e correu á secretária, disposto a escrever uma carta, longa, á sua mãe. Precitava queixar-se do isolamento em que vivia, contar-lhe as suas tristezas, as suas contrariedades, justamente como fazia d'antes, em pequeno, ao voltar da aula do Pires. Sua alma tornava atraz, fazia-se muito infantil, muito criança, muito ingenua e carecida de amparo.

A mãe, enquanto esteve ao lado d'elle, foi sempre um coração aberto para lhe receber as lagrimas e os queixumes.

Tambem só ellas, só as mães, podem servir a tão delicado mister. O que se lança ao peito da amante desde logo arde e se evapora, porque ahi o fogo é por de mais intenso; o que se atira ao de um estranho gela-se de prompto na indiferença e na aridez; mas, tudo aquillo que um filho semeia no coração materno—brota, floreja e produz consolações. N'este não ha chamma que devore, nem frio que enregele, mas um doce amornecer, suave e fecundo, como a tepidez de um seio intumescido e resumbrante de leite.

E escreveu: « Mamãe. »

Hesitou logo. Aquelle modo de tratar não lhe pareceu conveniente; queria fazer uma carta de effeito, com estylo, uma carta a primor, que dêsse idéa do seu talento e ao mesmo tempo de sua affeição:

« Minha querida mãe.

« Eis-me na grande Côrte, que aliás me parece estúpida e acanhada por achar-me longe de vocemecê... »

Vinham, em seguida, muitos protestos de amor filial e depois uma extensa descripção da cidade, a qual occupava duas laudas da carta. Na terceira escreveu o seguinte:

« Desde que vim d'ahi, o Sabino só me tem dado

maçadas; a bordo vivia a brigar com os outros criados; aqui nunca me apparece; sae pela manhã e já faz muito quando volta á noite. Pilhou-se sem castigo e abusa d'esse modo. Ainda não lhe consegui arranjar a matricula no thesouro e nem sei como isso se obtem; o Campos é que ha de ver.

« Como sabe, ha mez e meio que me acho hospedado em casa d'este. Aqui nada me falta, é certo, mas igualmente nada me satisfaz, porque estou muito isolado e aborrecido. A familia é attenciosa o quanto póde ser commigo; eu, porém, apezar d'isso, não deixo de ser para elles um estranho e, como tal, apenas recebo cortezias e hospitalidade. D. Maria Hortencia é amavel, mas por uma simples questão de delicadeza; da irmã, D. Carlotinha, nem é bom fallar! Esta, si já me dispensou duas palavras, foi o maximo, parece até que tem medo de olhar para mim; talvez com receio de desagradar ao guarda-livros, que, pelos modos, é lá o seu namorado. Do que não resta duvida é que o tal guarda-livros é de todos o mais antipathico e difficil de supportar. Um hypocrita! Está sempre com a carinha n'agua e já, por varias vezes, se tem querido metter a espirituoso cá para o meu lado.—São ditinhos, indirectas de instante a instante. Eu, qualquer dia d'estes, o chamo á ordem! Ainda não ha uma semana; veja isto! fui a um spectaculo dramatico no S. Pedro de Alcantara e á volta, quando cheguei á casa, quiz accender a véla para estudar. Quem disse?... o fogo não se communicava ao pavio. Verifico:— no logar da torcida haviam posto um prego; fiquei com os dedos queimados. E esta graça não foi de outro sinão do tal cara de môno!

« Já me lembrou mudar-me; o Campos, porém, acha que o não devo fazer emquanto não descobrir por ahi um bom commodo, em alguma casa de pensão. »

~ E no mesmo theor ia por diante, até encher duas folhas de papel marca pequena. Amancio narrava á

mãe todos os seus passos e todos os seus desgostos, sem lhe confessar, todavia, que o principal motivo d'aquelle descontentamento estava em não se poder recolher de noite ás horas que entendesse; em ter por unico companheiro de passeios o Luiz Campos, cuja sobriedade nos gestos e costumes, cuja discreção nos termos, cujo aspecto reprehensivo e pedagogico, de mentor, faziam-no já perfeitamente insupportavel aos olhos do estudante.

— Ora adeus! considerava este, devéras enfiado. — Não foi para me fazer santo, que vim ao Rio de Janeiro!

Boas! Podia lá estar disposto a soffrer aquelle magante do Campos!... Mas tambem não seria muito divertido andar sozinho pela cidade, a trocar pernas, sem um companheiro, sem um amigo. Além d'isso temia do seu provincialismo, receiava « fazer figura triste; » ainda não conhecia o preço das coisas e o nome das ruas. No Maranhão fallavam com tanto assombro dos gatunos da Côrte! — os taes capoeiras! E Amancio sobresaltava-se pensando n'um encontro desagradavel, em que lhe cambiassem o dinheiro e as joias por uma navalhada.

Seu maior desejo era ter alli um dos amigos da provincia, a quem confiasse as impressões recebidas e com quem pudesse conversar livremente, á franca, sem medir palavras, nem tomar as enfadonhas reservas e composturas, que lhe impunha a censória presença do negociante.

Por isso, n'uma occasião, em que atravessava pela manhã o bêcco do Cotovello, sentio grande alegria ao dar cara a cara com o Paiva Rocha. O Paiva era seu comprovinciano e fôra seu condiscipulo; pertenceram á mesma turma de exames na aula do Pires e matricularam-se juntos no Lyceu. Mas, em quanto o filho de Vasconcellos estudou as tres primeiras materias, o outro fez todos os preparatorios.

Abraçaram-se. Houve exclamações de parte a parte.

— Ora o Paiva! disse Amancio afinal, encarando o amigo com um olhar muito satisfeito.— Não te fazia aqui na Côrte!

— Estou na Polytechnica.

— Ah! exclamou Amancio, com interesse. — Que anno?

— Terceiro.

— Bom. Estás quasi livre!

— Qual! resmungou o Paiva, mascando o cigarro.— Tenho ainda muito que aturar!

E passaram então a fallar de estudos. Amancio fazia recriminações: « Só encontrára difficuldades. » Disse a sua antipathia pelas sciencias praticas; queixou-se de alguns veteranos, que, por serem mais antigos na escola, se julgaram com direito de maltratar os outros. « Era estúpido! simplesmente estúpido! »

— Tradições! respondeu o Paiva, com a indifferença de quem não preoccupam taes bagatellas.— Isso ha de acabar... A natureza não dá saltos!

Amancio, como qualquer provinciano que ainda não tivesse occasião de apreciar o Rio de Janeiro, julgava-se tão desilludido a respeito d'elle, quanto a respeito de estudos.

— Sempre imaginei que fosse outra coisa!... disse— A tal rua do Ouvidor, por exemplo!...

Paiva já não o ouvia, era todo attenção para um cartaz de theatro, que um sujeito pregava na parede de frente.

Amancio proseguio, declarando que, até alli, nada encontrára de extraordinario na Côrte.

— Com franqueza — antes o Maranhão! Com franqueza que antes! Não achas?... perguntou.

— E'! respondeu o outro, distrahido.

Mas Amancio precisava desabafar e não se contentou com aquella resposta. Insistio na pergunta; chamou a attenção do Paiva, agarrando-se-lhe á gola esgarçada do fraque.

— Não, filho, deixa-te d'isso, retorquiu o interrogado.
— A Côrte sempre é a Côrte!...

— Ora qual!

— E' porque ainda não estás acostumado, ainda não conheces o Rio! Has de vêr depois!...

Amancio duvidava.

— Verás! repetia o Paiva.—D'aqui a um ou dous annos é que te quero ouvir!...

E passaram de novo a fallar de estudos, de matriculas e de exames.

Paiva bocejou; o outro estava «caceteando.» Quiz safar-se.

— Espera! implorou Amancio, apoderando-se-lhe de novo da gola do fraque—Espera! Onde vais tu?... Conversa mais um pouco! supplicava elle com a vóz infeliz de quem pede uma esmola—Não te vás ainda! Que pressa!

Paiva tinha de ir almoçar eom um amigo. Estava muito occupado! «Naquelle dia não dispunha de um momento de seu!» Depois, depois se encontrariam! -

— Não! Vem cá! Espera!

O Paiva levantou as sobranceiras, impacientando-se.

— Mas, vem cá, dize-me uma coisa: o que é que tanto tens hoje a fazer?... inquirio o outro.

— Filho, questões de interesse! respondeu aquelle, procurando abreviar explicações. Veio-lhe, porém, um impeto de raiva e começou a fallar alto sobre dinheiro; havia brigado na vespera com o seu correspondente.

— Um burro! exclamava,—um vinagre! Imagina tu que o malvado sabe perfeitamente que não tenho ninguem por mim aqui no Rio, e põe-se com duvidas para me dar a mezada!... Como si aquelle dinheiro lhe sahisse do bolso! Diabo da peste!

— Elle então não te quiz dar a mezada?... perguntou Amancio muito espantado.

— E' o costume aqui! retrucou o Paiva desabrida-

mente.— Elles julgam que nos fazem grande obsequio em dar-nos aquillo que nos pertence !

E, olhando para Amancio com os olhos apertados:

— Mas tambem, filho, disse-lhe meia duzia de desafôros, como elle nunca ouviu em sua vida ! Cão !

E expôz a descompostura por inteiro, na qual as palavras *gallego, ladrão, cachorro* entravam repetidas vezes.

— De sorte que, terminou o estudante mais tranquillo, como se houvesse despejado um pezo das costas,— não tenho lá ido ! Questão de capricho, sabes ? olha, estou assim !

E bateu nas algibeiras.

— Isso arranja-se... disse Amancio timidamente, receioso de humilhar o collega. E, depois, com um vislumbre :

— Vamos almoçar a um hotel ? !

O Paiva concordou, sacudindo os hombros. E, como Amancio perguntasse onde deviam ir, começou a citar os melhores hotéis ; já sem deixar transparecer o menor indicio de pressa.

Fazia-se grande conhecedor da Côte, muito carioca, saboreando voluptuosamente o effeito de pasmaceira, que a sua superioridade causava no amigo. Deu-se logo ares de cicerone ; mostrou-se habituadissimo com tudo aquillo que pudesse causar admiração a um provinciano recém-chegado ; fingio desdeo por umas tantas coisas, que á primeira vista pareciam boas e fallou de outras, menos conhecidas, com enthusiasmo, com interesse pessoal e com orgulho.

Amancio escutava-o em recolhido silencio, mas, como estivesse a cahir de appetite, voltou logo á idéa do almoço : lembrou que poderiam ir ao — *Corôa de Ouro*.

Paiva fitou-o espantado, e espocou depois uma risada falsa :

— Aquella era mesmo de quem vinha do norte ! Almoçar no *Corôa de Ouro* ! *Vade retro* !

Amancio não teve animo de defender a sua proposta, e seguiu o companheiro que se puzéra a andar com impeto.

Entraram na rua do Carmo, atravessaram a de S. José e, ao cahirem na da Assembléa, Paiva, que ia a pensar, voltou-se de subito para Amancio e perguntou-lhe decisivamente :

— Tu queres almoçar bem ? !

E ferio a ultima palavra.

— E' ! respondeu o outro.

— Pois então vamos ao *Hotel dos Principes* !

E seguiram pela rua Sete de Setembro até o Rocio.

Ao penetrarem no largo, uma menina italiana, de alguns dez annos de idade, toda vestida de luto, morena, o ar supplicantemente risonho e cheio de miseria, abraçou-se ás pernas de Amancio, pedindo-lhe dinheiro— para levar á mãe que estava em casa morrendo de fome.

— Sáe ! gritou-lhe o Paiva, procurando arredal-a.

Mas a pequena ajoelhou-se, sem largar as pernas do caloiro, de uma de cujas mãos já se tinha apoderado e cobria de beijos.

— Então, papae ! papaesinho bonito ! uma esmolinha, sim ?... Dizia ella, voltando para o moço seus bellos olhos de criança, e rindo com uns dentes muito brancos que se lhe destacavam vivamente da côr morena do rosto.

— Coitadinha ! lamentou Amancio, fazendo-lhe uma festa no queixo e procurando dinheiro na algibeira das calças.

Puxou um maço grosso de cedulas.

— Não sejas tôlo ! gritou-lhe o companheiro.—Isto é especulação de algum vadio ! Vestem por ahi essas bichinhas de luto e mandam-nas perseguir a humanidade ! E' uma esperteza, não sejas tôlo !

A pequena lançou ao Paiva um gesto de raiva e sorriu para Amancio, supplicando.

— Em todo o caso faz dó, coitada ! murmurou este, dando-lhe uma cedula de dous mil réis.

A italianinha agarrou-se ao dinheiro e olhou surpresa para o caloiro. Depois, beijou-lhe novamente as mãos, e fugio, atirando-lhe beijos.

— Coitada ! repetio elle.

— Ainda estás muito pelludo ! resmungou o Paiva— olha que isto por cá não é o Maranhão !...

E pôz-se logo a fallar nas especulações do Rio de Janeiro. Contou factos horrorosos de cynismo e gatumagem. « Amancio que se acautelasse : no caminho em que ia, lhe haviam de arrancar até os olhos — Alli, a sciencia de cada um consistia em fazer com que o dinheiro passasse das algibeiras dos outros para as proprias algibeiras. » Estava indignado ! « Não podia, a sangue frio, ver assim se atirar á rua—dous mil réis ! Ah ! si o outro soubesse quanto o dinheiro custava a ganhar, não teria as mãos tão rötas ! »

E mostrava-se extremamente empenhado nos interesses do collega : dava-lhe conselhos ; havia de abrir-lhe os olhos, indicar-lhe o verdadeiro caminho a seguir. « Não ! Que elle não era d'esses, que só querem desfructar !... Quando sympathisava com um rapaz, sabia ser amigo ! Amancio o veria no futuro !... »

— Olha ! segredou-lhe, passando-lhe um braço nas costas.—Has de encontrar por ahi muito artista ! Acautela-te, filho ! acautela-te, que os cabras sabem levar agua ao seu moinho ! Digo-te isto, porque te estimo, porque sou teu amigo, percebes ?

Amancio percebia e jurava ser muito grato áquella dedicacão. Tiveram, porém, de interromper o dialogo : dous outros estudantes acabavam de parar defronte d'elles.

Eram amigos do Paiva. Houve logo novas exclamações e cumprimentos rasgados.

— Meus senhores, exclamou aquelle, apresentando Amancio.—O nosso collega, Amancio de Vasconcellos, estudante de medicina. Escuso dizer que é muito talentoso e um caracter excellente!

Os dous apertaram a mão de Amancio com solem-nidade, e afaçaram que tinham immenso gosto em conhecê-lo.

— João Coqueiro e Salustiano Simões! nomeou o Paiva, indicando os dous—São ambos da Polytechnica.

E acrescentou em voz baixa, ao ouvido de Amancio, mas de modo que fosse ouvido por todos :

— Muito distinctos !...

O Coqueiro observava em silencio o novo collega ; enquanto o Paiva e o Salustiano reatavam um velho colloquio, interrompido á ultima vez que estiveram juntos ; sahio d'esse recolhimento para indagar de que provincia era Amancio, como ia se dando nos estudos e onde estava hospedado. Entretanto o Simões afrou-xava lentamente na conversa com o outro e cahia aos poucos na sua habitual concentração ; já respondia apenas por monosyllabos e só despregava o cigarro dos dentes para bocejar. Afinal, sem conter a impa-ciencia, quiz dissolver o grupo ; mas Amancio tolheu-lhe a idéa perguntando-lhe e mais ao Coqueiro si já tinham almoçado e, visto que não, pedio-lhes que lhe fizessem companhia.

Aceitaram, depois de alguma resistencia por parte do ultimo ; e os quatro rapazes seguiram immediata-mente caminho do hotel, a rir e a dar de lingua, como se fossem todos amigos de muito tempo.

Paiva Rocha pedio um gabinete particular e ahi se installou com os outros.

Amancio estava maravilhado. O aspecto daquellas salas afestoadas, cheias de espelhos, de cortinas e doi-raduras, no genero pretencioso dos hotéis ; o ar pari-ziense dos criados, vestidos de preto e avental branco ; a

côr estridente do gabinete; o perfume das flôres que guarneciam jarras de proporções luxuosas; o alvoroço palavroso e alegre dos que faziam a sobrezeza; o crepitar do riso das mulheres, cujos penteadores branquejavam sobre o escuro dos tapetes; a reverberação dos crystaes; a expectativa de um bom almoço, que seria devorado com appetite, e finalmente a circumstancia de que Amancio, havia muito, não gosava uma pandega; tudo isso lhe refrescava o humor e o fazia feliz n'aquelle momento.

— *Garçon!* gritou o Paiva, entrando no gabinete com um ar semcerimonia, — *La carte!*

O criado desparou.

— Tu fallas francez?... inquerio Amancio, já com admiração na voz.

— Ora! respondeu o Paiva, levantando os hombros. Aqui na Côte será difficil encontrar alguém que não falle francez!...

— Pois eu ainda não sei... disse aquelle tristemente.

— Questão de pratica! observou o outro.

Coqueiro, que acabava n'esse momento de entrar no gabinete, conversando com o Simões, propôz que se despissem os paletós.

Principiaram a comer.

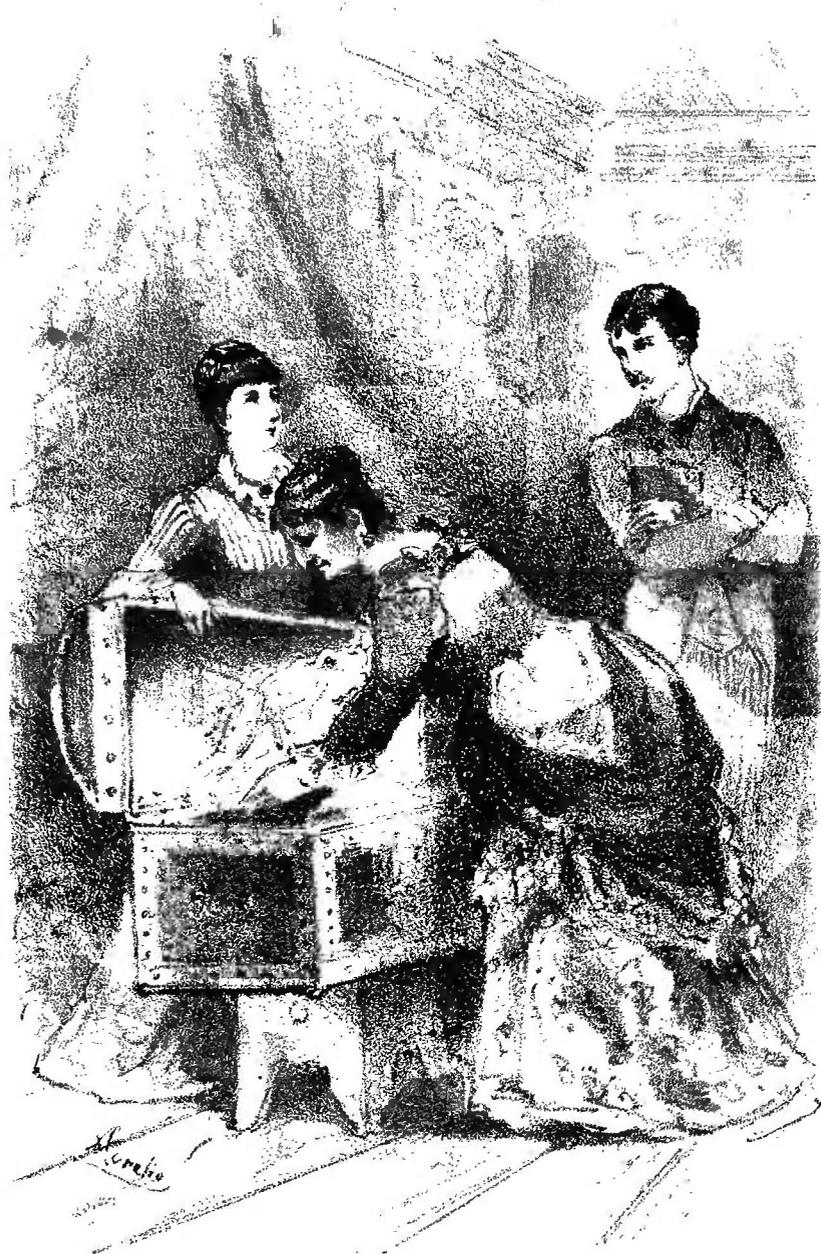
O Paiva encarregára-se do *menu*. Estava radiante; parecia empenhado na dirêccão do almoço, como si se tratasse de um trabalho difficil e glorioso. Escolhia pratos exquisitos e determinava os vinhos que os deviam acompanhar.

— Este Paiva é terrivel para um *menu!* observou o Simões em ar de troça.

— Não! disse aquelle. — Não admitto que ninguem dirija um almoço melhor do que eu!

— Sim, considerou o Coqueiro — mas vaes vêr por que preço sae tudo isso!...

— Não faz mal!... apressou-se Amancio a declarar.—



O que é?! acudio Amelinha.

Sinto-me tão bem entre os senhores... ha tanto tempo não tinha um momento livre, que...

— Bem, de accordo, respondeu Coqueiro—mas é preciso deixar esse tratamento de «senhor.» Entre rapazes não deve haver cerimoniaes mal entendidas; somos collegas, temos de ser amigos, por conseguinte tratemo-nos desde já por «tú!» Não és da mesma opinião, ó Paiva?

— *In totum!* respondeu este, abraçando Amancio pela cintura. — Nós cá somos camaradas velhos! vem de longe!

E parecia querer provar que os seus direitos sobre o comprovinciano eram muito mais legitimos que os dos outros dous; que Amancio lhe pertencia quasi exclusivamente, como um thesouro, como uma fortuna que se traz do berço. E, para deixar isso bem patente, fazia-se muito intimo com elle: batia-lhe nas pernas; evocava recordações; lembrava-lhe as correrias da provincia:

— Ah! Nós eramos muito camaradas! Lembras-te, Amancio, d'aquelle passeio que fizemos ao Portinho?...

— Em que o Malheiros tomou uma bebedeira de charuto, perguntou o interrogado a rir. —N'aquelle dia do barulho no Lyceu; quando o Chico moleque foi expulso!...

— E' verdade! que fim levou esse rapaz! quiz saber o Paiva.—Era um bom typo. Inteligente!

— Morreu, coitado! de bexigas. Ultimamente estava no commercio.

— E aquelle pequeno, o...

— Qual?

— Aquelle bonito, de cabellos grandes... ora, como se chamava elle?... o...

— Ah! exclamou Amancio, soltando uma risada — o Dominginhos?

— Isso! isso! Dominginhos justamente! que fim levou?

— Não sei, não! Creio que seguiu para Manãos com

a familia. Um bôbo! Lembras-te da troça que lhe fizemos no convento?...

E os dous riram-se muito com a mesma idéa.

Simões, que até ahí parecia pouco disposto á pandega, foi se animando na proporção das garrafas que se enxugavam. O almoço aquecia. João Coqueiro propôz um brinde a Amancio e declarou, depois de lhe fazer muitos elogios, que folgaria immenso com ser recebido no rôl de seus amigos.

Amancio abraçou-o e prometeu que o iria visitar no primeiro domingo.

— Vá feito! sustentou Coqueiro. Allí não ha cerimonia, minha familia é muito despida d'essas cousas.

— Ah! mora com a familia? interrogou o provinciano.

— Sou casado, respondeu o outro. — Isso, porém, nada quer dizer. Apareça.

Ficou decidido que Amancio iria sem falta no proximo domingo.

Simões principiou então a fallar sobre casamento; d'ahi passou ás mulheres: descreveu a sua indiferença por ellas. Só lhes conhecia dous generos: « a mulher cynica e a mulher hypocrita. »

Paiva Rocha protestava: — Havia muita mulher honesta, verdadeiros anjos de virtude! E que deixassem lá fallar! em certas occasiões uma bôa rapariga tinha o seu cabimento! Sim! Quem não gostava da esthetica?...

Amancio era da mesma opinião, e queixou-se de sua infelicidade no Rio a esse respeito.

— Ainda é cedo! elucidou o Salustiano. — Quando te começarem as aventuras, has de ver o que vae por essa sociedade!

— Não é tanto assim! oppôz Coqueiro. — Vocês são todos homens dos extremos!

E voltando-se confidencialmente para Amancio:

— O Doutor, de certo, encontrará muita mulher perigosa, de quem deve fugir como o diabo da cruz; mas

terá também occasião de vêr algumas raparigas bem educadas, honestas e intelligentes. Não as vá procurar na alta sociedade, não, que ahí se escondem as peiores! mas indague-as cá por baixo, na mediocracia, que as ha de descobrir. E olhe, si quer aceitar um conselho de amigo, case-se! Não ha melhor vidinha! Estou casado ha tres annos e ainda não tive um segundo de arrependimento!... Ao menos conserva-se a saude, desenvolve-se o espirito e trabalha-se mais... O methodo, homem! o methodo é o segredo da existencia!

E, puxando a cadeira para mais perto de Amancio, fallou-lhe em voz baixa. Que no Rio de Janeiro era preciso ter um amigo sincero, não que « primasse nos *menus*, » mas que fosse capaz, que tivesse imputabilidade moral! — Amancio estava defronte de duas estradas; uma que conduzia á verdadeira felicidade e outra que conduzia á desordem, ao vicio e á completa desmoralisação! Que se não deixasse levar pelos pandegos!... (E olhava á esconsa os dous outros companheiros.) Aquillo era gente sem nada a perder!... Amancio, emfim, que apparecesse no domingo e teriam occasião de fallar mais de espaço. Não deixasse de ir: havia muito que dizer e conversar.

Amancio prometteu de novo.

O almoço chegára ao ponto em que os commensaes fallam todos ao mesmo tempo e em voz alta. Havia agitação; afogueavam-se as faces ao reflexo vermelho das paredes do gabinete. Simões discutia com o Paiva a incompetencia dos professores da Polytechnica.

— Uma sucia! uma cambada! synthetisava elle. — Si fosse preciso despedir d'alli os que não prestam, não ficaria nenhum!

O outro protestava, gritando e batendo punhadas sobre a meza. Havia já dous copos quebrados.

O criado trouxera a sobre-meza, — uma salada russa.

Paiva pediu gelados e quiz que lhe dessem uma *omelette au rhum*. « Não podia passar sem isso ao almoço! »

Suavam.

Amancio tornava-se expansivo: fallou de seus amores na provincia; contou as suas intenções a respeito da mulher do Campos.

— Ella parece que o que tem é medo, dizia. — Mas eu sou perseverante! Espero!

— Menino! segredou-lhe o Paiva. — Vai aproveitando, vai aproveitando, porque é isso o que se leva deste mundo!

— E o mais são historias!... concluiu o filho de Vasconcellos.

E fazia-se muito fino, perigoso, e continuava a parolar com embofia, loquaz, um pouco sacudido pelo almoço.

Coqueiro estudava-o de socapa, a seguir-lhe os gestos, a fariscar-lhe as intenções. Dos quatro era o unico que não estava tonto: seus olhos, pequenos e de côr duvidosa, conservavam a mesma penetração e a mesma fixidez incisiva de ave de rapina; sua bocca, estreita, bem guarnecida e quasi sem labios, tinha o mesmo riso arqueado, mal seguro e frio, de quem escuta e observa.

Era de altura regular, compleição ethica, rosto comprido, de um moreno embaciado, pouca barba, pescoço magro, nariz agudo, mãos pallidas e seccas, voz doce e cabello muito crespo, de colorido incerto, entre castanho e fulvo. Tinha vinte e sete annos, mas aparentava, quando muito, vinte e dous.

O Paiva erguera-se para fazer um *bestialogico*, e soltava d'enfiada phrases sonoras e ôcas de sentido: ouvia-se-lhe fallar em «gazophilaceos, camellos da Patagonia e constellações hybridas do *mappa mundi*.» Simões, o macambuzio, derreára a cadeira contra a parede, e jazia a palitar a bocca, estendido para traz, em uma posição de homem farto: barriga ao vento, braços molles e um olhar muito pando, que se lhe entornava por todo o rosto em sorrisos de preguiça. Amancio reatava a sua conversa com o Coqueiro.

— E' como lhe digo; recapitulava este. — Aquillo não é um hotel, é uma — casa de familia! Não temos hospedes, temos amigos! Minha mulher é quem toma conta de tudo!...

E dando á vóz um tom grave:—Ella é muito assejada, muito exigente em questões de comida! Você não imagina!... Ao almoço temos tres pratos, a escolher, leite, chá ou café, e vinho; pelo almoço póde calcular o que não será o jantar! — E depois é preciso observar a qualidade dos generos!... emfim, só mesmo você indo ver!

Amancio repromettia.

— Fica-se muito melhor em uma casa de familia, continuava o outro. — A vida em hotel ou a vida em *republica* é o diabo: estraga-se tudo, — o estomago, o character, a boisa; ao passo que alli, você tem o seu banho frio pela manhã, torradas á noite e, si cahir doente, (o que lhe não desejo), ha quem o trate, quem lhe prepare um remedio, um caldo, um suadouro, um escaldapés... Olhe! até, si você quizer, eu...

Mas a porta abrio-se com violento empuxão, e uma mulher loura, gorda, vestida de seda amarella, precipitou-se no gabinete, espavorida, a soltar gritos. Vinha-lhe no encalço um sujeito edoso, cheio de corpo, o chapéo á ré, o olhar desvairado e convulso.

— Pódes ir para onde quizeres, que eu não te deixo! berrava elle com furia, a dardejar o guarda-chuva sobre as costas da perseguida; esta corria de um lado para outro, procurando escapar-lhe. Mas o sujeito agarrou-a pelos cabellos e conseguiu trazel-a contra si, levando os dous aos trambolhões tudo o que encontravam no caminho.

Em menos de um segundo era completa a desordem no gabinete. Cahiram cadeiras; a meza estremeceu com um encontrão, e a saladeira e duas garrafas perderam o equilibrio e tombaram, varrendo cópos e esmagando pratos. O tal guarda-chuva havia n'um dos golpes espatifado os globos do candieiro, e um dos

fragmentos do vidro fôra de encontro ao espelho e o fizera pedaços.

— Isto não tem jeito! gritou o Paiva ao homem. — O senhor faz mal em invadir desta forma um gabinete occupado!

Mas o invasor já não ouvia coisa alguma e acabava de sahir aos pescoções com a sujeita.

Paiva atirou-se-lhe á pista, armado de uma garrafa. O gerente do hotel appareceu, porém, cortando-lhe o passo e pedindo-lhe, por amor de Deus, que não fizesse caso, que deixasse lá os dous se esbordoarem á vontade! — Era o costume! Acabariam por entender-se perfeitamente!

— O senhor então acha que isto é razoavel?! perguntou o Paiva furioso.

— Não, de certo!

E o gerente dava aos rapazes toda a razão: — Deviam estar maçados, mas que tivessem paciencia! que desculpassem! Não fôra possivel evitar tão grande semsaboria: O Braz, em questões de mulheres, perdia sempre a cabeça! E elle não sabia que diabo de rabicho tinha o basbaque pelo demonio da Rita Bahiana, que, de vez em quando, era aquillo!

— Pois que vá se enrabiçar para o diabo que o carregue!

— De certo, de certo! apoiava o gerente, procurando acalmar o estudante.

— Ajuste as suas contas onde quizer, menos nos gabinetes occupados pelos outros! Arre!

— E' exacto! Os senhores têm todo o direito, mas, por quem são, não façam caso! Não façam caso!

— E esta! insistia o Paiva. — Pois si a gente paga muito mais para ficar em liberdade, como diabo ha de admittir isto?!...

— Tem toda a razão! Tem toda a razão!... repetia o gerente, erguendo as cadeiras e apanhando do tapete os cacos de vidro.

Só então intervieram os outros rapazes. Amancio, até ahí, parecia collado á cadeira. Estava livido e as pernas tremiam-lhe.

O gerente ia responder a todos, quando a porta se tornou a abrir, e o Braz, ainda transformado pela commoção da briga, offegante e pallido, quasi sem poder fallar, entrou, dizendo—que ia pedir desculpa da grosseria por elle praticada ha pouco.

—Mas estava possesso! justificava-se elle.—Aquella *nãoseiquediga* lhe fazia perder as estribeiras! Que o desculpassem, porque o homem em certas occasiões nem se podia conter! — Uma mulher, com quem já havia gasto para mais de dez contos de réis!... exclamava elle fóra de si. — Uma mulher « que erguera da lama » podia assim dizer! Uma desgraçada, que, antes de o conhecer, não podia ir a parte alguma por não ter um vestido capaz!... Uma miseravel, que d'antes, para matar a fome, precisava aviar encomendas de costura e se andar aluzando na casa das modistas!... Era duro! Pois não achavam?!...

Os estudantes menearam a cabeça, affirmativamente.

—Ah! continuou o Braz.—Aquellas contas tinham-se de ajustar na primeira occasião em que elle a encontrasse com o tal troca-tintas! Ah! Já não podia! Era de mais! — U!

E passeiava no gabinete, a empurrar com o pé os cacos esquecidos no chão, e a sorver o ar em grandes haustos, consoladamente, como se acabasse de alijar um pezo da consciencia.

As palavras do Braz tranquillisaram os rapazes, cuja embriaguez parecia ter fugido com o susto. O Simões chegou mesmo a rir do facto, jactando-se mais uma vez da sua eterna indifferença pelas mulheres. — Com elle é que nunca haveria de succeder similhante coisa!... affirmava.

Amancio convidou o Braz a beber, e vasou-lhe vinho n'um copo.

— Aquella descarada! resmoneava o ciumento, examinando uma arranhadura que vinha de descobrir na mão direita. — Ella, porém, commigo está illudida! — ou me anda muito direitinho ou ha de me ficar debaixo dos pés! Pedaco de uma ingrata!

E, voltantando-se para o gerente, que acabava de entrar: — O sujeitinho foi-se, hein?

— Ora!... respondeu aquelle com um riso servil. — Ganhou logo a rua e... por aqui é o caminho! Ella é que, pelos modos, ficou bem convidada! Metteu-se no quarto, a chorar.

— Pois que chore na cama, que é logar quente! Não fosse ordinaria! Faça lá o que bem entender, mas, com os diabos! não em quanto estiver commigo! Vá divertir-se com o boi! Sebo!

E passando logo em seguida para um tom de voz calma e amiga, disse baixo ao gerente:

— Veja de quanto foi o prejuizo e faça-me uma conta á parte.

Pedio ainda uma vez desculpa aos rapazes, affiançou que elles tinham um criado na ladeira da Gloria, numero tantos, e sahio, sempre ás voltas com a sua arranhadura da mão direita.

Amancio quiz condemnar o facto, mas o Paiva ob-servou-lhe que aquillo se dava todos os dias no Rio de Janeiro.

— Eu já não estranho! disse.—Falta de educação!...

— Bem, meus senhores, são horas d'eu me ir tambem chegando, advertio Coqueiro, erguendo-se e enfiando o paletó.

O Simões fez igual movimento e declarou que o acompanhava.

— Então, que é isto, já? exclamou Amancio, querendo detel-os.

— E'. Está se fazendo tarde, respondeu Coqueiro, a consultar o relógio.—Tres horas.

— Impossivel! negou Amancio.

— Era exacto.

E Coqueiro, já de chapéu na cabeça e guarda-chuva debaixo do braço, apertou-lhe a mão com as duas, dizendo que folgava em extremo haver travado relações com elle e que o esperava, sem falta, no domingo. Simões fez igualmente as suas despedidas, e os dous sahiram a conversar sobre o quanto poderia custar a Amancio aquelle almoço.

— Tambem, que diabo ficamos nós fazendo aqui? lembrou o Paiva, quando se vio a sós com o amigo. — Paga isso e vamo-nos embora. Queres tu ir até lá á casa?...

— Mas eu já estou ha tanto tempo na rua... considerou Amancio.

— E o que tem isso?... Deves contas de ti a alguem?! Ora essa!

— E' que o Campos póde reparar!...

— Pois que repare! Manda plantar batatas ao tal Campos! Tu não és nenhum caixeiro delle... Eu, no teu caso, nem ficava alli mais um dia! Que necessidade tens agora de passar ás sopas de um negociante, e sujeitares-te a regulamentos commerciaes? E' de máo gosto estar hospedado em uma casa de negocio! Olha! Si quizeres, muda-te lá para a *republica*, Sempre é outra coisa morar com rapazes! Aprende-se!

O criado, a quem já tinham pedido a conta, entrou, com uma pequena salva na mão e foi, instinctivamente, depôl-a em frente de Amancio.

— Espere, disse este, tirando dinheiro do bolso. E entregou-lhe uma nota de cem mil réis.

O moço sahio correndo.

— Quanto foi? desejou saber o Paiva.

— Oitenta e cinco mil réis, respondeu o outro.

— Oitenta e cinco mil réis! Oh! que grande ladroeira!

E logo que o criado voltou com o trôco:

— Homem, faça o favor de dizer em que se gastou

aqui oitenta e cinco mil réis!... Salvo si vocemecês mettem tambem na conta o que quebrou o Braz!

— Não senhor! Eu só cobreí os copos, que já estavam partidos antes do *rodio*.

— Que enorme ladroeira! insistia o Paiva, a sacudir a cabeça.

— Deixa lá! aconselhou Amancio, puxando-o para fóra.

Precisava andar e tomar fresco. Aquelle gabinete era um forno — sentia-se mal.

— E' que não posso ver estorquir desta fórma o dinheiro a ninguem! disse o Paiva indignado.

E principiou a fazer as contas pelo que se lembrava de ter vindo á mesa.

Amancio o puxou de novo: — Deixa lá isso, homem!

— Nada! Pelo menos hei de vingar-me aqui em alguma coisa!

O criado havia sahido. Paiva Rocha principiou a deramar o resto das garrafas no assucareiro, a emporcalhar o damasco da cortina e a cuspir dentro das chavenas.

Amancio ria-se formalmente, mas, no intimo, aborrecido:

— Agora pôdemos ir! disse afinal o outro. — Ao menos deixo-lhe um prejuizo!

E ainda mettem no bolso um paliteiro e duas colheres.

— Lá na *república* precisava-se d'aquelles objectos! accrescentou rindo.

Já na rua, Amancio reparou que a cabeça lhe estava muito pesada e queixou-se de suores frios. Paiva chamou um carro, e, uma vez dentro com o collega, mandou tocar para a rua de Mata-Cavillos.

— Esqueceste aquillo de que fallámos? perguntou em viagem ao companheiro.

Amancio já se não lembrava.

Paiva respondeu, fazendo um signal com os dedos.

— Ah! Quanto queres!

— Dá cá d'ahi uns cincoenta ou sessenta... Depois t'os pagarei.

— Pois não! gaguejou Amancio, passando-lhe tres notas de vinte mil réis.

IV

Amancio chegou á républica muito indisposto. Quasi que não dava conta dos quatro lances de escada, que a precediam.

Tambem foi só chegar e atirar-se á primeira cama, gemendo e resbunando ao pezo de uma grande afflicção. Estava mais branco do que a cal da parede; o suor escorria-lhe por todo o corpo; respirava com difficuldade, a abrir a bocca e a retorcer os olhos.

— Então! disse o Paiva, batendo-lhe no hombro.

— Mal! respondeu Amancio, sem levantar a cabeça, que deixára cahir sobre o peito. E com um gesto pedio agoa.

— Isso passa! affiançou o collega, entregando-lhe o pucaro cheio. Estás é com um formidavel pifão.

E rio-se.

— Eu quero vomitar! exclamou Vasconcellos, apressado pela agonia, e mal teve tempo de erguer o rosto.

— E's um fracalhão! ponderou o companheiro, amparando-o pela testa. — Que diabo! quem não pôde com o tempo não inventa modas!

Amancio não respondia: os engulhos vinham-lhe uns sobre os outros.

— Ai! ai! gemia opprimido.

— Ora que typo! disse o Paiva, atirando-o sobre os travesseiros. — Vê se consegues dormir! Isso não é nada!

E narrou um caso identico, que experimentára.

Amancio sentia-se um pouco mais alliviado, conti-

nuava, porém, a suar frio; tinha a cabeça completamente ensopada e não dispunha de forças para coisa alguma. Os olhos fechavam-se-lhe com um entorpecimento pesado de somno. Pedio mais agoa. E, depois de a tomar, deu a entender que era preciso que o despissem e descalçassem.

Paiva entrou a tirar-lhe a roupa, safou-lhe com dificuldade as botinas, porque as meias estavam suadas.

Amancio, muito prostrado, molle, a virar-se de uma para outra banda, aiava sempre. Afinal socegou, parecia adormecido; mas, ergueu-se logo, com impeto, e começou a vomitar de novo, sem dizer palavra.

— Que pifão! reconsiderava o collega, encarando-o, com as mãos cruzadas atraz.

— Homem! Vê si lhe dás um pouco de ammonia! lembrou do fundo do quarto uma voz arrastada e um pouco fanhosa.

Só então Amancio percebeu que alli, a seis ou sete passos distante d'elle, estava um rapaz magro, muito amarello, em ceroulas e corpo nú, extendido n'uma cama, a ler, todo preocupado, um grosso volume que tinha sobre o estomago. Parecia devéras ferrado no seu estudo, porque até ahi não dera fé do que se lhe passava em deredor.

— Olha! disse ao Paiva.—Creio que está acolá, sobre a banca, por detraz do Comte. E' um frasquinho quadrado, com rolha de vidro.

Dito isto, recolheu-se de novo á leitura, como si nada houvesse succedido.

Amancio serenou de todo com algumas gotas de ammoniaco em um copo d'agua, e afinal pegou no somno, profundamente.

Só acordou no dia seguinte, quando o sol já entrava pela unica janella do quarto.

Sentia a bocca amarga e o corpo moido. Assentou-se

na cama e circumvagou em torno os olhos assombrados, com a estranheza de um doido ao recuperar o entendimento.

O sujeito magro da vespera lá estava no mesmo sitio; agora, porém, dormia, amortalhado a custo n'um insufficiente pedaço de chita vermelha.

Do lado opposto, no chão, sobre um lençol encardido e cheio de nódoas, a cabeça pousada n'um jogo de dictionarios latinos, jazia o Paiva, a somno solto, apenas reguardado por um collete de flanella. Mais adiante, em uma cama estreita, de lona, viam-se dous moços, resonando de costas um para o outro, com as nuças unidas, a disputarem silenciosamente o mesmo travesseiro.

O quarto respirava todo um ar triste de desmazello e bohemia. Fazia má impressão estar alli: o vomito de Amancio seccava-se no chão, azedando o ambiente; a louça, que servira ao ultimo jantar, ainda coberta de gordura coalhada, apparecia dentro de uma lata abominavel, cheia de contusões e comida de ferrugem. Uma banquinha, encostada á parede, dizia com o seu frio aspecto desarranjado que alguem estivera ahi a trabalhar durante a noite, até que se extinguiu a vela, cujas ultimas gotas de stearina se derramavam melancolicamente pelas bordas de um frasco vasio de xaropé *Larose*, que lhe fizera as vezes de castiçal. N'um dos cantos amontoava-se roupa suja; em outro repousava uma machina de fazer café, ao lado de uma garrafa de espirito de vinho. Nas cabeceiras das tres camas e ao comprido das paredes, sobre jornaes velhos e desbotados, penduravam-se calças e fraques de casimira; em uma das hobreiras da janella havia umas lunetas de oiro, cuidadosamente suspensas de um prego. Por aqui e por alli pontas esmagadas de cigarro e cuspalhadas resequidas. No meio do soalho, com o gargalo deccado, luzia uma garrafa.

A luz franca e penetrante da manhã dava a tudo isso um relevo ainda mais duro e repulsivo: o coração de

Amancio ficou vexado e corrido, como si todos os angulos d'aquella immundicia o espetassem a um só tempo.

Ergueu-se cautelosamente, para não acordar os outros, e foi á janella. O vasto panorama lá de fóra estremulhou-lhe os sentidos com o seu aspecto.

A republica era muito no alto, sobre tres andares, dominando uma grande extensão. Viam-se de cima as casas acavalladas umas pelas outras, formando ruas, contornando praças. As chaminés principiavam a fumar; deslisavam as carrocinhas multicóres dos paideiros; as vacas de leite caminhavam com o seu passo vagaroso, parando á porta dos freguezes, tilintando o chocalho; os kiosques vendiam café a homens de jaqueta e chapéu desabado; crusavam-se na rua os liberfinos retardios com os operarios que se levantavam para a obrigação; ouvia-se o ruído estalado dos carros d'agua, o rodar monotono dos bonds. Mais para além presentiam-se os arrabaldes pelo verdejar das arvores; ao fundo encadeavam-se cordilheiras, graduando planos esfumados de neblina. O horizonte rasgava-se á luz do sol, n'um deslumbramento de côres sideraes. E lá muito ao longe, quasi a perder de vista, reverberava a bahia, laminando as aguas na praia.

Em baixo, na área da casa, uma ilhóa, de braços nús, a cabeça embrulhada em um lenço de ramagens, lavava a um tanque de cimento romano; um homem, em mangas de camisa, varria as pedras do chão, cantarolando com os dentes cerrados, para não deixar cahir a ponta do cigarro. N'uma janella, um sujeito, de oculos azues, areiava os dentes e com a bocca atirava duchas sobre um papagaio, cuja gaiola pousava no balcão. Dentro de um cercado cacarejavam gallinhas, mariscando na terra; e o homem do lixo entrava e sahia, familiarmente, com o seu gigo ás costas.

Um relógio da vizinhança bateu seis horas.

Amancio reparou que estava com muita sêde; mas

não descobria a talha d'agua. Afinal encontrou-a, n'um sótão que havia ao lado do quarto e onde só se entrava vergando o corpo.

Bebeu até á saciedade !

Depois lavou o rosto e a bocca. E, com a idéa de sair antes que os mais acordassem, vestio-se apressado, contou o dinheiro que lhe restava, lamentando interiormente o que na vespera esbanjára; vio no chão uma escova de fato, apanhou-a, escovou a roupa, e, todo cautella e ponta de pé, abriu a porta e ganhou a escada.

Entre o primeiro e o segundo andar encontrou uma rapariguita de alguns dezeseis annos, que subia com dous copos de leite, um em cada mão, fazendo mil esforços para não os entornar. Ao ver Amancio ella emperrou, cosendo-se á parede, afim de lhe dar passagem, e olhou-o de esquelha, com medo de afastar a vista dos copos.

Era bonitinha, corada, os cabellos castanhos apanhados na nuca. Parecia portugueza.

Amancio, ao passar por ella, estacou tambem, a fital-a. De repente lançou-lhe as mãos.

A pequena, muito contrariada, fez uma cara de raiva e gritou—que a soltasse ! que não fôsse atrevido !

E desviava o corpo, querendo defender-se, mas sem se descuidar dos copos.

— Máo ! máo ! siga o seu caminho e deixe os outros em paz !

Amancio não fez caso e conseguiu beijal-a á pura força. Derramaram-se algumas gotas de leite.

— Máos raios te partam ! clamou a rapariga, assim que o vio pelas costas—Peste ruim de um estudante !

A peste ruim do estudante sahio, e só interrompeu a caminhada para entrar n'um botequim, onde pedio café. Então, defronte do espelho, pôde admirar o bello estado em que se achava.

—Como diabo havia de apresentar-se n'aquelle gosto em casa do Campos?... Também que triste idéa a sua — de se enterrar n'uma casa commercial! Não! com certeza estava mal hospedado... nem lhe convinha permanecer alli! — Oh! Bastava já de ser governado, de ser vigiado a todo instante! — Já era tempo de gosar um pouco de liberdade.

E, enquanto sorvia compassadamente o café, recapitulava na memoria todo o seu passado de terror e submissão: — Antes de entrar para a escola de primeiras lettras, nunca lhe deixaram transpor a porta da rua ou a porta do quintal; os outros meninos de sua idade tinham licença para empinar papagaios, brincar entruído, queimar fôgos pelo tempo de S. Pedro; — elle não! depois cahio nas garras do professor, — aquella fera! Nunca sahia de casa, sem levar atraz de si um escravo para o vigiar, para impedil-o de fazer travessuras e obrigar-o a caminhar com modo, direito, serio como um homem. Afinal escapou ao professor, sim! mas continuou sob a dura vigilancia do pae, do tio e das tias; todos o rondavam; todos o traziam « n'um cortado. » Só na fazenda da avó conseguia desfructar alguma liberdade, mas essa mesma não era completa e, ai! durava tão pouco tempo!...

Agora comprehendia a razão pela qual, no mez de ferias que passava ahi, se tornava tão travesso e tão maligno, — é que naturalmente queria desferrar o resto do anno, que levava coagido em casa do pae. De sua infancia eram aquelles mezes privilegiados a cousa unica que lhe merecia verdadeira saudade; ao mais estrangulavam tristes reminiscencias de castigos, de sustos, apoquentações de todo o genero.

A propria idéa de sua mãe nunca lhe vinha só; havia sempre ao lado da veneranda imagem alguma recordação enfadonha e constringedora. — A's poucas vezes em que estavam juntos, o pae chegava no melhor da intimidade e Angela se retrahia, cortando em meio as

caricias do filho, como si as recebêra de um amante, em plena illegalidade do adulterio.

E a memoria desses beijos a furto e medrosos, a memoria desses carinhos cheios de sobresalto, relembra-vam-lhe as vezes que elle em pequeno se mettia no quarto dos engommados, de camaradagem com as mulatas da casa que ahi trabalhavam conjunctamente.

Era quasi sempre pelo intervallo das aulas, ao meio dia, quando o calor quebrava o corpo e punha nos sentidos uma pasmaceira voluptuosa.

Em casa do velho Vasconcellos havia, segundo o costume da provincia, grande numero de criadas; só no « quarto da gomma » como lá se diz, reuniam-se quatro ou cinco. Umaz costumavam; outras faziam renda, assentadas no chão, defronte da almofada de bilros; outras, vergadas sobre a « taboa de engommar, » passavam roupa a ferro.

Amancio, quando criança, gostava de se metter com ellas, participar de suas conversas picadas de bregeirice, e deixar correr o tempo, deitado sobre saias, amolentando-se ao calor penetrante das raparigas, a ouvir, n'um extasis mofino, o que ellas entre si cochichavam com risadinhas estaladas á socapa. Por outro lado, as mulatas folgavam em tel-o perto de si, achavam-no vivo e atilado, provocavam-lhe ditos de graça, mexiam com elle, faziam-lhe perguntas maliciosas, só para « ver o que o demonio do menino respondia. » E, logo que Amancio dava a replica, piscando os olhos e mostrando a ponta da lingua, cahiam todas n'um ataque de riso, a olharem umas para as outras com intenção.

De resto, ninguem melhor do que elle para subtrahir da despenza um punhado de assucar ou de farinha, sem que Angela dêsse por isso.

— O demoninho era levado!

E assim se foi tornando mulherengo, fraldeiro, amigo de saias.

A mãe, quando ouvia da varanda as risadas da criação, gritava logo pelo filho.

— Já vou, mamãe! respondia Amancio.

— Lá estava o diabrete do menino ás voltas com as raparigas no quarto da gomma! Oh! que birra tinha ella d'isso!...

Mas Amancio não se corrigia. E' que alli ao menos não chegaria o pae.

A's vezes, quando ia passear á casa de alguma familia conhecida, arranchava-se com as moças, gostava de acompanhá-las por toda parte, fazendo-se muito docil e amigo de servir. Como era ainda perfeitamente criança e bonitinho, ellas lhe faziam festas e davam-lhe doces, figurinos de papel recortado e caixinhas vasias. Algumas lhe perguntavam brincando si elle as queria para mulher, si queria « ser sea noivo. » Amancio respondia que sim com um arrepio. E d'ahi a pouco ficavam as moças muito surpreendidas quando o demonio do menino lhes saltava ao collo e principiava a beijar-lhes sofregamente o pescoço e os cabellos ou a metter-lhes a lingua pelos ouvidos.

— Crédo! disse uma d'ellas em situação identica — Que menino! Vá para longe com as suas brincadeiras!

Outras, porém, lhe achavam muita graça e eram as primeiras a puxar por elle.

De todos os brinquedos o que Amancio em pequeno mais estimava, era o de « fazer casa. » A *casa* fazia-se sempre debaixo de uma meza, com um lençol em volta, figurando as paredes. Uma de suas primas, filha do protector do Campos, ou alguma menina que estivesse passando o dia com elle, representava de mulher; Amancio de marido. A menina ficava debaixo da meza, enquanto elle andava por fóra, « a ganhar a vida » até que se recolhia tambem á *casa*, levando compras e preparos para o almoço. Amarravam um lenço em duas pernas da meza, fingindo rêde, e ahi mettiã uma boneca, que era o filho.

Gostava infinitamente d'essa brincadeira. Mas um bello dia veio a baixo o lençol que servia de parede, e desde então Angela não consentio que o filho se divertisse a *fazer casa*.

Muitos annos depois, aos quinze, notou-se incommodado por um padecimento estranho. Não disse nada á familia e procurou um homem que havia na provincia com grande habilidade para curar molestias, viessem ellas até do mão olhado e do feitiço.

Santo homem! O mal do nosso estudante desapareceu como por milagre; e que aliás não impedio que tivesse d'ahi a pouco de voltar á cama, debaixo de um novo e mais formidavel carregamento que o ia varrendo ao cemiterio. Foram esses os tres annos de seções a que se referia, quando pela primeira vez fallou ao Campos.

E Amancio, quanto mais rememoriava tudo isso, quanto mais remexia no einzeiro do passado, tanto mais impacientes lhe rosnavam os sentidos e tanto mais desabrida lhe vinha a necessidade de gozar, de viver em liberdade, de recuperar o tempo que levou sopeado e preso.

— Emfim! concluiu elle, erguendo-se distrahido e abandonando o café,— a casa do Campos não me convem! não me convem de forma alguma!

Mas, a idéa de Hortencia, que, para se apresentar, só esperava o termo d'aquellas considerações, invadio-lhe o espirito e foi a pouco e pouco se extendendo e se esticando por todo elle, até occupal-o inteiramente com a sua imagem branca e palpitante, como uma bella mulher que desperta e, entre voluptuosos espreguiçamentos, alonga pela cama os seus membros ainda entorpecidos de somno.

E elle, quando deu por si, estava a fazer conjecturas sobre o amor de Hortencia:

— Seria ardente ou calmo? Meigo ou arrebatado? Que attitude tomaria a bella mulher nos momentos

supremos da ventura? Quaes seriam as suas palavras, as frases do seu delirio?...

E, aguilhoado pelos sentidos, perdia-se em calculos infames, em degradantes supposições; tentando, em balde, adivinhar-lhe os pensamentos, penetrar-lhe nos escaninhos do coração e devassar-lhe todos os segredos do corpo.

— Oh! Como seria?...

E seu desejo vil começava a despil-a, peça por peça, até deixal-a completamente núa.

— Mas não! não havia possibilidade! contrapunha-lhe a razão.—Tudo aquillo era loucura, simples loucura! Hortencia não podia ser mais séria, mais amiga do marido! Qual fôra a palavra, o gesto, que lhe déra a elle o direito de pensar em semelhante coisa?... Sim! que fizéra a pobre senhora para autorisal-o a tanto?... Onde estava o fundamento daquelles sonhos, pelos quaes queria trocar a sua liberdade, os seus prazeres, tudo, e ficar encurralado em uma casa commercial, com obrigação de entrar ás tantas, comer ás tantas, e guardar todas as conveniencias ao lado de uma gente impossivel?!... Ora! que se deixasse de asneiras! Não fosse tólo!

Hortencia Campos apparecia-lhe então como em verdade o era: carinhosa e altiva, affavel para todos igualmente, sem dar a nenhum o direito de suppor uma preferencia. Amancio já não a tinha descomposta defronte dos olhos, mas respeitosa e restituída ao seu vestidinho de chita, ás suas botinas de duraque, quasi sem salto, e ás suas tranças honestamente penteadas.

— Mudava-se! Que duvida! Sim! Uma vez que Hortencia nada mais era do que uma senhora virtuosa, que diabo ficava elle fazendo alli?... Não seria de certo pelos bonitos olhos do Campós!

A's oito horas, quando entrou em casa, tinha já resolvido não ficar alli nem mais um dia.—Era fazer as malas e bater quanto antes a bella plumagem!

Mas também, si por um lado não lhe convinha ficar em companhia do Campos; por outro, a idéa de se metter na republica do Paiva não o seduzia absolutamente. Aquella miseria e aquella desordem lhe causavam repugnancia. Queria a liberdade, a bohemia, a pandega — sim senhor! tudo isso, porém, com um certo ar, com uma certa distincção aristocratica. Não admittia uma cama sem travesseiros, um almogó sem talheres e uma alcôva sem espelhos. Desejava a bella crapula,— por Deus que desejava! mas não bebendo pela garrafa e dormindo pelo chão de agoas-furtadas! —Que diabo!— não podia ser tão difficil conciliar as duas coisas!...

Pensando deste modo, subio ao quarto. Sobre a commoda estava uma carta que lhe era dirigida; abrio-a logo:

« Querido Amancio.

« Desculpe tratá-lo com esta liberdade; como, porém, já sou seu amigo, não encontro geito de lhe fallar d'outro modo. Hontem, quando combinámos no *Hotel dos Príncipes* a sua visita para domingo, não me passava pela cabeça que hoje era dia-santo e que fazíamos melhor em aproveitá-lo; por conseguinte, si o amigo não tem algum compromisso, venha passar a tarde comnosco, que nos dará com isso grande prazer. Minha familia, depois que lhe fallei a seu respeito, está impaciente para conhecê-lo e desde já fica á sua espera. »

Assignava « João Coqueiro » e havia o seguinte *post-scriptum*: « Si não puder vir, previna-m'o por duas palavrinhas; mas venha. Rezende n... »

Amancio hesitou em si devia ir ou não. O Coqueiro, com a sua figurinha de tísico, o seu rosto chupado e quasi verde, os seus olhos pequenos e penetrantes, de uma mobilidade de olho de passaro, com a sua bocca efria, deslabiada, o seu nariz agudo, o seu todo secco goista, desenganado da vida, não era das coisas que,

mais o attrahissem. No emtanto, bem podia ser que alli estivesse o que elle procurava,— um commodo limpo, confortavel, um pouquinho de luxo e plena liberdade. Talvez aceitasse o convite.

— Esta gente onde está ? perguntou, indicando o andar de cima a um caixeiro que lhe appareceu no corredor, com a sua calça domingueira, côr de alecrim, o charuto ao canto da bocca.

— Foram passear ao jardim Botanico, respondeu aquelle, descendo as escadas.

— Todos ? ainda interrogou Amancio.

— Sim, disse o outro entre os dentes, sem voltar o rosto. E sahio.

— Está resolvido ! pensou o estudante.— Vou á casa do Coqueiro. Ao menos estarei entretido durante esse tempo !

E voltando ao quarto :

— Não ! E' que tudo alli em casa do Campos já lhe cheirava mal !... Olhassem para o ar impertinente com que aquelle galleguinho lhe havia fallado !... E tudo mais era pelo mesmo theor.— Uma sucia d'asnos !

Começou a vestir-se de máo humor, arremessando a roupa, atirando com as gavetas. O jarro vasio causou-lhe febre, sentio venetas de arrojalo pela janella ; ao tomar uma toalha do cabide, porque ella se não desprendesse logo, deu-lhe tal empuxão que a fez em tiras.

— Um horror ! resmungava, a vestir-se furioso, sem saber de que.

— Um horror !

E, quando passou pela porta da rua, teve impetos de esbordoar o caixeiro, que n'esse dia estava de plantão.

V

João Coqueiro era fluminense e fluminense da gemma, nascêra na rua do Parto em uma das casas de seus paes, quando estes eram ricos.

Que o foram. Viera-lhes a fortuna do avô materno, um portuguez ambicioso e economico, que a conquistára no trafico dos negros africanos; ao morrer legou á filha, ainda criança, para cima de quinhentos contos de réis. Esta, mais tarde, foi solicitada em casamento pelo homem a quem pertenceu para sempre,—Lourenço Coqueiro, os maiores bigodes que n'esse tempo negrejavam na Côrte do Imperio.

Lourenço, todavia, era já um destroço quando casou. Do que fôra e do que possuirá, apenas lhe restava, além do bigode, o habito de não fazer coisa alguma; nos melhores grupos citava-se entretanto o seu ar distincto de fidalgo e fallava-se com bôa vontade de seus dotes pessoases e do seu bello espirito eternamente galhofeiro.

O casamento representou para elle uma taboa de salvação. A mulher adorava-o; tinha-o na conta de um ente superior; jamais vira homem tão lindo de rosto, tão insinuante no fallar, tão delicado de maneiras.

Mas, pouco depois de casado, Lourenço começou a desgostal-a: era um nunca terminar de festas; a casa vivia n'um reboliço constante; os intervallos das pandegas não davam siquer para a trazer arrumada e limpa. Quando não fossem bailes, eram passeios, *pic-nics*, manhãs no campo, dias passados na Tijuca ou no Jardim Botânico. Lourenço, ás vezes, voltava ébrio, a cachim-

bar no fundo do carro, e a fazer caricias piegas á mulher, que ao lado, chorava silenciosamente. Ella, coitada! tinha muito medo sempre que o via n'esse gosto, porque o demonio do homem dava então para brigar, mexia com quem passava, mettia a bengala nos cocheiros e quebrava com os pés tudo que encontrasse no caminho.

Tiveram o primeiro filho.— Janjão. Criancinha feia, dessangrada, cheia de asthma. Até aos cinco annos parecia idiota; passava os dias a babar-se debaixo da meza de jantar, ao pé de um moleque encarregado de vigial-o.

A mãe desfazia-se em mil cuidadinhos com a criança; era esta o seu enlevo, a sua vida. Mas o pae não estava por isso:— temia que o rapaz lhe sahisse um maricas. Desejava-o—forte, decidido!

E, com enormes sobresaltos da mulher, tomava-o pelas perninhas magras e suspendia-o no ar.

— Os homens assim é que se fazem, minha filha! dizia elle a rolar o pequeno entre as mãos.

E não admittia igualmente que o menino tivesse outra cama que não fosse um enxergão. Não o queria calçado, nem vestido e, em vez de estar ali a babar-se defronte do moleque, seria muito melhor que fosse correr para a chacara.

— Elle pode se machucar, Lourenço, cahir! observava a esposa timidamente.

— Pois deixa-o cahir! deixa-o machucar-se! Quanto mais trambulhões levar em pequeno, melhor depois se aguentará nas pernas!

— Mas elle é tão fraquito, coitadinho!

— Por isso mesmo! por isso mesmo precisamos tor-nal-o forte! E previno-te de que já é mais que tempo de acabar com esse insupportavel tratamento de « Janjão! » Aqui não ha janjões! Meu filho chama-se—João! Tem o nome do avô, um heróe, um fidalgo! Não d'esses que hoje se fazem ahí a tres por dous, mas dos legitimos, dos bons! Entendes tu?— dos bons!

E inflammava-se, como sempre que se referia á sua

procedencia. Vinha, com effeito, de fidalgos: era sobrinho bastardo de um conde portuguez.

A meza exigia que o filho lhe ficasse ao lado e obrigava-o a comer bifés sangrentos e tomar vinho sem agoa.

Um dia a esposa revoltou-se:

— Pois tu vais dar cognac ao menino, Lourenço?! exclamou ella escandalisada.

— Deixe-o cá commigo, senhora! Eu sei o que faço!

— Olha que isso póde suffocal-o, homem de Deus!

— Qual suffocar-o que! Por essas e outras é que, para os estrangeiros, não passamos de « uns macacos!»

A mulher que se dêsse ao trabalho de saber como se fazia na Europa a educação physica das crianças! Queria que ella visse a criação que tiveram D. Pedro e D. Miguel! E' eram principes! — Entendia? — eram principes legitimos!

E, voltando-se para o filho, gritou, arregalando os olhos e soprando os bigodes, que já então se faziam cinzentos:

— Tu não queres ser um homem forte, João?! Queres ser um descendente degenerado de teus avós?!

Janjão olhou o pai com medo, e abriu a chorar.

— Ahi tens o que procuravas! disse a mulher, correndo para junto do filho. — Assustar deste modo a pobre criança!

Janjão chorava mais.

— Isso! Isso é que o ha de pôr p'ra diante! berrou Lourenço encolerisando-se. — Beba já esse cognac, menino!

— Deixa a criança!... supplicava a mãe. — Olha como treme o pobresito!... o coração parece que lhe quer saltar!...

E tomou-o no collo.

— E' melhor mesmo que leves d'ahi esse mono! Tira-m'o dos olhos! Já estou vendo a bôa lesma que isso ha de dar! — Mães ignorantes!...

Quando Janjão principiou a crescer, o pae levava-o a toda a parte, dava-lhe charutos, obrigava-o a tomar cerveja nos cafés, Foi, porém, uma campanha conseguir uma vez que o pequeno se assentasse por dous minutos na sella de um cavallo em que Lourenço havia chegado do seu passeio favorito a Botafogo,

Janjão, tremulo da cabeça aos pés, agarrava-se com ambas as mãos nas crinas do animal e berrava pela mãe com toda a força de que era capaz. Tiveram de desmontal-o para não o verem rebentar alli mesmo.

— Ora, como diabo me havia de sahir este mono ! lamentava o pai desesperado. — Ninguem acreditaria que aquelle choramigas era seu filho !

Não foram mais felizes com as primeiras tentativas de natação ou as primeiras experiencias de atirar ao alvo: Janjão, só com a vista do mar ou a presença de um revolver, desatava a soluçar e a berrar pela mãe.

— Não ! Isso agora has de ter paciencia ! resmungava Lourenço. — Tu ao menos ficarás sabendo dar um tiro ! Sou eu quem t'o assegura !

E, com muita subtiliza, comprou para o filho uma bella pistolinha de brinquedo, que estalava fulminantes, e depois uma outra, mais séria, que admittia carga de polvora.

Janjão era, porém, cada vez mais refractario a tudo isso. Preferia ficar a um canto da sala, entretido a vestir os seus bonecos ou a fazer de cozinheiro. A mãe por esse tempo dava-lhe uma irmãzinha, que se ficou chamando Amelia, e desd'ahi o maior encanto do menino era tomar conta do caixão em que estava a pecurrucha toda envolvida em pannos, e não consentir que as moscas lhe pousassem na molleira.

Um dia, o pae, descendo ao quintal, encontrou-o muito empenhado com o moleque a armar um oratorio. Iam fazer procissão : o andor e o santo estavam promptos ; uma sombrinha, enfeitada de franjas, faria as vezes de pallio.

Lourenço ficou desesperado, e com dous ponta-pés reduzio tudo aquillo a frangalhos.

— Era o que lhe faltava! — que o basbaque do filho, alem de tudo, lhe sahisse carola!

E, quando subio, disse terminantemente á mulher que não admittia que o filho corrompesse o espirito com patacuadas d'aquella ordem.

— Si me constar, bradou elle ao pequeno, — que me tornas a fazer egreginhas, racho-te de meio a meio, pedaço de uma lesma! Ora vamos a ver! Cae n'outra, e terás uma sapéca que te deixe a panninhos de sal! Experimenta e verás!

Elle queria lá filhos devotos! Era só o que lhe faltava! Era só! Aquelle menino parecia o seu castigo! parecia a sua maldição!

Aos doze annos Janjão entrou para o internato de Pedro II. A principio custou-lhe bastante comprehender as lições, mas, como era muito estudioso e muito paciente, os professores em breve o elogiavam. Tinham-no em boa estima pelo seu espirito catholico, pela docilidade de seu genio e pelo irreprehensivel de sua conducta. João Coqueiro, de facto, fôra sempre um menino socegado, mettido comsigo, respeitador dos mestres e dos preceitos estabelecidos, devoto e extremamente cuidadoso de seus livros e de suas obrigações. Ninguem lhe ouvia palavra mais aspera ou gesto menos conveniente, e ás vezes entrava pela hora do recreio grudado aos livros sem os querer deixar.

O pae via-o então com orgulho. Prophetisava já que alli estivesse um sabio.

Tirou distincção nos primeiros exames. A mãe quasi morre de alegria. Lourenço quiz solemnisar o acontecimento com um banquete correlativo; mas as suas condições de fortuna já não eram as mesmas; o dinheiro ia minguando de um modo assustador. Si lhe viesse a falhar uma especulação, em que se havia lan-

çado ultimamente, como recurso extremo,— Adeus! estaria tudo perdido! a ruina seria inevitavel!

Fez-se a festa, não obstante, e o menino voltou aos estudos.

Mas Lourenço principiava a soffrer gravemente de uma lesão cardiaca. Tinha ataques nervosos, suffocações, e cahia de vez em quando em fundas melancolias, durante as quaes se enterrava no quarto, sem poder supportar a presença de ninguém, muito frenetico, cheio de apprehensões, com grande medo de morrer.

A mulher assustava-se: o marido não lhe parecia o mesmo homem. Estava acabado; crescera-lhe o ventre, o nariz tomára uma vermelhidão gordurosa, o cabello encanecêra totalmente, a cabeça despira-se, a pelle do rosto fizera-se opada e suja. Comprazia-se agora em ir á noite pelas egrejas, embrulhado na sua sobre-casaca russa, apoiando-se á grossa bengala de canna da India, os pés á vontade em sapatos rasos. Ajoelhava-se a um canto da nave, em cima das pedras, e ahi permanecia longamente, a ouvir os sons lamentosos do orgão, com o rosto descansado sobre as mãos que se crusavam no castão da bengala.

A's vezes chorava.

Seu estomago irritado já não queria os alimentos; era preciso enganar-o de instante a instante com um pouco de nozvomica ou carbonato de magnezia. Não se lhe podia supportar o halito.

Quando recebeu a noticia de que a sua especulação fallára, estava no quarto, não conseguiu sahir do logar em que se achava. Uma onda vermelha subira-lhe á cabeça: os objectos principiaram a dansar-lhe em torno dos olhos; o chão fugia-lhe debaixo dos pés. Tentou ainda dar alguns passos, mas cambaleou e cahio afinal sobre as pernas embambecidas, — como uma trouxa.

Morreu no dia seguinte.

A familia ficou pobre. Foi preciso vender o melhor

de dois predios que restavam, para saldar as dividas do defunto.

A viuva principiou então a tomar encommendas de costura e de engommagem.

Isso, porém, não bastava; era necessario, a todo o transe, que o menino continuasse nos estudos. Em tal aperto, lembrou-se a pobre mãe de admittir hospedes; a casa que ficou tinha bastantes commodos e prestava-se admiravelmente para a coisa.

Vieram os primeiros inquilinos; arranjaram-se freguezes para o almoço e jantar, e o orphão proseguio nas suas aulas.

Dentro de pouco tempo, o sobrado da viuva de Lourenço era a mais estimada e popular casa de pensão do Rio de Janeiro.

Foi n'ella que Janjão se fez homem. Ahi o viram bacharelarse e ahi se matriculou na Escola Central. A irmã respeitava-o como a um pae.

Amelia, por conseguinte, cresceu em uma — casa de pensão. Cresceu no meio da egoistica indifferença de varios hospedes, vendo e ouvindo todos os dias novas caras e novas opiniões, absorvendo o que appanhava da conversa de caixeiros e estudantes irresponsaveis; affeita a comer em meza redonda, a sentir perto de si, ao seu lado, na intimidade domestica,— homens estranhos, que se não preoccupavam com lhe apparecer em mangas de camisa, chinellas e peito nú.

Ainda assim deram-lhe mestres. Aprendêra a ler e a escrever, tocava já o seu bocado de piano e,— si Deus não mandasse o contrario, havia de ir muito mais longe.

Um novo desastre, veio, porém, alterar todos esses planos: a viuva de Lourenço, depois de dous mezes de cama, succumbio a uma pneumonia.

João Coqueiro estava então no segundo anno da Polytechnica; Amelia a fazer-se mulher por um d'aquelles dias; parentes — não os tinham... capitaes — ainda menos... Como pois sustentar a casa de pen-

são?... Oh! Era preciso despedir os hóspedes, alugar o predio, abandonar estudos e obter um emprego.

Arranjou-o de facto — na estrada de ferro de Pedro II. Coqueiro dissolveu logo a casa de pensão e foi mais a irmã residir em companhia de uma franceza, muito antiga no Brazil, e que durante longo tempo se mostrou amiga intima da defunta.

Chamava-se Mme. Brizard.

Era mulher de cincoenta annos, viuva de um afamado hoteleiro, que lhe deixára muitas saudades e duzia e meia de apolices da divida publica.

Estava ainda bem disposta, apesar da idade. Gorda, mas elegante e com uns vestigios assás pronunciados de antiga formosura. Tinha os olhos azues e os cabellos pretos, no typo peculiar ao meio dia da França. Carne opulenta e quadril vigoroso.

Notava-se-lhe a bocca, com um d'esses labios superiores que formam como duas camadas; o que aliás não obstava a que Mme. Brizard tivesse um sorriso gracioso, e ainda tirasse partido da brancura privilegiada de seus dentes. Mas a sua riqueza e a sua vaidade era o pescoço, um grande pescoço pallido, cheio de ondulações macias e fartas.

Nascêra em Marselha.

Depois de certã idade tornára-se muito cahida para o romantismo: desde então apreciava uma noite de luar; dava-se á leitura prolongada de poetas tristes; fazia-se mais infeliz do que era de facto, e contava a todos a sua historia. — Um romance!

« Aos quinze annos sahira da familia pelo braço de um diplomata russo, que a idolatrava; — ia casada. O russo tresandava a genebra e rescendia a sarro de cachimbo: ella abominou-o logo, abominou-o entre uma enorme côrte de adoradores fascinados por sua belleza e sequiosos por um de seus sorrisos; era, porém, honesta: — conservou-se pura e fiel ao marido.»

Mme. Brizard, quando chegava a este ponto do ro-

mance, abaixava os olhos, levando lentamente o leque á bocca para disfarçar um suspiro.

« Enviuvou aos vinte annos; o russo não lhe deixára filhos;— voltou á familia. Ahi lhe appareceu então Mr. Brizard, homem de talento, politico e escriptor, grande republicano. A subida de Luiz Philippe ao throno atirou com elle ao Brasil, onde se fez hoteleiro.

Tivéram aqui tres filhos: duas mulheres e um homem. Este era o ultimo e muito se distanciava das irmãs em idade; quando lhe faltou o paé tinha apenas sete annos.

A filha mais velha representava a gloria da familia: unira-se a um ministro plenipotenciario; a outra, coitada, não casou mal, porém, com a morte do marido e de um filhinho que lhe ficára, tornou-se muito nervosa, hysterica, e até meio pateta; agora vivia e mais o irmão em companhia da mãe. »

N'essas condições, a proposta de João Coqueiro pareceu vantajosa a Mme. Brizard.— Elle que trouxesse a irmã, a bella Amelita, e tudo se arranjaria pelo melhor.

Juntaram-se. Mme. Brizard revelou prompto interesse pelos dous hospedes, principalmente pelo « Coqueirinho, » como lhe chamava em familia. Fazia-se muito carinhosa com elle, queria ser a sua « segunda mãe, » apreciava-lhe o talento, e andava a mostrar os versos do rapaz a todas as pessoas que appareciam á noite, para as torradas.

Reuniam-se em volta da meza de jantar; iam buscår o lôto e jogavam. Coqueiro-lia a um canto, ou ficava no quarto, a cachimbar soturnamente, olhando o fumo e scismando na vida.

Mme. Brizard fazia perfeitamente as honras da casa; dava-se por mulher de muito espirito e de uma educação peregrina. Si havia então alguém que a visitasse pela primeira vez— a coisa ia mais longe. Desenfava

os seus melhores ditos, contava, como por incidente, as suas anedotas de mais effeito, fallava gravemente de sua filha casada com o ministro e exhibia todos os seus conhecimentos litterarios.

Que os tinha, innégavelmente. Lamartine lá estava no quarto d'ellã, sobre o vellador, encadernado com esmero. Mas não desdenhava os poetas brasileiros e lia Camões. Uma sua amiga, muito chegada, dizia que lhe ouvira paginas ineditas de um livro sobre o Brazil, — livro para fazer « sensação! »

Mme. Brizard confirmava este boato, sorrindo com modestia.

João Coqueiro, esse, não sorria, ao contrario, parecia cada vez mais triste; passava tempos sem apparecer a ninguém, depois que largava o trabalho. Por mais de uma vez houve quem lhe visse lagrimas nos olhos.

A franceza, que se achava então no seu periodo mais agudo de sentimentalismo, respeitava muito as melancolias do pobre moço, fallava a respeito d'elle com a voz baixa, cheia de um acatamento religioso. Só lhe passava pelo quarto na pontinha dos pés, e, quando o triste hospede sahia para o emprego, ella corria a lhe arrumar a meza, com desvelo, ordenando os livros, reunindo os papeis esparsos, lendo, sobre a pasta, os versos começados na vespera.

Uma tarde, acharam-se os dous um defronte do outro, assentados sozinhos na varanda da sala de jantar, que dava para um logar plantado de bananeiras. O sol descia lentamente no horisonte por uma escadaria de fogo; as cigarras estridulavam no fundo da chacara; a noite ia emanando.

Coqueiro olhava á tóa para isso, abçorto e mudo; depois, suspirou e escondeu o rosto nas mãos. Mme. Brizard passou-lhe um braço no hombro.

— Coqueirinho! que é isso?...

Queria saber o motivo d'aquellas tristezas. Começou a interrogal-o, com a voz unctuosa, cheia de amor.

Elle então fallou abertamente de suas aspirações, de seus estudos interrompidos, de sua incompatibilidade com o emprego que exercia.

— Sou muito caipora! exclamava.— Sou muito caipora!

E chorava.

Mme. Brizard procurou consolal-o, fallou do futuro, lembrou a idade de Coqueiro e aconselhou-o a que não desanimasse.

Foi d'ahi que lhes veio a idéa do casamento.

Mme. Brizard era muito mais velha do que elle, mas, talvez por isso mesmo, fosse a esposa que melhor lhe convinha.

— Ah! ella estava no caso de fazel-o feliz, porque o amava! Oh! si o amava! Seria talvez uma loucura; talvez viessem a censural-a; — ella mesma não sabia explicar o que aquillo era, como aquillo acontecêra! Mas, dava a sua palavra de honra, jurava pela memoria de seu pae—em como nunca sentira por ninguem o que então sentia por Coqueiro! Ah! sabia perfeitamente que bem poucos comprehenderiam a sua paixão! Sabia que muitos haveriam de ridicularisal-a, haveriam de escarnecel-a; ella propria, até alli, nunca imaginára que se pudesse amantanto!... Durante a sua vida nunca se sentio tão possuida por uma idéa, tão escrava, tão vencida, como n'aquelle instante! Comtudo, si desejava o casamento não era de certo pelo facto de possuir um homem.— Oh, não! — deixava isso para as almas grosseiras... e Coqueiro bem sabia o quanto seu coração tinha de espiritual e de puro!... Desejava aquelle enlace para licitamente poder applicar todo o seu esforço, toda a sua coragem, todas as suas diligencias, na conquista de um bom futuro para o esposo. Queria casar-se, porque entendia que isso se tornava necessario á felicidade de Coqueiro. Toda a sua vida, todos os seus recursos d'ella, seriam empregados para o mesmo fim: — facultar ao marido os meios de estudar, os meios de crescer,

deseñar-se, luzir. Alcançasse elle um nome, uma posição brilhante, uma attitude gloriosa, e tudo o mais lhe seria indifferente. Que lhe importava o resto?... Si ella, por ventura, fosse esquecida, fosse desprezada, si viesse mesmo a fallecer d'ahi a pouco tempo, — que valia tudo isso, si o objecto de seus extremos era ditoso e vivia cercado de admiração e de applauso?...

E Mme. Brizard, depois de fallar na posteridade e depois de convencer ao Coqueiro de que aquelle casamento era um dever sagrado, pois que não realizal-o equivalia a privar o Brazil de uma de suas glorias futuras e ao seculo um de seus vultos talvez mais grandiosos, Mme. Brizard, depois d'isso, entrou nos pormenores de seu plano.

— Uma vez casados, resuscitariam a antiga casa de pensão. Ella dispunha de algum dinheiro; o outro dispunha de um predio:—era restaural-o e dar começo á vida! Coqueiro abandonaria o emprego e voltava de novo aos estudos; ella encarregava-se da gerencia da casa e, n'esse ponto, deitando de parte a modestia, suppunha-se mais habilitada que ninguem.

Até já tinha projectos, já tinha as suas idéas sobre a installação da casa!... Sentia-se disposta a trabalhar por vinte!... Coqueiro havia de ver! Seu estabelecimento seria uma casa de pensão modelo! Coisa para dar « uma fortuna e render á Amelinha um bom casamento.—Um casamentão! » Ah! Ella, a franceza, sabia perfeitamente como tudo isso se arranjava no Brazil.

E concluiu, jurando, ainda uma vez, que— para si não queria nada! que só desejava a felicidade do Coqueiro e de sua irmã d'elle.

Era assim que entendia o amor!

Tres mezes depois estayam casados.

Boquejou-se alegremente sobre isso na Escola Polytechnica. Os amigos de Coqueiro acharam occasião de rir, e a tal mulher do ministro plenipotenciario, a glo-

ria da familia, escreveu á mãe uma carta carregada de recriminações, declarando que nunca lhe perdoaria semelhante loucura. — Loucura, de que para o futuro haveria Mme. Brizard de se arrepender muito seriamente.

Os recém-casados fecharam, porém, ouvidos a taes palavras e cuidaram de ir pondo em pratica os seus novos planos de vida.

Metteram mãos á obra. Coqueiro deixou o emprego, contratou um empreiteiro para restaurar o seu velho predio da rua do Rezende, e a casa de pensão de Mme. Brizard, como (teimosamente insistiam em lhe chamar a mulher), surgiu ameaçadora, escancarando para a população do Rio de Janeiro a sua bocca de monstro.

VI

Foi justamente tres annos depois d'isso que Amancio chegou ao Rio de Janeiro.

A casa de Mme. Brizard estava então no seu apogeu; de todos os lados choviam hospedes, entre os quaes se notavam pessoas de importancia. Pelo tempo das camaras reuniam-se alli alguns deputados da provincia, homens seriós, em geral gordos, o ar discreto, um sorriso infantil á superficie dos labios e um fraseado imaginoso, cheio de poesia. Fazia-se politica no salão, depois da comida, em chinellas de tapete, ao remansado soprar do fumo da Bahia.

A dona da casa gosava para elles de muita consideração; só um outro, mais atirado á pilheria, ousava attribuir a algum dos seus « nobres collegas » os sorrisos de Mme. Brizard.

Outros enthusiasmavam-se por ella.

— Não! diziam. — Aquella mulher devia ter sido um pancadão no seu tempo! Tudo que era pescoço e hombros ainda se podia ver! Quem déra a muitas-novas um collo d'aquelles!...

De uma feita, um deputado de Minas, creatura baixa, socada, rosto curto, poucas palavras e muita barba, empalmou-lhe a cintura, quando a pilhou sozinha na sala de jantar.

A franceza abaixou os olhos, affastou-se dignamente, e foi logo dizer ao marido que era necessario pôr aquelle homem na rua.

- O Moura! Porque?
— Não te posso dizer porque... mas affianço que o Moura não nos convem!...
— Fez-te alguma?
— Faltou-me ao respeito!
— Hein?!
— Agarrou-me a cintura e terme-ia beijado o pescoço, si eu lh'ò permittisse.

Esta ultima parte da queixa fazia mais honra ao espirito inventivo de Mme. Brizard do que ao seu espirito de verdade; ella, porém, não resistia ao gostinho de fallar no seu rico pescoço, sempre que se offerencia occasião.

E o Moura teria posto os ossos na rua, si a propria Mme. Brizard não intercedesse por elle no dia seguinte, allegando que o pobre homem havia na vespera carregado um pouco mais no virgem.

Tambem foi só. Nunca mais, que constasse palpitou alli sombra de escandalo, e a famosa casa de pensão continuava a sustentar a melhor apparencia d'este mundo. Até se dizia á bocca cheia que, por mais de uma vez, lá se hospedaram verdadeiras celebridades, e eram todos de accordo em que no Rio de Janeiro ninguem fazia espetadas de camarão tão saborosas como as da sympathica irmãzinha do João Coqueiro, a Amelita. Uma verdadeira especialidade. Constava até que vinha gente de longe ao cheiro d'aquelles camarões.

A casa tinha dous andares e uma boa chacara no fundo. O salão de visitas era no primeiro.— Móbilias antiga, um tanto mesclada; ao centro, grande lustre de crystal, coberto de filó amarello; tres largas janelas de sacada, guarnecidas de cortinas brancas, davam para a rua; do lado opposto, um enorme espelho de moldura dourada e gasta, inclinava-se pomposamente sobre um sofá de mólas; em uma das paredes lateraes, um detestavel retrato a oleo de Mme Brizard,

vinte annos mais moça, olhava sorrindo para um velho piano, que lhe ficava fronteiro; por cima dos consolos vasos bonitos de louça da India, cheios de areia até á bocca.

Immediato á sala, com uma janella igual áquellas outras, havia um gabinete, comprido e muito estreito, onde o Coqueiro tinha a sua bibliotheca e a sua banca de estudo. Via-se ahi uma pasta cheia d' papeis, um tinteiro e um deposito de fumo, representando o busto de um barbadinho; ao fundo, uma conversadeira de palhinha, encostada á parede, por debaixo de um pequeno caixilho de madeira com o retrato de Victor Hugo em gravura.

Seguia-se o aposento de Mme. Brizard e mais do marido, onde tambem dormia o menino, o Cezar, que teria então doze annos; logo depois estava o quarto de Amelinha e da tal viuva hysterica, Leonie, a quem a familia só tratava por « Nini ».

Vinha depois a grande sala de jantar, forrada de papel alegre; nas paredes distanciavam-se pequenos chromos amarellados, representando marujos de chapéo de palha, tomando genebra, e assumptos de conventos, — frades muitos nédios e vermelhos refestelados á meza ou a brincarem com mulheres suspeitas. Um guarda-louça expunha, por detraz das vidraças, os apparatus de porcellana e os crystaes; defronte — um aparador cheio de garrafas, ao lado de outro em que estavam os moringues.

Ainda havia um corredor, a despensa, a cozinha, uma escada que conduzia á chacara, outra ao segundo andar, e mais tres alcôvas para hospedes, todas do mesmo tamanho e numeradas.

A numeração dos quartos principiava ahi n'esses tres para continuar em cima. Em cima é que estava o grande recurso da casa, porque Mme. Brizard dividira todo o segundo pavimento em oito cubiculos iguaes; ficando quatro de cada lado e o corredor no centro. Os da frente

davam janellas para a rua e os do fundo para a chacara. As paredes divisorias eram de madeira e forradas de papel nacional.

João Coqueiro, quando sahio do *Hotel dos Principes* na manhã do almoço, ia preocupado; o Simões, que caminhava á sua esquerda um pouco sacudido pelos vinhos, em vão tentou, repetidas vezes, puxal-o á palestra; o outro respondia apenas por monossyllabos e, na primeira esquina, despedio-se e correu logo para casa.

Ao chegar foi direito á mulher, dizendo-lhe em voz baixa, antes de mais nada:

— Olha cá, Ló!...

E encaminhou-se para o quarto. Mme. Brizard largou o que tinha entre mãos e seguiu-o attentamente.

— Sabes? disse elle, sem transição, assentando-se ao rebordo da cama.— E' preciso arranjarmos commodo para um rapaz que ha de vir por ahi domingo.

— Um rapaz! Mas tu sabes perfeitamente que os quartos acham-se todos occupados. Si tivesses prevenido... o n. 2 ainda hontem estava vasio... Mas quem é?

— Ha de se arranjar, seja lá como fôr! disse o Coqueiro.

— Mas quem é?... insistio Mme. Brizard.

— E' um achado precioso! Ainda não ha dous mezes que chegou do norte, anda as apalpadelas! Estivemos a conversar por muito tempo:— é filho unico e tem a herdar uma fortuna! Ah! Não imaginas: só pela morte da avó, que é muito velha, creio que a coisa vae para além de quatrocentos contos!...

Mme. Brizard escutava, sem desprezar os olhos de um ponto, os pés cruzados e com uma das mãos apoiando-se no espaldar da cama.

— Ora, continuou o outro gravemente.— Nós temos de pensar no futuro de Amelinha... ella entrou já nos

vinte e tres!... si não abriremos os olhos... adeus casamento!

— Mas d'ahi... perguntou a mulher, fugindo a participar da confiança que o marido revelava n'aquelle plano.

— D'ahi— é que tenho cá um palpite! explicou elle.— Não conheces o Amancio!... A gente leva-o para onde quizer!... Um simplorio, mas o que se póde chamar um simplorio!

Mme. Brizard fez um gesto de duvida.

— Afianço-te, volveu Coquêiro,—que, si o mettermos em casa e si conduzirmos o negocio com um certo geito, não lhe dou tres mezes de solteiro!

A franceza torcia e destorcia em silencio uma de suas madeixas de cabello preto, que lhe cahiam na testa.

— E elle terá fraco pelas mulheres? perguntou afinal. O estudante respondeu com um gesto de convicção, e acrescentou:

— Negocio decidido! A questão é arranjar-lhe o commodo, e já! Tu, — falla com franqueza á Amelinha; a mim não fica bem... Olha, até me lembrou dar-lhe o gabinete... Hein? Por pouco tempo... é só enquanto não se desocupa algum dos quartos...

— O gabinete?... mas tão atravancado... e tão apertadinho!...

— Dá-se-lhe um geito! Arranja-se' contanto que o nosso homem não deixe de vir; porque, Ló!ó, lembra-te de que é « um filho unico, com muito dinheiro e tólo! » Hoje não se encontra d'isso a cada passo!... Si perdermos a occasião, duvido que appareça outra tão boa! Enfim, resumio elle, — eu já fiz o que tinha a fazer; o resto é contigo! Falla á Amelinha, mas falla-lhe com geito, tu sabes! — pinta-lhe a coisa como ella é!... e não te esqueças de arranjar o gabinete. Até logo, tenho ainda que ir á rua, mas volto d'aqui a pouco.

N'essa mesma tarde Mme. Brizard entendeu-se com

a cunhada. Fallou-lhe subtilmente no « futuro, » disse-lhe que « uma menina pobre, fosse quanto fosse bonita, só com muita habilidade e alguma esperteza poderia apanhar um marido rico. »

E tocando-lhe intencionalmente no queixo :

— Anda lá, minha sonsa, que sabes d'isso tão bem como eu!...

Amelia rio, coñcentrou-se um instante e prometeu fazer o que estivesse ao seu alcence, para agrar ao tal sujeitinho.

Ardia, com effeito, por achar marido, por se tornar dona de casa. A posição subordinada de menina solteira não se compadecia com a sua idade e com as desenvolturas do seu espirito. Graças ao meio em que se desenvolveu, sabía perfeitamente o que era pão e o que era queijo; por conseguinte as precauções e as reservas, que o irmão tomava para com ella, faziam-na sorrir.

A's vezes tinha vontade de acabar com isso. « Que diabo significavam taes cautellas?... Si a suppunham uma toleirona, enganavam-se, — ella era muito capaz de os enfiar a todos pelo ouvido de uma agulha! »

— « Agóra, por exemplo, n'este caso do tal Amancio, que custava ao Coqueiro explicar-se com ella francamente?... Porque razão, si elle precisava de seu auxilio, não a procurou e não lhe disse ás claras: « Fulana, domingo vem aqui um rapaz, n'estas e n'estas condições; vê si o captivas, porque alli está o noivo que te convem! » Mas, não senhor! — metteu-se nas encolhas e entregou tudo nas mãos da mulher!

— Ora! disse comsigo a rapariga.— Isto até nem sei que me parece! Ou bem que somos, ou bem que não somos!... Si Janjão queria alguma coisa de mim, era fallar com franqueza e deixar-se de recadinhos por detrás da cortina!

E Amelia, quanto mais reflectia no caso, tanto mais se revoltava contra a reserva do irmão:

— Elle já a devia conhecer melhor! pelo menos já devia saber que aquella que alli estava era incapaz de cahir em qualquer asneira, aquella não « dava ponto sem nó » Outra, que fosse, quanto mais—ella, que conhecia os homens, como quem conhece a palma das proprias mãos!—Ella, que vira de perto, com os seus olhos de virgem, toda a sorte de typos!—ella, que lhes conhecia as manhas, que sabia das labias empregadas pelos velhacos para obter o que desejam e o modo pelo qual se pórtam depois de servidos!—Ella! tinha graça!

— Ella, que até alli déra as melhores provas de sagacidade e de esperteza; já « convencendo » tal freguez remisso que não queria pagar, nem a mão de Deus padre, o aluguel do quarto pelo preço cobrado; já respondendo a tal credor, que, em tal epocha, veio receber tal conta; já sophismando tal compromisso; já resolvendo tal aperto, uma vez em que nem a propria Mme. Brizard sabia que fazer! E ainda a supporiam criança?... ainda teriam medo de qualquer asneira de sua parte?... Pois então que se lembrassem da questão do Pereirinha!

O Pereirinha foi um dos primeiros hospedes do Coqueiro. Rapaz bonito, perfumado, muito *prosa*. Amelia representava para elle a mesma innocencia em pessoa, só lhe fallava de olhos baixos, voz sumida, o ar todo candura e vexame. Pereirinha jurava-lhe uma paixão sem bordas, fazia-lhe versos, tocava-lhe nos pés por debaixo de meza, e, depois do jantar, quando os mais se alheavam no egoismo da saciedade, elle a fitava tristemente, pedindo, com os olhos fosse lá o que fosse. Pois bem, ella a tudo isso correspondia com muito agrado, submettia-se resignadamente a todos esses requisitos do namoro vulgar, mas... um bello dia em que o pedaço d'asno do Pereirinha quiz ir adiante, Amelia aconselhou-o sorrindo a que primeiro a fosse pedir em casamento ao irmão.

E, quando se convenceu de que e typo não queria

casar, disse-lhe abertamente: « Ora, meu amigo, outro officio! »

E Coqueiro sabia de tudo isso, tão bem como a propria Amelia, — para que pois aquelles escrupulos ridiculos e amoladores?...

Só á noite, á costumada palestra em torno da meza de jantar, lembraram-se de que o dia seguinte era de grande gala.

— O' diabo! considerou Coqueiro. — E eu que podia ter dito ao Amancio para vir amanhã! Escusavamos de esperar até domingo. — Ora, senhores! onde diabo tinha a cabeça!...

— Queres saber de uma coisa? disse, tomando a mulher de parte. — Vai tu e mais Amelinha arranjar o gabinete, que eu escrevo uma carta ao nosso homem; pôde ser que amanhã mesmo o tenhamos por cá. Anda, vai! O segredo das grandes coisas está ás vezes n'estas pequenas deliberações!

E, enquanto Mme. Brizard apromptava com Amelia o gabinete, escreveu elle a carta que Amancio encontrou sobre a commoda.

Não descansaram mais um instante. Desde pela manhã do dia seguinte andava a casa em grande alvoroço. Foi preciso varrer, escovar, remover do gabinete os moveis que o atravancavam. Preparou-se uma bella caminha, coberta de lençóes claros e cheirosos; extendeu-se um tapete no chão; collocou-se a um canto o lavatorio, encheu-se o jarro que ficou dentro da bacia, ao lado da toalha. E, feito isto, puzeram-se todos á espera de Amancio.

Elle, até aquellas horas, não havia declarado por escripto si iria ou não, logo—era provavel que fosse.

E com effeito, pela volta do meio dia, um tilbury parou á porta, e Amancio, muito intrigado com a numeração das casas, entrou no corredor, a olhar para todos os lados.

Um moleque, que ficára de alcateia á espera d'elle, correu logo ao primeiro andar, gritando que « o moço já estava ahí ! »

— Cala o bocca, diabo! respondeu Mme. Brizard em voz abafada e discreta.

Coqueiro ergueu-se promptamente do logar onde se achava e atirou-se com espalhafato para o corredor, alegre e expansivo, como si recebêra, depois de longa ausencia, um velho amigo da infancia.

— Bravo! exclamava, sacudindo os braços e correndo ao encontro de Amancio. — Bravo! Assim é que entendo os amigos! Não te perdoaria si faltasses!

E com muita festa, a apressal-o:

— Vem entrando para a sala de jantar! Estás em tua casa! Entra! Entra!

Amancio deixava-se conduzir, em silencio. Já não tinha o mesmo typo mal ageitado com que se apresentára ao Campos; agora, um terno de cazimira cinzenta, comprado mesma manhã a um alfaiate da rua do Ouvidor, dava-lhe ares domingueiros de janotismo. Vinha de barba feita, as unhas limpas, os dentes scintillantes, o cabello dividido ao meio, formando sobre a testa duas grandes pastas lustrosas e do feitio de uma borboleta de azuis abertas. Os olhos não denunciavam os incommodos da vespera, e de todo elle respirava um cheiro activo de sandalo.

— Estimei bem que me escrevesse... disse atravessando o corredor, ao lado do Coqueiro. Não tinha para onde ir hoje. O Campos está de passeio com a familia lá para o tal Jardim Botânico.

— Pois eu estimei ainda mais que viesses. Entra!

Penetraram na sala de jantar. Estava tudo muito bem arrumado e muito limpo; não se podia desejar melhor aspecto de felicidade caseira; em tudo — a mesma apparencia austera e calma de uma velha paz inquebrantavel e honesta. Mme. Brizard, assentada á cabeceira da meza, parecia lêr attentamente um livro

que tinha aberto defronte dos olhos; mais adiante trabalhava Amelinha em uma machina de costura, a cabeça vergada, os olhos baixos, n'uma expressão tranquilla de innocencia.

Logo que Amancio appareceu na varanda, Mme. Brizard desviou os olhos do livro, deixou cahir as lunetas do nariz e foi recebê-lo sollicitamente; a outra limitou-se a cumprimental-o com um modesto e gracioso movimento de cabeça.

— O Dr. Amancio de Vasconcellos! Gritou o Coqueiro, empurrando o collega para junto das senhoras. E accrescentou, designando-as: — Minha mulher e minha irmã... O amigo já sabe que são duas criadas que aqui tem ás suas ordens!

Amancio agradecia, desfazendo-se em reverencias e apertando as mãos de ambas, todo vergado para a frente, as faces incendidas pela commoção d'aquella primeira visita.

— Põe-te á vontade, filho! disse-lhe o Coqueiro, em ar quasi de censura.—Olha uma cadeira. Senta-te!

E tirando-lhe a bengala e o chapéo das mãos:— Aqui estás em tua casa! Minha gente não é de cerimoniais!

Entretanto Mme. Brizard o tomava a si com perguntas: — Ha quanto tempo havia chegado; de que provincia era filho; si tinha saudades da familia; si gostava do Rio de Janeiro; que tal achava as fluminenses, e si já estava embebeçado por alguma.

E vinham os risos exagerados e sem pretexto, de quando se desejam agradar visitas:

O provinciano respondia a tudo, inclinando a cabeça, procurando armar bem a frase e fazendo esforços para se mostrar de boa educação. Ia-lhe já fugindo o primitivo acanhamento e as palavras acudiam-lhe á ponta da lingua, sonoras e faceis.

— Não tenho desgostado da Côrte, dizia a brincar com a sua medalha da corrente,— mas, confesso, esperava melhor... Lá de fóra, sabe V. Exa. a coisa parece

outra ! Falla-se tanto no Rio !... Pintam-no tão grande, tão bonito, que o pobre provinciano, ao chegar aqui, logo soffre uma terrivel decepção !... Pelo menos commigo foi assim !

— O Sr. Vasconcellos já visitou os arrabaldes ?... perguntou Mme Brizard muito delicadamente.

— Ainda não, minha senhora. Apenas fui a Botafogo, de passagem, para entregar uma carta ; mas, tenciono percorrel-os, todos, na primeira occasião.

E Amancio olhava a espaços para Amelia, que parecia muito preocupada com o trabalho. :

— Pois suspenda esse juizo a respeito do Rio, até que conheça os arrabaldes, acrescentou a dona da casa.— Só por elles se poderá julgar do quanto é bella e grandiosa esta cidade ! Oh ! A natureza do Brazil ! não ha coisa nenhuma que se lhe possa comparar !...

E fitando-o, depois de um gesto de enthusiasmo :— Para um espirito contemplativo e apaixonado, essa esplendida natureza vale por todas as maravilhas da velha Europa !

— V. Exa. parece gostar muito do Brazil...

— Habitei-me a isso com o meu segundo marido... elle era louco por este paiz ! Quantas vezes, depois que cahio doente e que os medicos lhe recommendaram que viajasse, quantas vezes não o aconselhei a que liquidasse aqui os seus negocios e fossemos viver para a Europa... Já não havia sombra de perseguição politica, (porque foi uma perseguição politica que o atirou no Brazil,) não havia razões por conseguinte para não voltar á patria, não havia razões para se deixar morrer aqui, como morreu !... Pois bem ; sabe o senhor o que elle me respondia sempre ? Dizia-me : « Bebê » (Era assim que me tratava). Bebê, comprehendes um homem apaixonado por uma mulher, a ponto de não a poder deixar um só instante ? comprehendes um escravo, um cão ?... assim sou eu por esta natureza ! Não a posso abandonar ! — estou apaixonado, louco ! » Entretanto,

—Veja o Dr. ! — Hypolito, aqui, nunca foi devidamente apreciado e comprehendido; nunca recebeu a mais insignificante prova de gratidão do governo deste paiz, que elle idolatrava d'aquelle modo! Trabalhou muito para o Brazil, e de graça! Estão ahi as empresas, os jornaes, as sociedades que fundou! Pois o governo, — nem uma palavra, nem uma consideração, nem um « muito obrigado! » Si o pobre homem não tivesse posto de parte algum dinheiro, ficava eu na miseria, perfeitamente na miseria!

Amancio principiava a desconfiar que aquella franchezza era nada menos que um formidavel « cacete. »

— Uma verdadeira paixão!... insistio ella. — Uma paixão que o prendia aqui! porque, senhores, Hypolito, si quizesse, podia representar um invejavel papel na Europa! Tinha lá o seu logar seguro, e...

Foi interrompida pelo Cezar que entrára de carreira, mas estacára de repente ao dar com Amancio. Coqueiro havia se afastado para mandar servir alguma coisa.

— Este é o meu Cezar, meu ultimo filho, elucidou Mme. Brizard, e gritou logo: — Vem cá, Cezar! Vem fallar com este moço!

Cezar approximou-se, vagarosamente com o silencio de quem observa um estranho.

— Lindo menino! considerou Amancio, puxando-o para junto de si.

— E não calcula o senhor que talento! affirmou a mãe, em voz baixa e grave, extendendo a cabeça para o lado da visita: — Uma coisa extraordinaria!

— Já fez uma poesia! accrescentou João Coqueiro que, n'essa occasião, junto ao aparador, enchia copos de cerveja.

— Mas, coitado! proseguio Mme. Brizard — não se póde puxar por elle; soffre muito do peito! O medico recommendou que não o fatigassem por ora; é preciso esperar que elle se desenvolva mais um pouco.

— E' pena! disse Amancio com tristeza, affagando a cabeça de Cezar.

— Nunca vi uma creatura para aprender as coisas com tanta facilidade! Nada vê, nada ouve, que não decore logo! que não repita—tim-tim por tim-tim!

— Sim?... perguntou Amancio, com um gesto cerimonioso de pasmo.

— E então para a musica?... Aprendeu a escala em um dia! E já toca variações ao piano... tudo de ouvido!

— E' admiravel! repetia Amancio, para dizer alguma coisa. Deve estar muito adiantado nos estudos!...

— Ah! estaria de certo, si pudesse estudar, mas, coitado, ainda não sabe lêr!

— Ah! fez Amancio, sem achar uma palavra.

— Mas, tambem, quando principiar...

— Irá longe! concluiu Amancio, satisfeito por ter enfim uma frase.— Deve ir muito longe!

E affiançava que, pela physionomia do Cezar, logo se lhe advinhava a intelligencia.

— Esta fronte não engana! Dizia a suspender-lhe o cabello da testa.— E é travesso?...

Mme. Brizard soltou uma exclamação: — Não lhe falassem n'isso! Só ella sabia o capetinha que alli estava!

Cezar abaixou o rosto com uma risada, e Amancio declarou que « a travessura era propria d'aquella edade! » E, porque o moleque se approximava com uma bandeja na mão, cheia de copos, ergueu-se para oferecer um a Mme. Brizard e outro a Amelia.

— Muito agradecida, disse esta, sorrindo.— Sou um pouco nervosa; a cerveja faz-me mal.

— Ah! V. Exa. é nervosa?

— Um pouco. E quem n'este mundo não soffre mais ou menos dos nervos?...

E rio de todo, mostrando a sua dentadura provocadora.

Amancio considerou intimamente que a achava deliciosa.— Um mimo!

E, de facto, Amelia n'esse dia estava encantadora. Vestia fustão branco, sarapintado de pequeninas flôres côr de rosa. O cabello, denso e castanho, prendia-se-lhe no toutiço por um laço de seda azul, formando um grande molho fluctuante, que lhe cahia elegantemente sobre as costas. O vestido curto, muito cosido ao corpo, enluvava-lhe as fórmãs, dando-lhe um ar esperto de menina que volta do collegio a passar férias com a familia.

Era muito bem feita de quadris e de hombros. Espartilhada, como estava n'aquelle momento, a volta energica da cintura e a suave protuberancia dos seios, produziam nos sentidos de quem a contemplava de perto uma deliciosa impressão artistica.

Sentia-se-lhe dentro das mangas do vestido a tremula carnadura dos braços; e os pulsos appareciam nús, muito brancos, chamalotados de veiazinhas subteis, que se prolongavam serpeando. Tinha as mãos finas e bem tratadas, os dedos longos e roliços, a palma côr de rosa e as unhas curvas como o bico de um papagaio.

Sem ser verdadeiramente bonita de rosto, era muito sympathica e graciosa. Tez macia, de uma pallidez fresca de camelia; olhos escuros, um pouco preguiçosos, bem guarnecidos e penetrantes; nariz curto, um nadinha arrebitado; beiços polpudos e viçosos, á maneira de uma fructa que provoca o appetite e dá vontade de morder. Uzava o cabello cofiado em franjas sobre a testa, e, quando quèria ver ao longe, tinha de costume apertar as palpebras e abrir ligeiramente a bocca.

Amancio, bebendo aos goles distrahidos a sua cerveja nacional, via e sentia tudo isso, e, sem perceber, deixava-se tomar das graças de Amelia. Já lhe preava a carne o mordente calôr d'aquelle corpo; já o invadiam o perfume sombroso d'aquelle cabello e a luz embriagadora d'aquelles olhos; já o enleiava e cingia a doce sensibilidade elastica d'aquella vóz, quebrada, curva, cheia de ondulações, como a cáuda crespada de uma cobra.

E, emquanto palavreava abstrahido com Mme. Brizard e com o Coqueiro, percebia que alguma coisa se apoderava d'elle, que alguma coisa lhe penetrava familiarmente pelos sentidos e ahi se derramava e distendia, á similhaça de um polvo que alonga sensualmente os seus langorosos tentaculos. E, sempre dominado pelos encantos da rapariga, alheiaava-se de tudo que não fosse ella; queria ouvir o que lhe diziam os outros, prestar-lhes attenção, mas o pensamento libertava-se á força e corria a lançar-se aos pés de Amelia, procurando enroscar-se por ella, á feição do tenue vapor do incenso, quando vae subindo e espiralando abraçado a uma columna de marmore.

Coqueiro fazia não dar por isso e, ao topar com os olhos os da mulher, entre elles corria um raio de satisfação, mais ligeiro que um telegrapha.

Amancio, entretanto, quasi nada conversou com Amelia; apenas trocaram palavras frias de assumptos sem interesse. Mas seus olhares tambem se encontravam no ar, e logo se entrelaçavam, prendiam-se e confundiam-se no calor do mesmo desejo.

N'aquella mulher havia incontestavelmente o quer que fosse, difficil de determinar, que, não obstante, se entranhava pela gente e, uma vez dentro, crescia e alastrava. O seu modo de fallar, as reticencias de seus sorrisos, o languor pudico e ao mesmo tempo voluptuoso de seus olhos que espiavam, inquietos, através do franjado das pestanas; a doçura dos seus movimentos óphideos e preguiçosos, o cheiro de seu corpo; tudo que vinha d'ella zumbia em torno dos sentidos, como uma revoada de cantaridas.

Os instinctos mal educados de Amancio latejavam.

Vinham-lhe preocupações. Começava a imaginar como seria a sua existencia n'aquella casa, si elle, porventura, resolvesse a mudança; calculava situações: encontros inesperados com Amelia nos corredores desertos; manhãs frias, de chuva, em que fosse preciso

gazear as aulas e deixar-se ficar alli, a « prosar » n'aquella varanda, ao lado d'ella, a encher o tempo, a dizer « tolices. »

— Que tal seria tudo isso?... Seria tão bom que valêra á pena supportar as caceteações de Mine. Brizard e soffrer a convivencia do tal Coqueiro?... Seria tão bom que merecêra a renuncia de sua liberdade, tão sacrificada alli quanto em casa do Campos? Não! não valia á pena!... Mas... Amelia?... quem sabe lá o que daria de si aquelle ladrãozinho?...

E, pensando d'este modo, ergueu-se disposto a acompanhar Coqueiro, que insistia em lhe mostrar a casa.

Principiaram pela chacara.

— Olha! Isto aqui é como vêst... Dizia o proprietario.— Bôa sombra, caramanchões de maracujá, flôres, socego!... Bom logar para estudo! E vai até o fundo. Vem vêr!

Amancio obedecia calado.

— Parece que se está na roça!... accrescentou o outro.— De manhã é um chilrear de passarinhos, que até aborrece! Quando aqui não houver freseo, não o encontrarás tambem em parte alguma! Cá está o terraço — Sobe!

Subiram tres degráus de pedra e cal.

— Vês?!... exclamou Coqueiro, parando em meio do pequeno quadrado de velhos tijolos. E, depois, com as pernas abertas e um braço extendido:

— Creio que não se póde desejar melhor!

Desceram, em seguida, para visitar o banheiro, o tanque, o repuxo e outras commodidades que havia no quintal, e á cada uma d'essas coisas — novas exclamações e novos elogios.

Subiram outra vez ao primeiro andar, pela cozinha. Um preto, de avental e bonet de linho branco, á moda dos cozinheiros francezes, trabalhava ao fogão. Coqueiro exigio que o amigo olhasse para aquelle asseio; attentasse para a nítidez das caçarolas de metal areiado,

para a limpeza das panellas, para a fartura d'agua na pia.

— A *madama*, dizia elle a rir-se, com o ar interessado de quem deseja convencer, — a *madama* traz isto n'um brinco! Pode-se comer no chão!

E continuaram a revista da casa. Amancio, porém, ia distrahido, tinha a cabeça cheia de Amelia.

— Que dentes! pensava,—e que cintura! que olhos!...

— E' excellente! segredou-lhe o Coqueiro, pondo mysterio na voz. — Um serviço admiravel!

— Heim?! exclamou o provinciano, voltando-se rapidamente para o collega.

— Cozinheiros d'aquella ordem encontram-se poucos no Rio! respondeu este ainda em segredo.

— Ah! o cozinheiro... disse Amancio.

— Divino! accrescentou o outro.

E, mudando logo de tom:

— Cá está a despensa. Compramos tudo em porção, do mais caro, mas tambem pódes ver a fazenda! Tudo de primeira! Ah! Eu cá sou assim, — mostro! Meus hospedes não se pódem queixar!

E destapava vivamente a lata das farinhas e dos feijões, mostrava o vinho engarrafado em casa, as mantas de carne secca resumbrando sal, o arroz, o café, e o resto.

— Tudo de primeira! repetia com entonações mercantis, a passar ao collega um punhado de feijões. — Tudo de primeira!

— E' exacto, resmungou Amancio, sem vêr.

Isto agora são quartos de hospedes, enunciou Coqueiro seguindo adiante.— Aqui em baixo só temos tres. N'este, disse mostrando o n. 1, está o Dr. Tavares, um advogado de mão cheia; character muito sério!

No segundo declarou que morava o Fontes:

— Não era máo sujeito, coitado! Fôra infeliz nos negocios: quebrára havia dous annos e ainda não tinha conseguido levantar a cabeça.

E abafando a voz : — Dizem que ficou arranjado... não sei!... Paga pontualmente as suas despesas, mas é um « unhas de fome, » regateia muito, chora — vintem por vintem — o dinheiro que lhe são das mãos ! Está sempre com uma cara muito agoniada, sempre se queixando. E agora, vão vêr : — furão como elle só ; especula com tudo ; tem o quarto cheio de fazendas, fitas e teteias de armarinho ; vende essas miudezas pelas casas particulares, e dizem que faz negocio. A mulher, uma franceza coxa, é empregada na *Notre Dame* e só vem á casa para dormir.

E, indicando o n. 3 : — Aqui é o Piloto.

— Que Piloto ? perguntou logo Amancio.

— O Piloto, homem ! Aquelle reporter da *Gazeta*.

Amancio não conhecia.

— Ora, quem não conhece o Piloto ! um rapaz tão popular. Um que anda sempre muito ligeiro, olhando para os lados, aos pulinhos, como um calango. Não conheces ? !

— Amancio disse que sabia quem era, — para acabar com aquillo.

— Bom hospede ! accrescentou o outro. — Tambem só apparece á noite : não incomoda pessoa alguma.

— Bem... disse Amancio com um bocejo. São horas de ir me chegando.

— Que ? ! bradou Coqueiro. — Tu jantas comnosco ! Minha gente conta contigo... não te dispensamos ! E, demais, quero mostrar-te o resto da casa. Vem cá ao segundo andar.

O provinciano lembrou timidamente que isso podia ficar para outra occasião ; mas o Coqueiro respondeu puxando-o pelo braço na direcção da escada :

— Venha para cá ! Não seja preguiçoso !

Depois de subir, acharam-se em um corredor estreito e opprimido pelo tecto. Ao fundo uma janella de grades verdes coava tristemente a luz que vinha de fóra.

Lia-se nas portas, em algarismos azues, pintados sobre um pequeno circulo branco, os numeros de 4 a 11.

— Aquillo tinha aspecto de casa de saúde... pensou Amancio, com tedio. — Não devia ser muito agradável morar alli. Todos os quartos, entretanto, estavam tomados.

Coqueiro principiou logo, em voz soturna, a denunciar os competentes móradores: — N. 4. — O Campello, um exquisitesão, porém bom sujeito; do commercio; não comia na casa sinão aos domingos e isso mesmo só de manhã. N. 5. — O Paulo Mendes e a mulher; casal de artistas, davam licções e concertos de piano e rabeca; muito conhecidos na Côte. N. 6. — Um guarda-livros; bom moço; tinha o quarto sempre muito asseiadinho e á noite, quando voltava do trabalho, estudava clarinete. O n. 7 era de um pobre rapaz portuguez; doente: vivia embrulhado em uma manta de lã, por cima do sobretudo, e sahia todas as manhãs a passeio para as bandas da Tijuca.

A porta do n. 8 estava aberta e Amancio vio, de relance, a cáuda de uma saia que fugia para o interior do quarto. E logo uma voz aflautada, de mulher, gritou:

— Córa! Fecha essa porta.

— E' uma tal Lucia Pereira... segredou o Coqueiro — móra ahi com o marido, um typo!

Estavam na casa ha muito pouco tempo. Coqueiro não podia dizer ainda que taes seriam, porque só formava o seu juizo depois de paga a primeira conta.

O n. 9 era do Mellinho, — uma perolá! Empregado na caixa de amortização; não comia em casa, mas, ás vezes, trazia fructas crystalisadas para Mme. Brizard e Amelinha. Bello moço!

Coqueiro não se lembrava como era ao certo o nome do sujeito que occupava o n. 10 « *Lamentosa* ou *Latembrosa*, uma coisa por ahi assim! » Elle tinha o nome escripto lá em baixo. — Mas que homem fino! delica-

dissimo! um verdadeiro *gentleman*! E tocava violão com muito talento!

O n. 11, que ficava justamente encostado á janella do corredor, pertencia a um excellente medico, o Dr. Corrêa; estava, porém, quasi sempre fechado, visto que o doutor só se utilisava do quarto para certos trabalhos e certos estudos, que, por causa das crianças, não podia fazer em casa da familia. Vinha ás vezes com frequencia e ás vezes não apparecia durante um mez inteiro; mas pagava sempre, e bem.

Esse quarto, como o outro que ficava na extremidade opposta do corredor, tinha sahida para a chacara. Amancio propôz ao Coqueiro que descessem por ahi.

— De sorte que, foi lhe dizendo este pela escada, — á meza só temos diariamente os seguintes: Dr. Tavares, o Paula Mendes e a mulher, a Lucia e o marido e o tal sujeito de nome exquesito. Só! Aos domingos, então, fica-se em completa liberdade, porque jantam fóra quasi todos. — Vês, pois, que em parte alguma estarias melhor do que aqui!...

— Mas, filho, observou Amancio, — teus quartos estão todos occupados!...

O outro respondeu com um risinho. E, depois de ligeiro silencio, passando-lhe um braço nas costas:

— Tu, aqui, não quero que sejas um hospede, mas um amigo, um collega, um filho da familia, uma especie de meu irmão, comprehendes? São d'essas coisas que se não explicam, — questão de *sympathia*! Conhecemo-nos de hontem e é como si tivéssemos sido criados juntos; em mim podes contar com um amigo para a vida e para a morte!

E estacando defronte de Amancio, olhou para elle muito sério, dizendo em tom grave:

— E acredita que isto em mim é raro? Pergunta ahi aos meus collegas si sou de muitas amisades; todos elles te dirão que ninguem ha mais concentrado e metido consigo. Mas, quando *sympathiso* devéras com

uma pessoa, é assim, como vês, trago-a para o seio de minha familia e trato-a como irmão!

E, descahindo no tom primitivo da conversa: — Si ficáres aqui, como espero, verás com o tempo a sinceridade do que te estou dizendo! E' que gostei de ti. Acabou-se.

Amancio jurava corresponder áquella amisade, mas, no intimo, ria-se do Coqueiro, que agora lhe parecia tólo, e cujo casamento com a franceza velhusca o tornava, a seus olhos, cada vez mais ridiculo.

Ao passarem pelo salão concordaram que aquillo era um excellente logar para uma « boa prosa. »

Amancio teria tudo isso ás suas ordens; podia dispôr!... accrescentou o outro. E, abrindo cuidadosamente a porta do gabinete que ficava ao lado, disse, com a intonação de um guarda de museu que vae mostrar uma raridade:

— Eis o ninho que te destino! E' o logar mais catita de toda a casa; isto, porém, não quer dizer que os outros commodos não estejam á tua disposição!... Si, mais tarde, te appetecer trocar de quarto...

E, logo que entraram, foi lhê mostrando a caminha cheirosa, o pequeno lavatorio de pedra marmore; fel-ó notar o bom estado da commoda, a elegancia do vella-dor, o artistico das escarradeiras.

— E alli, o grande mestre! exclamou com emphase, apontando para a gravura da parede.

— « Victor Hugo », leu Amancio debaixo do retrato. — Bom poeta! accrescentou.

— Creio que não ficarás mal, hein? .. disse o outro,

— Ah! não! respondeu o provinciano, assentando-se fatigado em uma cadeira. E o prego?

— Ah! Isso depois... minha mulher é quem sabe d'essas coisas, mas não havemos de brigar!...

E rio.

— Ficas aqui muito bem! Serás tratado como um filho; quando precisares de qualquer cuidado, n'uma moles-

tia, n'uma dôr de cabeça, has de vêr que te não faltará nada! Além d'isso, — podes entrar e sair á vontade, livremente, ás horas que entenderes; si gostas de teu chazinho á noite, com torradas, has de encontral-o, abafado, á tua espera sobre aquella meza... De manhã, si quizeres o café na cama, tambem terás o teu café, e, quando estiveres aborrecido de quarto, tens o salão, tens a sala de jantar, a chacara, o jardim; finalmente tens tudo ás tuas ordens!

— Agora, quanto a certas visitas... concluiu João Coqueiro, fazendo-se muito sisudo e abaixando a voz, — isso, filho, tem paciencia... Lá fóra o que quizeres, mas d'aquella porta para dentro...

— De certo! apressou-se a declarar o outro, com escrupulo.

— Sim! Sabes que isto é uma casa de familia e, para a boa moral...

— Mas certamente, certamente! repetio Amancio. E accendeu um cigarro.

VII

Dos hospedes de cama e meza só tres compareceram ao jantar,—Lucia, o marido e o tal *gentleman* de nome difficil. Paulo Mendes estava de passeio com a mulher em casa de um artista.

Amancio foi apresentado áquelles tres pelo João Coqueiro. Trocaram-se bonitas palavras de etiqueta; fizeram-se os mentirosos protestos da cortezia e cada um tomou á meza o seu logar competente.

Mme. Brizard, como era de costume, occupou a cabeceira, defronte de uma pilha enorme de pratos fundos, os quaes ia enchendo de sôpa, um a um, paulatinamente, depois de rodar a concha tres vezes no fundo da terrina; e, á proporção que os enchia, passava-os ao marido que n'esse dia lhe ficára á esquerda, visto que a direita, seu logar favorito, cedera-a elle ao novo hospede.

Na occasião de conferir-lhe semelhante honra, bateu-lhe carinhosamente no hombro e disse-lhe baixinho: — Ficas bem! Ficas junto a Loló!

Mme. Brizard, que ouvira estas palavras, accrescentou sorrindo: — O Sr. Vasconcellos preferia talvez ficar entre as moças...

— O' minha senhora!... balbuciou Amancio, vergando-se para o lado da franceza. — Estou muito bem aqui; não podia desejar melhor vizinhança!...

E voltou o olhar para a sua direita, onde Lucia acabava de tomar assento.

Examinou-a logo, á primeira vista, sem o dar a conhecer, e a impressão recebida não foi das melhores. Achou-a exquisita, um tanto feia, um ar pretencioso, de doutora.

Era de estatura regular, tinha as costas arqueadas e os hombros levemente contrahidos, braços molles, cintura pouco abaixo dos seios, desenhando muito a barriga. Quando andava, principalmente em occasiões de cerimonia, sacodia o corpo na cadencia dos passos e bambolegava a cabeça com um movimento de affectada languidez. Muito pallida, olhos grandes e bonitos, repuxados para os cantos exteriores, em um feição accentuado de folhas de roseira; labios descorados e cheios, mas graciosos. Nunca se despregava das lunetas, e a forte myopia dava-lhe aos olhos uma expressão humida de choro.

Em seguida via-se o marido. Um homemzinho gordo, de barba por fazer e pequeno bigode castanho, em parte lourejado pelo fumo. A fronte abria-lhe para o craneo em dous semi-circulos constituídos na ausencia do cabello. Physionomia inalteravel, de uma tranquillidade irracional e covarde. Fechava de vez em quando os olhos, por um sestro antigo, e então parecia dormir profundamente.

Percebia-se que elle e a mulher estiveram, antes de vir para a meza, empenhados em alguma discussão desagradavel, porque, mal se furtaram ás apresentações e aos cumprimentos da chegada, Lucia pôz-se a fallar-lhe em voz baixa, com azedume disfarçado. Elle, porém, não dava resposta, e, quando a mulher insistia, cerrava os olhos como se fugira para dentro de si mesmo.

Cezar, ao lado, acompanhava-lhe os movimentos com persistencia tão grosseira que a outro qualquer constrangeria.

Defronte perfilava-se o *gentleman*. Tezo, o pescoço immobilizado no rigor de uns grandes collarinhos;

as sobrancelhas franzidas diplomaticamente ; o olhar grave, de quem medita coisa de alta importancia ; a bocca engolida por um farto bigode grisalho ; o queixo escanhoado, formando largas pregas, sempre que Lambertosa voltava o rosto com amabilidade para responder ao que lhe diziam da direita ou da esquerda. Bonita figura, bem apessoado, fronte espaçosa, cabello branco, puxado de traz sobre as orelhas.

Entre elle e o Coqueiro, Amelinha, cheia de piscos d'olhos e de gestoinhos passarinhoes, recebia do irmão os pratos de sôpa e passava-os adiante.

— E Nini?... perguntou Mme. Brizard com interesse.

E, como Amancio a fitasse, quando lhe ouvio aquella pergunta, ella explicou que Nini era uma filha sua, « muito doente, coitadinha!... » E contou logo toda a historia da pobre menina, — a viuvez, a dolorosa morte do filhinho « que lhe havia ficado como extrema consolação, » e, afinal, fallou d'aquella « maldita molestia que sobreviêra a tantas calamidades e que parecia disposta a não abandonar mais a infeliz. »

— Não dá idéa do que foi ! disse após um suspiro. — Era uma belleza e tinha o genio mais alegre d'este mundo ! Ah ! Está muito mudada ! muito mudada ! Impressiona-se com tudo, tem exigencias pueris, caprichos, coisas de uma verdadeira criança ! E ninguem a contrarie, que apparecem as crises, os ataques ! Uma campanha ! — Ainda outro dia, porque não lhe deixaram ver um desenho que meu marido achou na chacara...

E, voltando-se rapidamente para Amancio :

— O Sr. Vasconcellos não se serve de vinho?... — Um desenho indecente ; pois ficou prostrada e eu tive sérios receios de a vêr perdida para sempre ! Desde então está nervosa que se lhe não póde dizer nada ! E' preciso não insistir com ella em coisa alguma : si a chamam duas vezes para a meza, começa a chorar e

não vem; si a querem constringer a pôr um vestido melhor, um penteado mais decente, são gritos, soluços, repellões, e agarra-se á cama, que não ha meio de tiral-a! Eu já não sei que faça!...

— Porque, Madame, não experimenta os banhos de mar? perguntou o *gentleman*, limpando energicamente o seu grosso bigode no guardanapo que atára ao pescoço.

— Qual! Não produzem effeito nenhum! Ella já tomou quarenta seguidos. Acho até que ficou peor.

— E' estranho!... voltou o *gentleman*, franzindo o sobrolho e passando a Lucia a corbelha de farinha. — E' estranho, porque, segundo Durand Fardel, não ha enfermidades nervosas que resistam a um bom regimen de banhos maritimos; mas aconselha tambem o uso interno da agoa salgada, e prova que a mineralisação d'esta é muito mais rica em chlorureto de sodio do que a das agoas mineraes da fonte.

— Não sei, Sr. Lamber...

Mme. Brizard não se lembrava do nome d'elle.

— Lambertosa, Mme., Lambertosa!

— Não sei, Sr. Lambertosa, não sei... O caso é que Nini não consegue melhorar. Temos experimentado tudo, tudo!

E, mudando de tom, bateu no braço de Amancio, segredando-lhe com um sorriso:

— Não se esqueça de provar d'aquelles camarões. São especiaes!... E descreveu uma olhadella entre elle e Amelia.

— O casamento talvez a restabelecesse!... observou o provinciano, servindo-se dos afamados camarões.— Dizem que ha muitos exemplos de...

Amelia affectou um sobresaltosinho, e olhou para elle que, procurando disfarçar o máo effeito de sua proposição, citou Le Bon.

— O doutor acha então que o hysterismo se pôde curar com o casamento?... perguntou Lucia da direita.

— Parece, minha senhora, a dar credito aos phisio-
logistas...

A sonoridade desta palavra consolou-o.

— E é exacto!... confirmou o Pereira, marido de Lucia.

— Tu mesmo entendes d'isto!... respondeu-lhe a mulher desdenhosamente.

O Pereira fechou os olhos e não deu mais palavra.

Lambertosa havia já limpado o bigode para emittir a sua conceituosa opinião, mas teve de renunciar a essa idéa, porque Nini acabava de assomar á porta do quarto, arrastando-se difficilmente ao peso de suas inchacões.

Vestia uma bata de lã parda, enchovalhada e sem cinta. A gordura balôfa e anemica tirava-lhe o feitio do corpo; as suas costas formavam-se de uma só curva e os quadrís pareciam duas grandes almofadas.

Comtudo ainda se lhe reconhecía a mocidade e ainda se alcançavam os vestigios desbotados dos encantos, que a molestia foi pouco a pouco desvastando.

Só depois de assentada, Nini desmanchou o ar afflicto que fazia, pelo esforço de andar.

— Ah! respirou, quasi sem folego. E correu os olhos em torno de si, abstractamente, como si despertasse de um desmaio. Ao dar com Amancio, ficou a encaral-o com insistencia de criança; depois, contrahio os musculos do rosto e espalhou a vista, vagarosamente, a tomar longos sorvos de ar.

Um silencio formou-se em torno de sua chegada; percebia-se que pensavam n'ella.

— Queres sôpa, Nini? perguntou afinal Mme. Brizard, com ternura. E, como a filha fizesse um movimento affirmativo de cabeça, passou-lhe um prato cheio.

Nini sorveu-o todo, á colheradas seguidas, e pediu mais.

A mãe aconselhou-a a que comesse antes outra qual-
quer coisa.

Nini largou a colher no prato, sem dizer palavra, e pôz-se de novo a encarar para Amancio, com um olhar tão dolorido e tão persistente, que o rapaz ficou impressionado.

E não lhe tirou mais a vista de cima. O estudante remexia-se na cadeira, importunado por aquelles dous olhos grandes, razos, de um azul duvidoso, que se fixavam sobre elle, immoveis e esquecidos.

Disfarçava, procurava não dar por isso, nada, porém, conseguia. Os dous importunos lá estavam, sempre, assestados sobre elle, a lhe queimar a paciência, como si fossem dous vidros de augmento collocados contra o sol.

— Que embirrança! dizia comsigo o provinciano.

Entretanto o jantar esquentava. A conversa explodia já de varios pontos da meza com mais frequencia; ouviam-se tinir os garfos de encontro a louça, e os copos esvasiavam-se e de novo se enchiam, sem ninguem dar por isso.

Mme. Brizard não se descuidava um segundo de Amancio. Apontava-lhe os pratos preferiveis, puxava as garrafas para junto d'elle, sempre a fallar da salubridade da casa, do bem que se ficava alli, da sympathia que toda a familia parecia lhe dedicar, desde o primeiro momentó em que o vio.

— Pois si até a pobre Nini não se fartava de olhar para o Sr. Vasconcellos!...

Amancio sorrio.

O Lambertosa atirou-lhe directamente a palavra sobre o Maranhão. Tratou com respeito d'essa « judiciousa provincia, a qual merecia de justiça o honroso titulo que lhe fôra conferido « de — *Athenas Brasileira!* » E, depois de citar nomes illustres, dispoz-se a contar as façanhas de um tal *Maranhense*, celebre pelas suas espertezas.

— Perdão! acudio Amancio. — Esse cavalheiro de

industria, além do nome, nada tem de commum com a minha provincia!

— Ah! fez o *gentleman*. — Pois eu o julgava filho de lá...

— Felizmente não é, respondeu o outro, ferido no seu bairrismo.

— E ainda que fosse!... observou Lucia, — que mal havia n'isso?

— Certamente! confirmou Coqueiro, a encher o prato.

— Pois, meu amigo, voltou o Lambertosa, dirigindo-se a Amancio, — eu o felicito! E levou o copo á bocca.—Eu o felicito, porque, francamente, considero um padrão de gloria ver a luz do dia em uma provincia tão...

Faltou-lhe o termo.

— Tão, tão gigantesca! Estude, caminhe, caminhe, que tem uma grande estrada aberta defronte de si!

E, engrossando a voz: —Assiste-lhe uma responsabilidade enorme! E' caminhar e caminhar firme! Ah! terminou elle com um gesto lamentoso.— Quem me déra a sua idade, meu amigo! Quem me déra a sua idade!

Continuou-se a fallar sobre o Maranhão. Lucia quiz informações; Amancio voltou-se logo para ella, sollicitamente, e, na febre de fallar de sua terra, começou, sem reparar que mentia, a pintar coisas extraordinarias. O Maranhão, segundo o que elle dizia, era um viveiro de talentos; os gremios e os jornaes litterarios brotavam alli de toda parte; cada individuo representava um grammatico de pulso; as senhoras— illustradissimas; os homens— pòcos de instrução; as crianças sahiam da escola bons poetas e prosadores.

Coqueiro affectava acompanhal-o n'aquelle enthusiasmo, mas ria-se por dentro. O outro lhe parecia cada vez mais tólo.

Lucia perguntou si Amancio tinha algumas produc-

ções dos seus comprovincianos, que lhe pudesse emprestar. Elle prometteu que traria as que tivesse em casa. E recommendou *Entre o céu e a terra* de Flavio Rey-mar.

— Ha em sua provincia um poeta que eu adoro, disse ella, cortando em pedacinhos uma fatia de carne assada que tinha no prato.

— O Franco de Sá? perguntou o maranhense.

— Não, refiro-me ao Dias Carneiro.

Amancio sentio um calafrio percorrer-lhe a espinha. Nunca em sua vida ouvira fallar de similhante nome.

— E', disse entretanto, — E' um grande poeta!

— Enorme! corrigio Lucia, levando á bocca uma garfada. — Enorme! Conhece aquella poesia d'elle, o...

Novo calafrio, d'esta vez, porém, acompanhado de suores. E não lhe acudia um titulo para apresentar, um titulo qualquer, ainda que não fosse verdadeiro.

— Ora, como é mesmo? insistia a senhora. — Tenho o nome debaixo da lingua!

E, voltando-se com superioridade para o marido: — Como se chama aquella poesia, que está no album de capa escura, escripta á tinta azul?

O Pereira abriu os olhos e disse lentamente:

— O *Cantico do Calvario!*

— E's um idiota! respondeu a mulher.

A resposta do Pereira provocou hilaridade. Amancio consultou logo a opinião de Lucia sobre o Varella. Mme. Brizard fallou então dos versos do marido, prometteu que os mostraria depois do jantar.

Amancio soltou uma exclamação de espanto: — Ignorava que o Cóqueiro tambem fizesse versos!

— Faço-os, confirmou este, — mas só para mim, publichei já alguns com pseudonymo. Receio a convivencia dos litteratos que formigam por ahi, esfarrapados e bebados. Não me quero misturar com elles! Faço versos, é verdade, mas tenho a presumpção de escrevel-os como devem ser e não accumulando extra-

vagancias e disparates para armar ao effeito! Faço versos, mas não tomo parte n'essas panellinhas de elogio mutuo e n'esses grupos de imbecis escrevinhadores!

E, com muito azedume, com durezas de inveja, principiou a dizer mal dos rapazes que no Rio de Janeiro se tornavam mais conhecidos pelas lettras.

— Pedantes! resmungava. — Sucia de idiotas! Hoje, todos querem ser escriptores; sujeitinhos que não sabem ligar duas idéas, arrogam-se, da noite para o dia, os fóros de litteratos! Uma cambada!

E ria-se com um gesto amargo de desgosto.

Lucia e Lambertosa defendiam timidamente alguns nomes.

— Ora o que, senhores! replicava Coqueiro furioso e pallido. — Qual é ahi o typo da tal «geração moderna» que se possa aproveitar?... Não me apontam nenhum! São todos umas bestas!

— Coqueiro!... reprehendeu Mme. Brizard em voz baixa.

— São todos umas nullidades, uns zeros!...

Era a primeira vez que Amancio via o collega sahir de si. Não o suppunha capaz d'aquellas explosões.

Mme. Brizard comprehendeu o pensamento do provinciano e apressou-se a dizer-lhe ao ouvido:—Tambem é só o que o faz sahir do sério... a litteratura!

Amelia indagou si Amancio tambem escrevia. Elle disse que sim, a sorrir, a desculpar-se com os outros.

— Quem neste mundo não rabiscava mais ou menos?...

Ella mostrou logo empenho em lhe conhecer as producções.

— Não vale a pena! disse o moço, — Não vale a pena!

— Ai, ai! suspirou Nini, que parecia adormecida com os olhos abertos.

Mme. Brizard, que já conhecia o alcance d'aquelle suspiro, perguntou á filha o que desejava. Nini apon-

tou melancolicamente para um prato, onde fatias transparentes de abacachy nadavam em caldas de vinho.

— Não senhora, voltou a mãe, — isso não pôde ser ; faz-te mal.

Nini suspirou de novo e ficou a olhar para Amancio, resignadamente, o semblante muito pezaroso, a cabeça vergada para o lado.

— Serve-te antes de doce, aconselhou Mme. Brizard.

O Lambertosa apressou-se a passar a Nini a compeiteira.

— Pouco, Sr. Lambertosa, dê-lhe pouco !

Veio o café. Cezar levantou-se da meza e foi brincar a um canto da sala. Mme. Brizard queria saber si estavam todos satisfeitos ; ella, quanto a si, — jantára perfeitamente, confessava.

E, com um aspecto regalado, deixava-se ficar prostrada na cadeira, entorpecida no bem-estar do seu estomago.

O copeiro, um preto alto de pernas compridas, levantou a toalha, accendeu o gaz e trouxe curaço e cognac. Amelinha beberricou o seu calice de licor e levantou-se logo para ir á janella. Afastaram-se as cadeiras da meza, e a conversa reappareceu com mais força.

O Lambertosa, Mme. Brizard e Coqueiro formaram grupo, a discutir o prego excessivo e a falsificação dos generos alimenticios. O *gentleman* reclamava uma junta de hygiene, rigorosa, que mandasse lançar á praia todos os generos deteriorados que encontrasse. « Era assim que se fazia na Europa ! »

Lucia, do outro lado da meza, continuava a fallar com Amancio sobre litteratura. Já estavam em Theophile Gautier, Theodore de Banville e Baudelaire, depois de haverem tocado de passagem em alguns escriptores de Portugal. Agora sentia-se mais eloquente o provinciano ; acudiam-lhe opiniões e juizos perfeita-

mente armados ; percebia que as suas palavras causavam bom effeito ; ia bem.

Pereira e Nini conservavam-se um defronte do outro, igualmente concentrados e mudos ; ella, porém, com os olhos muito abertos sobre Amancio. O outro afinal ergueu-se, atravessou, lentamente, como um somnambulo, a sala de jantar, e foi extender-se em uma preguiçosa que ficava junto á janella.

Vibrou então o piano no salão de visitas.

— E' melhor irmos todos para lá, alvitrou a dona da casa.

O marido e o Lambertosa aceitaram logo a idéa, e Amancio, sem interromper a sua conversa com a mulher do Pereira, a esta deu o braço e seguiu o exemplo d'aquelles.

Lucia caminhava toda reclinada sobre elle, fallando-lhe em tom mui vagaroso, com accentuações finas de boa educação.

A sala illuminada tinha um caracter imponente. O *Gentleman* encaminhou a conversa geral para a musica, aconselhou a Amancio a que solicitasse da Sra. D. Lucia um pouco do Guarany, que ella tocava admiravelmente.

Lucia queixou-se de que ultimamente soffria de certa fraqueza nos dedos e não tocava com a mesma expressão, mas sempre foi, pelo braço do Lambertosa, tomar ao piano o logar que Amelia deixára n'esse instante. E logo as primeiras notas da introdução do Guarany encheram a sala com a sua corajosa e dominadora solemnidade.

Fizeram silencio.

Ella tocava bem, com muita energia e dextreza. Amancio encostára-se sósinho ao canto de uma janella e sentia-se ir a pouco e pouco arrastando pela irresistivel corrente d'aquellas frases musicaes. Seu estomago, perfeitamente confortado, dava-lhe ao corpo um bem-estar beatifico e predispunha-lhe o espirito para as vagas concentrações e para os mysticos arrebatamentos

da fantazia. Um profundo languor, muito voluptuoso, apoderava-se de todo elle, e os vapores duvidosos de um principio de embriaguez acamavam-se em torno de sua cabeça, annuviando-lhe os objectos exteriores.

E alli, da janella, suspenso ainda pelas novas impressões que lhe deparavam os novos aspectos de sua existencia, abstracto e perdido em scismas indefinidas, enchergava, por entre as nevoas de seu enlevo, o vulto melancolico de Lucia, assentado defronte do piano, a picar o teclado com os dedos, n'um frenesi delicioso.

Depois da musica, principiou a sympathisar com ella; já gostava de a ver, mysteriosa e pallida, arrastando a vida com a languidez de uma convalescente.

Estava todo embevecido a pensar n'esta sympathia, quando voltou por acaso o rosto e deu com os olhos de Nini, que o fitavam sem pestanejar.

— E' birra, não tem que ver! pensou elle aborrecido.

Duas horas depois tornavam á sala de jantar. Serviam-se as torradas. Pereira, com o Cezar adormecido sobre as pernas, resonava profundamente na mesma preguiçosa em que o tinham deixado.

Mme. Brizard chamou o copeiro e ordenou-lhe que recolhesse o menino. Pereira espreguiçou-se, abriu vagarosamente os olhos, mas tornou a fecha-los, bocejando.

Já estavam á meza, quando os hospedes principiam a chegar.

Veio o Paula Mendes e mais a mulher. Elle de pequena estatura, grosso, os movimentos acanhados, a voz branda e a physionomia triste; ella muito alta, cheia de corpo, despejada de maneiras e com feições de homem.

Chamava-se Catharina, estava sempre a implicar com as coisas e tinha muita força de genio. Entrou na sala como uma furia; o marido atraz. Cumprimentou a todos com um— « Boas noites » terrível, e, atirando-se a

uma cadeira, declarou, a bater com a mão na meza, que vinha desesperada! — Pois, si em vez de piano, lhe haviam dado um tacho, um verdadeiro tacho, para executar um nocturno de Chopin! difficilimo!

— Pouca vergonha! exclamava ella, rangendo os dentes. — Canalhas!

E voltando-se para o marido com um furor crescente: — Mas o culpado foste tu, lesma de uma figa! — já devias conhecer miêlhor aquella sucia!

— Mas... ia a responder o marido.

— Calle-se, berrou ella. — Não me dê uma palavra, que não estou disposta a lhe ouvir a voz! Diabo do basbaque!

Fez uma pausa, estava arquejante, mas continuou logo: — Tambem alli, acabou-se! cruz na porta! Nunca mais! nunca mais! Nem admitto que me fallem na rua! Corja!

E, levantando-se com impeto, cumprimentou a todos com um arremesso, e subio para o segundo andar, levando o marido na frente, aos empurrões.

— Safa, disse Amancio comsigo.

O Dr. Tavares é que vinha satisfeito. Estivera em casa de um amigo, pessoa de muita consideração, onde se reunia a mais fina sociedade.

E, necessitado de expandir o seu bom humor, emtabolou conversa com Amancio. Fallou-lhe a um só tempo de mil coisas differentes; tratou muito de si; das suas pretenções na Côrte que apenas conhecia de alguns mezes; das suas esperanças de obter o que desejava; do que lhe dissêra tal ministro; do que lhe promettêra tal conselheiro, e, afinal, da sua profissão de advogado, profissão que elle exercia com enthusiasmo, com delirio, porque, desde pequeno, toda a sua queda fôra sempre para fallar em publico, para dominar as massas.

E, esquentando-se ao calor de suas proprias palavras, discursava, como se já estivesse no tribunal. Armava

posições; recorria aos effeitos da tribuna, vergava para traz a cabeça, ameaçando espetar o auditorio com a ponta de sua barba triangular.

Sentia-se radiante por ver que todos os mais não abriam a bocca, enquanto elle estivesse com a palavra.

Seu typo indeciso, de cearense do interior, uma d'essas phisionomias confusas e duvidosas, nas quaes o fulvo castanho dos cabellos quasi que se não distingue do moreno da pelle e do pardo verdoengo dos olhos, seu typo transformava-se na febre da eloquencia e parecia accentuar-se por instantes.

E, já de pé, com uma das mãos apoiada nas costas da cadeira, jogava freneticamente com a outra, ora espalmado-a em cheio sobre o peito, ora apontando terrível para o tecto, ora indicando o chão, horrorizado, como se ali estivesse um abysmo, ora dando com o indicador ligeiras e repetidas facadinhas no ar; ao passo que a voz, pelo contrario, se lhe arrastava em tremulos prolongados, como as notas graves de um harmonium.

Emquanto elle parolava, outros hospedes se recolhiam aos competentes quartos, atravessando a varanda pelo fundo na ponta dos pés, com medo da «cace-teação.»

Aquelle homem era o terror da casa. A's vezes, depois do jantar, quando elle abria as torneiras da loquacidade, iam todos, um por um, fugindo sorrateiramente, até deixal-o a sós com o Pereira que, afinal, adormecia.

Amancio principiava a sentir cansaço. Quiz retirar-se; não lh'o consentiram.

— Passava já de meia noite; a casa do Campos devia estar fechada áquella hora. — O melhor seria ficar, observou a franceza.

— Que diabo! acudio Coqueiro. — Fica! não incomodarás ninguem... Está tudo providenciado; a cama feita... Além d'isso, olha! E mostrando o ceu pela janella:— vamos ter chuva!

Com effeito sopravam os ventos do sul. Amancio ainda oppoz algumas razões, mas finalmente cedeu.

Era mais de uma hora quando se dispersou a roda e cada um, depois de novos protestos e offerecimentos, se recolheu á competente alcôva.

Mme. Brizard recommendou muito a Amancio que ficasse á vontade; que não tivesse escrúpulos em reclamar qualquer coisa de que sentisse falta. Suppunha, porém, não haver occasião d'isso, porque fôra ella propria e mais a Amelinha quem lhe arranjára o quarto.

Coqueiro acompanhou-o até á cama, examinou rapidamente si estava tudo no seu lugar e depois, dando mais luz ao bico do gaz, e tirando um folheto da algibeira, disse-lhe com um sorriso.

— Sempre te vou mostrar os versos...

Amancio, já meio deſpido, estremeceu, mas não oppoz a menor consideração, e metteu-se debaixo dos lençóes.

O outro, em pé, ao lado da cama, folheava amorosamente o seu quaderno de versos, á procura do que deveria ler em primeiro logar.

Descobriu afinal e, com a voz clara e sonora, principiou:

« Estamos em plena Roma. Os Cezares devassos. . . »

VIII

Amancio sentio um grande allivio, quando se achou afinal inteiramente só ; a porta do quarto bem fechada e a luz do bico do gaz quasi extincta.

Estava morto de fadiga. As enfadonhas conversas de Coqueiro e Mme. Brizard, o jugo inquisitorial das ceremonias, a pandega da vespera, tudo isso dava áquella caminha fresca, de lenções limpos, um encanto superior ao que houvesse de melhor no mundo. Seu corpo, quebrado de impressões diversas e na maior parte consumidoras e lascivas, bebia aquelle repouso por todos os póros, voluptuosamente, como um sequioso que se mettesse dentro d'agua.

Aninhou-se, encolheu-se, abraçado aos travessciros, ouvindo com uma certa delicia esfusiar o vento nas portas e, lá fóra, desencadear-se o temporal, arremessando agua aos punhados contra telhas e paredes.

E deixava-se arrebatado pelo somno, como si deslizesse por uma ladeira interminavel de algodão em rama.

Os acontecimentos do dia começaram a desfilarem em torno de sua cabeça, em procissões fantasticas de sombras duvidosas e fugitivas. D'entr'estas, era o vulto de Lucia o que melhor se destacava, com o seu andar quebrado e voluptuoso, a remexer os quadrís, atirando a barriga para frente. Chegava a distinguir-lhe perfeitamente os grandes olhos amortecidos e a sentir-lhe o perfume que ella trazia essa tarde no lenço e nos ca-

bellos. Em seguida vinha a outra, a Amelinha, mas não com a lucidez da primeira. E logo depois Mme. Brizard, com o seu todo pretencioso; Nini, a fital-o, muito afflicta, as mãos inchadas e sem tacto, o cabello escorrido sobre a cabeça, cheirando a pomada alvissima, bata de lã, escura e sinistra como um burel. E depois, n'uma confusão vertiginosa, — o Coqueiro, a berrar versos, dânsando no ar e a sacudir em uma das mãos um punhado de feijões pretos; e o Paula Mendes a jogar os murros com a mulher; e o Dr. Tavares a discursar com os braços erguidos para o ar; e o Cezar, o menino prodigio, a esgaravunchar o nariz freneticamente; e o Pereira de olhos fechados, a andar como um somnambulo; e o...

Mas os vultos de todo se confundiam e desfibravam, como nuvens que o vento enxota. Amancio já os não distinguia.

Acordou ás oito horas do dia seguinte, meio inconsciente do logar onde se achava. Logo, porém, que cahio em si, levantou-se de um pulo e abriu a janella de par em par. Um jacto de luz dourada invadio-lhe a alcôva.

Olhou a manhã, que estava de uma transparencia admiravel. A chuva da vespera limpára a athmosphera; corria fresco. Os bonds passavam cheios de empregados publicos; viam-se amas de leite acompanhando os bebês; senhoras que voltavam do banho de mar, o cabello solto, uma toalha ao hombro.

Aquelle movimento era communicativo, Amancio sentio vontade de sahir e andar á tôa pelas ruas. Todo elle reclamava longos passeios ao campo, por debaixo d'arvores, em companhia de amigos.

Foi para o lavatorio cantarolando; o somno completo da noite fazia-o bem disposto e animado.

Mal acabava de se preparar quando bateram de leve na porta. Era uma mucamasinha, que já na vespera lhe chamára por varias vezes a attenção durante o jan-

tar. Teria quinze annos, forte, cheia de corpo, um sorriso alvar mostrando dentes largos e curtos, de uma brancura sem brilho.

Vinha saber si o Dr. Amancio queria o café antes ou depois do banho.

Amancio, em vez de responder, agarrou-lhe o braço com um agrado violento e grosseiro.

Ella pôz-se a rir aparvalhadamente.

A's dez horas, ao terminar o almoço, estava já resolvido que o rapaz, n'aquelle mesmo dia, se mudava definitivamente para a casa de pensão.

Com effeito, pouco depois, no escriptorio do Campos, dizia a este, cheio de maneiras de pessoa ajuizada, « que afinal descobrira em casa da familia de um amigo o commodo que procurava. » Agradeceu muito os obsequios recebidos das mãos do negociante, desculpou-se pelas massadas que causára naturalmente e pediu licença para despedir-se de D. Maria Hortencia.

O Campos, logo que soube qual era a casa de pensão de que se tratava, approvou a escolha, citou pessoas distinctas que lá estiveram morando por muito tempo, e recommendou ao estudante — que lhe apparecesse de vez em quando ; que não se acanhasse de bater aquella porta nas occasiões de apuro, porque seria attendido, e, afinal, perguntou si Amancio queria receber a mezada, já ou mais tarde.

— Como quizer... respondeu o provinciano, sem ter aliás a menor necessidade de dinheiro. E foi embolsando a quantia.

D. Maria Hortencia recebeu-o com muito agrado. A irmã não estava em casa.

Conversaram.

Ella sentia que Amancio se retirasse assim tão depressa ; — mas, quem sabe ? talvez não se dêsse bem alli ; não fosse tratado como merecia...

O estudante protestava, jurando que não podia am-

bicionar melhor tratamento do que lhe dispensaram; reconhecia, porém, que já causava muito incommodo, e por conseguinte devia retirar-se. Não queria abusar.

Hortencia affiançava e repetia que elle não dera incommodo de especie alguma. — Tudo aquillo era feito com muito gosto!

Agora parecia mais familiarisada com o provinciano. Chegou a dirigir-lhe gracejos; disse, com um sorriso de intenção, que « sabia perfeitamente o que aquillo era!... O que eram rapazes! — Não se queriam sujeitar a certo regimen; só lhes servia pagodear á solta! Enfim!... tinham lá a sua razão... Si ella fosse rapaz faria o mesmo, naturalmente! »

Amancio estranhou que taes palavras viessem de quem vinham, e, não querendo perder a vasa, retorquiu com febre: « Que Hortencia estava enganada a respeito d'elle, que não o conhecia! Si, á primeira vista elle parecia um pandego ou um sujeito máo, não o era todavia no fundo! Ninguem amava tanto a familia; ninguem desejava o lar com tanto ardor e com tanto desespero! Oh! que inveja não tinha do Campos!... que inveja não tinha de todo o homem, a cujo lado enxergava uma esposa bonita e carinhosa!... »

Hortencia agradeceu com um sorriso.

— Oh! Quanto fôra injusta!... proseguio Amancio, com o rosto esfogueado de commoção. — Quanto fôra injusta! O seu idéal, d'elle, era justamente o casamento; era possuir uma mulhersinha, cheirosa e meiga, com quem passasse a existencia, ditosos e obscuros no seu canto, vivendo um para o outro, ignorados, egoistas, não cedendo nenhum dos dous, a mais ninguem, a menor particulasinha de si, — um sorriso que fosse, um olhar amigo, um aperto de mão!

— Que rigor! exclamou Hortencia, tomando certo interesse pelo que dizia o estudante. — Que rigor! Não o suppunha assim, *seu* Amancio!...

— Oh ! Era assim que elle entendia o verdadeiro amor !...

E, cada vez mais quente :

— Era assim que elle amaria ! Era assim que elle cercaria de beijos o anjo estremecido que o quizesse recolher á tepidez consoladora de suas azas ! Era assim que elle sonhava a existencia de duas almas gemeas, soltas no azul, gosando a voluptuosidade do mesmo vô !

— Pois é casar-se, meu amigo... aconselhou a mulher do Campos, pasmada de ouvir Amancio fallar d'aquelle modo. — Não o fazia tão *prosa* !...

E, como era preciso dizer qualquer coisa, accrescentou muito amavel :

— Quem sabe si alguma fluminense já não lhe voltou o miolo !...

Elle confessou que sim, sacudindo tristemente a cabeça. E, de tal modo exprimio o seu amor por «essa fluminense», tão ardente e tão apaixonado se mostrou, que Hortencia instinctivamente se ergueu, a olhar para os lados, sobresaltada como si tivesse commettido uma falta.

Não quiz saber de quem se tratava.

Deu uma volta pela sala, foi ao aparador, tomou alguns goles d'agoa e, procurando mudar de conversa, fallou do baile que havia essa noite em casa do Mello. — Devia ser muito bom, constava que havia quinze dias se preparavam para a festa. Era em Botafogo. O Campos, logo que recebeu o convite, lembrou-se de levar Amancio comsigo, este, porém, tão raramente apparecia em casa, e agora, com esta mudança...

— Não. O Campos fallou-me, disse o estudante.

— Ah ! sempre chegou a lhe fallar ?

— Ha tres ou quatro dias ; mas eu não tencionava ir...

— Porque ? O Senhor é moço, deve divertir-se.

— A senhora vai ?

— Sim, vou.

— N'esse caso irei tambem.

E Amancio ligou ainda tão expressiva intonação aquellas palavras, que Hortencia abaixou os olhos, já impaciente, sem mais vontade de conversar.

— Seria possível, pensava ella, — que aquelle estudante lhe quizesse fazer a côrte?... Não! não seria capaz d'isso, e, si fosse, ella saberia desenganal-o! Ah! com certeza que o desenganava!

Campos subio d'ahi a um instante, e Amancio, depois de combinar com elle que voltaria á noite para irem juntos á casa do Mello, entregou as suas malas a um carregador e sahio.

Sentia-se alegre, a nova attitude de Hortencia dava-lhe um vago ante-gosto de prazeres; previa com delicia os bons momentos que o esperavam.

— E agora é que vou deixar a casa!... pensava elle já na rua. — Que tolo fui! Abandonar a empreza, justamente quando me sorri a primeira esperanza! « Mas, pedaço d'asno, argumentava com seus botões, — não calculaste logo que aquella mulher mais dia menos dia, havia de escorregar? Porque diabo então não esperaste um pouco?... » Ora! mais que caiporismo, o meu! Sahir n'esta occasião! Perder uma conquista tão boa! Agora tambem que remedio lhe hei de dar? O que está feito, está feito! A este momento minhas malas talvez já tenham chegado á casa do Coqueiro!

E com este nome assaltaram-lhe logo o espirito as imagens de Lucia e de Amelinha.

— Bem me dizia o Simões, pensou elle. — Bem me dizia o Simões: « Quando te começarem as aventuras, has de ver o que vae por esta sociedade! »

E Amancio, que não conseguia reter na cabeça as palavras dos seus professores, Amancio, que era incapaz de guardar na memoria um facto, um algarismo, uma formula scientifica, conservava entretanto, com toda a inteireza, aquella fraze banal, pronunciada por um pandego em um almoço de hotel, depois de meia duzia de garrafas de vinho.

—O Simões tinha toda a razão!... principiavam as aventuras! Diabo era aquella asneira de abandonar tão intempestivamente a casa do Campos! Fôra uma triste idéa, que duvida! Mas, elle tambem não podia advinhar quaes seriam as intenções de Hortencia!... O melhor por consequente era não se apoquentar,—o que lhe estivesse destinado havia de chegar-lhe ás mãos!... E já nem pensava n'isso quando subio as escadas da casa de pensão. Sorrisos amaveis de Amelinha e Mme. Brizard o receberam desde a entrada. Coqueiro estava na rua.

Veio á conversa o baile d'essa noite. Amancio, pela primeira vez, ia conhecer uma sala da Côte. As duas senhoras prophetisavam que elle voltaria captivo por alguma carioca.

— Duvido! respondeu o estudante, a rir.

— E'! disse a franceza, — vocês do norte são todos uns santinhos! Eu já os conheço! Nunca vi gente tão assanhada!

Amelinha abaixou os olhos, depois de lançar á outra um gesto reprehensivo.

Mme. Brizard não fez caso e accrescentou: — Os demonios não podem ver um rabo de saia!

— Loló! censurou Amelinha em voz baixa.

— Tambem não é tanto assim!... contradisse o provinciano.

Mme. Brizard citou logo os exemplos de casa, até alli entre todos os seus hospedes, só os nortistas davam sorte em questão de amor. — Um delles, um tal Bemfica Duarte, chegára a raptar com escandalo uma crioula, e crioula feia!

Amelinha, bem contra a vontade, soltou uma risada, que lhe desfez pôr instantes o ar innocente da physionomia; mas recuperou-o logo, e lembrou á cunhada: « que não deviam estar alli a roubar o tempo a seu Amancio. Elle tinha que cuidar das malas que já o esperavam no quarto! »



Que loucura é essa, Nenem ?!...

—Nós podemos ajudal-o n'esse trabalho, acudio a velha. — Certas coisas só ficam bem feitas por mão de mulher!

O estudante aceitou o offercimento, e os tres seguiram para o gabinete, sempre a rir e a conversar.

Amelinha, enquanto Amancio entrava no quarto, observou em voz baixa a Mme. Brizard, que não achava conveniente que esta arriscasse em sua presença pilherias como as de ainda ha pouco. — O rapaz, por muito ingenuo que fosse, podia desconfiar com aquillo e se persuadir de que ella, Amelinha, não daria uma noiva bastante séria e digna d'elle! Que, ás vezes, por estas e outras indiscrições, desmanchavam-se casamentos!

— Como te enganas! respondeu a velha, — já comprehendi bem este sujeito: a sua corda sensível são as mulheres! Gosta que lhe fallem n'isso! Tu, do que precisas, é oppor-lhe difficuldades, sem que o desenganes por uma vez; nega, mas promette, que obterás a victoria! Quando elle te pedir um beijo, dá-lhe um sorriso; e, quando quizer muito mais, dá-lhe então o beijo, comtanto que te mostres logo arrependida, envergonhada, chorosa, inconsolavel, disposta a não lhe ceder mais nada, e disposta a nunca lhe pertenceres, a nunca lhe perdoares aquelle atrevimento. E, si elle insistir, repelle-o, insulta-o, jura que o desprezas e fal-o acreditar que amas a outro. — E' d'essa fórma que o hás de agarrar, percebes? Lá quanto ás minhas chalaças de ainda ha pouco, descansa que por ahi não irá o gato ás filhoses.

Nesse momento, o rapaz acabava de abrir as malas. As duas senhoras appareceram no quarto.

Elle tinha muita roupa branca, e tudo bom. Camisas finas de linho, ricas toalhas de renda marcadas cuidadosamente por sua mãe, fronhas bordadas, mostrando o seu nome entre labyrinthos e desenhos caprichosos.

Sentia-se o amor, o desvelo, com que tudo aquillo fóra arrumado; cada objecto parecia conservar ainda a

marca da mão carinhosa que o acondicionára a um canto da arca. Alguns denunciavam o trabalho paciente de longos tempos, traziam á idéa calmos serões á luz do candieiro. Advinhava-se, pelo completo d'aquelle enxoval, a providencia de um coração materno; nada faltava.

A' proporção que se iam tirando as peças de roupa, uma tepidez embalsamada respirava d'entre ellas; parecia que um perfume idéal de beijos se exhalava ao desdóbrar dos brancos lençóes de linho; percebia-se que muita lagrima e muito soluço ficaram abafados no fundo d'aquellas arcas.

Vieram ao provinciano novas e mais vivas saudades de Angela. Uma vaga tristeza apoderou-se d'elle; ficou distraído, a olhar silenciosamente para as roupas que as duas mulheres empilhavam no chão e sobre a cama. Sentio, comprehendeu, que elle proprio, á semilhança d'aquellas arcas, havia tambem de ir perdendo, pouco a pouco, todas as illusões, todos os perfumes, com que sabíra impregnado dos braços de sua mãe.

E afastou-se do quarto para limpar as lagrimas. As lagrimas, sim, que o facto de sua primeira viagem, as impressões da Côte, a saudade, as aventuras amorosas, as ceiatas pelos hoteis, davam-lhe ultimamente uma sensibilidade muito nervosa e feminina. Ellas acudiam-lhe agora com extrema facilidade; chorava sempre que se commovia. A's vezes no theatro, assistindo á representação de qualquer drama de effeitos, ficava envergonhado por não poder impedir que os olhos se lhe enchessem d'agoa; a simples descripção de uma desgraça perturbava-o todo; a musica italiana o entristecia; a idéa de um feito heroico ou de um rasgo de perversidade era o bastante para lhe agitar a circulação do sangue e formar-lhe godilhões na garganta.

Quando voltou ao quarto, já os bahús estavam despejados.

Mme. Brizard não se fartava de elogiar a boa quali-

dade das fazendas, o bem cosido das roupas, a pachorra e asseio com que tudo fôra feito. Apreciava o trabalho das marcas; chamava a atenção de Amelia para os bordados, para os labyrinthos e para as rendas.

— Olha! disse-lhe, mostrando um panno de *crochet*, — o desenho é justamente como aquelle da toalha do oratorio. Só faltam aqui as duas borboletas do canto.

E arrumava tudo, com muito cuidado, nas gavetas da commoda. Tomava religiosamente sobre os braços os pesados lençóes, os maços de ceroulas em folha, os pacotes intactos de meias listradas, os de lenços barrados de seda, os collarinhos de todos os feitios, as gravatas de todas as côres. E, não acondicionava uma peça, sem afagal-a, sem lhe passar por cima as mãos abertas.

— O rapaz estava provido de tudo! disse em voz baixa. E, depois accrescentou alto, rindo: — Podia até casar, si quizesse!

— Falta o principal... respondeu elle.

— Que é? acudio logo Amelia.

— A noiva! explicou o moço, olhando intencionalmente para a rapariga.

— Deve estar á sua espera no Maranhão... voltou ella. E abaixou os olhos com um movimento de innocencia, muito bem feito.

— Não vê! exclamôu a velha. — Então um rapaz d'esta ordem deixava as meninas da Côte para amar-se a uma provinciana?... Seria de máo gosto!

— Não sei porque, retorquiu Amancio, ligeiramente escandalizado. — Na provincia ha senhoras bem educadas, muito *chics*!

— Sei, sei perfeitamente, disse Mme. Brizard, evitando contrariar-o. Sei que as há... mas é que o Sr. Vasconcellos tem elementos para desejar muito melhor! Seria pena que um rapaz tão perfeito não escolhesse uma noivazinha *comme il faut*. — Bonita, instruida, que soubesse entrar e sahir n'uma sala, conversar, fazer musica, recitar, servir um almoço, dirigir uma *soirée*.

Além de que, meu caro senhor, as provincianas, em geral, sahem muito mais exigentes do que as filhas da Côte.

E, como Amancio fizesse um ar de espanto: — Sim, porque a fluminense, habituada como está na capital e familiarisada com os bailes, com os espectáculos do lyrico, com os passeios, já se não preoccupa d'essas coisas e, uma vez casada, dedica-se exclusivamente ao lar, ao marido e aos filhinhos; ao passo que com as outras, as provincianas, succede justamente o contrario, visto que ainda não conhecem aquelles góços e só desejam o casamento para conhecel-os. D'ahi as suas exigencias; nada as satisfaz, porque tudo fica muito á quem dos seus sonhos da provincia; o que para as outras é tudo, para ellas não é nada. Bailes e theatros toda a noite, carruagens, lacaios, vestidos de seda, dez ou vinte criados, nada as contenta, nada corresponde ao que ellas ambicionam. E o marido, o pobre marido de semelhante gente, depois de arruinado e depois de passar uma existencia sem amor e sem conchegos de familia, ainda terá que supportar as queixas e os resentimentos de uma mulher desilludida e *blasé*.

— Perdão! replicou o estudante. — Isso prova simplesmente que toda a mulher, seja da provincia ou da Côte, apresenta sempre uma certa doze de ambições. Com a differença, porém, de que a provinciana, por isso mesmo que o Rio de Janeiro é o seu idéal, é o seu sonho dourado, contenta-se com elle; emquanto que a outra, visto que o supradito Rio de Janeiro para ella nada mais é que o commum, estende naturalmente a sua ambição — e quer Paris. O Passeio Publico já não a satisfaz, é preciso dar-lhe *Bois de Boulogne*; já não lhe chegam carruagens, criados e theatros; quer tudo isso e mais um titulo, um titulo de baroneza pelo menos!

E, encantado com a clareza do seu argumento, continuou a discutir, chegando á conclusão de que seria

loucura desejar uma mulher isenta de ambições e caprichos, e que elle já se daria por muito satisfeito si encontrasse alguma, cujo idéal não fosse além do Rio de Janeiro.

Amelia era precisamente d'essa opinião, mas entendia que, mesmo na Córte, se encontravam meninas bem educadas e aliás muito modestas.

Amancio declarou que não argumentava com excepções. — Sabia perfeitamente que nem todas as fluminenses calçavam pela mesma fôrma, e não tinha a pretensão de dizer « d'esta agua não beberei, d'este pão não comerei ! » apenas, não admittia aquella razão que apresentava Mme. Brizard, para provar que as provincianas eram mais dispendiosas do que as filhas da Córte. Isso não! que o desculpassem, mas não podia admittir!

— Sempre queria vel-o casado com uma provinciana!... observou a franceza, tomando a roupa que lhe passava a outra. — Então sim! Aposto que não teria a mesma opinião!

Amancio não respondeu logo, porque estava muito occupado a apanhar do chão uma grande pilha de camisas engommadas, que Amelinha deixára cahir. Mme. Brizard acudio tambem a ajudal-os, e, na precipitação com que todos tres, agachados um defronte dos outros, queriam ao mesmo tempo recolher a roupa espalhada no soalho, as mãos do estudante encontravam-se com umas mãozinhas finas que não eram certamente as de Mme. Brizard.

• Mas todas as vezes que elle fentou retel-as entre as suas, as taes mãozinhas fugiam tão ligeiras, como si lhes houvessem chegado uma braza.

IX

O baile em casa do Mello esteve bom. Este, muito magro, de suissas negras, olhos fundos e movimentos rapidos, não descansava um instante; tão depressa o viam conduzindo senhoras pela escada, como a receber apresentações na sala de jantar, como a formar quadri-lhas; voltando-se para todos os lados e attendendo á todas as pessoas.

O Mello tinha boas relações e alguns bens adquiridos no commercio; nunca se envolveu directamente com a politica, mas prezava o monarcha e esperava, com resignação, um habito que ha dez annos lhe haviam promettido pingar sobre a lapella da casaca. A mulher, que já não era criança, ainda mettia muita vista e passava por bonita; homens, que envelhecêram com ella, citavam-na como um typo de formosura.

Amancio foi recebido com especial agrado, graças ao Luiz Campos que era intimo do dono da casa.

A circumstancia de que alli se achava só, no meio de tanta gente estranha, como que apertava o circulo de suas relações com a familia do correspondente. Fazia-se muito d'elles, muito aparentado; não dispunha de mais ninguem para desabafar as suas impressões e para conversar um pouco mais á vontade.

Assim, quando saltamos em um porto pela primeira vez, sentimos estreitarem-se de repente nossas relações com os companheiros de bordo, ainda mesmo que os conheçamos de poucos dias.

Até Carlotinha parecia mais expansiva, principal-

mente depois que Amancio, se revelou insigne dançador de valsa. Ella era louca pela dança. Maria Hortencia notára igualmente que o provinciano tinha um certo talento choreographico muito peculiar, e não ficou isolada n'esse juizo, porque varias senhoras se declararam da mesma opinião.

Não tardou muito a que similhante julgamento se extendesse pelas outras salas, e em breve estavam todas as damas de accordo em que Amancio era o melhor par d'aquella noite.

Com effeito, si elle em outra qualquer coisa não conseguio a perfeição, na dança ao menos nada se lhe tinha a desejar; dansava admiravelmente, por vocação, por indole, por um geito especial do corpo, e com um amaneirado gracioso que sabia dar aos braços, á cabeça e ás pernas. Póde-se dizer que na valsa dispunha de um estylo proprio, original.

Quando, sacudido pela musica, os olhos meio cerrados, a bocca meio aberta, arremessava-se com a dama no turbilhão da sala, tinha alguma coisa de passaro, que desprende o vôo. Ficava até mais bonito; os cabellos crespos tremiam-lhe romanticamente sobre a testa; o cansaço dava ao moreno de suas faces uma pallidez mysteriosa e doce. E, com o braço direito engranzado á cintura do par, o esquerdo repuxando nervosamente a mão que a dama extendia sobre a sua, elle empertigava-se todo com delicia, a fechar os olhos e a rodar extasiado, embevecido, como se fôra arrebatado por entre nuvens de arminho.

No seu temperamento, excessivamente lascivo, gozava com sentir ligado ao corpo o corpo precioso de uma mulher de estimação; comprazia-se em beber-lhe o halito accelerado pela dança, embebedava-se com respirar-lhe os perfumes agudos do cabello e o infiltrante cheiro animal da carne.

Afinal, depois de uma valsa, estonteado e offegante, atirou-se ao canto do divan em que estava Hortencia.

Confessava-se prostrado, a limpar o suor do pescoço e da frente. Fôra immensa a valsa e elle cansára tres pares, que se abateram inuteis, como as espadas de Ney na batalha de Waterloo.

— Apre ! disse.

As senhoras olhavam-no já com respeito, acompanhavam-lhe os menores movimentos com enorme interesse.

— Muito bem ! muito bem ! cochichou-lhe a mulher do Campos.—Ignorava que o senhor fosse tão forte na valsa !

E começaram a conversar sobre o mal que se dançava ultimamente. Ella declarou que uma das coisas, que mais apreciava, era a boa valsa. Isso desde criança ; no collegio, ás vezes, as meninas passavam a hora do recreio dansando umas com as outras.

— Ninguem o diria... considerou Amancio, fazendo-se muito seu camarada. — A senhora hoje só tem querido dansar quadrilhas.

Ella respondeu com um risinho significativo.

— Quer uma valsa commigo?... perguntou o rapaz, em segredo, requebrando os olhos.

— Não posso ! disse ella, quasi com um suspiro.— Aceitaria de bom grado, mas não posso...

— Valha-me Deus ! Porque ?

— Porque ...

Hortencia sorriu de novo, sem animo de confessar a verdade,— o marido não gostava de a ver valsar. Também não se podia desculpar, dizendo que não sabia, porque ainda ha pouco dissera justamente o contrario ; afinal, sem fazer empenho de ser acreditada, acrescentou gracejando :

— Porque... porque me faz mal...

Amancio prometeu que a conduziria de vagar e que não dansaria longo tempo seguido ; aceitava todas as condições, com tanto que desfructasse a suprema ventura de lhe merecer uma valsa.

Hortencia não respondeu; tinha o olhar esquecido sobre um grande quadro que lhe ficava defronte, suspenso da parede. E abanava-se, lentamente, como seguindo o vôo de um vago pensamento voluptuoso.

O quadro representava uma scena de *Fausto* e *Margarida*, no jardim; (um longo beijo apaixonado que parecia soluçar entre a folhagem mysteriosa do painel. O encantado philosopho tomava nas mãos brancas a loira cabeça de sua amante, e sorvia-lhe a alma pelos labios. O sol morria ao longe, dourando a paysagem, e um casal de pombos arrulava á sombra azulada de uma plahta.)

Hortencia olhava para isso, em quanto, ao gemer das rabecas, cruzavam-se na sala os pares, marcando contradansas. O aroma das flores, que se fanavam em grandes vasos japonezes, misturava-se ao cheiro das mulheres, e penetrava a carne com a subtilidade de um veneno lento e delicioso como o fumo do charuto. Os hombros lacteos das senhoras, expunham-se nús á grande claridade artificial do gaz; as joias faiscavam; os olhos desfalleciam, e um calor gostoso ia infirmando os sentidos e entontecendo a alma.

— Então?... pedio Amancio, pondo muita doçura na voz, — danse commigo, sim?... Faça-me a vontade. Eu sentiria n'isso tanto gosto...

E todo elle supplicava aquelle obsequio, com o empenho apaixonado de quem pede uma concessão de amor.

Ella dizia que não, meneando á cabeça; mas, um sorriso, que se lhe escapava dos labios, dizia o contrario.

— Então!... sim?... sim?... um bocadinho só! insistia o estudante, a devoral-a com os olhos.

Estava ainda cansado; a voz não lhe vinha inteira, mas quebrada, como por um spasmo; os olhos d'elle arqueavam-se luxuriosamente; as pernas principiavam-lhe a tremer.

— O que lhe custa, á senhora, dansar um pouquinho commigo?...

E, vendo que ella não respondia, balbuciou em tom magoado, de criança resentida :

— Bem, bem, não lhe peço mais nada, não a importunarei de hoje em diante. Desculpe !

Hortencia voltou-se para elle, ia talvez desenganal-o ; mas a orchestra, que havia emmudecido depois da quadrilha, deu signal para a « valsa. » Era o *Danubio*, de Strauss.

O rapaz ergueu-se, como um soldado que ouvisse tocar a rebate.

Ella não resistio, levantou-se de um salto e entregou-lhe a cintura.

Dansaram. A principio vagarosamente ; depois, como a musica se accelerasse, Amancio arrebatou-a. Ella deixou-se levar, a cabeça descansada nos hombros d'elle, as mãos frias, a respiração douda.

A musica redobrou de carreira.

Foi então um rodar convulso, frenetico ; a casa, os moveis, as paredes, tudo girava em torno d'elles.

Hortencia dansava tão bem como o rapaz. Os dous pareciam não tocar no chão ; os passos casavam-se como por encanto ; as pernas gravitavam em volta umas das outras com precisão mecanica.

Encheu-se a sala de pares. Amancio fugio com Hortencia, sem interromper a valsa ; pareciam empenhados n'uma conjunctura amorosa. Ella arfava, sacudindo o collo com a respiração ; os seus braços nus tinham uma frescura humida ; os olhos amorteciam-se defronte dos d'elle ; não podia fechar a bocca, e seu halito misturava-se ao halito fogado do estudante.

De repente, Amancio parou, exausto. Ouvia-se-lhe de longe a respiração.

— Não ! não ! balbuciava' ella, quasi sem poder falar. — Ainda ! mais um pouco !...

E abraçaram-se de novo, freneticamente.

* Quando parou a musica, Hortencia cahio sobre um divan pelos braços de Amancio.

Não podia dar uma palavra; não podia abrir os olhos. Sua respiração parecia longos suspiros contínuos e estalados.

Varios cavalheiros se aproximaram.

— Ficou muito fatigada?... perguntou Amancio, inclinando-se sobre ella, a mão apoiada nas costas do divan.

Hortencia não respondeu. Cobrio o rosto com o lenço de rendas e continuou recostada. Foi a voz do marido que a despertou.

— Que loucura é esta, Nenem?... perguntou elle, sorrindo com o seu bom ar de homem honesto.

Ella sorriu tambem, e pediu desculpa com o olhar.

— Sabes que te faz mal, para que valsas?...

Hortencia soltou uma risadinha de intenção e disse baixo: — Não é o mal que me faz que te dá cuidado...

— Como assim?...

— Ora, é que tu não gostas muito de me ver valsar...

— Porque te faz mal, filha!...

— E' só por isso? affianças que não tens outro motivo?

Campos respondeu com um movimento de hombros.

— Olha lá!... ameaçou a bonita senhora, sacudindo um dedinho da mão direita. — Olha! que sou muito capaz de, hoje em diante, não perder mais uma só valsa!...

Elle repetio o movimento d'hombros, e acrescentou: — Isso é lá contigo, filha; a saude é tua, faze o que entenderes, ora essa!

Algumas pessoas perceberam o seu máo humor e riram com disfarce.

N'essa occasião, Amancio encostado ao bufete, pedia que lhe servissem um grog á americana.

Está retemperando a fibra? perguntou-lhe um sujeito magrinho, elegante, meio calvo, a bater-lhe amigavelmente no hombro.

O estudante voltou-se apressado e, logo que viu o outro, exclamou :

— Oh ! o Dr. Freitas ! Como passou ? Não sabia que estava também por cá !

Freitas respondeu com a sua vozinha gasta — que chegára havia pouco ; não lhe fôra possível vir antes ; tivera que acompanhar o enterro de um parente. — Coitado ! cacete até depois de morto, tres necrologios de hora e meia cada, um !... Ah ! os parentes ! os parentes eram uma desgraçada invenção, principalmente si não deixavam alguma coisa !

E, depois de retezar o peito da camisa e puxar a golla da casaca :

— Mas então como ia o Sr. Amancio de Vasconcellos ?... Pela physionomia jurava-se que tinha saude para dar e vender, e, pelos actos, não parecia menos disposto, *porque o Freitas presenciára a conversa do amigo com Hortencia.

E rindo : — Homem, faz você muito bem ! Aproveite enquanto está no tempo ! Si eu tivesse a sua idade, com a experiencia de que disponho hoje, não havia de proceder como procedi ! Oh ! aquelle aphorismo tem muito fundo ! « *Si jeunesse savait...* »

E a olhar para os pés, com um gesto cheio de tédio : — Gostei de o vêr na valsa, gostei seriamente ! Ah ! Eu é que já não sou homem para estas coisas ! Aceito tudo, menos o que me obrigue á fadiga !...

Amancio fez-se modesto ; negava que dansasse bem ; mas o outro, em vez de insistir nos elogios, como esperava elle, perguntou-lhe muito descansadamente porque razão não lhe appareceu depois da primeira visita ?

O estudante desculpou-se com a falta de tempo e excesso de estudo. Havia, porém, de apparecer, mais tarde.

As suas relações com o Dr. Freitas procediam de uma carta de recommendação, que um amigo do velho Vasconcellos lhe arranjàra. Freitas era uma excellente

amisade para qualquer estudante pouco escrupuloso ; dispunha de optimas relações, que podiam servir de empenho nas épocas apertadas de exame.

Tinha alguma coisa, gostava de ir á Europa de vez em quando, e os seus quarenta e tantos annos não espantavam a ninguem ; ao contrario, ainda havia muito olho esperto de mulher que se arregalava para o vêr. Isto sem fallar nas senhoras que se fôram aposentando, em quanto elle parecia eternamente empalhado nos seus fraques irreprehensíveis, nos seus chapéos á moda e nos seus enormes sapatos á ingleza, de um elegantismo feróz. Em consciencia, ninguem poderia qualificar sinão de rapaz. As mulheres eram o seu fracco, o seu vicio mais accentuado ; varias anedoctas suas, inspiradas n'este assumpto, corriam de bocca em bocca ha vinte annos.

Amancio ficou muito seu camarada, desde a primeira visita. Em menos de uma hora de conversação, fallavam já sobre as cocotes mais conhecidas na Córte ; e, alguns dias depois, quando se encontraram na Phenix, o Freitas apresentou-lhe uma hespanholona de buço loíro, a qual n'essa occasião passava pelo corpo mais bonito do mundo equívoco.

— Pois você já está um fluminense acabado ! disse o elegante, a medir Amancio de alto a baixo. — Não imaginei que andasse tão depressa . . .

E, porque voltasse a conversa sobre mulheres, continuou o que dizia ha pouco : — Infelizmente só chegamos a conhecê-las, quando vamos cahindo na idade ; de sorte que é preciso aproveitar o espaço que medeia dos trinta aos quarenta annos ; antes d'isso — não sabemos, depois — não podemos. Ah ! si aos vinte já se conhecesse a mulher . . . si então já se soubesse quaes são os seus gostos e as suas preferencias . . . si tal acontecesse, nem uma só se conservaria virtuosa ! . . . Mas, n'esse periodo dos sonhos e das illusões, no periodo em que está o senhor, meu amigo, ninguem é capaz de

uma audacia ! Para chegar a fazer qualquer coisa é preciso ser provocado, mas muito provocado !

Amancio protestava com um sorriso pretencioso.

— Oh ! oh ! exclamou o outro, cheio de experiencia, a calçar o monoculo sobre o olho. — Já tive a sua idade, meu amigo, já tive a sua idade ! Pensava então que, para agradar mulheres, era indispensavel fazer-me bonito, meigo, romantico, attencioso, que sei eu !... Engano ! puro engano ! Ellas aborrecem tudo isso, e só exigem tres coisas n'um homem : a primeira — muita audacia ; a segunda — um pouco de intelligencia ; a terceira — algumas relações na boa sociedade ! e... ainda temos uma de que me esquecia e que entretanto é a base de todas as outras : — Não ser seu marido !... Com estas quatro qualidades, desde que se tenha mocidade e boa disposição, não ha mulher que resista ! Quanta á belleza, boas maneiras e bom character — historias, homem ! historias ! Ellas, ao contrario, detestam os typos afeminados e não morrem de amores pelos sujeitos rigorosamente honestos e bem comportados. Qual ! Querem o seu bocado de vicio ; o bello do deboche de vez em quando, para variar !...

E, mettendo as mãos nos bolsos da calça, e jogando o corpo com um ar canalha :

— Lá para a seriedade basta-lhes o marido ! E' boa !

Amancio ria-se, abarrotado de intenções. O Freitas foi n'esse momento apprehendido pelo dono da casa : « As damas reclamavam a sua presença, d'elle, nas salas ! Era preciso não se metter pelos cantos ! »

O Dr. Freitas deixou-se levar, sempre muito enfadado ; mas, antes de ir, bateu no hombro de Amancio e segredou-lhe com a sua voz de tuberculoso :

— Aproveita, menino, aproveita ! Não mandes nada ao bispo !

Iam já desaparecendo os convidados. Os paes de

familia toscanejavam encostados ás hobreiras das portas, espêrando, com os braços carregados de capas e mantas, que as mulheres e as filhas se resolvessem a seguir para casa. Havia um vago tom de cansaço nas physionomias; entretanto, alguns cavalheiros jogavam ainda, em um quarto proximo, á luz tremula das vélas de stearina. O Mello conduzia senhoras pelo braço á porta da rua, agradecendo-lhes muito o obsequio de aceitarem o seu convite.

Foi Amancio quem ajudou Hortencia a entrar na carruagem. O Campos parecia contrariado com a demora,—ha duas horas que desejava se retirar.

Encurtaram-se as despedidas. O horizonte principiava a franjar-se com os galões prateados da aurora, e, do lado das montanhas, desciam tons matutinos de natureza que desperta.

Hortencia, muito embrulhada na sua capa de cazimira branca e guarnecida de arminhos, atirou-se com impaciencia sobre as almofadas do carro, levantando um luxuoso farfalhar de sedas que se amarrotam. Logo, porém, que o cocheiro sacudio as redeas, ella chegou o rosto á portinhola, e gritou para fóra:

— Apareça domingo! Vá jantar comnosco. Adeus!

Amancio, perfilado na calçada, o chapéo suspenso na mão direita, em attitude de quem faz um cumprimento respeitoso, disse, agitando o braço:

— Adeus, minha senhora. Hei de ir.

O carro do Campos tomou a direcção da praia de Botafogo; o rapaz ainda o acompanhou com a vista; depois, levantando os hombros e abotoando melhor o sobretudo, metteu-se n'um tilbury que se approximava lentamente e mandou tocar para a casa de pensão.

O animal desparou, sacudindo as crinas ao vento fresco da manhã.

Amancio accendeu um charuto e, com os olhos meio cerrados, derreou-se para o fundo do tilbury.

N'aquelle momento sentia gosto em se fazer muito farto, muito cansado de amores. Suas ultimas impressões enchiam-lhe o cerebro de uma especie de vapor azotado, que asphixiava todos os outros pensamentos.

— A continuarem as coisas d'aquelle modo, dizia elle consigo, chupando o charuto aõs solavancos do carro, — em breve o tempo será pouco para tratar só dos namoros!...

A cada passo que déra na sua inutil existencia, rasgára com o pé uma pagina do livro das illusões. Mas, a presença d'este raciocinio, longe de affligil-o, dava-lhe á vaidade um certo prazer doentio e picante.

— Como poderia acreditar agora nas taes virtudes femininas?... Pois si até falhára a propria mulher do Campos!...

Quando poderia elle imaginar que Hortencia, tão severa e tão grave ainda ha pouco, uma creatura por quem todos « mettiam a mão no fogo », fosse assim leviana e facil, como as outras?...

E Amancio saboreava esta convicção, porque, a despeito do que disséra aos amigos no *Hotel dos Principes*, sua consciencia, por conta propria, tomára sempre a defeza de Hortencia e insistia em mostral-a cercada de um grande prestigio venerando e respeitavel.

— A consciencia agora que fallasse!

E refoscillava-se todo com o seu triumpho. — Agora é que elle queria saber quem tinha razão; sim, porque, em quanto procurava se convencer de que devia esperar de Hortencia aquillo mesmo, a resingueira da consciencia saltava-lhe em cima com um nunca terminar de razões e apresentava-lhe a « excellente senhora » cada vez mais pura e menos accessivel! E eis que, de sopetão, quando menos se esperava, os factos se erguiam brutalmente para desmentir a impostora.

E elle sorria, vendo as azas do anjo baquearem a seus pés, murchas e retrahidas, como os galhos de uma arvore arrancados pelo nordeste.

— Bem dizia o Simões : « Quando te começarem as aventuras... » E melhor ainda o Dr. Freitas : « Para conquistar as mulheres são apenas quatro coisas necessarias : audacia, boas relações, um pouco de intelligencia e não ser seu marido ! »

E os factos, como disciplinados por estas palavras, formavam ala e começavam a cantar as victorias do estudante. Na sua logica indiscutivel affirmavam elles que Hortencia, o tal modelo de severidade e pureza, morria de amores por Amancio, que o desejava ardentemente, que se entregaria na primeira occasião, fazendo loucuras, dando escandalos, que nem uma heroína de romance !

— Está segura ! exclamou o rapaz, sacudido por estas idéas. O sangue saltava-lhe no corpo ; aquella aventura se lhe afigurava a melhor de sua vida ; seu orgulho pueril, de namorado vulgar, espinoteava qual pôtro que se pilha ás soltas no prado verdejante e prohibido. As outras conquistas vinham logo chamados por aquella, e todas as victimas de sua sensualidade, ou as cúmplices de seu temperamento e de sua má educação, enfileiravam-se defronte d'elle, como um submisso batalhão de prisioneiros.

Chegou á casa ao amanhecer e não dormio logo. Os pensamentos revoavam-lhe no cerebro com o frenez de folhas seccas, redemoinhadas pelo vento.

X

Dormio mal; os sonhos não o deixaram em paz.

A principio, todavia, foram agradaveis: ternos episodios de amores faceis que se encadeavam confusamente, e nos quaes as sensações vinham e fugiam de um modo incerto e deleitoso; depois chegavam os sonhos máos, os pezadelos.

N'estes, as mulheres entravam por incidente, sempre duvidosas; vultos sinistros, de cabellos desgrenhados, rostos lividos, surgiam em torno d'elle e iam-se aproximando, até lhe ficarem cara á cara, n'um contacto frio e incommodo de carne morta. Depois sonhava-se em casa da familia, voltando, porém, justamente do baile do Mello; tinha muito necessidade de repouso, queria continuar a dormir, mas a voz rispida do pae berrava por elle da porta do quarto: « Anda d'ahi, mandrião! Basta de cama! Vê si queres que eu te vá buscar! » E aquella voz terrivel dava-lhe a todo o corpo um tremor de medo, e, ao estrondo que ella fazia, vultos cor-de-rosa, de cabellos loiros, fugiam espavoridos, como rãs que se atiram n'agoa, assustadas pela presença de um boi.

Amancio queria tambem fugir, mas suas pernas pareciam troncos d'arvores seguros ao chão; queria gritar, mas a lingua inchava-lhe na bocca.

Acordou muito fatigado e aborrecido ás duas horas da tarde.

Logo que appareceu na sala de jantar, Mme. Brizard fez-lhe entrega de um bello ramilhete, que lhe haviam

remettido, a elle, com um cartão. Amancio apressou-se a ler. O escripto dizia simplesmente: « Ao Dr. Amancio de Vasconcellos — uma sua amiga. »

Cruzaram-se os pêntrantes risos adequados ao facto. O rapaz, intimamente lisongeado, fingio não se impressionar com aquella manifestação; leu, porém, o bilhete mais duas, tres, quatro vezes.

Era letra de mulher, de Hortencia sem duvida. Estava alli a sua alma, o fogo de seus olhos. Elle cheirou o pequeno pedaço de papel, e pensou sentir o mesmo perfume que, na vespera, durante a valsa, o tinha penetrado até á medula.

Achavam-se presentes o Dr. Tavares, o Pereira, o *Gentleman* e Lucia. Disseram alguma coisa sobre aquellas flôres, menos a ultima, que, junto á janella, parecia preocupada com um livro de capa rôxa. O *Gentleman* fallou de botanica a proposito de uma dahlia vermelha que havia no ramo. Afiançou que esta flôr possuia em si tantas outras flôres quantas eram as petalas de que constava.

— Flôres perfeitas, com todos os orgãos, Sr. Amancio, — estames, calice, tudo!

Amancio, enquanto o Lambertosa discorria sobre a dahlia, leu ainda uma vez o cartão, e, ao levantar a vista reparou que Nini o fixava, cada vez mais insistente.

Amelia déra-se por incommodada e não veio á meza.

O jantar correu, pois, muito frio e constrangido ao principio; pouco se conversava e quasi ninguem tinha vontade de rir. Dir-se-hia que Amancio a todos communicava o seu fastio e o seu cansaço.

Só pela sobremeza o Dr. Tavares narrou, como de costume, algumas anedotas juridicas que presenciára na provincia. Uma d'ellas tinha referencia á uma certa velha que fôra aos tribunaes por haver desancado as costellas do genro.

Mme. Brizard tomou a defeza das sogras, e aproveitou

tou a occasião para fallar no marido de sua filha mais velha.

— Vai muito da educação e tambem um pouco do costume em que a gente os põe!... accrescentou ella autoritariamente. — Mas, genro, não queria que houvesse outro como o defunto marido de Nini. — Era um perfeito cavalheiro! Mme. Brizard nunca lhe vira a cara fechada, nem lhe sorprehendera um gesto mais arrevezado. Elle só a chamava, a ella de « mãesinha »; sempre lhe trazia guloseimas da rua, e, aos domingos, pela manhã, dava-lhe um beijo na testa, impreterivelmente! — Ah! Era uma santa creatura!

Nini suspirou e pôz-se a chorar em silencio.

— Agora temos choro!... pensou Amancio com tédio.

Nini, como si adevinhára tal pensamento, olhou para elle e pediu perdão com um sorriso, ainda mais triste que o choro.

— Eu sou aqui da opinião do Sr. Amancio de Vasconcellos... disse o *Gentleman* a Mme. Brizard, em tom discreto.

Mme. Brizard não sabia, porém, do que tratava o Lambertosa.

— Ah! volteu este. — Refiro-me ao que avançou ante-hontem o nosso illustre companheiro, e indicou Amancio com um gesto, — o que avançou a respeito da vantagem que um novo casamento traria, sem duvida, á senhora sua filha.

— Ah! fez Mme. Brizard, — já não me lembrava d'isso. O Sr...

— Lambertosa, minha senhora, Lambertosa...

— O Sr. Lambertosa é então de opinião que o casamento convem ás enfermidades nervosas?...

O *Gentleman* concentrou a physionomia, limpou o bigode ao guardanapo, ergueu uma faca, e principiou a emitir o seu judicioso e meditado parecer.

Surgiram logo as contendias. Lucia marcou a pagina do livro de capa rôxa e olhou muito séria para os outros,

prompta a dar a sua réplica. Mme. Brizard, enquanto os mais discutiam, tamborilava com os dedos sobre a mēza, a fitar um queijo de Minas, com um gesto profundo e repassado de philosophismo. O Pereira comia consecutivos pedaços de pão, sem abrir os olhos, e Amancio procurava uma evasiva para se escafeder.

Afinal, o Coqueiro, que havia já formado um grupo á parte com o Dr. Tavares, quiz fechar a discussão; mas o advogado ergueu-se de subito, segurou as costas da cadeira, arregalou os olhos, e desencadeou a sua eloquencia.

Em pouco, só elle fallava, esquecido, como de costume, do logar e da situação. Imaginava-se já n'um tribunal, em pleno exercicio de suas funcções.

Pintou flôreadamente o lamentavel estado de Nini. Qualificou-a de « victima innocente dos impenetraveis caprichos de Deus »; descreveu a dolorosa expressão do semblante da « infeliz moça »; disse que os olhos d'ella fallavam a mysteriosa linguagem do amor, e, quando se dispunha a dar afinal a sua esperada opinião sobre o casamento, a pobre enferma, muito vendida com o que vociferava o tagarella a seu respeito, abrio a soluçar estrepitosamente.

A franceza ergueu-se, de máo humor, para pedir ao Dr. Tavares que se deixasse d'aquillo, « por amor de Deus! » D'outro lado o Coqueiro tambem lhe supplicava que se callasse.

Mas o demonio do homem já não se podia conter. As palavras borbotavam-lhe da lingua, como o sangue de uma facada. Fez imagens poeticas sobre o casamento, citou nomes historicos, e jurou, á fé de suas convicções, « que aquella desventurada creatura precisava de um esposo, mais do que as flôres carecem do orvalho; mais do que as aves carecem do ar; mais do que os cerebros carecem de luz! »

E, erguendo as mãos tremulas, recuou dous passos e foi dar de encontro ao copeiro que, por detraz d'elle,

embasbacado, o escutava attentamente, com a bandeja do café nos braços, á espera de uma occasião para apresentar as chicaras.

Mme. Brizard assustou-se, o *Gentleman* deu um salto para não sujar as calças; rolou ao chão uma garrafa, e Cezar, o menino sublime, vendo que os mais velhos faziam tanta bulha, tambem se pôz a berrar.

Coqueiro gritava que se accomodassem por piedade. — Aquillo não tinha geito! Parecia haver alli uma sucia de doudos! oh!

A mucama acudio da cozinha, e Amelia, com um lenço amarrado na cabeça, appareceu na porta de seu quarto, muito intrigada com o motim. Só o Pereira continuava, inalteravelmente, a comer pedaços de pão; é verdade que abrio os olhos duas vezes, mos tornou logo a fechal-os e, segundo todas as probalidades, adormeceu.

Amancio tratou de aproveitar a confusão para fugir da varanda.

— Que especie de gente tão exquesita!... dizia elle em caminho do quarto.— Nada! Aqui ainda estou peor do que na casa do Campos!

Antes de chegar ao gabinete, percebeu que alguem o seguia com difficuldade. A sala de visitas estava já totalmente ás escuras. Voltou-se, e, sem ter tempo de dizer palavra, sentio cahir sobre elle um corpo gordo e molle.

Era Nini.

Amancio, sorprezo e contrariado, quiz arredal-a, mas a hysterica passou-lhe os braços envolta do pescoço e desatou a chorar, com o rosto escondido no seu collo.

— Hein?! disse Amancio.— Que historia é esta?!...

Mas lembrou-se logo das recommendações de Mme. Brizard: « Qualquer contrariedade poderia provocar á infeliz rapariga uma crise perigosa! »

— Ora esta!.. pensou elle aborrecido. — Ora esta!..

E procurou afastar Nini, brandamente. E, como a

teimosa não quizesse obedecer e continuasse a chorar, elle disse-lhe palavras amigas, pediu-lhe, quasi com ternura, que voltasse á varanda; lembrou que não era prudente ficarem alli, sósinhos e no escuro. — Podiam ser sorprendidos! Esta idéa o aterrava mais pelo ridiculo do que pela responsabilidade d'aquella situação.

Nini, entretanto, parecia não ouvir coisa alguma e continuava a abraçar-o freneticamente, com impetos nervosos.

Amancio perdeu de todo a paciencia e arrancou-se violentamente dos braços d'ella.

— Deixe-me! gritou, e correu para o quarto.

Nini acompanhou-o chorando, e conseguiu agarral-o de novo, pelo paletó.

Estava muito nervosa e dispunha agora de uma força extraordinaria.

— Isto não será um inferno?!... exclamou o rapaz, puxando a roupa das mãos de Nini. E, vendo que ella o não largava: — Solte-me, com a bréca! Ora esta! Que diabó quer a senhora de mim?! Solte-me! Arre!

A enferma não fez caso e apertou-lhe os pulsos; seus dedos pareciam tenazes. Amancio debatia-se brutalmente, ouvindo-a bufar, muito agoniada, e sentindo-lhe de vez em quando o suor frio do pescoço e do rosto.

Na sala de jantar serenára a discussão; só a voz do Tavares ainda se destacava. De repente puzeram-se todos a chamar por Nini.

— Olhe! disse-lhe Amancio. — Lá dentro a estão chamando! Vá! Vá!

Ella, nem assim!

— Ora pilulas! resmungou o estudante, despreendendo-se com um empurrão. E ganhou o quarto, puxando a porta sobre si.

Ouvio-se então o baque surdo do corpo pezado de Nini, que foi por terra; em seguida gritos muito agudos.

Correram todos para a sala de visitas; accenderam-se

os candieiros. Nini escabujava no chão, a gritar, esfrangalhando as roupas e mordendo os punhos.

Coqueiro e Mme. Brizard apoderaram-se logo da infeliz. Amancio appareceu com o seu frasquinho de vinagre; o Lambertosa receitou uma doze homœopathica e correu ao quarto em busca da botica; (a homœopathia era uma de suas paixões) Lucia voltou para a varanda. « Que a desculpassem, mas não podia assistir, a sangue frio, scenas d'aquella ordem... Não estava mais em suas mãos! »

O Pereira já se havia levantado da meza e resonava na costumada preguiçosa.

Lucia, ao passar por elle, atirou-lhe um olhar detéido e disse consigo:

— Olha que estafermo!...

Ella ás vezes tomava-lhe grande nôjo, não o podia ver com aquelle ar molle, de mulher grávida, com aquellas palpebras descachidas, a comerem-lhe os olhos, com aquelle sorriso apalermado, aquella voz derramada pelos cantos da bocca, que nem um caldo frio e sebo.

De quando em quando soffria de insomnias, e, justamente n'essas occasiões, nas horas compridas da noite em claro, é que mais detestava o Pereira. Punha-se a contemplal-o longamente, com aseo, fartando-se de olhar para aquelle « pamonha », aquelle « coisa inútil », que alli, ao seu lado, dormia todo encolhido, com as mãos entre as coxas. Vinham-lhe frenesis de enche-lo de pescocões. Já lhe não podia supportar o cheiro doentio do corpo; não lhe podia sentir a humidade pegajosa do suor e a morna fedentina do halito.

A sua ligação áquelle mono era uma historia muito triste e muito sensaborona. Poucos, bem poucos a sabiam, porque Lucia se esforçava quanto lhe era possível por escondel-a, como quem esconde uma chaga vergonhosa.

Ella, « a misera senhora », vinha, entretanto, de gente honesta e bem conceituada, si bem que muito pouco escrupulosa em pontos de educação. Deram-lhe professores de francez, de musica, de desenho; entregaram-lhe enfiadas de romanees banaes e livros de mãos versos; e, todavia, não lhe deram moral e não trataram de lhe formar o carактер. A desgraçada percorreu bailes desde pequenina; ouviu o primeiro galanteio aos dez annos de edade; teve a primeira paixão aos doze; aos quinze julgava-se desilludida e sonhava com o tumulo; aos vinte, como é natural, succumbio ao palavriado de um primo em segundo grão e baeharel pelo Pedro II.

O primo, assim que a vio pejada, « azulou » para o Rio Grande do Sul, onde tinha a familia, e nunca mais lhe deu signal de si.

Foi então que surgio em Lueia a idéa de se utilizar do Pereira. Entre as pessoas que frequentavam a casa de seus seus paes, era elle o unico aproveitavel para casamento. N'esse tempo vivia o dorminhoco ás sopas de um tio suspeito de riqueza aferrolhada, e de quem mais tarde, diziam, havia de herdar o dinheiro. Lueia metteu mãos a obra, mas, por pouco, que não desanimou; Pereira não dava de si coisa alguma, parecia não comprehender as provoações. Era quasi impossivel tirar algum partido d'aquelle animalejo! Ella, porém, não se quiz dar como veneida, e lutou.

Lutou, empregando os meios mais arditos para injectar nos nervos d'aquelle somnambulo uma faisca magnetica de amor. Trabalho inutil! Afinal, vendo que o pedaço d'asno era incapaz de qualquer acção ou reacção, tomou ella a parte aggressiva; e a coisa resolveu-se no mesmo instante.

Depois, como não havia tempo a perder e porque já conhecia bem a paehorra do seu homem, foi pessoalmente ao encontro d'elle, metteu-se-lhe em casa e protestou que faria um escandalo dos diabos, si o

« seductor » não tratasse, quanto antes, de tomar uma resolução muito séria a respeito de casamento.

Pereira não tratou de tomar coisa alguma d'esta vida e nem se abalou com a presença de Lucia. Aceitou-a, como aceitaria outra qualquer imposição, porque elle era dos taes que, ás maçadas da cura, preferem os incommodos da molestia. Só no fim de quatro dias de lua de mel, como Lucia insistisse nas suas idéas matrimoniaes, o pachorrento, declarou, com toda a calma, que lhe não podia fazer a vontade n'esse ponto, em virtude de que, desde os dezoito annos, o haviam casado com uma velha, uma furia, que o Pereira não sabia, nem queria saber, por onde andava.

Lucia perdeu os sentidos; esteve á morte. Os paes, envergonhados com o procedimento indigno da filha, tinham-se ido refugiar na cidade de Campos. Foi o tio do Pereira, o tal das riquezas aferrolhados, quem a salvou; era um velho ainda bem forte e muito mais esperto que o sobrihuo. Deu-lhe casa, comida, roupa e dinheiro.

Uma irmã d'elle, senhora de inyeterado amor a crianças, solteirona, de quarenta a cincoenta annos e que, com o olho no testamento, desejava a todo o transe ser agradável ao mano, encarregou-se do filho do bacharel.

Correram quatro annos. Lucia não vio mais a familia; apenas visitava o filho, de quando em quando.

O Pereira continuava ás sópas do tio, indifferente-mente, como si tudo aquillo não lhe dissesse respeito. Acordava, quer dizer, levantava-se ás dez horas, tomava no quarto o seu banho morno, depois um copo de leite fervido, almoçava ás onze, fazia a digestão extendido no sofá da sala; ás duas horas dormia, depois passeiava pela chacara á espera do jantar, cujo chilo era de rigor ser feito a somno solto em uma rede que elle tinha no quarto.

A' noite, quando conseguia se levantar, jogava o ga-

mão com o tio. Cochilavam ambos, até que se servia o chá, e cada um se retirava para a cama.

— A noite fez-se para dormir! sentenciava um d'elles.

— E o dia para se descansar, resmungava o outro espreguiçando-se.

E recolhiam-se.

O velho morreu de repente; uma congestão que lhe sobreveio ao encontrar Lucia no fundo do jardim ás voltas com um estudante da visinhança.

— Bom! disséra Lucia, alijada afinal d'aquella obrigação que já lhe ia pezando de mais. E fariscou o testamento. Mas o velhaco apenas deixava algumas dividas á praça e dous terrenos hypothecados ao Banco Predial. A coisa unica que ella aproveitou foi Córa, mulatinha de criação, cuja matricula e cuja escriptura de compra estavam em seu nome.

Era preciso, pois, deixar a casa; os credores reclamavam tudo que pudesse dar dinheiro. Pereira sacudiu os hombros; dir-se-ia que não houvera a menor alteração na sua vida. Continuava a dormir tranquilamente, como si as sopas do tio ainda o fossem procurar ás horas da refeição.

Lucia comprehendeu que não devia contar com elle, e tratou em pessoa um comodo para os dous, n'um hotel de arrabalde. Sentia-se resoluta e forte; era ella agora o cabeça do casal; tinha bellos projectos de trabalho: daria licções de piano, de desenho e de francez, até que apparecesse um homem para substituir o estafermo do Pereira.

O homem, porém, não apparecia, como não appareciam os discipulos.

Principiou então para elles um viver perfeitamente de bohemios. Sem trastes, nem dinheiro, nem futuro, nem relações constituídas, andavam aquellas duas almas perdidas e mais a Córa, que adorava a senhora, a percorrer as casas de pensão; sempre sobresaltados,

sempre perseguidos pelos credôres que iam deixando atraz de si.

Em cada lugar se demoravam o maior tempo que podiam, dous, tres, quando muito quatro mezes; até que lhes suspendiam o credito e os dous levantavam novamente o vôo, deixando a divida em aberto e o dono da casa livido, colerico, sem saber ao menos que direcção tomavam os vagabundos.

N'esse perigrinar, Lucia teve uma contrariedade mais profunda— achou-se grávida de novo. Córa deu-lhe conselhos, trouxe-lhe remedios para fazer abortar, nada entretanto produziu effeito. O demonio da criança parecia disputar o seu quinhão de vida com uma persistencia desesperadora.

Nasceu afinal, no quarto de um portuguez na *Fabrica das Chitas*, entre os cuidados mercenarios do locandeiro e o obsequio de alguns amigos, que Lucia fôra conquistando com as sympathias de seu talento musical.

O diabinho pouco durou, felizmente. Desappareceu uns trinta dias depois de ter vindo ao mundo. Morreu mesmo na rua, quando os paes, dentro de um carro de aluguel, fugiam affictos da *Fabrica das Chitas* para uma outra casa de pensão na rua do Cattete.

Córa encarregou-se de atiral-o ao mar. Ninguem vio. Seriam duas horas da madrugada e as brisas marinhas pulverisavam no ar um chuvisco miudo, de Fevereiro.

O menino fôra muito franzino e muito molle; sahira ao pae, o Pêreira. Durante o seu pobre mez de vida só abriu os olhos uma vez, ao expirar.

A casa de pensão era a sexta que Lucia percorria com o supposto marido. Apresentavam-se sempre como casados; elle muito tranquillo de sua vida, feliz; ella inquieta, soffrega pelo tal sujeito, que com tanto empenho procurava.

Quando constou a Lucia que Amancio era rico e atoleimado, umia nova esperança radiou-lhe no coração.

— E' agora !... disse.

E preparou-se para o combate.

Foi por isso que o estudante recebeu, no dia seguinte ao baile do Mello, aquelle ramilhete, tão falsamente attribuido a Hortencia, e porque, uma semana depois, outro ramo, bastante parecido com o primeiro, se achava ás onze horas da noite no quarto do rapaz, sobre a commoda.

— Olé ! disse elle.

E, satisfeito com a intriga, principiou a fazer conjecturas.

— De quem viriam aquellas flôres !... Ah ! exclamou, descobrindo um bilhetinho, escondido entre duas rosas.

E leu :

« Não saibam nunca espiritos indifferentes, nem mesmo tu, adorado fantasista, quem te envia estas pobres flôres. Não o procures descobrir; deixa que o meu segredo vicege e cresça na tepidez do mysterio, á similhaça das plantas melancolicas que reverdecem nas sombras ignoradas dos rochedos. Eu te amo ! »

— Seria de Amelia, seria de Lucia, ou seria de Hortencia?... De Nini é que não podia ser, porque a desgraçada, com certeza, não sabia escrever coisas d'aquella ordem !

Não dormio essa noite; as palavras do ramilhete voejavam-lhe dentro da cabeça, como um bando de mariposas.

— Dé quem seria ?... De Amelia não, não era de suppor; pois que a bonita menina, longe de o provocar, fugia sempre que elle por qualquer modo tentava se abrir com ella em questões de amor; de Hortencia tambem não, não era natural que fosse, porque, em

tal caso, Mme. Brizard, ou qualquer outra pessoa de casa, teria visto o portador. Além d'isso, a mulher do Campos não seria capaz d'aquillo; estava cahidinha — é certo! mas não levaria a leviandade ao ponto de lhe escrever e enviar similhante declaração. O que, porém, não soffria duvida é que os ramos tinham a mesma procedencia.

E Lucia?... E' verdade! E Lucia? Com certeza não era de outra! Sim! tudo estava a dizer que o tal bilhetinho sahira de suas mãos!... aquellas frases poeticas, aquelle mysterio, aquelle franqueza de confessar o seu amor em duas palavras... Não tinha que vêr! era da mulher do Pereira!

E um appetite brutal, inadiavel, substituiu logo a calma sympathia que lhe inspirára Lucia.

Desde que se capacitou de que eram d'ella os ramilhetes, desejou-a com urgencia; queria que ella surgesse alli, n'aquelle mesmo instante, na silenciosa escuridão d'aquelle quarto.

E voltava-se de um para outro lado da cama, sem conseguir pegar no somno.

Esperar até o dia seguinte o momento de estar com ella afigurava-se-lhe um sacrificio enorme, quasi invencivel. Como podia lá descansar, dormir, com similhante preocupação a remexer-se-lhe por dentro, como um feto doudo que lhe mordesse as entranhas?

Definitivamente não conseguia adormecer. Levantou-sé, accendeu um cigarro, abriu a janella, e poz-se a olhar para a lua que estava bôa essa noite. Vieram-lhe logo as conjecturas sobre o como seria a situação, no caso que Lucia apparecesse alli, n'aquelle instante. « Que succederia?... Qué fariam elles?... »

Duas horas bateram na sala de jantar.

— Diabo! resmungou Amancio, sentindo arrepios por todo o corpo. — D'esta fórma perco a noite inteira, e amanhã estou impossibilitado de ir á academia!...

A idéa do estudo apresentava-se-lhe sempre com um

sabor muito amargo de sacrificio. Lembrou-se, todavia, de aproveitar a insomnia para correr uma vista d'olhos pela lição; accendeu a véla, corajosamente, assentou-se á mezinha que havia no quarto e abriu um compendio. Mas não conseguia prestar attenção á leitura; percorreu distrahido duas ou tres paginas e ficou a olhar a chamma tremula da véla, cada vez mais abstracto e mais febril.

Sentio vontade de beber. — Si não estava enganado, — a garrafa de cognac ficára sobre o aparador, na varanda.

Ergueu-se, enfiou o sobretudo e sahio da alcôva.

O sangue não lhe queria ficar quieto. A continuar d'aquelle modo, o remedio que tinha era pôr-se ao fresco e vagar pelas ruas, até encontrar socego.

O cognac não estava no aparador, Amancio, contrariado, desceu á chacara, e foi assentar-se a um banco de pedra. — N'aquelle momento comeria alguma coisa, si houvesse, pensou elle, resolvido a organizar no dia seguinte um bufete no seu proprio quarto.

A lua escondia-se agora entre nuvens; as arvores rumorejavam; tudo parecia concentrado e adormecido.

De baixo viam-se as janellas dos quatro commodos do segundo andar, que davam para a chacara. Lá estava o n. 8, o 9, o 10 e o 11. Começou a pensar nos hospedes d'aquelles quartos: o 11 era do tal Corrêa, o medico que só apparecia alli de quando em quando, « para fazer uns trabalhos que os filhos não lhe permittiam em casa da familia »; o 10 era do *Gentleman*. — Bom massante! Amancio lembrou-se de que lhe promettêra acompanhal-o uma qualquer noite ao *Passeio Publico*. — Havia de ir, disseram-lhe que ás vezes se encontravam ahi bem boas coisas!...

O 9 é que elle não se lembrava a quem pertencia... Ah! era do tal Mellinho, « a perola », como o qualificava João Coqueiro constantemente.

E o 8 de Lucia! da mysteriosa Lucia!

Ella estava alli !... fazendo o que ?... pensando n'elle talvez... talvez dormindo... talvez até nem d'ella fossem o bilheteinho amoroso e os dous ramilhetes !... Quem sabia lá !...

E esta duvida o apoquentava.

— Ora adeus ! disse. — A occasião havia de chegar !... Veio-lhe, porém uma tentação aguda de subir ao n. 8. — Que mal podia vir d'ahi ?... O marido com certeza estava dormindo !... Que poderia acontecer ?...

Levantou-se resolvido ; mas as vidraças do quarto do tal medico, que só apparecia de quando em quando, acabavam de se illuminar.

— Olá !... considerou Amancio, detendo-se. E' o n. 11 !

Por detraz dos vidros havia cortinas de cassa ; nada se podia ver para dentro, apenas duas sombras diffusas projectavam-se na cambracia, ora augmentando, ora diminuindo. Amancio deixou-se ficar onde estava, mordido já de curiosidade.

D'ahi a uns dez minutos, pela escadinha do fundo, desciam cautelosamente, um sujeito alto, todo de escuro e mais nma mulher gorda, de enorme chapéu, cujas abas lhe cahiam sobre os olhos, ensombrando-lhe o rosto.

Vinham um atraz do outro, porque a escada era estreita. Atravessaram a chacara, fallando em voz baixa, e entraram no corredor.

Amancio acompanhou-os, de longe, e tripetrepé.

A porta da rua estava aberta, como de costume ; um carro esperava pelos dous lá fóra ; o cocheiro dormia na boleia. O snjeito do n. 11 deu a mão á mulher das grandes abas, ajudou-a a entrar na carroagem e, em seguida, entrou tambem. O cocheiro fechou sobre elles a portinhola, sem lhes dar palavra, depois saltou para o seu posto e tocou os animaes.

— E que tal ?... interrogou Amancio de si para si, quando os vio partir.

Lembrou-se então do que lhe disséra o velhaco do

Coqueiro por occasião de mostrar-lhe a casa « Quanto a certas visitas... isso tem paciencia... lá fóra o que quizeres, mas, d'aquella porta para dentro... »

—Hypocritas! pluralisou o estudante.

E encaminhou-se para o segundo andar.

Subio pela escadinha do fundo, não a do medico, mas pela outra do lado opposto; porque havia duas.

O primeiro andar continuava em completo silencio; no segundo apenas se ouvia, de espaço a espaço, um tossir secco e agoniado, que vinha naturalmente do n. 7, onde morava o tal moço doente. O pobre diabo peiorava á falta absoluta de meios.

Amancio entrou ás apalpadellas no corredor que dividia os oito quartos. O luar filtrava-se a custo pelas venezianas e pelas vidraças da janella e sarapintava o chão de pequeninos pontos brancos.

O n. 5, onde residia o Paula Mendes com a mulher, era o unico que tinha luz; uma forte claridade rebentava por cima da porta fechada e ia projectar-se na parede do n. 10 que lhe ficava fronteiro. Mas ainda assim o corredor estava bem escuro.

Amancio parou defronte do n. 8. — Era alli!

Encostou o ouvido á fechadura; nem signal de vida. — Lucia com certeza dormia profundamente.

— Dormia! pensou o estudante. — Dormia, sem preocupações nem cuidados; ao passo que elle, por não encontrar descanso, errava pelos corredores desertos, como uma alma penada! — Para que então se lembrára aquella mulher de ir mexer com elle?!... Si a sua intenção era dormir, para que o foi provocar? para que lhe foi bulir com o sangue? Oh! aquella silencio do n. 8 o irritava! Aquella indifferença áfigurava-se-lhe uma affronta ao seu amor proprio, um attentado contra o seu orgulho!

E, quanto mais se convencia da impossibilidade de

fallar essa noite a Lucia, mais e mais os seus sentidos se assanhavam! Afinal, já não fazia grande questão de ser com ella propria; aceitaria qualquer outra que o arrancasse d'aquella anciedade em que se via entalado, como se estivesse dentro de uma armadura em braza.

— Que inferno! dizia elle comsigo, rangendo os dentes. — Que inferno!

E, sem animo de ir embora, permanecia encostado á porta do n. 8, deixando-se comer aos bocadinhos pela febre do seu desejo; ao passo que o corpo inteiro lhe arfava com o resfolegar afflictivo dos pulmões.

— Todavia, pensou elle, — quantas mulheres não o desejariam ter junto de si n'aquelle momento?... Donzellas até, quantas, n'aquelle instante, não se estorce-riam no leito e não morderiam os travesseiros, desvai-radas pela isolação?

E saborosas lembranças de amores extinctos, que o tempo e a ausencia tornavam mais perfectos e mais dese-javeis, acudiam-lhe simultaneamente ao espirito, para lhe augmentar as torturas da carne. As suas amantes do passado eram agora ainda mais attrahentes e formosas; em todas ellas não havia um labio sem sorriso, um olhar sem fogo, era tudo opulento de graça e de meiguice, era tudo encantador e completo.

Pôz-se a arranhar devagarinho a porta, dizendo quasi em segredo o nome de Lucia. Nada, porém, respondia; o mesmo silencio compacto enchia as trevas do corredor.

Seu desejo, estimulado e tonto, evocava então todos os meios de saciar-se; descobria hypotheses absurdas, inventava possibilidades que não existiam. Amaneio chegou a pensar em Amelia, em Mme. Brizard, na mu-cama, e até, que horror! em Nini!

— Ai, meu Deus! gemeu n'esse instante o doente do n. 7.

O estudante deixou a porta de Lucia e seguiu em ponta de pés pelo corredor. Ao passar defronte do quarto do Paula Mendes, suspendeu o passo; a luz

continuava com a mesma intensidade; o curioso não resistio a uma tentação e espiou pela fechadura.

O pobre homem trabalhava, vergado sobre uma mezinha estreita e toda coberta de papeis de musica. Ao lado, pelas cadeiras e sobre um sofá de couro negro encostado a um biombo, havia folhas esparsas e cadernetas empilhadas.

Recebêra n'essa tarde a encomenda de organizar uma symphonia, que tinha de ser executada d'ahi a quatro dias em uma festa fóra da cidade. O imperador prometteu que iria.

Mendes estava ainda organisando as partes cavadas. Ouvia-se ranger a penna no papel grosso de Hollanda, o tic-tac de um despertador de metal branco, pousado sobre a commoda, e o grosso resonar da mulher, que dormia por detrás do biombo. O rabequista parecia menos triste n'aquella occasião do que nas outras em que o vira Amancio.

— E' porque a mulher está dormindo, calculou este, lembrando-se do máo genio de Catharina. E considerou sobre a existencia ordinaria que levariam alli, encurraladas no mesmo cubiculo, aquellas creaturas tão opostas.

O Mendes, sem desprender a penna do papel, começou a solfejar em voz baixa o que escrevia; mas, como lá dentro cessaram os roncões da mulher e esta se remexeu na cama, resmungando, elle incontinenti calou a bocca e proseguio em silencio no seu trabalho.

— Ainda estás com isso?! perguntou ella, afinal, depois de uma pausa.

O marido respondeu affirmativamente.

— Pois, homem, vê se acabas com essa porcaria! Bem sabes que, emquanto houver luz no quarto, não posso pregar olho!

E, fazendo ranger as taboas da cama, virou-se de um

lado para outro, accrescentando com a sua voz de homem :

— Deixa isso ! Anda ! E apaga o diabo d'essa luz !

— Não, filha, respondeu o artista brandamente.— E' preciso que este serviço fique prompto amanhã...

E, depois de um muchocho da mulher : — Sabes o quanto precisamos d'este dinheiro... A directora do collegio ainda hontem protestou que despediria a pequena, si eu não lhe arranjasse alguma coisa por conta do que devemos ; o Joãozinho, coitado, ha quasi dous mezes pedio-me que lhe levasse um sobretudo, porque lá no trapiche onde elle agora está trabalhando, faz pela manhã um frio de rachar ; Mme. Brizard, você não ignora, tem-nos apoquentado e...

— E' isto ! interrompeu a mulher. — E' sempre a mesma cantiga ! — De tudo você se lembra, menos do que eu preciso !

— Ah ! si me lembro, filha ! mas é que nem sempre a gente pôde fazer o que deseja... Descansa, porém, que as coisas hão de endireitar e tu possuirás de novo o teu piano de cauda ! Tem um pouco de paciencia...

— Já me tardava essa musica ! Já me tardava a « paciencia ! » A paciencia inventou-se para consolar os tôlos ! Farte-se você com ella ! De conselhos estou cheia, meu amigo ! Quero obras e não palavras !

Mendes não respondeu e continuou a trabalhar, meneando a cabeça resignadamente. Catharina remexeu-se com mais agitação e rangidos de cama, e, d'ahi a pouco, levantou-se de um salto, gritando :

— Arre, com os diabos ! que nem se pôde dormir !

— Olha, os vizinhos, filha !... arriscou o marido.— Lembra-te de que são tres horas da madrugada...

— Os vizinhos que se fomentem ! berrou ella, embrulhando-se na colcha e fazendo tremer o soalho com seus passos de granadeiro.— Não como em casa d'elles, não preciso d'elles para nada !

E, depois de ir beber um copo d'agua ao fundo do quarto :

— Tinha graça ! que eu, além de tudo, não pudesse fallar á minha vontade ! Melhor seria, n'esse caso, que me amarrassem uma bala aos pés e mandassem atirar commigo ao mar !

— Estás de máo humor, filha ! Vê si descansas.

— Não é d'espantar, levando a vida que eu levo ! sempre n'umas porcarías de quartos ! Si se precisa de qualquer coisa, é um « ai Jesus ! » Nunca ha dinheiro ! O almoço é aquillo que se sabe ; o jantar peor um pouco ! Si fico doente, si tenho uma debilidade, não ha quem me traga um caldo ! não ha quem me dê um remedio ! Arrengo de tal vida, diabo !

— O' Catharina !... disse o Mendes resentindo-se— Pois eu não estou aqui?... Algum dia já me afastei de teu lado, ao te sentires incommodada ?

— E antes se afastasse, creia ! porque já me custa a supportal-o quando estou de saude, quanto mais doente ! Casca ! — atirar-me em rosto uns miseraveis serviços que qualquer um faria !.. Pois não os faça, que até é favor ! Passo muito melhor sem elles !

— Está bom, senhora ! está bom ! Não precisa se arreliar ! Veja si descansa, que eu agora tenho que fazer !

— Descansada queria você me vêr, mas era no Cajú, por uma vez, *seu* malvado ! Pensa que encontraria o demonio de alguma tóla, que cahisse na asneira em que eu cahi de se amarrar a um homem de sua laia ! Um pingas ! que anda sempre com a sella na barriga !

E avançando para o marido de olhos arregalados e um punho no ar :

— Mas, podes perder as esperanças, que eu não morro antes de ti, Mané Bocó ! Primeiro has de ir tu, entendes ? ! — Ah ! suppunhas que eu levaria a roer uma vida de chifre e depois rebentava p'ra ahi, emquanto ficavas por cá a te lamberes de contente ! — Um sebo !

Hei de ir, sim, mas depois de te haver feito amargar também um bocado, meu burro velho !

— O' mulher ! cala essa bocca do diabo ! gritou, afinal, o Mendes, arrojando a penna e empurrando os papéis que tinha defronte de si. — Arre ! E' muito ! Arre !

O moço doente do n. 7 expectorou com mais força e pôz-se a gemer.

— Ora, com um milhão de demonios ! gritou o guarda-livros, que morava no n. 6. — Não é possível socegar n'este inferno ! Quando não é a tosse e o gemido da direita, é a resinga e a briga da esquerda ! Apre ! Antes morar n'um hospital de doidos !

Mendes levantou-se, segurando a cabeça com ambas as mãos, e começou a passeiar agitado pelo quarto.

Catharina continuava a sarrazinar, atirando com os pés o que topava no meio da casa. O marido parou de subito, sacudiu a cabeça, depois foi se chegando para a mulher e correu-lhe a mão pela espadua núa e lustrosa, timidamente, como si afagasse a anca de uma égoa bravia.

— Então, filha ? .. disse com ternura— Vai deitar, vai !... Estamos aqui a incommodar os outros... Anda, vai !

— Os incommodados são os que se mudam ! gritou ella.

— E é o que vou tratar de fazer amanhã mesmo ! berrou o guarda-livros. — Estou farto ! Quem trabalha durante o dia, precisa da noite para descansar ! Arre !

— Não faça caso, senhor !... disse o Mendes, e encaminhou-se para a porta.

Amancio, assim que o sentio aproximar-se, fugio pé-ante-pé, com ligeireza.

N'esse momento, o Campello, o tal exquísitão do n. 4, que até ahi não déra signal de si, levantou-se tranquillamente, tomou o seu clarinete, e começou por acinte, a tirar do instrumento as notas mais estranhas e atormentadoras que se podem imaginar. O guarda-li-

vros respondeu-lhe batendo com a bengala nas paredes de tabique e berrando, como um doido, o *Zé Pereira*.

— Ai, meu Deus! ai, meu Deus! continuava a gemer arrastadamente o pobre sujeito do n. 7.

Já pelas escadas, Amancio ouviu as vozes do *Gentleman*, do Mellinho e de Lucia, que acordaram espantados, e em gritos reclamavam contra semelhante abuso.

No andar de baixo, o Piloto, o Dr. Tavares, o Fontes e a mulher, abriram as portas dos competentes quartos, para indagar que diabo queria aquillo dizer. Só o dorminhoco do Pereira não se deu por achado.

Amancio já estava entre os lençóes, quando o Coqueiro percorreu toda a casa, de *robe-de-chambre* e um castiçal na mão.

XI

O guarda livros, no dia seguinte pela manhã, declarou a Mme. Brizard que se retirava da casa de pensão.

— Oh! disse.— Não estava disposto a supportar por mais tempo aquelle zungú! os seus vizinhos eram uma gente impossivel! —Não se passava uma noite em que não houvesse chinfrinada!... Não! definitivamente não podia ficar! De mais— o tísico do n. 7 não lhe dava um momento de descanso com o diabo de uma tosse, que parecia augmentar todos os dias! Nada! antes tomar um quarto no inferno!

Mme. Brizard e o marido procuraram dissuadi-lo de tal resolução. Não lhes convinha perder um hospede tão bom.

O guarda-livros, com effeito, era muito pontual nos pagamentos e não incommodava pessoa alguma, porque só queria o quarto para dormir; verdade é que não fazia o gasto da comida, mas em compensação estava sempre a encommendar ceiatas e jantares que deixavam bem bom lucro.

A ter por conseguinte, de sahir alguém, antes fosse o tal rabequista, o tal Paula Mendes, que, sobre possuir uma mulher insupportavel, achava-se já atrazado nas suas contas, e os donos da casa não viam muito certo o recebimento.

Catharina, assim que soube de similhantes considerações, desceu em tres pulos ao primeiro andar e, atra-

vessando-se defronte do Coqueiro, com as mãos nas ilhargas, gritou-lhe, retilando as prezas :

— Repita você o que teve o atrevimento de dizer a meu respeito e a respeito de meu marido ! Repita ahí, si fôr capaz, que lhe mostro já para quanto presto, *seu* cara de fome !

João Coqueiro, muito pallido e com o labio superior a tremer, exclamou que « sua casa não era Praia do Peixe »; que elle não estava habituado « áquelles banzés ! » Quem quizesse dar escandalos que fosse lá para o meio da rua, que se fosse entender com as regateiras !

— Regateiras e regateiros são vocês, corja de gatunos ! replicou a outra .

Mme. Brizard, que por essa occasião, ainda no quarto, enfiava as botinas, acudio logo, um pé calçado e outro não, e, com tal furia avançou contra a mulher do Paula Mendes, que Amelia, o Coqueiro e Nini não a puderam conter.

As duas atracaram-se.

Os hospedes, que estavam em casa, acudiram todos igualmente. Houve bordoada, gritos, palavrões. Nini teve um ataque de nervos.

O illustre Lambertosa levou varios empurrões e cahio contra uma cesta d'óvos, que o copeiro acabava de pousar no chão, para soccorrer ás senhoras.

E, no meio de toda esta desordem, destacava-se a voz sibilante do advogado Tavares.

— Calma, senhores ! calma ! bradava elle. — Calma por quem sois ! Esquecei-vos de que a unica arma do homem civilisado deve ser a palavra, escripta ou fallada, mas a palavra, a idéa emfim ? !... Esquecei-vos de que cada um de vós possui um cerebro, onde reside uma particula da sabedoria divina, e que só com esse cabedal podeis cruzar as vossas opiniões, sem que seja necessario vos agaitanhardes como animaes ferozes ? !... Virgilio, meus senhores, o immortal Virgilio,

o verdadeiro fundador da eloquência, diz muito acertadamente na sua *Encida*, livro IV, com referencia á desditosa Dido — *Pendet que iteram narrantis ab ore!* Si podemos, pois, convencer com palavras, para que havemos de recorrer aos murros?!...

E, louco do costumado enthusiasmo, dava punhadas freneticas na meza e perguntava em torno com os olhos enviezados e as cordoveias entumecidas:

— E o que dizia Salomão?! E o que dizia Salomão, na sua inquebrantavel sabedoria?! Salomão, meus senhores...

Mas o orador foi interrompido violentamente pelo Coqueiro, que desejava saber si elle podia dispensar o seu quarto ao guarda-livros e mudar-se para o n. 6 do segundo andar.

Haviam combinado essa mudança enquanto o tagarella discursava.

— Salomão! Sr. Dr. Coqueiro, Salomão foi um prodigio!

— Pois bem, já sabemos d'isso, e agora o que nos convém saber é si V. S. cede ou não cede o seu quarto...

Mas não foi necessario tal assentimento, porque Amancio, depois de um signal de Lucia, declarou que cederia o seu gabinete por qualquer um dos quartos do segundo andar.

Coqueiro espantou-se.—Querer trocar o gabinete por um quarto do segundo andar!... Ora, seu Amancio!

— Faz-me conta, respondeu seccamente o provinciano. E, chegando-se para o locandeiro, accrescentou-lhe ao ouvido: — Logo mais te direi a razão porque...

Ficou resolvido que o guarda-livros passaria a occupar o gabinete de Amancio; este iria para o n. 6, e o Paula Mendes e mais a mulher deixariam de comer á meza de Mme. Brizard, continuando, porém, no n. 5, até que liquidassem as suas contas.

Na tarde d'esse mesmo dia, como fizesse bom tempo,

as senhoras combinaram em tomar o café na chacara. Mme. Brizard, Amelinha, Lucia e Nini, mal acabaram de jantar, desceram ao terraço. Coqueiro e Amancio já iriam tambem para o cavaco. — Tinham primeiro que dar dous dedos de conversa.

Os dous rapazes metteram-se no vão de uma janella da sala de visitas, e Amancio, com accentuações de quem detesta immoralidades, disse ao outro, sem transição :

— Coqueiro, estou aqui ha pouco tempo, mas estimo tua familia, como si fosse a minha propria, e, por consequente, entendo que é de meu dever me abrir contigo, sempre que n'esta casa descobrir qualquer coisa que possa ter consequencias graves...

— Mas que ha? perguntou o outro a fital-o, com muito empenho.

— Trata-se de Nini, disse o provinciano em voz soturna.

Coqueiro remexeu-se no canto da janella.

— Sabes, continuou aquelle, — que a pobre menina soffre horriavelmente dos nervos, e creio até que tem qualquer desarranjo na cabeça...

— Sim, porque?

— E' uma enferma, que, si não tivermos muito cuidado com ella, póde vir a dar sérios desgostos a ti e a tua familia...

— Mas, desembucha, o que é que houve?...

— E' que ella, naturalmente em consequencia da molestia, coitada, ás vezes faz certas coisas que... para mim ou qualquer outro rapaz de bons principios não valem nada, mas que, si cahirem nas mãos de um desalmado... sim! Tu bem sabes que ha homens para tudo n'este mundo!...

E Amancio, inflammado pelos principios moraes que elle só cultivava theoreticamente, parecia mais que ninguem preocupado com a pureza dos costumes.

— Mas afinal, que fez ella? perguntou o Coqueiro, impacientando-se.

— Ora, disse o collega, desgostosamente, — tem feito o diabo... Ainda hontem, quando me levantei da meza, seguio-me até á sala e...

— E...

— Principiou a fazer tolices. A pobresinha estava como não calculas!... Tive que recorrer á violencia para contel-a; o resultado foi aquelle ataque!...

E, vendo o ar de espanto que fazia o Coqueiro :

— Digo-te isto, porque me parece que tenho obrigação de t'o dizer; si, porém faço mal, desculpa!...

— Mal? ao contrario! de certo que ao contrario! Fico-te muito grato!

E abraçando-o :

— Acabas de provar que és um homem de bem! A tua acção é de um verdadeiro amigo: não imaginas o quanto eu a aprecio.

— Cumpri com o meu dever... observou o provinciano modestamente.

— Obrigado! muito obrigado! Fico prevenido. De hoje em diante não-acontecerá outra!

— E agora, comprehendes a razão porque não me convinha ficar em baixo, no gabinete?... concluiu Amancio.

— Oh!... Isso, porém, não era motivo para que deixasses o teu gabinetezinho... Eu daria as providencias necessarias!...

— Não, filho, n'estas questões de familia sou muito rigoroso. E agora, o que está feito, está feito! Vou para o segundo andar; é até mais fresco!...

E, depois de ainda algumas ligeiras considerações sobre o mesmo assumpto, os dous rapazes trocaram commovidos um energico aperto de mão e desceram juntos á chacara, onde, debaixo das latadas de maracujá, os esperavam as senhoras, palestrando em familiar camaradagem.

Dias depois, quando Amancio já estava transferido

para o n. 6 do segundo andar, chegaram-lhe ás mãos duas cartas ; uma de sua mãe, outra de seu pae.

Era a primeira vez que o velho Vasconcellos se dirigia ao filho em carta especial.

Abrio logo a de Angela, sofregamente, e a imagem da santa, que as ultimas agitações da vida do rapaz haviam nublado por instantes, como nuvens que escondem uma estrella guiadora, mal começou a leitura, resurgio inteira e lucida á memoria d'elle.

A boa mãe queixava-se de que o filho, ultimamente, já lhe não escrevia com a mesma assiduidade e com a mesma expansão : « Que significava similhante mudança ? D'onde vinha aquella reserva ? porque aquelles bilhetes tão apressados, quasi telegraphicos ?... » perguntava ella com a sua lettra redonda e um pouco tremula. « Porque não me escreves mais a miudo e mais extensamente ? » insistia a carta, « porque, meu querido filho, não me contas toda a tua vida ; não me dizes como passas, e em que te occupas ? Desejo saber si o Campos continúa a ser teu amigo, si na casa d'elle continúa tratado como d'antes. Queró que me relates tudo, tudo que te diga respeito, meu Amancio. Si souberes a falta que tu me fazes, os cuidados que me dá a tua ausencia, com certeza serias melhor para tua mãe. »

E, sempre a mesma, sempre extremosa, sempre com o filho na idéa, enviava-lhe conselhos, recommendava-lhe certas precauçõeszinhas ; as medidas que devia tomar contra taes e taes perigos ; o modo pelo qual devia proceder em taes e taes situações.

Amancio releu varias vezes o que lhe dizia Angela, e respirou largamente, como quem sae de um quarto apertado para um grande ar livre. Mas, si a carta materna o impressionou, a outra o sorprehendeu, porque, de tão affavel e condescendente, não parecia derivar d'aquelle terrivel Vasconcellos, que até em sonhos o aterrava, e sim das mãos amigas de um velho camarada dos bons tempos da infancia.

Estranhou-o logo, desd'as primeiras palavras.

« Meu filho. »

Até então, nunca recebêra de seu pae esse carinhoso tratamento. O Vasconcellos nem ao menos o tratára por tu; nunca lhe dera a beijar a mão ou a face, nunca lhe abrira, enfim o coração, quando este se achava ainda brando e maleavel, para depôr ahi as sementes de ternura, que desabrochariam mais tarde produzindo os bons sentimentos do homem.

Como exigir de Amancio que tivesse agora as virtudes que, em estação propria, lhe não plantaram na alma? Como exigir-lhe dedicação, heroísmo, coragem, energia, enthusiasmo e honra, si de nenhuma d'essas coisas lhe inocularam em tempo o germen necessario?

Elle, coitado, havia fatalmente de ser máo, covardê e traçoieiro. Na ramificação de seu character a sensualidade era o galho unico desenvolvido e enfolhado, porque de todos só esse podia crescer e medrar sem auxilios exteriores.

Vasconcellos, por conseguinte, chegou tarde; encontrou já enrijado e duro o coração do filho.

E, no entanto, toda a sua carta vinha afinada por aquellas primeiras palavras. Agora, de longe, fazia o que, por inepecia, nunca fizera de perto, — dirigia-se amorosamente ao rapaz. Contava-lhe novidades da provincia, commentava certos factos escandalosos, fallava sem reservas de umas tantas coisas, das quaes até ahi nunca se permittira tratar na presença de Amancio.

O tópicio seguinte levou o provinciano ao cumulo da admiração:

« Não digo que te faças um santo, mas tambem não te afogues no torvellinho dos prazeres. Goza, meu filho, porisso que és moço, goza, porém, com prudencia e com juízo; diverte-te, mas evitando sempre tudo aquillo que te possa prejudicar. Lembra-te de que *saude* só tens uma, e molestias ha muitas. O mundo não se acaba! Adeus. Nunca deixes de me escrever e,

quando te vires ahí em qualquer apuro, falla-me com franqueza. »

Tudo isso vinha tarde. Muitas coisas, á similhança do leite materno, só nos aproveitam até certa época. Depois, em vez de fazerem bem, fazem mal.

As palayras de Vanconcellos que, applicadas no tempo competente, dariam optimos resultados em beneficio do filho, eram agora para este um simples pretexto de galhofa. Amancio sorrio da apparente transformação de seu pae.

— Ora para que havia de dar o velho ! . . .

Não obstante, um vago sentimento, ao mesmo tempo amargo e agradável, apoderou-se d'elle. Desfructava certo gosto em merecer aquella intimidade paterna; mas, por outro lado, doía-lhe a consciencia por não ter sido melhor filho; como si o pobre rapaz de qualquer forma contribuire para similhante falta.

E, então, acudio-lhe á memoria uma circumstancia de que jámais se havia lembrado,— a despedida do pae. Vasconcellos estava bastante commovido n'esse momento e abraçava-o chorando. Amancio nunca lhe tinha visto o rosto com aquella sympathica expressão de soffrimento; mas, bem pouco se impressionou na occasião; os olhos conservaram-se-lhe enxutos e o coração quasi alegre com a idéa da liberdade que ia principiar.

Só agora, depois da carta, depois que soube que era amado pelo velho, uma grande tristeza invadio-o todo, e as lagrimas rebentaram-lhe com explosão.

Assim succede sempre aos filhos educados á portugueza, cujos paes como que sentem vexame de lhes patentear o seu amor.

Pobres paes! Quantas vezes não estarão morrendo por afogar o filho, e, todavia, em vez de lhe darem um sorriso carinhoso, um beijo, uma palavra de doçura, fingem-se indifferentes e affastam-se para que o pequeno não lhes perceba a commoção.

Nescios ! Julgam que com isso estabelecem uma corrente de respeito entre elles e os filhos ; julgam que isso é indispensavel para o bom exito da educação ; quando toda essa anomalia só pôde servir para lhes roubar a confiança e a estima dos entes predestinados a dedicar-lhes todas as primicias de sua ternura.

Os paes d'essa especie levam a tal exagero a sua convencional rispidez, que, si acham graça em alguma coisa feita pelo filho, suffocam o riso, medrosos de que qualquer expansão acarrete uma quebra ao respeito filial.

Foi tudo isso, ao justo, que se deu com Vasconcellos a respeito de Amancio. Amou-o, mas com disfarce ; fingio-se director inflexivel, quando era simplesmente um pae como qualquer outro. Muita vez chorou de ternura, mas sempre ás escondidas ; muita vez sentio o coração saltar para o filho, mas sempre se conteve, receioso de cahir no ridiculo.

E não se lembrava, o imprudente, de que o amor de pae é bem contrario ao amor de filho ; não se lembrava de que aquelle nasce e subsiste por si e que este precisa ser criado ; que aquelle é um principio e que este é uma consequencia ; que um vem de dentro para fóra e que o outro vem de fóra para dentro. Não se lembrava, o infeliz, de que o primeiro existirá fatalmente, por uma lei indefectivel da natureza ; ao passo que o segundo só apparecerá si lhe derem elementos de vida.

Foi d'esses elementos que Amancio nunca dispôz para poder amar o pae.

O facto é que, depois da leitura da carta, o estudante sentio, pela primeira vez, algum desejo de dar noticias suas a Vasconcellos ; até ahi só o fazia por honra da firma.

Campos, que lhe appareceu em séguida, veio trans-

formar esse desejo em vontade, fallando-lhe da correspondencia extraordinaria que, pelo mesmo paquete, recebêra do Maranhão. O velho Vasconcellos tambem lhe havia escripto, e, com tanto interessé lhe fallára de Amancio, tão inconsolavel se mostrára e tão saudoso pelo filho, e com tal insistencia pedira ao negociante para olhar pelo rapaz, que o bom homem não hesitou em correr logo á casa de pensão de Mme. Brizard.

O estudante carregou com elle para o quarto. — Ahi conversariam mais á vontade.

— Pois, meu nobre amigo, disse o marido de Hor-tencia, assentando-se defronte de Amancio e batendo-lhe uma palmada na côxa, — seu pae não se cança de fallar a seu respeito. São as saudades, coitado !

E tirando uma carta do bolso para a entregar ao outro : — Leia, leia e veja como está triste o pobre velho ! Ah, meu amigo, acredite que — possuir um pae — é a maior fortuna que se póde ambicionar n'este mundo !

Amancio, entre outras coisas, leu o seguinte :

« Não imagina o Sr. Campos os cuidados em que eu e a minha bôa Angela nos temos visto por cá com a ausencia do rapaz. Nunca pensei que nos fizesse tanta falta. Ella coitada, leva a chorar desde que amanhece, e á noite é aquellá certeza dos sonhos ruins a mais não ser ! Acho-a muito magra e abatida de tempos a esta parte. Então quando não recebe cartas do filho, o que já se observa ha tres vapores consecutivos, fica prostrada de tal modo que se não póde levantar da cama.

« Veja, por conseguinte si alcança que o nosso estudante nunca nos deixe de escrever; duas palavras que sejam, dizendo que está de saude e que vai bem nos seus estudos. Isso, que a elle não custará muito, poupa todavia cá por casa muitas horas de soffrimento e de desgosto.

« Até já me lembrou providenciar no sentido de fazer-o vir no fim do anno passar as férias connosco, não sei, porém, si tal coisa será conveniente ainda tão no

princípio da carreira. O amigo dispensar-me-á o obsequio de escrever a esse respeito.

« Em todo o caso, a idéa de que o senhor está ahí, perto d'elle, e que, pelo que tem mostrado, é devéras nosso amigo, tranquillisa-nos em grande parte. Conto, pois, que olhará sempre por Amancio. Tenha paciência, sei que o importuno com estas coisas, mas que hei de fazer ? dizem tanto d'essa Côrte; fallam de tal fórma do clima e dos mil perigos a que ahí está sujeita a mocidade, que, só a lembrança de uma tísica galopante ou de um d'esses desvios, uma d'essas loucuras que ás vezes accommettem aos rapazes e inutilisa-os para o resto da vida ; uma d'essas desgraças, Sr. Campos, que lhes succedem facilmente, quando elles não dispõem de um bom amigo que os encaminhe e aconselhe ; só a lembrança de tudo isso, meu caro senhor, é o bastante para me tirar o socego do espirito.

« Tenha a bondade, sempre que fallar ao meu rapaz, de lembrar-lhe as obrigações e dizer-lhe com franqueza a responsabilidade que agora lhe assiste. Elle está se fazendo homem e precisa preparar futuro. Sirva-lhe de pae ; acompanhe-o e proteja-o com o mesmo desvelo de que uzou meu irmão para guiar a sua mocidade. »

— Vê ? disse o Campos, abalado com as palavras do irmão de seu protector. — São estes os desejos de seu pae ; ao senhor compete agora, como bom filho, fazer-lhe o gosto, e dar-lhe a felicidade de que elle precisa para o resto da vida. O que estiver em minhas forças está á sua disposição ; mas o senhor tambem deve fazer por si, já não é tão criança para não ver o que lhe fica bem e o que lhe fica mal ! Emfim, tenho toda a confiança no senhor, seu Amancio, e estou convencido de que não me desmentirá !

Amancio, que até ahí ouvia o Campos em silencio e com os olhos presos a um ponto, agradeceu-lhe muito aquelle interesse e jurou que todo o seu empenho era

corresponder á espectiva de seus paes e ser agradavel o mais possivel aos verdadeiros amigos de sua familia.

E a conversa, tomando novas direcções, descãhio em assumptos menos circumspectos. Veio então á bulha o baile do Mello, e Campos se queixou de que Amancio, depois d'isso, nunca mais lhe apparecêra em casa.

— Já tinha a intenção de lá ir domingo...

— Não, contradisse o negociante. — Vá antes sabado, amanhã, que é anniversario de meu casamento. Não ha festa, mas reúnem-se alguns camaradas e toca-se um bocado de piano. Adeus. Não deixe de ir. Olhe, si quizer póde levar seus amigos. Adeuzinho.

Amancio acompanhou-o até á porta da rua e voltou ao quarto.

Estava preocupado; não mais com as cartas da familia, mas com a deliciosa intenção de reatar no dia seguinte o namoro de Hortencia. Só uma pequena circumstancia lhe mareava o ante-gôzo d'esses sonhados momentos de ventura: era a idéa dos seus compromissos como estüdante; sentia-os agravados perante a confiança que lhe depositavam, e agora, mais que nunca, a consciencia do seu relaxamento, a lembrança de haver faltado ás aulas tantas vezes e de não ter aberto livro durante a ultima semana, azoïnavam-no desabridamente.

— Oh! os estudos! os estudos eram o ponto negro de sua vida, o seu desgosto, o terrivel espectro de todos os seus sonhos! As regalias que d'ahi viessem mais tarde, fossem ellas quaes fossem, nunca poderiam compensar aquella profunda tristeza, aquelle aborrecimento invencivel, que o devoravam.

Similhante preocupação tirava-lhe o gosto para tudo, azedava-lhe todos os melhores instantes de sua vida. Cada minuto, que se escoava na ociosidade, era mais uma gôtta de remorso cahida no sombrio pélagos de seu tédio.

E, comtudo, os minutos, os dias e as semanas iam

escapando, sem que Amancio lograsse vencer a sua antipathia pelo trabalho. Olhava com repugnancia para os melancolicos compendios da faculdade, e, quando teimava muito em os conservar abertos defronte dos olhos, quasi sempre adormecia.

Um verdadeiro tormento!

Amancio obteve de João Coqueiro que o acompanhasse á *soirée* do Campos.

Foi uma noite cheia para ambos; si bem que Hortencia, de tão preocupada com os arranjos da casa, muito pouco se déra ás visitas.

Carlottinha, sim, mostrava-se alegre e communicativa que nem parecia a mesma. Chegou-se muito para Amancio, metteu-se com elle de palestra, a fazer pilheria, a criticar das outras senhoras, com visagens disfarçadas e pequeninos risos estalados por detrás do leque.

O estudante ficou pasmo, quando descobriu que toda essa intimidade procedia do namoro d'elle com Hortencia. A' primeira indifecta da rapariga, o rapaz corou e respondeu titubeando. Carlottinha, porém, o tranquillizou, dando a entender que era discreta e interessada nos segredos da irmã.

E, já sem indicios de gracejo, aconselhou-o a que frequentasse a casa com mais assiduidade; um domingo sim, outro não, para jantar. Seria muito bem recebido, *alguem* fazia questão d'essas visitas...

Amancio, no seu seu papel de innocente, quiz saber quem era esse *alguem*, mas a rapariga negou os esclarecimentos e pediu-lhe em segredo que se calasse, piscando o olho para o lado esquerdo, onde acabava de se assentar um sujeito gordo, de barba toda raspada.

— E' o Costa! Nada lhe escapa!... soprou ao estudante por debaixo do leque. E depois, em voz alta, disfarçando:

— Pois o baile do Mello esteve muito bom!...

— Muito... confirmou Amancio. — Ha longo tempo não me divirto assim !... Mas, para a senhora creio que ainda seria melhor, si lá estivesse certa pessoa !...

— Quem ? O guarda-livros?... Ora !...

E, com ar desdenhoso, declarou que ha quinze dias ficára tudo acabado.

— Sériamente ? perguntou o estudante.

— Sério ! E não me sinto com isso, até estimo ! No fim de contas aquillo é um typo impossivel ; tão depressa está para o norte como para o sul !

— Mas a senhora parecia gostar d'elle tanto...

— Pensei que fosse outra coisa... respondeu Carlotinha, franzindo os labios. — Quando, porém, descobri o que alli estava, dei tudo por acabado ! Foi muito bom ; antes assim do que depois do casamento !...

E, para mostrar a sinceridade d'aquella indifferença, ria com exagero e dava a sua palavra de honra em como não tinha paixão por homem nenhum d'este mundo. Havia de casar, sim, porque isso era necessario, mas não que preferisse este ou aquelle. Todos elles eram a mesma coisa, — uns typos !

Amancio defendia o seu sexo, experimentando já pela rapariga uma nascente repugnancia instinctiva.

Quando, ás tres horas da madrugada, os dous estudantes se despediram, Campos, entre muitos offerecimentos, pediu ao « Sr. Dr. João Coqueiro » que voltasse qualquer dia, mas com a familia. Elle tinha n'isso muito gosto.

Coqueiro prometteu fazer-lhe a vontade e retirou-se com o amigo.

Quasi nada conversaram pelo caminho. Amancio parecia afflicto por se metter na cama ; uma vez, porém, recolhido ao seu noço quartinho do segundo andar, não sentia a menor disposição para dormir.

A circumstancia de saber que Lucia estava alli tão

perto, a quatro ou cinco passos, mas inteiramente fóra do seu alcance, o indispunha como se fosse uma pirraça levantada com o fim unico de o affligir.

Não resistio ao desejo de ir, como da outra vez, espreitar pela fechadura do quarto em que ella morava, e encaminhou-se sorrateiramente para o n. 8. N'esta tentativa, porém, foi ainda mais infeliz do que da primeira, porque a janella do corredor ficára aberta, e Amancio principou a espirrar, constipado.

O doente do n. 7 tossicava, de vez em quando.

Amancio voltou ao quarto, muito aborrecido. Abriu um livro, mas repellio-o logo, com tédio. Lembrou-se de fazer café. (Na vespera comprára uma machina-zinha e os petrechos necessarios para isso). — O melhor, porém, seria tomar o café depois de um banho. Deulume á machina e desceu ao primeiro andar, já despedido e rebugado no lençol.

Queria passar pelo quarto da mucama, que elle agora sabia ao certo onde era ; mas, na occasião em que entrava na sala de jantar, deteve-se cautelosamente com a presença de um vulto que acabava de apparecer do lado opposto. A custo reconheceu Coqueiro ; do logar onde se achava podia observar sem ser visto. O dono da casa atravessou pé ante pé a varanda e, encaminhando-se para o fundo do corredor, sumio-se no tal sitio, por onde justamente queria passar o outro.

— Será possível?... considerou Amancio, que se adiantára precatamente para certificar-se do que vira.

— Que grande velhaco !

E era aquelle typo que, « por moralidade não admitia em casa certas visitas !... » — Ah, meu pulha ! pensou o estudante.

— Como podia agora tomar a sério a casa de Mme. Brizard?... Que juizo devia fazer de toda aquella gente? E Amelinha? o que vinha a ser aquella Amelinha?...

Dois espirros cortaram-lhe a teia dos raciocinios, e

em seguida um calafrio muito penetrante lhe percorreu o lombo, Sentio-se indisposto; não obstante, desceu ao banheiro. — Aquillo desappareceria com um pouco d'agoa pela cabeça.

Mas, quando voltou ao quarto, já lhe doía o corpó e tinha as pernas entorpecidas levemente.

Tomou uma chavena de café, bebeu um gole de cognac, e metteu-se na cama, tiritando.

Não se pôde erguer no dia seguinte. Coqueiro apresentou-se-lhe no quarto, logo pela manhã, muito sobresaltado com os incommodos do querido hospede. Estava mais inquieto do que si se tratasse de salvar a vida de um parente insubstituivel.

Perguntou si Amancio queria medico; si precisava de alguma coisa. — Que diabo! dispuzesse com franqueza. Elle estava alli ás suas ordens!...

O doente apenas desejava que o amigo dêsse um pulo á agencia dos vapores e trouxesse o constante de um conhecimento, que lhe pedio para procurar nas algibeiras do fraque.

Coqueiro obedeceu promptamente.

Era um pacote de doces que lhe enviava a mãe. Havia frascos de bacurys em calda, muricys, cajús crystallizados e buritys em massa para refresco. Amancio, logo que o collega voltou com o presente, fez acondicionar tudo sobre a meza, defronte de sua cama.

N'esse instante, Mme. Brizard e Amelinha invadiam-lhe o quarto, ávidas de informações.

— Que tinha o Sr. Vasconcellos? — Que sentia? Como lhe apparecêra a febre?

E a franceza, depois de consultar o pulso ao rapaz, affiançou que aquillo não valia nada. Elle que tomasse um suadouro, que se deixasse ficar na cama e havia de ver que no dia seguinte estava prompto.

Lambertosa, chegando logo em seguida, pedio ao doente que aceitasse uma dóze de aconito e deixasse o resto por sua conta.

Mas a febre recrudesceu depois do almoço. Amancio queixava-se de dores na cabeça, na espinha e nos quadrís.

— Tudo isso é ar! afirmou o *Gentleman* autoritariamente. — Aconito! Dê-lhe com o aconito!

Foi Amelinha a encarregada de ministrar ao doente, de hora em hora, uma colher do remedio.

Mme. Brizard fallou muito da inconstancia do clima do Rio de Janeiro, das precauções que se deviam tomar contra as humidades; do risco que havia em comer certas fructas e, afinal, retirou-se, tendo apalpado ainda uma vez o pulso e a testa do hospede.

Amelinha revelava-se extremamente solícita. Andava no bico dos pés, a borbolétear pelo quarto, arrumando os livros sobre a meza, apanhando a roupa espalhada pelo chão, acudindo a qualquer movimento do estudante, que dormia entanguecido debaixo dos lençóis.

Elle, coitado, parecia cada vez peor. Ardiam-lhe os olhos desabridamente; o halito queimava; não podia supportar o cheiro do fumo e queixava-se de muita sede e comixão pelo corpo.

Amelinha, sempre irrequieta e passarinheira, preparava-lhe copos d'agoa com assucar. Agachava-se á borda da cama, mexia e remexia com a colher o sacharifero calmante e, depois de o provar com a pontinha da lingua, passava-o ás mãos de Amancio. Este, porém, mal bebia, voltava-se de novo para a parede, gemendo de olhos fechados.

Pelas duas horas da tarde, Lucia pedio licença para lhe fazer uma visita. Entrou cheia de cerimonia, e assentou-se gravemente em uma cadeira, á cabeceira do leito.

O doente voltou-se logo e agradeceu-lhe aquella fineza com um olhar muito triste e injectado de sangue.

Ella mostrava-se interessada; pedia informações a

respeito da molestia. Amancio respondava com difficuldade. Parecia moribundo.

Mas, quando Amelia sahio e desceu ao primeiro andar, elle tomou rapidamente as mãos da outra e cobrio-as de beijos que a febre tornava mais ardentes e mais queimozos.

— Eu te amo ! Eu te amo ! dizia elle.

— Bem, mas fique quieto ! Isso lhe pôde fazer mal ! retrucava a supposta mulher do Pereira. — Nada de tolices ! Deite-se ! Deite-se !

Amancio libertou os braços do cobertor, apoderou-se da cabeça de Lucia, e começou a beijar-lhe os olhos, a bocca e os cabellos, n'uma sofreguidão irracional.

As lunetas da « illustrada senhora » haviam cahido, e ella encarava o rapaz, sem dizer palavra, a lhe cravar os seus grandes olhos de myope, alterados pelo abuso do vidro de gradação.

Tiveram de disfarçar, porque alguém se aproximava.

O enfermo voltou logo aos lençoes e pôz-se novamente a gemer.

Era o Coqueiro quem vinha. Desde a entrada mostrou-se contrariado com a presença de Lucia. Transpareciam-lhe no rosto os symptomas da desconfiança. Dir-se-ia um ciumento a penetrar de chofre nas recamaras da amante.

— Aquella mulher não podia estar alli com boas intenções !...

E foi de máo humor que o Coqueiro respondeu a uma pergunta dirigida por ella a respeito da molestia.

Lucia, tambem, não deu mais palavra e, logo depois, sahio muito enfiada.

A' noite apresentou-se o Campos, a quem o Coqueiro, de passagem, prevenira dos incommodos de Amancio ; trazia consigo um medico.

Este declarou incontinenti que o rapaz tinha bexigas ; mas, antes que fizessem espalhafato, affiançou que

eram benignas. « Bexígas doidas, catapóras, como vulgarmente chamavam por ahí. Ficassem tranquillos, que o caso não era grave; convinha, porém, ter algum cuidado com o doente: — evitar a acção do vento e muita limpeza com a roupa da cama. »

Receitou e sahio, prommettendo voltar no dia seguinte. Campos seguio-o até á escada do corredor e tornou ao segundo andar.

A mulher do Paula Mendes, que abríra a porta do quarto para escutar o que dizia o medico, rompeu logo a fallar sobre o abuso de consentirem alli « um bexigoso! » D'aquella fórma, em breve a casa se transformava n'um hospital! Já lá tinham um tísico, que á noite não a deixava dormir com o gôgo; agora era um bexiguento; amanhã seria a febre amarella e depois a lepra! — Arre! Em chegando o marido, havia de mostrar o que faria!

Lambertosa, a pretexto de que sentia muito calor, empacotou o que tinha no quarto e lá se foi moscando á franceza.

— Nada! segredou elle em baixo ao Fontes, que jogava o dominó com a mulher na sala de jantar. — Tenho medo d'isto que me pélló; em pequeno vi morrer tres sujeitos de pancada com as taes catapóras! Vou para a chacara de um amigo nas Lorangeiras! E, si a *madame* não tratar de pôr fóra o doente, eu tambem aqui não porei mais os pés!

E, vendo que o Fontes parecia impressionado com as suas palavras: — Pois não acha o amigo que tenho razão?... Pode-se lá admittir um varioloso dentro de uma casa como esta, cheia de hospedes?...

— 'Sta claro! disse a mulher do Fontes, empurrando as pedras do dominó. — Eu tambem aqui não fico! Ou o doente se muda ou então mudo-me eu! E logo o que! — bexigas! Deus nos defenda! Até parece que já sinto um formigueiro por todo o corpo... Crédo!

— Sim, disse o marido, — mas não acredito que

Mme. Brizard esteja disposta a ficar com elle dentro de casa !

O *Gentleman* havia já desaparecido, como se levasse uma féra' a traz de si; os dous outros ergueram-se e conversavam assustados sobre o grande facto; emquanto Nini, que, desde ás cinco horas jazia extendida em uma cadeira ao canto da varanda, com um lenço amarrado na cabeça, escutava-os silenciosamente, os olhos pendurados no vago.

Depois d'aquella scena violenta com Amancio, a pobre creatura se quedára mais apprehensiva e mais triste. Eram suspiros sobre suspiros e nem uma palavra durante o dia inteiro; ás vezes dava-lhe para chorar e não havia meio de a conter.

Em cima o Campos tomou o chapéo e o guarda-chuva; mas, antes de sahir, consultou a opinião do Coqueiro e de Mme. Brizard sobre o que melhor convinha fazer a respeito do varioloso. « Talvez fosse mais acertado leval-o para uma boa casa de saude !... » — Elles que se não constrangessem : si era inconveniente ficar alli o rapaz, fallassem com franqueza, porque tudo se podia arranjar perfeitamente.

Mas os locandeiros protestaram logo, com energia : — Longe de ficarem constrangidos, tinham muito gosto em ser uteis ao Dr. Amancio. — Que já o estimavam tanto, que não teriam animo de o desamparar, justamente quando o pobre moço, longe da familia, mais precisava de cuidados !

— Verdade é que as bexigas não são das más... considerou o negociante, alisando o pello de seu chapéo alto. — Mas os outros hospedes talvez não pensem como a senhora e seu marido... E d'ahi, quem sabe?... queiram deixar a casa e...

Mme. Brizard declarou que por esse lado estava socegada. « Os bons hospedes não desertariam por tão pouco, e quanto aos máos, si se fossem não fariam falta. »

Campos agradeceu pelo recommendado aquella boa vontade; tornou a dizer que não poupassem despezas com a molestia e, quando por ventura houvesse alguma duvida ou alguma difficuldade, era mandar immediatamente um recadinho á rua Direita, que elle lá estava sempre ás ordens.

E ainda voltou ao quarto do rapaz para lhe rogar mais uma vez que não tivesse receio de o importunar em qualquer occasião e, outrossim, para saber si, por emquanto, elle não precisava de mais alguma coisa.

Amancio desejava unicamente que o amigo procurasse descobrir por onde andava o Sabino, que agora lhe fazia muita falta; e, caso o encontrasse, tivesse a bondade de remetter-lh'o; pois seria um grande favor.

Veio á questão o quanto madraceavam os escravos ultimamente. Mme. Brizard jurou que não havia melhor vida do que a d'elles; disse que Amancio fizera mal em consentir que um negro de sua propriedade andasse por ahi tanto tempo, sem lhe prestar contas; quando, alugado, lhe podia dar de rendimento pelo menos quarenta mil réis mensaes. E, de sua parte recommendou ao Campos que fizesse diligencias para descobrir o tratante e o deixasse alli, que ella mostraria si o punha ou não a bom caminho.

O negociante retirou-se afinal, entre novos protestos e novos offerecimentos.

Mme. Brizard, o Coqueiro e Amelinha não abandonaram o quarto do doente até mais de meia noite; ora um, ora outro, acompanhavam-no sempre. Lucia tambem apparecia de quando em quando; ao passo que o marido, sem jamais acordar completamente, nem déra pelo reboliço em que ia a casa.

Por toda a parte sentia-se já o cheiro da alfazema queimada. O exquisitão do n. 4, muito comprido no seu poncho de brim pardo, que lhe batia desairosamente nas tibias mal compostas, espaceava no corredor, cantarolando em voz soturna o *de profundis*.

— Olha que agouro ! resmungou a mulher do Paula Mendes ao vê-lo passar e, já encolerisada pela demora do marido, fechou a porta do quarto com um ponta-pé. — Logo aquella noite é que o diabo do homem entendia de se demorar mais tempo na rua ! Raios o partissem, diabo !

O Mellinho, a perola do n. 9, tambem não apparecêra ; e o Piloto, ao saber, ainda na porta da rua, que havia um bexigoso no segundo andar, fez uma careta, benzeu-se comicamente, e desgalgou pelo mesmo caminho que trazia, affectando tregeitos exagerados de medo. O guarda-livros é que bem pouco se incommodou com a noticia, tinha lá o seu gabinete ao lado da sala de visitas, e ahi com certeza não chegariam os miasmas.

Estava em cima o Coqueiro a discutir com a familia sobre quem devia acompanhar o enfermo durante o resto da noite, quando entrou o Paula Mendes, estranhamente alegre, a cantar em voz alta. O dono da casa correu logo ao seu encontro e lhe pediu que não fizesse bu-lha. — O hospede do n. 6 estava de cama !

Mendes respondeu com descostumada grosseria, arrastando a voz. Catharina ao vel-o n'aquelle estado, fechou bruscamente a porta do quarto, que n'esse mesmo instante havia aberto, e gritou-lhe de dentro « Que fosse cozinhar para longe a bebedeira ! Que voltasse para onde se tinha emborrachado ! Era só tambem o que faltava — que, além de tudo, tivesse de aturar bebados ! Estavam bem servidos !

E todos, com grande espanto, se convenceram de que effectivamente o Paula Mendes vinha ébrio, logo que o viram principiar a bater, como um possesso, na porta do quarto, berrando pela mulher, sem se poder aguentar nas pernas.

— Pois senhores, disse Mme. Brizard, que acudíra com o barulho, — estou pasma ! Desde que o rabequista mora aqui é a primeira vez que o vejo assim !...

— Naturalmente isto foi coisa que lhe fizeram... opi-

nou Coqueiro. — Elle, coitado, é até homem de bons costumes!...

Todos concordaram n'esse ponto, e o hoteleiro, uma vez capacitado de que a peste da Catharina não abria a porta ao marido, carregou com este para o quarto que o Lambertosa acabava de despejar.

— Diabo! resmungou, deixando-o cahir sobre a cama. — Hospedes que só dão de lucro estas maçadas!

Resolveu-se que seria o copeiro quem acompanharia o enfermo durante o resto da noite. O medico recommendára que déssem o remedio de tres em tres horas. Lucia lamentou que, justamente n'essa occasião, a sua Córa estivesse em Cascadura ajudando uma amiga a morrer, porque ao contrario Amancio não teria outra enfermeira. « Ah! não havia como aquella mulata para tratar de um doente!... »

Mas o copeiro assumio o posto que lhe designaram, e cada um se recolheu ao competente dormitorio. Catharina ainda rabujou sozinha por algum tempo; o Paula Mendes cahio n'um somno de chumbo, e a casa foi a pouco e pouco se atufando nas brumas silenciosas da noite.

Só então, de tão fracos que eram, ouviam-se os bufidos cavernosos do tísico que, no triste abandono de sua miseria, continuava a gemer, suffocado pela dyspnéa.

O desgraçado já não tinha forças para sahir á rua. A sua molestia entrára no segundo periodo; cresciam-lhe as dôres do peito e appareciam-lhe agora, pela madrugada, accessos febrís, acompanhados de suores frios e gordurosos.

A magreza desnudára-lhe os ossos, e os elementos faziam-lhe repugnancia. Como era muito pobre, ninguém se interessava por elle; os criados serviam-no mal e a más horas. Traziam-lhe a comida e depunham-na sobre o vellador. « O bodega lá que se arranjasse! »

Mme. Brizard, por mais de uma vez, disséra :
Tambem aquelle estafermo não ata nem desata !...

Por volta das quatro da madrugada, Amancio sentio passarem-lhe brândamente a mão pela testa, e despertou estremunhado.

Um candieiro de azeite derramava no quarto a sua meia claridade tremula e duvidosa. Era tudo silencio e quietação.

— Lucia ! disse elle, reconhecendo-a e tentando passar-lhe o braço na cintura.

— Psiu ! fez a illustrada senhora com um dedo nos labios. — Tenha modo ! O copeiro está dormindo e, como o medico recommendou que não deixassem de lhe dar de hora em hora uma colherada do remedio, eu...

— Meu amor.

— Nada de bulha ! Tome o remedio e trate de dormir, que você está doente.

Amancio bebeu a tisana e com um gemido arrastado pousou de novo a cabeça nos travesseiros.

— Como se acha ensopada esta camisa ! observou Lucia, apalpando-lhe as costas sollicitamente. E perguntou logo onde estava a roupa branca.

O rapaz apontou com difficuldade para a gaveta inferior da commoda, e accrescentou careteando :

— No fundo, ao lado esquerdo.

Ella foi abrir o gavetão, muito de mansinho, para não acordar o copeiro, que dormia a somno solto sobre um enxergão no soalho, e reveio, todo desvelos, com uma camisa aberta nos braços.

— Vamos ! Mude essa roupa. O remedio está produzindo effeito. E' preciso não resfriar.

O estudante despio a camisa suada e vestio a outra.

Agora, sente-se melhor ? perguntou a mulher do Pereira.

Estava assim, assim... Ainda lhe doía o corpo, e a comixão não tinha diminuido. Parecia que lhe passejavam formigas pelas pernas.

— Trate de repousar. Adeus. Eu voltarei de manhã, para lhe dar outra doze do remedio. Até logo.

Amancio pedio-lhe que se demorasse mais um pouco, que se assentasse um instante ao seu lado; ella, porém, muito senhora de si, negou-se formalmente, dizendo com a cabeça que não e recommendando-lhe com um gesto que se accommodasse.

— Ao menos um beijinho. . . pedio elle.

A outra não respondeu e sahio na ponta dos pés.

Voltou pela manhã, como promettêra, mas o copeiro já havia dado o remedio ao doente.

— Então! Como passou? perguntou ella, indo apertar-lhe a mão.

— Ora, mais incommodado com a sua ausencia do que com a minha molestia... respondeu o moço, fazendo um ar infeliz.

— Impressões de momento... retorquiu Lucia, sorrindo. — D'aqui a pouco não se lembrará mais de mim...

E, logo que vio sahir o preto: — Para só pensar na Amelinha...

Amancio fez um gesto de repugnancia.

— Tem toda a razão!... prosequio ella. — toda! Amelinha é moça, é bonita, e póde casar!

— Commigo, nunca!... affirmou o rapaz.

— Não poria a mão no fogo... insistio Lucia.—Agora eu, sim, já sou papel queimado, e estou velha...

— Velha? Dê-me então a sua benção...

Lucia sorriu e estendeu-lhe a mão, que elle beijou avidamente, ficando depois a examinal-a, como se contemplasse uma obra d'arte.

— E' feia... disse a senhora, — é comprida de mais e magra.

— E' adoravel! desmentio o estudante. E tornou a



beijar, com exagerado transporte, a mãozinha que conservava entre as suas.

— Está bom. Chega! Para benção já basta! E ella puxou o braço. — Deve estar a surgir o batalhão de seus enfermeiros ! Adeus.

— Eu os trocaria a todos por ti, minha santa !

— Isso é o que havemos de vêr ! replicou ella intencionalmente. E sahio do quarto.

O Coqueiro, que chegou logo depois, percebeu que Lucia acabava de estar alli, mas não deixou transparecer a sua contrariedade.

— Então ?! perguntou.

O doentê fez uma careta de desanimo.

— Tiveste alguma novidade durante a noite ?

— Nenhuma, respondeu Amancio.

— O remedio, tomaste-o ?

— Tomei.

Coqueiro deu uma volta pelo quarto, para demorar um pouco mais a visita, e disse frouxamente :

— Bem, tenho que ir p'r'as aulas. Até já ! — Loló e Amelinha não tardam por ahi.

E retirou-se, a gritar desde cima pela mucama.—Que viesse arrumar o quarto do Sr. Dr. Amancio !

Mme. Brizard e Amelinha, com effeito, não tardaram a apparecer, fallando muito sobre o terror que a molestia de Amancio produzia nos outos hospedes, confessando as maçadas que tiveram as duas na vespera ; e, por fim, a mais velha desceu para cuidar da casa e a menina ficou para tratar do enfermo.

João Coqueiro, á volta da academia, chamou a mulher ao quarto e perguntou-lhe, cruzando os braços e sacudindo a cabeça :

— E o que me dizes tu da Sra. D. Lucia?...

Mme. Brizard respondeu com um movimento de ombros.

— Bem desconfiava eu!... ajuntou o especulador, depois de uma pausa.—Acredita, Loló, que, desd'a chegada do Amancio, tive cá um palpite de que aquella mulher seria um estorvo para os nossos projectos!

A franceza fez um esgar de duvida. E o esposo accrescentou com raiva:

— Pois si ella não o larga um só instante! Leva a escoral-o, o demonio!

— Não acredites que Amelinha se deixe oodilhar assim só!... observou a esperta locandeira.

— Ora qual! volveu o outro, zangado.—Ninguem me tira da cabeça que esta mudança do rapaz para o segundo andar, foi coisa arranjada por aquella sirigaita!

E, tendo percorrido tres vezes o quarto, parou de repente, muito agitado:

— Mas commigo, bradou, — está enganada! Tenho a faca e o queijo na mão! Posso despachal-os, quando bem entender, a ella e mais o bolas do tal marido! E nem preciso inventar pretextos para os pôr na rua, porque elles já devem ahí perto de dous mezes!

— Pos nós havemos de perder esse dinheiro?! interrogou Mme. Brizard assustando-se.

— Sim, mas é que eu não os deixo ir, sem ficar garantido! E si se quizerem fazer de espertos, confisco-lhes a mulatinha! Não! Aqui para o meu lado é que não se arranjam!

E, recahindo nos projectos a respeito de Amancio:— Uma occasião tão boa para a Amelinha o captivar, si o diabo da intruza não se mettesse entre elles no melhor da coisa! Ah peste!

Mme. Brizard, que se havia assentado, meditava de cabeça baixa.

— Eu até o acho agora mais reservado e mais frio!... proseguio o hoteleiro-estudante. — Já não me consulta quando quer dar algum passo... já não se abre commigo!

E aproximando-se da mulher, exemplificou em voz

de mysterio: — Sabes, aquelle doce que elle recebeu do Maranhão? foi quasi todo para ella! A mim deu unicamente um frasco do tal bacury; (por signal que não lhe acho graça;) para si, creio que guardou uma latinha de geléa, e tudo mais lambeu a gata arripiada!

— Que! Pois elle lhe fez presente de todo o doce que recebeu do norte?...

— Ora! si te estou a dizer!

— Não! exclamou a Brizard escandalizada. — Isso agora não lhe perdôo! A gente aqui a se matar, a desfazer-se em carinhos, e elle a socar no bandulho d'aquella bicha os mimos que recebe da familia! Não! Isto não se faz!

— Pois fez! sustentou Coqueiro. — E, si não abrimos os olhos, ella é capaz de arrancar-lhe até a ultima camisa!

— Dar todo o doce áquella creatura!... repisava a franceza. — E' quanto póde ser!...

— Pois deu!

— Sempre o suppunha outra especie de gente!...

— Não é pelo doce, explanou o marido, — mas sim pelo alcance do facto! Nós, o que devemos fazer é, quanto antes, tomar uma medida muito séria a respeito de tudo isto!

E, fitando a mulher com resolução:

— Vamos a saber! Achas que os devemos pôr no olho da rua?!

— Mas, filho, sem pagarem?...

— Ainda que não paguem, ora essa! Dos males menor! Lembra-te de que o Amancio não inventou a polvora e póde, muito bem, ser visgado por aquella lambisgoia!... A cabra não tem nada de tôla!... Que achas tu?!

— Sim, mas tambem para deixal-os ir com o nosso cobre...

— Fica-se com um documento sellado e pôdemos perseguil-os a todo o tempo!

— Isso é asneira !

— Asneira é perdermos o futuro de Amelinha por causa de alguns mil réis !...

Mme. Brizard ainda hesitou.

— Então ? insistio Coqueiro. — A termos de tomar esta resolução, deve ser já e já, que a oportunidade é magnífica ; talvez até nunca mais pilhemos um ensejo tão favoravel ! — Minha filha, nem sempre ha cataporas !...

A outra, afinal, consentio, e ficou deliberado que o Pereira e Lucia seriam postos na rua, si não saldasse[m] immediatamente as suas contas.

— Estão alli, estão fóra !... prophetisou o locandeiro, esfregando as mãos.

Algumas horas depois, quando o Pereira descrevia tropegamente a sua orbita consuetudinaria entre a meza do jantar e a preguiçosa, Coqueiro, entrepondo-se-lhe no caminho, metteu-lhe na mão uma folha de papel dobrada sobre o comprido, e disse-lhe em tom seguro e repassado de urgencias :

— E' uma nova continha de suas despezas. O amigo desculpe, mas, si me pudesse pagar isto até amanhã, não seria máo, porque tenho de satisfazer aos fornecedores.

— Havemos de vêr... balbuciou o hospede, correndo pelo papel os olhos meio fechados.

O credor advertio-o em voz baixa de que havia já esperado muito e que o Sr. Pereira, pelos modos, não se lembrára d'elle.

— Tem toda a razão... concordou o dorminhoco. — Juro-lhe, porém, que me não esqueci do senhor. Ainda não recebi dinheiro, sabe ?

— Sim, retorquiu o outro, — mas o senhor tambem sabe que eu preciso fazer face aos gastos da casa e...

— Tenha paciência... bocejou o Pereira.—Tenha um pouco de paciência. Hei de cuidar d'isso.

— Mas é que não posso esperar mais, Sr. Pereira!

— Não ha novidade! Póde ficar descansado, que não ha novidade, respondeu aquelle espreguiçando-se, já importunado com o transtorno de não se poder estirar na cadeira. E entregou a conta a Lucia, que se aproximava em ar de curiosidade. Feito isto, deixou-se cahir na preguiçosa, inalteravelmente, como nos outros dias. D'ahi a pouco resonava.

A mulher leu a conta de principio a fim, sem um gesto, nem uma palavra; depois, ainda em silencio, dobrou-a de novo e mettu-a no seio.

No dia seguinte, pela manhã, o copeiro apresentava-se-lhe no quarto, exigindo, em nome do patrão, a resposta do pedido que este na vespera fizera ao Sr. Pereira.

Lucia, molestada com semelhante préssa, respondeu de máo humor que— mais tarde daria uma resposta... O marido ia sahir para buscar dinheiro!

O criado retirou-se, e ella foi logo, muito zangada, despertar o Pereira com um violento empuxão.

— Você é um lesma! exclamou. — Põe-se a dormir d'esse modo, e cá fico eu para me haver com as contas!

— Que contas?... perguntou o homem, esfregando os olhos pachorrentamente e escancarando a bocca.

— Que contas! Você sempre é um traste muito inutil!

— Deixa d'isso, nhanhan...

— Que contas! A conta da casa! A conta do que você e eu comemos!

— Havemos de ver isso...

— Havemos de ver, não! Que é preciso resolver qualquer coisa! O homem quer dinheiro; não me larga a porta!

E, puxando-o por um braço: — Ande! mexa-se!

Pereira não fez caso e tornou a se aninhar na cama, encolhendo as pernas e os braços.

— Você não ouve?! berrou a mulher, desfechando-lhe um murro nas costas. — E' preciso que lhe dê com os pés para o acordar, *seu burro*?!

— Não me amole! tartamudeou elle, sem voltar o rosto. Lucia, que já se não podia conter, saltou-lhe ao gasganete e encheu-lhe a cara de bofetões.

Pereira ergueu-se n'um pulo, e, muito estremunhado, olhou sério para a mulher:

— Ora vamos lá!... disse, e começou a espreguiçar-se, retezando os braços.

— Diabo do sem-prestimo! resmungou a outra com desprezo, enviesando a bocca e cuspidando o olhar por cima do hombro.— Não tem um vislumbre de brio n'aquella cara!

— Já trouxeram o café?... perguntou o *sem-prestimo*, cuidando de lavar o rosto e os dentes.

Lucia respondeu-lhe com uma injuria e sahio do quarto, arremessando a porta; mas reveio logo e gritou em tom de ordem:

— Vista-se já e ponha-se em caminho, que é preciso arranjar dinheiro!

Pereira vestio-se demoradamente, sempre a abrir a bocca, depois seguio para o primeiro andar no seu passo miudo, os braços a jogarem-lhe n'um movimento pendular, como si os tivesse seguros á omoplata apenas por um atilho. Tomou o seu café com leite e o seu pão com manteiga e foi espaçar para a chácara, á espera do almoço.

A mulher seguio-o e, logo que o alcançou, bateu-lhe no hombro:

— Então você não se avia, creatura?! Você não vê que o homem quer dinheiro e que estamos ameaçados de ir para o olho da rua, *seu Pereira*?!

— Mas, que hei de eu fazer nhanhan?...

— Ponha-se em movimento! Vá aos seus parentes, vá aos seus amigos, vá ao inferno! comtanto que arranje alguma coisa para tapar a bocca d'aquelle judeu!

Não me volte de mãos abanando, porque não lhe abro a porta do quarto, percebe?! Você bem sabe que, si bem o digo, melhor o faço!

E, vendo que Pereira não se mexia:

— Então!

— Mas eu hei de sahir sem almoçar, nhanhan?...!

— Pois vá lá! Almoce. Mas é engolir e pôr-se a andar!

— E dinheiro para o bonde?

— Que! Você já gastou os cinco mil réis que lhe dei ante-hontem?!

Pereira explicou que os havia gasto contra a vontade, porque uns sujeitos o obrigaram a pagar cerveja e doces n'uma confeitaria.

— Você é um palerma! disse a mulher. — Tome lá mil e quinhentos. Mas veja agora si também os vai comer de doce!

Desd'a vespera, entretanto, que Amelinha não se despregava do lado de Amancio, sinão quando este dormia ou quando precisava ficar só; levou a costura para o segundo andar, e pôz-se a coser no corredor, assentada á porta do quarto do seu doente.

Uma esposa não se mostraria mais affectuosa; ao menor gemido do enfermo, corria logo para elle, sempre meiga, sempre desvelada. Procurava ajudal-o a supportar a monotonia da molestia; procurava animal-o, distrahil-o, fazendo por ter graça, recorrendo, para o entreter, ao que sabia de mais espirito. Seu pézinho, leve e calçado de duraque, parecia não tocar no chão; seu rostinho, mimoso e fresco como um jambo, não se contrahia ao fartum insalubre das varioloides.

E dir-se-ia que tudo aquillo não visava outro interesse que não fôra a mesma caridade e a mesma dedicação. Nem uma queixa, nem um suspiro, nem um olhar, nem um gesto, que trahissem a esperança de recompensas futuras. Era o bem pelo bem.

O provinciano, muito desvigorizado com a molestia, sentia perfeitamente que os lubricos impulsos, que d'antes lhe inspirava a graciosa rapariga, iam-se agora destecendo e dissipando á luz de um novo sentimento de gratidão e respeito. A primitiva Amelia desaparecia aos poucos, para dar lugar áquella extremosa criança, áquella irmãzinha veneravel, que lhe enchia o quarto com o frescor balsamico de sua virgindade e rociava-lhe o coração com a trefega mimalhice de sua ternura.

Nos momentos da comida é que se podia ver. Amancio tinha grande inappetencia e torcia o nariz aos alimentos; mas a pequena mettia-o em brios, chamando-o de — piégas, de fracalhão, dizendo que elle « parecia um nênem e que precisava levar uns petelecos para tomar juizo. »

E atava-lhe ao pescoço o guardanapo, esfriava-lhe a canja, soprando amorosamente as colheradas, e, para lhe provocar o appetite, paparicava tambem do que vinha e, com estalinhos de lingua, dizia e repetia que estava tudo muito bom e muito gostoso.

Elle, ás vezes, já se fazia mais doente e mais carecido de cuidados, só para desfructar os mimos da enfermeira.

XII

Dias depois, o medico declarou que Amancio estava livre do maior perigo. — As bexigas foram boas e seccariam promptamente, sem quasi deixar signal na pelle.

Dentro em pouco abria-se a janella do n. 6, recolhia-se a ultima roupa que servira á molestia, defumava-se o quarto pela ultima vez, e o mimalho entrava afinal na convalescença.

Logo, porém, que deixou a cama, appareceram-lhe dôres rheumaticas na caixa do peito e nas articulações de uma das pernas. Era o sangue de sua ama de leite que principiava a rabear. Bem dizia outr'ora o medico a seu pae, quando este a encarregou de amamentar o filho.

E, pois, vieram os remedios para a nova enfermidade, e Amancio, a despeito de sua impaciencia por ganhar a rua, continuou encurralado na casa de pensão e submettido a uma dieta rigorosa. Sabino, que o Campos lhe remettêra na vespera, tomou conta do logar que o copeiro exercia durante a noite.

N'esses dias, Lucia muito pouco se chegou para o estudante, receiava com isso provocar da parte do Copeiro alguma violencia contra si.—Ah! ella bem sabia que era guardada á vista; toda aquella familia já nem ao menos disfarçava a vigilancia em que a trazia; andavam todos elles, desde a velha até ao pequeno, a lhe ariscar os passos, descaradamente empenhados em

afastal-a o mais possivel de Amancio.-- Sucia de bandidos !

Com effeito, nunca mais lhe foi possivel até ali fazer ao rapaz uma outra visita nocturna. Mas, justamente no dia em que se arejou o quarto, estava Amancio estendido na cama, a relêr um esphacelado volume do Alencar, quando de repente se abriu a porta e Lucia surgiu, afflicta e apressada, correndo para elle n'um formidavel alvoroço.

Seriam mais de onze horas da noite e a familia do Coqueiro estava já recolhida.

Amancio assustou-se com a visita, mas nem por isso a estimou menos.

Quiz, antes de tudo, saber que terrores eram aquelles. — Que diabo havia acontecido? — Mas si alguma coisa ruim acabava de succeder a Lucia, era, com certeza, por castigo, que ella estava uma ingrata muito grande; já não apparecia aos pobres; naturalmente tinha medo das bexigas!...

— Oh! não! não! vozeou a illustrada senhora, agarrando-lhe ambas as mãos com transporte.— Não! Tudo que vier de ti, Amancio! tudo que te pertence e diz respeito é bom e sublime para mim!

E correu de novo á porta, certificou-se de que a casa estava bem socegada, e tornou para junto do estudante, apalpando dos lados e circumvagando olhares inquietos.

Sabino havia já se esgueirado discretamente pelo corredor; em quanto o senhor-moço, ainda meio aturdido com a aggressão melodramatica de que fôra victima, apanhava, uma por uma, as folhas do Alencar, que se tinham espalhado aos pés da cama.

— Pois, olhe, ninguem o acreditaria!... disse elle, voltando, afinal, do seu espanto e pousando o livro sobre o vellador.

— Porque? interrogou Lucia muito séria e muito dura defronte do rapaz.

— Ora, porque !... porque já não ha quem a vêja ; porque a senhora arribou d'este quarto, como si aqui alguém lhe quizesse fazer mal !

Ella respondeu com um sorriso de tristeza e um resignado sacudimento de cabeça.

— Os factos, pelo menos, assim o affirmam... acrescentou o doente.

— Mas, valha-me Deus ! tornou a outra. — Pois não vês a perseguição que soffro aqui por tua causa ? ! Não vês que sou espiada, seguida e vigiada a todos os instantes ? ! Não vês o ciume que Mme. Brizard, o Coqueiro, a tal Amelia, Nini, o diabo ! affectam por ti ? !

— O ciume ?... perguntou Amancio, devêras espantado. — Mas o ciume, como ? porque ?

— Criança !... disse ella. E passou a mão na testa. — Estás na aldeia e não vês as casas !

— Eu ? !

— Sim, tu !

E, assentando-se á beira da cama, para lhe ficar mais perto, continuou, diminuindo a voz : — Pois não percebes, meu filho, que toda esta gente quer fazer de ti uma propriedade sua ; que esta gente te considera um thesouro precioso e teme que lh'o furem ? Não percebes, meu Amancio, que ha aqui um plano velho, tramado para te fazer casar com Amelinha, isso porque és rico e, na tua qualidade de homem de espirito, pouca importancia ligas ao dinheiro ? !...

— Não ! Dou-te a minha palavra em como, até aqui, nada percebia de tudo isto !...

— Pois fica, então, sabendo que ha uma grande conspiração contra ti ou, por outra, contra os teus bens !

— Ora essa ! disse elle em voz baixa.

— Todos esses carinhos que elles ostentam, todos esses cuidados e desvelos artisticos, são laços armados á tua ingenuidade !

— Estão bem arranjados !... respondeu Amancio, — si esperam que eu case com Amelinha !

— Não sejas hypocrita !... acudio a outra. — Tu gostas d'ella ; não negues !

— Ah ! gosto, não nego. Mas gosto, sem intenção de especie alguma ; gosto, coitada, porque ella nunca me fez mal, porque até lhe sou grato aos seus obsequios ! Mas, d'ahi para casar !...

E, depois de um assovio de grande esperteza :

— Não é o meu typo, o meu ideal ! Demais, ainda não penso em casamento, nem sei si algum dia pensarei n'isso !

— Porque ?

— Ora, respondeu elle, — não vale a pena a gente se casar. Ha por ahi tanta desgraça, tanta decepção que, para fallar com franqueza, não tenho animo...

— Julgas assim tão mal das mulheres ?...

— Com franqueza, é exacto, filha ! Não digo que não haja mulheres virtuosas ; isso, porém, é tão raro !... Prefiro não arriscar !...

— Desconfio de tanto scepticismo na tua idade !

Elle agitou os hombros.

— Um homem com esses principios é incapaz de amar... ajuntou ella.

— Tens em mim a prova do contrario... retorquiu Amancio sorrindo.

— Em ti ?...

— Sim, e sabes d'isso perfeitamente !

— D'isso, o que ?

— Que te amo...

— Não creio...

— N'esse caso, o sceptico não sou eu !

— Si me amasses, já m'ó terias provado...

— Provado ?

— Está claro. Não acredito n'esse amor cauteloso e methodico, que de tudo se arreceia, que se não quer expôr, que tem calma para medir todas as conveniencias, que teme os olhares, os ditos, as considerações de

todo o mundo, que vem finalmente muito mais da cabeça que do coração!

— Não acreditas, então, que eu te ame?...

— Não, de certo! Nem te crimino por isso!... E's ainda muito criança, para sentires o verdadeiro amor, a verdadeira paixão. Essa, que não conhece obstaculos; que tudo póde e tudo vence; que é capaz de todos os sacrificios, sejam do bem ou sejam do mal; essa, que levanta os grandes crimes ou os grandes heroismos! Amar, tu! E porventura saberás ao menos o que é o amor?! Algum dia experimentaste, por acaso, o ciume, o desespero, a loucura, a que nos conduz o objecto amado? Não! Não queiras amesquinhar o unico sentimento que até hoje se tem conservado puro! não queiras amesquinhar a coisa unica respeitavel que resta sobre a terra! Para que possas fallar a esse respeito, primeiro é necessario que ames! é preciso que dês alma, vida, futuro, esperanças, tudo, a uma mulher! é preciso primeiro que te esqueças de teus sonhos mais queridos, de tuas melhores aspirações, para só cuidares n'ella, viveres d'ella e para ella! Então, sim! eu acreditaria em ti!

E Lucia apoderou-se novamente das mãos de Amancio, e as palavras borbulharam-lhe com mais febre.

— Amor é o que sinto por ti, entendes?! Amor é o que me faz esquecer a minha responsabilidade, o meu destino, o meu dever, para estar aqui a teus pés, alheia a tudo, esquecida do passado, descuidosa do futuro; só para te ver, só para te ouvir, só para me saturar toda de tua presença!...

— Entretanto... disse Amancio, procurando afinar a voz pelo tom êmphatico com que fallava a outra,— entretanto, nunca me permittiste fruir contigo os verdadeiros e mais saborosos proveitos do amor! Tiveste a cruel habilidade de transformar um manancial de gosos em fonte perenne de tormentos e dissabores! Si me amas, digo-te eu agora, porque évitas a todo transe

que eu vá além dos nossos beijos?... Si me amas, porque me impões o supplicio do teu rigor? Ah! eu só acreditaria na sinceridade de taes protestos si fosses mais generosa commigo...

— Não! não! contrapôz ella abraçando-o. — Nunca faltarei aos meus deveres! nunca trahirei meu marido! Serei capaz de uma loucura; não, porém, de uma infamia! Seria capaz de fugir contigo, abandonar tudo por tua causa; mas, introduzir-te covardemente na minha alcôva, nunca! Aceitaria um crime, sim! mas havia de aceitar-o sob todas as responsabilidades, com todas as consequencias que elle viesse a produzir! Seria tua, mas não enganando a um outro; seria tua, mas toda, inteira, lealmente! Abandonaria por tua causa meu marido; antes, porém de o fazer, dir-lhe-ia com franqueza: « Fulano! Amo um outro! Não posso continuar ao teu lado, sem que te engane todos os dias e a todos os instantes! Por isso — vou! Amaldiçoa-me, si quizeres, mas não perturbes a minha felicidade! » Deixaria de ser esposa, para ser concubina! trocaria meu nome, minha posição, por algumas horas de delirio, algumas horas de sonho; mas, em todo o caso, a consciencia nunca me acusaria, o coração jámais se teria de maldizer!

Vês?! disse ella, esfolegando cansada de fallar. — E' por isso que até hoje me tenho portado d'este modo contigo; é por isso que domo os meus impulsos e os meus arrebatamentos! — Sou de outro, não me posso, não posso dispôr d'isto!

E sacudia todo o corpo, com uma obstinação provocadora e canalha.

Amancio olhava para ella, mordendo os beiços.

— Si é verdade que me queres possuir... disse a *intransigente*; depois de uma pausa em que se ouvia a respiração dos dous. — Arranca-me das mãos de meu marido e leva-me para onde bem quizeres, faze de mim o que entenderes! Serei tua amante, tua companheira,

tua escrava ; serei tudo que ordenares, comtanto que eu já não pertença a nenhum outro, comtanto que eu tenha comprado com o risco de minha vida a felicidade de nós ambos!

E Lucia, agitando romanticamente os cabellos, que ella por calculo trazia soltos essa noite, perguntou com impeto :

— Comprehendes agora a minha reserva ? ! Comprehendes que, apesar de minhas recusas, eu te adoro, meu Amancio, meu amor, minha vida ? !

Entretanto, accrescentou ella, quando se convenceu de que Amancio não queria cahir no laço, — tenho fatalmente de abafar todos os meus sentimentos, tenho de calcar todos os meus desejos, porque amanhã nos separamos.

Amancio ergueu-se, pasmado.

— Como nos separamos?... interrogou.

— Eu amanhã me retiro d'esta casa... esclareceu Lucia, sem erguer os olhos. — Vou, e ainda nem sei para onde ! Mas, não posso deixar de ir ; manda-me a dignidade que aqui não fique nem mais um instante !

— Como assim ? explica-te !

— Oh ! não me perguntes nada ! Não me perguntes nada, porque, só o que te posso affirmar é que esta sucia... E indicava o andar-debaixo com um gesto tragico. — Esta sucia, receiosa de que eu-te dispute á Amelinha, obriga-me a sahir, obriga-me a separar-me de ti ! Ah ! os miseraveis sabem o quanto eu te amo, meu Amancio ! Temem que eu seja um estorvo ao teu casamento com ella !

— Mas, filha, como te podem elles constranger a sahir?...

— Não me obrigues a fallar, por amor de Deus ! Eu não quero, não devo dizer mais nada !

— Ora ! Isso não é generoso de tua parte ! Si não podes uzar de franqueza, para que então me excitas d'este modo a curiosidade ?

— Não! Não te posso dizer mais nada! Repelle-me, si assim entendes, manda-me embora, mas, por piedade, não me obrigues o corar em tua presença!...

— Corar em minha presença?... Não te entendo, filha! Falla por uma vez. Abre o coração!

— Nunca! nunca!

— Mas é que tu me torturas, Lucia!

E acarinhando-a:

— Vamos! não sejas criança, falla com franqueza... Dize o que te fizeram! Não acreditas então que sou teu amigo? teu amiguinho? Não crês que representas em minha vida uma preocupação constante, um sonho, uma esperança?...

— Sim, sim, acredito, meu amor, mas não me obrigues a tratar de coisas, nas quaes ainda não tenho o direito de te fallar!...

— Ora! que segredo póde ser esse, tão negro, tão repugnante, que não m'ó queiras dizer?... E' preciso que eu mereça muito pouco a tua confiança!..

— Não, não é isso, mas é que me falta o animo para confessional-o... Mudemos de conversa...

— Não queres dizer? Bem! Acabou-se!

— Oh! não me falles d'esse modo, meu querido!

— Então dize o que é.

— E promettes que não me acharás ridicula?... promettes que a revelação do que te vou dizer não me amesquinhará aos teus olhos?...

— Juro!

Lucia tirou uma carta do seio e entregou-a ao estudante.

Logo que este principiou a leitura, ella cobrio o rosto com as mãos, como para esconder a vergonha.

Amancio leu o seguinte em voz baixa:

« Sra. D. Lucia Pereira. Ha quatro dias que entreguei a seu marido uma segunda conta do mez passado e d'este mez, e, visto que até agora não tenho recebido sinão desculpas e promessas, tomo a liberdade de par-

ticipar-lhes que, de hoje em diante, não posso continuar a lhes fornecer comida e que preciso urgentemente do commodo occupado pela senhora e seu marido. Espero, pois, que até amanhã esteja o quarto n. 8 desembaraçado e a minha conta sellada e assignada pelo Sr. Pereira; sem o que, peza-me dizel-o, não consinto que VV. SS. levem comsigo a sua mulata, que é o unico bem de que posso lançar mão para garantir a divida. »

Estava assignado por extenso o nome do João Coqueiro.

Amancio dobrou a carta silenciosamente, ao passo que Lucia continuava a esconder o rosto.

— Em quanto importa?... perguntou elle depois.

Ella, conservando uma das mãos nos olhos, tirou com a outra a conta do seio, e passou-lh'a, sem dizer nada.

— « Quatrocentos e sessenta mil réis, » leu o moço para si. E fez um tregeito com os olhos.

Lucia, ao lado, soluçava, sempre de rosto coberto.

Amancio pensou um instante, e disse :

— Não te afflijas... Eu posso, si quizeres, arranjar o dinheiro para amanhã...

Ella, então, descobriu a cara e, sem uma palavra, abraçou-se ao rapaz e começou a chorar.

— E hoje, perguntou elle, quando Lucia já se dispunha a sair, — hoje mereço um beijo?...

Ella correu para Amancio, sorrindo, e com os olhos fechados, estendeu-lhe os labios.

O estudante, com as duas mãos abertas, segurou-lhe a nuca e principiou a sorver o « seu beijo, » demoradamente, voluptuosamente, como si estivesse bebendo por um cangirão.

Lucia, porém, ao perceber que a coisa se demorava muito, arrancou a cabeça das mãos do rapaz e fugio.

A's nove horas da manhã subseqüente, voltava o Sabino da casa do Campos com a resposta de uma carta

em que o senhor-moço pedia o dinheiro necessario para satisfazer as dividas de Lucia.

João Coqueiro ficou assombrado quando recebeu a quantia; correu logo em busca da mulher...

— Sabes? disse, assim que a vio. — Pagaram!

— Hein?! fez Mme. Brizard, com espanto. — Pagaram?! Tudo?!...

— Integralmente! Cá está o cobre!

E, depois do silencio da admiração:

— E que te parece, a ti, hein, Loló?!...

— Parece-me bom... A metade está feito; agora já não se trata de receber-lhes a conta, é só de os pôr fóra de casa!

— Sim... mastigou o marido, — mas agora tambem é mais difficil fazel-os desarvorar! Já não temos um pretexto para isso!...

— Pretextos não faltarão... respondeu a franceza, e accrescentou: — O que me faz scismar é este dinheiro arranjado assim á ultima hora... porque elles, ainda hontem, estavam bem apertados e o Pereira não arredou pé de casa durante o dia!

O marido reflectio um instante, e depois exclamou, com vislumbres de quem se sente roubado:

— Ora, querem ver que aquella rapoza arrancou estes cobres ao Amancio?!...

Mme. Brizard confirmou o alvitre com um gesto de cabeça.

— E olha que não é outra coisa! repetio o Coqueiro. — Que hoje o Sabino, desde muito cedo, tinha já que fazer á rua!...

— Ora essa!... resmungou a Brizard, indignada e resentida, como si aquelle desfalque na carteira do estudante lhe trouxesse um prejuizo immediato. — Ora essa!... Sempre se vêm coisas n'este mundo!...

— Mas deixa estar que hei de saber de tudo!... prometteu o locandeiro.

E, com effeito, d'ahi a pouco o proprio Sabino lhe

confessava que fôra pela manhã á casa do Campos levar uma carta e que voltára com outra, recheiadinha de dinheiro em papel.

O locandeiro revoltou-se, mas a sua indignação subiu verdadeiramente ao cumulo, foi quando lhe constou que o bom do Amancio, para ter occasião de estar mais tempo com Lucia, recorria a todos os meios e modos de afastar Amelia do quarto.

— Diz que não quer ser importuno, contou a rapariga, — que já bastam os incommodos que me tem dado, que não se acha com o direito de fazer de mim uma irmã de caridade, e de obrigar-me a supportar as suas amolações! E que eu viesse aqui para baixo, rir e conversar com os outros, que elle teria n'isso muito mais prazer!

— E tu, que lhe disseste? perguntou o irmão.

— Eu disse que sentia o maior gosto em prestar ao Sr. Amancio aquellas insignificancias de serviço; que, si os fazia, era por motu proprio!

— E elle?

— Elle disse que não, que não admittia, e que ficava até muito contrariado, si eu não viesse m'embóra!

— Vês?! perguntou o João Coqueiro á esposa, apontando para a irmã. — Vês?! Tudo isto é obra da Sra. D. Lucia!

E, depois de uma pausa afflicta: — Aquella mulher não nos póde ficar em casa! Haja o que houver é preciso que ella se vá d'aqui quanto antes!

E deu a sua palavra de honra em como havia de pôr cobro a semelhante patifaria.

Não socegou essa noite. Emquanto os mais dormiam, andava elle lá por cima, a farejar nas trevas, grudando-se contra as paredes e escondendo-se pelos cantos.

Passou assim algumas horas; mas, afinal, vio Lucia sahir do quarto, pé ante pé, atravessar a medo o corredor e sumir-se, ás apalpadellas, na porta do n. 6.

A sua primeira idéa foi de chamar o Pereira e mos-

trar-lhe a mulher no latibulo do amante, mas considerou que o homem seria capaz de romper com ella e, n'esse caso, a ligação de Lucia com o provinciano tornar-se-ia inevitavel! — Nada! pensou elle. Deixemo-nos d'isso!

Mas, tambem, não convinha desperdiçar uma occasião tão bôa para desmascarar a tal sujeita.

Encaminhou-se, pois, na direcção do quarto do estudante. Lucia, ao sentir que alguém se approximava, correu a fechar a porta por dentro, e fez signal de silencio ao enfermo.

Coqueiro parou defronte do n. 6 e bateu.

— Quem é? perguntou Amancio, no fim de pequena pausa, com a voz levemente alterada.

— Sou eu, disse o outro. Precisava dar-te duas palavras... como vi luz no quarto...

— Desculpa! respondeu o doente. — Mas agora não me posso levantar. Até logo!

— Boa noite! resmungou o dono da casa, e afastou-se.

Lucia fingio-se muito assustada com aquillo: — O Cóqueiro, si veio alli, foi para mostrar que sabia de tudo! Naturalmente espiára pela fechadura!

E pendurou logo uma toalha na chave.

— E' o que se chama ter fama sem proveito!... observou Amancio, a quem as negações da mulher do Pereira já impacientavam.

— Está em tuas mãos!... volveu ella. — Já te expuz com franqueza as circumstancias...

— Tirar-te do marido...

— Está claro!

— Isso por ora é impossivel!... Mais tarde, não digo que não, mas por enquanto...

— E' porque não me amas, disse a illustrada senhora, abaixando os olhos.

— Si te amo, minha vida! si te amo!...

E ameigava-a, procurando beijal-a.

Ella fugia com o rosto, dizendo afflictivamente que

preferia nunca o ter visto. « Antes de conhecê-lo, ainda conseguia supportar o marido abominavel a que a prendêra o destino, mas, depois que fantasiára a possibilidade de viver com Amancio, de possuil-o, todo, sem que outra o disputasse, não mais podia entestar com a miseravel existencia que levava e com os dilacerantes sacrificios que lhe cumpriam ! »

Dito este frazeado, foi-se do quarto, como das outras vezes, a fazer-se rogada, a medir os beijos que dava, a prometter que não voltaria mais, si Amancio persistisse nas costumadas exigencias.

— Ora bolas !... praguejou este, quando se achou só.— D'esta fórma é melhor mesmo que não venha ! Póe-me n'este estado e afinal músca-se, ainda por cima emburrada ! Gaitãs !

Mas a idéa de que aquella resistencia talvez não durasse mais do que o tempo da molestia o consolava em parte. — Sim, porque, em ficando bom, as coisas seriam de outro feitio ! Tinha graça que elle estivesse a pagar contas de quatrocentos e tantos mil réis, só para desfructar a certeza de que a Sra. D. Lucia q amava com todo a ardor de que é capaz uma alma pura e apaixonada ! Qual ! Por semelhante preço preferia não ser amado !

E adormeceu, impaciente por sahir da molestia e entrar no goso da felicidade que elle acabava de pagar adiantado, como si abrisse para todo o anno uma assignatura de amor.

A illustrada senhora conseguira o que esperava : as suas negações faziam-na mais desejada pelo rapaz e davam-lhe, aos olhos d'este, irresistiveis fascinações de coisa prohibida.

Certas mulheres, quando se negam, estão recuando para melhor armar o salto sobre a prêza.

Logo pela manhã do dia seguinte, já o Coqueiro se

apresentava no quarto do provinciano, mas com o aspecto muito resentido, os gestos duros, o olhar cheio de récriminações.

— Então, hontem á noite, tinhas aqui a Lucia?... inquerio de chofre, depois de cumprimentar Amancio seccamente.

O interrogado fez uma cara de espanto.

— Não podes negar! Eu a vi sahir!...

— E' exacto, respondeu o doente, franzindo as so-brancelhas.

— Has, porém, de permittir que eu te diga que andaste muito mal!... repontou o Coqueiro.— Tens de concordar que eu não posso, nem devo consentir em casa semelhante coisa!...

E foi até á janella, olhou a rua pelas vidraças. Amancio não dava uma palayra.

O outro voltou, muito compromettido :

— Isto aqui é uma casa de familia! Sabes perfeitamente que temos comnosco uma menina solteira,—uma virgem! Não é por mim, nem por ti, nem tão pouco pela Lucia; mas é por ella, cébo! por —minha irmã!— a quem sirvo de pae! é por minha mulher, é por minha enteada e pelo menino, é pelos hospedes enfim!...

— Pois acredita que não houve nada de mais!... balbuciou Amancio.

— Não, filho, tem paciencia! Lá fóra o que quizeres, mas d'aquella porta para dentro, não admitto, nem posso admittir!.. E passeiando pelo quarto com as mãos nas algibeiras: — Que diabo! Eu te preveni!...

— Ora o que! resmungou Amancio, indignado com a hypocrisia do collega, mas sem coragem para dizer o que sabia a respeito d'elle e dos costumes da casa.— Não abro o exemplo!... accrescentou.

— O que queres dizer com isso?

— Quero dizer que sei, tão bem como tu, que aquí nem todos são santos!...

— Não te percebo...

— E é melhor justamente que não percebas ..

Mas, como o outro ainda se quizesse fazer desentendido, elle declarou, frisando as palavras, que nem sempre ficava a dormir no quarto durante a noite e que então enxergava, ás vezes, melhor do que mesmo de dia... E fallou indirectamente nas entrevistas do medico do n. 11 e no que sabia do proprio Coqueiro com referencia á mucama.

— Olha! concluiu : — O que te posso affiançar é que a mulher do Pereira só vem aqui ao quarto depois que me acho doente, e, longe de ser com máo fim, coitada, é até com muito boa intenção! — Entra, cavaquea um pouco, dá-me a tomar o remedio e assim como veio se yae embora, entendes tu?!

— Não ha duvida... gaguejou o hoteleiro, cuja furia se esvasiara de repente ás bicadas do outro, que nem um balãozinho de borracha. — Não ha duvida que tu és incapaz de commetter qualquer leviandade dentro de uma casa de familia; mas, a questão são as apparencias, são as más linguas, são os outros hospedes! Não os conheces, filho! Nenhum d'elles acreditará que Lucia venha ao teu quarto só para te dar o remedio e meio dedo de palestra!... Sei perfeitamente que isso é exacto, basta que o digas; elles, porém, não terão a mesma boa fé! muito mais sabendo, como sabem, de quanto é capaz aquella sujeita! Logo quem!...

— Oh! intergeicionou Amancio. — Uma senhora casada!...

— Casada o que!... Da missa não sabes nem a metade!

— Ella, então, não é casada com o Pereira?...

— Nunca o foi! com elle, nem com pessoa alguma! Conheço até a mulher do Pereira, a legitima,—uma velhusca, de oculos, gorda, com um olho agachado, cheio d'agoa. Mora na rua da Pedreira.

Amancio estava tão pasmo quanto indignado; aquella denuncia do collega produzia-lhe o máo effeito

que experimentamos ao dar por falta do relógio.—Pois o demónio da mulher nem ao menos era casada?!... Elle, então, que diabo de papel representára?!...

— Cynica! disse em voz alta.

— Ora! fez o outro.— Não trates de abrir os olhos e dir-me-ás depois as consequências!...

No Rio de Janeiro, proseguio, — havia muito *artista* d'aquella força! Amancio precisava acautelar-se, si não queria ser esfolado completamente. Lucia o que desejava era agarral-o para amante: farejava-lhe os cobres! Elle, porém, que não fosse tólo! que se não deixasse visgar por uma *tyra* de tão baixa especie!

O provinciano jurava que, até alli, já mais conseguira coisa alguma das mãos d'ella.

— Isso sei eu! .. tornou o Coqueiro, com um riso de velha experiencia, — isso não é necessario que me digas, porque já conheço a tactica das Lucias! Negam-se, fingem-se difficeis, para valer mais! Quer obrigar-te a cahir, toleirão!

— Está bem aviada! exclamou Amancio, justamente como ainda na vespera havia respondido á Lucia, quando esta lhe fallou a respeito de Amelia.

Ainda n'esse dia o Coqueiro aproveitou a occasião em que o Pereira fazia a sésta e foi se entender com Lucia.

Disse-lhe o que sabia a respeito das visitas nocturnas ao quarto de Amancio e declarou terminantemente que não estava disposto a consentir em casa semelhantes escandalos. Ella, que tivesse paciencia, mas fosse tratando de fazer as malas e cuidando de pôr-se ao fresco, si não queria soffrer alguma decepção maior!

A illustrada senhora ficou livida, e disparou sobre o locandeiro o mais terrivel dos seus olhares. Uma colera massuda principiou a entupir-lhe a garganta. — Não queria acreditar em tamanho atrevimento!

— E' ! gritou por fim, trincando as palavras. — Você põe-me fóra de casa, porque tem medo que eu lhe tome o amante da irmã !

— Insolente ! bradou o Coqueiro, avançando um passo.

— Não te tenho medo, ordinario ! retrucou Lucia empinando o peito contra elle. — Sahirei d'aqui si bem quizer ! Não te devo nada, entendes tu ? ! Nada !

— Ah ! Não deve porque elle pagou !

— E que tem você com isso ? ! Que tem você com o dinheiro dos outros ? ! Ou, quem sabe si a donzella da irmã passou-lhe procuração !...

— Seja lá pelo que fôr ! eu é que não a quero aqui, nem mais um instante. E' fazer a trouxa e — rua !

— Tambem não preciso ficar n'este bordel ! exclamou ella, e rabanou com direcção ao segundo andar.

— Que diz você, *sua* aquella ? ! assistio Mme. Bizard, cortando-lhe o caminho.

— E' isso mesmo ! respondeu Lucia, escarrando no chão com desdem. E as duas mulheres ficaram alguns segundos a olhar em silencio uma para a outra, de mãos nas cadeiras.

Coqueiro e o Dr. Tavares metteram-se entre ellas.

Lucia subio ao n. 8, apromptou as malas n'um abrir e fechar d'olhos, em seguida vestio-se para sahir, e já de chapéo, a sombrinha na mão, o indispensavel enfiado no braço, correu ao quarto de Amancio.

— Sabes ? bradou logo ao entrar, empurrando a porta com furia. — Aquella bebida e o marido acabam de me enxotar d'aqui por tua causa ! Têm medo que eu te coma ! Não posso ficar nem mais um instante ! Desejo que me emprestes o Sabino !

— O Sabino estava ás ordens, mas para onde se atirava elia com tanta precipitação ?

— Não sabia ! Havia, porém, de encontrar um canto, onde se mettesse ! Havia de descobrir um buraco, ainda que fosse no cemiterio !

E Lucia levantou os punhos até ás fontes, como para se esmurrar, mas cobrio o rosto com as mãos e abriu n'um pranto muito nervoso. Era a reacção que chegava.

Amancio saltou da cama e correu para ella. Desembaraçou-a do chapéo, da bolsa e da sombrinha e puxou-a depois sobre si.

— Não te consumas... disse, — não te mortifiques d'esse modo

— Sou uma desgraçada! respondeu a mulher, assoando as lagrimas. — Nada se cumpre do que eu desejo! Nada! O melhor é dar cabo d'esta vida miserável!

E soluçava com o rosto escondido no peito do rapaz.

Na febre d'aquelle chôro agitado, os seus movimentos transformavam-se em caricias. Amancio sentia-lhe as lagrimas quentes e o contacto carnal dos labios, que ellas ensopavam. Os desejos assanhavam-se-lhe de novo pelo corpo, como insectos que voltam com o calor.

E tornava a cobiçal-a com os mesmos ardores primitivos.

— Não me queria separar de ti... queixou-se ella, afinal, virgulando as suas frases com soluços suspirados. — Em ti havia firmado todas as minhas esperanças de ventura, todos os sonhos de minha vida! Amavá agora a existencia, só porque alguma coisa me fazia acreditar que ainda um dia seríamos felizes!..

— E porque não havemos de ser?... perguntou Amancio condolentemente.

— Ora!.. proseguio ella, — tudo me perseguê, tudo me sae contrario... Foi bastante que eu te amasse, foi bastante pensar que poderíamos ser um do outro, para que aqui se levantassem todos contra mim e ferissem a guerra que tens visto!

E, desagarrando-se de Amancio, para segurar de novo a cabeça, n'um movimento de embaraço doloroso: — Mas, imagina tu, que estou inteiramente sem recursos!.. Tenho que fazer a mudança e ainda não sei como

pagar o carroto das malas !... Vê tu que situação, que triste situação !

Amancio beijou-a na bocca e perguntou si ella não lhe dava uma esperançazinha para depois que se mudasse.

Lucia respondeu que dava, não uma esperança, mas « uma certeza. » E, sem desprender os labios dos labios do rapaz, affiançou — que lhe mandaria dizer por escripto o logar onde seria encontrada ; e que elle fosse por lá as vezes que entendesse. — Ahi ao menos estariam livres do Coqueiro e das outras pestes !

— Promettes então?... insistio elle, procurando garantir o compromisso.

— Prometto, prometto o que quizeres, tudo ! disse ella, ainda chorosa.

Amancio foi á algibeira do fraque, abriu a carteira. Havia trescentos mil réis, tomou uma nota de cem e entregou-a a Lucia, dizendo com pezar que era o unico dinheiro que possuia na occasião.

— Talvez te façam falta... considerou ella escrupulosamente, sem querer tocar na cedula.

— Não ! não ! apressou-se a declarar o rapaz. — Desculpa não te poder ser mais agradável.

Lucia beijou-o de novo, e desceu enfim ao primeiro andar, acompanhada pelo Sabino que já estava á sua disposição.

— Ordenou ao moleque de buscar, n'um pulo, uma carrocinha, e logo que esta chegou fez embarcar as malas e mandou chamar uma carruagem.

Emquanto esperava, reclamou a sua conta, atirou com o dinheiro sem olhar para quem o recebia, embolsou o trôco e, em seguida, foi acordar o Pereira.

— Onde vamos ? perguntou este entre dous bocejos, assim que a vio em trájos de sahir.

— Venha d'ahi, homem ! E deixe-se de perguntas ! Pereira levantou-se espreguiçando-se e acompanhou a mulher.

Esta o fez entrar na carruagem que já havia chegado, assentou-se junto d'elle e disse ao cocheiro que tocasse para a Tijuca. Deu-lhe o numero.

Era o numero de uma outra hospedaria nas mesmas condições da que deixavam. Lucia, que já presuppunha aquellas rapidas mudanças, tinha, por cautella, uma lista das principaes casas de pensão da Côrte e, á medida que se servia de cada uma, riscava-a da collecção. A do Coqueiro era no ról a sexta inutilisada com o traço energico de seu lapis.

Entretanto, ia o Pereira silenciosamente se atufando nas almofadas e, aos balanços monotonos do carro, procurava reatar o somno interrompido.

XIII

A casa de pensão de Mme. Brizard soffreu muito com as varioloides de Amancio. Desmanavam-se hospedes, que era uma coisa por demais.

O *Gentleman*, o Piloto e a perola do n. 9, « o estimavel Mellinho », desde a fatal noite das cataporas, não davam noticias suas; Fontes e a mulher sumiram-se logo no dia immediato, e, por conseguinte, não mettendo o tal medico do n. 11, que já não apparecia ha bastánte tempo, apenas seis hospedes restavam dos quatorze primitivos.

E ainda mesmo d'estes scis nem todos eram aproveitaveis; porque o Paula Mendes e mais a mulher levantariam o vôo, assim que lhes chegasse uma aragemzinha de dinheiro, e o estafermo do n. 7 tambem estava a se despedir por um d'aquelles dias, não da casa, mas do mundo.

Certos, só Amancio, o guarda-livros e o exquesitão do Cempello que, fugindo ao pigarro do tísico, mudára-se para o andar de baixo, mal pilhára um cômodo desoccupado.

Mme. Brizard estava, pois, inconsolavel. — Em sua vida de hospedeira jámais tivera um mez tão ruim!

E azoinada por essas contrariedades e já de natureza um tanto supersticiosa, agora em tudo descobria signaes de agoiro e motivos para desconfiança. — Pois si até o illustre Sr. Lambertosa, « o respeitavel *Gentleman*, a flôr dos homens finos, uma creatura tão cheia

de circumspeccão », quem o diria?... aproveitara o ensejo das bexigas para lhe passar a perna!

E o Mellinho? « o estimavel Mellinho! a perola do n. 9, o homem das fructas crystalisadas! »! tambem não deixará as suas contas em aberto?...

Só o Piloto, o esturdio, aquelle de quem menos se esperava, apparecêra tres dias depois da fuga, perguntando, ainda muito escabreado, de quanto era a sua divida.

— E' mesmo caiporismo! gemia a franceza.

O marido, porém, soprava-lhe a coragem: — Ella que não desanimasse por tão pouco! Nem tudo se perdêra! Enquanto tivessem o Amancio não se podiam queixar da sorte; este valia por todos os outros!

Mas o precioso Amancio não estava tambem muito satisfeito com a casa, talvez desconfiando que a esta coubesse em parte a responsabilidade d'aquelle maldito rheumatismo que, ora parecia extincto e ora o obrigava a guardar a cama, tolhido de dores.

A' noite, quando lh'o permittiam as pernas, descia a cavaquear na varanda com os senhorios. Agora os serões tinham um character mais intimo e eram frequentemente animados com a presença de uma familia, que voltára ás relações de Mme. Brizard depois de seis mezes de inimidade.

Tocava-se piano, jogava-se o vispora quasi todos os dias e, ás vezes, se dansava.

A casa de pensão nunca offereceu aos seus hospedes um aspecto tão divertido; menos para o rabequista, o Paula Mendes, que parecia cada vez mais triste e apouquentado da vida. A circumstancia de já não comer á meza do Coqueiro obrigava-o a desperdiçar muito tempo com o restaurante e difficultava-lhe a subsistencia da mulher, cujo máo humor ia se azedando ao pezo de tanta necessidade e de tanta humilhação. O infeliz marido conseguiu afinal que ella fosse passar alguns mezes na companhia dos parentes em Nitheroy.

Mme. Brizard, ao vel-a partir, recebeu a premeditação de uma fuga e exigio logo que o Mendes, para garantir a divida, hypothecasse o piano que tinha no quarto.

O pobre homem consentio, sem dizer palavra, mas, de envergonhado, deixou de apparecer nos serões da sala de jantar.

E desde então, por alta noite, quando toda a casa era silencio, Amancio ouvia no corredor o som de passos tropegos e um vozear confuso de alguém que monologava.

A casa de pensão, definitivamente, ia se tornando insupportavel ao estudante.

Não podia ainda sahir á rua; o medico, havia quasi um mez, jurára pol-o prompto em quatro dias, si Amancio não fizesse alguma extravagancia; a conversa de toda a familia Coqueiro, á excepção de Amelinha, o enfasiava; a leitura muito pouco o distrahia, e, para complemento do enjôo, o maldito tossegoso do n. 7, o qual por caridade entregára elle ultimamente ao seu medico, parecia morrer de cinco em cinco minutos e não lhe dava um momento de socego.

Mas a causa principal d'esse tédio era, sem duvida, a ausencia de Lucia. Desde que ella se foi, o coração do rapaz turgia de saudade; longe de esquecel-a, cada vez a desejava com mais sofreguidão.

As trevas da ausencia faziam-na destacar melhor e mais linda, como um fundo negro a uma estatua de marmore.

Sentio sobresaltos deliciosos quando recebeu a primeira carta das mãos d'ella. Era extensa, cheia de imagens poeticas e figuras de grande alcance amoroso; terminava dizendo « que Amancio, logo que puzesse os pés na rua, a fosse procurar. » O endereço vinha á parte, n'um pedacinho de papel.

—E não poder ir quanto antes !... Que espiga ! considerou elle, sinceramente penalizado.

E cresciam-lhe os enjôos.

Só Amelia, com os estiletos da sua perceptibilidade feminina, conseguiu penetrar no amago daquellas tristezas, mas não se deu por achada e redobrou de desvelos e meiguices para com elle.

Amancio, por mais de uma vez beijou-lhe as mãos, suspirando que ella era o seu bom anjo, a sua consolação unica no meio de « tantos dissabores ! »

Assim se passaram quinze dias. O apaixonado já a tratava por tu, por você e raras vezes por senhora.

Era a piedosa Amelinha quem lhe arrumava o quarto, quem lhe cuidava da roupa e, já por fim, era até quem lhe levava o cafézinho pela manhã. Mas não entrava, apenas mettia o braço pela abertura da porta que ficava sempre encostada, depunha cautelosamente a chicara sobre o soalho, e, si Amancio ainda dormia, gritava-lhe no seu falsete aprasivel :

— Preguicoso, acorde ! são horas !

Depois, apanhava novamente as saias e descia a escada, ligeira e sem rumor.

Outras vezes, ao anoitecer, subia para lhe pedir um livro emprestado, para saber si elle queria o chá no quarto ou si preferia descer á sala de jantar. Sempre havia um pretexto para lá ir e, depois de lá estar, sempre arranjava um motivo de demora. Entretinha-se a ver o que se achava sobre a meza ; examinava tudo ; lia a lombada dos livros, e brincava com um esqueleto que jazia pendurado a um canto do quarto.

Amancio, de uma feita, não pode deixar de rir, quando a encontrou muito espantada a examinar as gravuras de um tratado physiologico de Vernier.

Estava, porém, mais e mais convencido de que toda aquella familiaridade e toda aquella confiança da rapariga procediam do modo e das maneiras respeitôsas, e fraternaes com que elle, até a'li, a tratára. E então, fazia

por domar os seus impulsos luxuriosos, receioso de cair-lhe em desagrado.

Verdade é que, em grande parte, contribuia para esse estranho heroísmo do garanhão, não só a molestia, como a illimitada confiança que, muito propositalmente, depositavam n'elle o Coqueiro e a mulher.

Si Amelia e Lucia trocassem os papeis, isto é, si aquella se negasse e esta se offerecesse, é de suppor que Amancio desdenhasse a ultima e ambicionasse a primeira.

Mas o Sr. João Coqueiro, apezar de tão fino, não calculou que, em naturezas viciadas como a de Amancio, o mais forte estimulo para o amor é a prohibição.

Embalde deixavam o rapaz horas e horas no salão, ás voltas com a mênina; embalde Mme. Brizard lhe dava a perceber o quanto era elle amado pela cunhada; embalde lhe chamava « coração de gelo»; embalde lhe preparava todos os laços.—Nada produzia o effeito desejado; Amancio tornava-se cada vez mais respeitoso e mais frio em presença de Amelia.

Era para desesperar!

Uma, occasião, todavia, estava elle no quarto, de costas para a porta e muito entretido a lêr defronte do gaz, quando Amelia, pé ante pé, entrou sem ser sentida e, encaminhando-se contra o moço, tomou-lhe a cabeça nas mãos e cobrio-lhe o rosto de beijos.

Amancio quiz prendel-a, mas a rapariga não se deixou enlear, e fugio, como um pássaro assustado.

O rapaz, então, nunca mais recebeu lhe cair em desagrado. Mas o demonio do rheumatismo lá estava erguido entre elle e a provocadora menina. A despeito do tratamento, as dores recrudesciam-lhe de vez em quando e assanhavam-se-lhe as bilis. Amancio principiou a emmagrecer, tomado de uma estranha prostração, muito assustadora. O medico aconselhou-o, logo

a que se mudasse para um arrabalde de bons ares, como Santa Thereza, por exemplo, e esta noticia produziu enormes sobresaltos na familia dos locandeiros.

Mme. Brizard parecia ter um filho em risco de vida; Coqueiro declarou, cheio de dedicação, que não deixaria o « pobre amigo » ir assim desamparado para uma casa de saude ou para um hotel; Amelinha choramigava ao lado da cama do enfermo, e, quando se achava a sós com este, beijava-lhe as mãos, affagava-lhe os cabellos e soluçava palavras de ternura.

N'esses dias Amancio era o assumpto obrigado das conversas de casa. A' meza e durante os serões não se fallava n'outra coisa. Lembravam-se todos os expedientes: — uma mudança geral da familia; alugar fóra uma casinha e leval-o de passeio até que se restabelesse; abandonar a casa de pensão ou entregal-a aos cuidados de alguma pessoa de confiança.

Nada, porém, ficava resolvido. A conversa turbinava em volta do mesmo assumpto, sem descobrir uma sahida.

Nini era a unica que parecia não se importar com tudo aquillo; de olhos muito abertos, somnambula, ouvia em silencio as conversas da familia, apenas suspirando de espaço a espaço.

Não obstante, já uma noite estava a casa recolhida, quando despertaram alarmados com o baque de um corpo que, entre medonhos gritos, rolava pela escada do segundo andar.

Acudiram todos, n'um levante.

— Que era?! Que acontecêra?!

Nini, coberta de sangue, jazia extendida sem sentidos ao sopé da escada. Rolára vinte degráos e partira a cabeça em dous logares.

Ia fazer uma visita ao seu esquivoso enfermo, mas no patamar da maldita escada, perdêra o equilibrio e baqueára desastradamente.

Tomaram-lhe as feridas a pontos falsos, fricciona-

ram-lhe o corpo inteiro com aguardente camphorada e deram-lhe a beber cerveja preta.

Suppunham, todavia, que amanhecesse morta, foi o contrario: Nini melhorou muito de seus antigos padecimentos e apresentou uma inesperada lucidez de idéas, como ha muito não possuia.—O choque fizera-lhe bem e não menos o sangue que derramou da cabeça, affiançou o medico.

Aquelle trambolhão era uma providencia!

A' noite, conversou-se bastante a esse respeito; vieram as amigas de Mme. Brizard; choveram os comentarios sobre Nini; citaram-se as anedotas correlativas ao facto, e Amancio, que se achava então mais desembaraçado das pernas, entendeu de sua obrigação fazer uma visita á pobre creatura.

Nini estava melhor que nunca, tranquilla; havia comido regularmente e mostrava-se até mais satisfeita e mais communicativa; ao dar, porém, com Amancio, que entrára no quarto com o seu risinho de bôa amisade, abriu de repente a estrebuxar na cama, bramindo improperiós e atassalhando as roupas.

Para socegar um pouco foi preciso que o rapaz fugisse o mais depressa de sua presença. E, desde então, a desgraçada não o podia ver, que lhe não voltassem logo as insanias e os frenesís.

Estabeleceu-se um cuidado enorme para evitar que os dous se encontrassem. Já não era permitido a Amancio dar um passo fóra do quarto, sem se precaver e indagar si Nini estava por alli péto.

O medico declarou que um novo encontro exarcebaria os padecimentos da enferma e talvez lhe produzisse a loucura absoluta.

Mme Brizard pranteava-se toda, quando lhe fallavam na filha. — Era uma desgraça, dizia, com os olhos espitados pelo esforço que faziam, — era uma grande desgraça! Antes Deus a levasse logo para si, coitada!

Um encontro, que Amancio não podéra evitar, a des-

peito de suas precauções, deixou Nini em tal excitação nervosa, que o doutor prohibio que a consentissem fóra do quarto. Ficou presa desde esse dia.

Mão grado a felicidade prevista ao lado de Amelia, o provinciano sentia já bastante desejo de se tirar d'allí.

— Assim estivesse bom !

Campos, em uma visita que lhe fez por essa occasião, fallou muito na generosidade com que se portára a familia do Coqueiro durante a molestia do rapaz. — Que aquillo era uma fortuna que nem todos abichavam ! Citou principalmente as cancelas de Amelinha e concluiu declarando que, segundo o seu fraco modo de pensar, Amancio tinha obrigação de fazer á menina um qualquer presente de valor.

Sim ! porque, no fim de contas, era muito difficil encontrar d'aquillo nas casas de pensão ! Outros foram elles, que Amancio teria de pôr os quartos na rua ! — Não ! Inquestionavelmente, era preciso dar o presente !

E, depois de se concentrar n'uma pausa :

— Ahi uma joia de uns cem mil réis... Que diabo ! esse dinheiro não o faria pobre...

Mas o estudante, em voz discreta e abafada, confessou ao Campos que a brincadeira não lhe havia sahido tão de graça, como parecia á primeira vista : Só o mez passado gastára perto de seiscentos mil réis, sem contar que o Sabino vivia n'uma dobadoira, de casa para a botica e da botica para casa, e eram remedios para Nini, remedios para o tísico do n. 7, agua de flôr de laranja para Mme. Brizard, xaropes para o Coqueiro ; um inferno !... E que toda essa droga cahia na sua conta ! — E os dinheiros emprestados ?... E as fitas, os botões, as linhas, as tiras bordadas, que Amelinha estava sempre a lhe pedir que mandasse buscar nos armarinhos sem nunca dar dinheiro para isso ?... Não ! O Sr. Luiz Campos não podia calcular o que havia ! — Hoje cinco mil réis, amanhã vinte ! E, no tirar

das contas, parecia que tudo isso, em vez de ser descontado, era augmentado nas suas despesas !... Que tal ?! — Recebêra obsequios, sim senhor ! mas tambem puxára muito pela bolsa !

Campos ignorava aquellas particularidades !... mas entendia que Amancio, nem por isso devia menos obrigações á familia do Coqueiro.

E offereceu a « sua modesta choupana », caso o estudante não quizesse continuar alli.

Amancio regeitou, um tanto por se lembrar das esperanças que embalava a respeito de Amelia, um tanto por se não querer sujeitar ao regimen do negociante e um tanto por méra cerimonia.

— Enfim, disse o marido de Hortencia, despedindo-se, — acho que o senhor deve fazer o presente e tratar logo de sahir d'aqui; já não digo pela questão da despesa, mas porque lhe convém á saude. Escolha um arrabalde de bons ares ou então dê um passeio a Petropolis; o medico affiançou-me que o senhor tem ameaços de uma febre paludosa, e isso é o diabo na época que atravessamos: a febre amarella grassa por ahi que não é brinquedo!

Logo que constaram as novas disposições de Amancio a respeito de mudança, houve uma grande consternação por toda a casa.

— Deixar-nos?! exclamou Mme. Brizard em sobresalto. — Não consentimos! Si para o seu completo restabelecimento é necessario um arrabalde, vamos todos para o arrabalde! Só — isso é que não! Seria até uma falta de humanidade, coitado!

E formou-se um zum-zum de opiniões. Cochichava-se pelos cantos, em magótes, discreteando-se projectos em voz de mysterio, como si se tratasse de um moribundo. O Coqueiro andava de um para outro lado, coçando desesperadamente a cabeça, gesticulando,

á procura de um meio de conciliar os seus interesses.

Amelia, afinal, subio ao quarto do doente, e, com uma afflicção a quebrar-lhe a voz, toda a tremer, os olhos humidos, perguntou si elle tencionava deixar a casa.

Amancio, ignorando o que ia por baixo a seu respeito, tregitou uns momos de indiferença e respondeu: « que não sabia ainda ao certo... havia de vêr!... mas que o medico lhe ordenára que fosse... »

Como si só esperasse por aquellas palavras, o pranto da menina irrompeu violentamente.

Elle, meio sorprezo, a tomou nos braços, indagando com ternura « o que significava aquillo?... »

Amelia não respondeu logo, mas depois, levantando a cabeça, que lhe havia pousado no collo, exclamou entre soluços angustiados :

— Não! não! não has de ir! peço-te que não te vás!

O provinciano quiz saber porque.

— Eu te amo! disse ella, escondendo de novo o rosto.

— Eu te amo e não posso me separar de ti! Vejo a tua indiferença! percebo que me detestas, mas que hei de eu fazer?! Adoro-te, meu amor!

— Ah! si eu não estivesse tão doente!... suspirou Amancio.

XIV

O tísico do n. 7 ha dias esperava o seu momento de morrer, extendido na cama, os olhos cravados no ar, a bocca muito aberta, porque já lhe ia faltando o follego.

Não tossia ; apenas, de quando em quando, o esforço convulsivo para arreversar os pulmões desfeitos sacudia-lhe todo o corpo e arrancava-lhe da garganta uma ronqueira lugubre, que lembrava o arrulhar ominoso dos pombos.

Contavam que expirasse a todo o instante. Amancio cedêra o seu moleque para lhe fazer companhia, e dos brancos de casa era o unico que lhe apparecia lá uma vez por outra.

Não é que o espectáculo d'aquelle anniquilamento lhe tocasse o coração, mas porque lhe mordiscava a curiosidade com esse frivolo interesse de pavor, que nos espiritos românticos provocam os loucos e os defuntos.

Uma noite, seriam duas horas da madrugada, o tísico gemeu com tal insistencia que acordou o estudante. Amancio levantou-se, tomou uma véla e foi até ao quarto d'elle.

Ficou impressionado. O homem estava muito afflicto, debatendo-se contra os lençóes, no desespero da sua orthopnéa. A cabeça vergada para traz, o magro pescoço estirado em curva, a barba teza, pyramidal, apontando para o tecto ; sentiam-se-lhe por detraz da pelle empobrecida do rosto os angulos da caveira ; accusa-

vam-se-lhe os ossos por todo o corpo; os olhos, extremamente vivos e esbugalhados, de uma fixidez inconsciente, pareciam saltar das orbitas, e, pelo esvasamento da bocca toda aberta, via-se-lhe a lingua dura e secca, de papagaio, e divisavam-se-lhe as duas filas da dentadura.

Não podia socegar. O seu corpo, chupado lentamente pela tísica, nú e esquelético, virava-se de uma para outra banda, entre manchas escrementicias, a po-rejar um suor gorduroso e frio, que humedecia as roupas da cama e dava-lhe á pelle, côr de osso velho, um brilho repugnante.

Faltava-lhe o ar e, todavia, pela janella aberta para o nascente, os ventos frescos da noite entravam impregnados da musica de um baile distante, e punham no triste abandono d'aquelle quarto uma melancolia dura, um aspero sentimento de egoismo; alguma coisa da indiferença dos que vivem pelos que se vão metter silenciosamente dentro da terra.

O medico recommendára que lhe déssem todo o ar possivel e lhe fizessem beber de espaço a espaço uma porção do calmante que receitára. Uma lamparina de azeite fazia tremer a sua miseravel chamma e cuspiá o oleo quente. Havia um cheiro enjoativo de molestia e desasseio.

Sabino dormia a somno solto no corredor. Amancio acordou-o com o pé.

—E' d'essa forma que vélas pelo homem? perguntou.

O moleque ergueu-se estremunhado e deu alguns passos, esbarrando pelas paredes, sem cahir em si.

—Vamos! Desperta por uma vez e dá-lhe o remedio! Elle parece que tem sede!

O tísico, ao ouvir a voz de Amancio, principiou a agitar os braços, como si o chamasse, grogolejando sons roucos e inintelligiveis.

O estudante não quiz attender, mas o doente insistia com tamanho desespero, que elle, afinal, vencendo a re-

pugnancia, se approximou, a concheiar a mão contra a lingua tremula da véla.

Apezar de seus fracos estudos de medicina, fazia-lhe mal aos nervos aquella figura descarnada, que se exinania na impudencia aterradora da morte; faziam-lhe mal aquelles membros despojados em vida, aquelle esqueleto animado, que, na sua dysthanasia, parecia convidal-o para um passeio ao cemiterio.

E o hectico rouquejava sempre, agitando os braços.

O moleque, ao lado, derramava-lhe colheradas de remedio na bocca; mas o liquido voltava em fios pelo canto dos labios do moribundo e escorria-lhe ao comprido do pescoço e pela aridez escalavrada do peito.

Amancio tomou-lhe um dos pulsos. O contacto pegajoso e humido fez-lhe retirar logo a mão com um ar-repio.

— Creio que não deita esta noite! disse ao moleque, affectando tranquillidade, mas com a voz sumida e alterada.

— Qual, nhô, elle está assim a um 'rôr de dias! Leva n'isto e não decide!...

— Não! Creio que agora está morrendo...

E olhou para o doente.

Este espichou a cabeça e respondeu que não, com um movimento demorado.

— Elle ouviu?... perguntou Amancio, impressionado com a intervenção inesperada do moribundo.

A caveira tornou a agitar-se nos travesseiros para dizer que sim.

— Olha!... fez o estudante arregalando os olhos. E approximou-se da porta, recommendando ao Sabino que se não descuidasse da pobre creatura; que se não puzesse a dormir como ainda ha pouco!

O tísico, que havia serenado alguma coisa com a presença do rapaz, principiou de novo a espolhar-se, rilhando os dentes e agitando os braços e as pernas.

Amancio, porém, não attendeu d'esta vez e sahio. O

tisico rosnou com mais ancia, procurando lançar-se fóra do leito, n'uma afflicção crescente.

— Fica quieto! gritou Sabiño, obrigando-o a deitar-se.

Logò que o estudante se afastou com a véla, o quarto recahio na sua dubia claridade modorrenta. Os ventos frios da madrugada continuavam a soprar. O moleque foi até á janella, olhou a rua em silencio, accendeu um cigarro e, quando vio que o seu homem parecia serenado, tratou de reassumir o somno.

O senhor é que não podia socegar, com a idéa n'aquelle pobre rapaz, que alli morria aos poucos, sem familia, nem carinhos de especie alguma; sem ter ao menos quem o tratasse, nem dispôr de um amigo que se compadecesse d'elle.

— Infeliz creatura! pensava — Além do mais, longe da patria, longe de tudo que lhe podia ser caro!

E, sacudido de estranhas condolencias, imaginava o pobre desterrado sahindo de sua aldeia em Portugal, atravessando os mares, atirado no convez de um navio, afinal no Brasil, n'este paiz-sonho, a trabalhar dia a dia durante uma mocidade, e economisar, e soffrer privações; depois, — fallir, perder tudo de repente, achar-se em plena miseria e com a ladra da tísica a comer-lhe os pulmões! Oh! cortava a alma!

Não se podia esquecer do desespero com que o desgraçado o chamava, como si lhe quizesse pedir alguma coisa, fazer alguma revelação: — Talvez, quem sabe? até o tomasse, no seu delirio, por algum amigo: porque Amancio si se não enganava, chegára a destinguir-lhe balbuciar o nome de alguém. — Não podia ser outra coisa, o misero chamava por um amigo!

— Mas, tambem, que idéa, a sua, de andar por aquellas horas a visitar moribundos! Que diabo tinha elle, no fim de contas, com o tal tisico?... Ora essa!

O vulto esquelético não lhe sahia, porém, de defronte dos olhos, com a sua ronqueira lugubre, sempre a lhe estender os longos braços sem musculos e a rolar nas orbitas, convulsivamente, aquelles dous bugalhos luminosos.

Fechou a porta do quarto, despio o sobretudo que havia enfiado, apagou a véla e recolheu-se á cama.

Era inútil; o somno não vinha; o quarto ás escuras fazia-lhe mal aos nervos. No fim de meia hora, ergueu-se novamente, tentou accender um bico de gaz, haviam fechado o registro; recorreu á vela e assentou-se á mezinha diante de um livro.

O tísico gemia.

— Que maçada! resmungou Amancio, sem se poder safar da impressão que trouxera do quarto « d'aquelle diabo! » E cansava os olhos contra as paginas do livro, lendo sem comprehender.

Vinham-lhe bocejos repetidos, ardiam-lhe os olhos. — Agora talvez dormisse. O importuno parecia socegado, pelo menos não se lhe ouvia gemer.

Amancio voltou á cama, sem animo de apagar a véla.

Quando estava quasi adormecido, passos agitados no corredor o despertaram em sobresalto e uma pancada em cheio na porta fel-o erguer-se de pulo e precipitar-se para ella.

Sabino, o tísico, vieram-lhe á memoria. Ouriçaram-se-lhe os cabellos, enlixou-se-lhe a pelle, e o coração bateu-lhe com mais força. — Que teria succedido? A mão tremia-lhe ao forçar o trinco.

A porta afinal cedeu, e Amancio sentio cair desamparadamente no chão o corpo comprido e nú do hectico.

Estava horrivel. Queria erguer-se, e em vão agitava as pernas e os braços. Amancio tentou ajudal-o, gritando ao mesmo tempo pelo Sabino. Os membros do tísico pareciam quebrar-se-lhe nas mãos, que escorregavam com a gordura fria do suor, e no soalho manchas de humidade desenhavam-lhe já o feitio do corpo.

O estudante desejava chamar por alguém. — O Sabino dormia com certeza! — Peste! Fez um movimento para sahir; mas o esqueleto agarrou-lhe violentamente os pulsos e pedio-lhe com uns vagidos dolorosos que ficasse.

De seus olhos corriam duas lagrimas compridas.

Depois de um esforço terrivel, conseguiu fallar. Eram sons apenas murmurados, fracos, quasi imperceptiveis.

Amancio tinha razão: o desgraçado, n'õ delirio de sua fraqueza, o tomára por algum bom amigo. Suas palavras vinham-lhe aos labios róxos impregnadas de confiança e de amor. Fallava de coisas estranhas ao outro; perguntava-lhe por individuos desconhecidos para Amancio e reprochava-lhe a culpa de não ter vindo mais cedo.

Depois referio-se dolentemente á sua terra; tratou da infancia, rindo, com os olhos cheios d'agua. Pedio que Amancio, logo que lá voltasse, fosse á procura do senhor padre e encommendasse-lhe tres missas.

Em seguida, fez um esforço para chegar ao ouvido do rapaz e começou, em ar de mysterio, a ensinar-lhe um caminho longo, muito longo... Explicava-lhe ruas, as voltas que era necessario fazer para chegar lá; afinal, dava-se com uma choupana. Uma velhinha entrevada fazia meia a um canto da casa. Amancio que se aproximasse d'ella e lhe dissésse em segredo que o seu João, o seu querido filho...

Uma agonia violenta tolheu-lhe a falla. Elle ainda tentou dizer alguma coisa, mas o sangue purulento já lhe golfejava da bocca e cahia-lhe em jôrro pelo corpo. Estirou-se todo, dobrou a cabeça para traz e, depois de entezar n'um estremecimento os membros rechupados, foi pouco a pouco cerrando os labios e empenando o corpo com um gemido longo e sentidissimo.

Lá fóra, a musica duvidosa continuava, ao longe, entristecendo.

Amancio teve um assomo de colera; seu tempera-

mento nervoso e egoista, revolucionava-se com o choque d'aquelle incidente desagradavel, que lhe não dizia respeito e vinha-lhe todavia roubar despoticamente o socego.

Logo que o tísico expirou, correu a acordar Sabino com um murro. O moleque levantou-se, como da primeira vez, e correu á cama do tísico. A lamparina bruxoleava sobre o velador, projectando em volta, pelas paredes, sombras que se iam dobrar no tecto.

Sabino abismou-se ao dar com o leito vazio, olhou em torno, muito pasmo, chegou a levantar a colcha e a espiar para debaixo da cama; depois correu á janella e interrogou a solidão fria da rua.

— Uê! disse.

— És uma peste! gritou-lhe Amancio. — Por tua causa o tísico foi morrer no meu quarto! Ande! Vá chamar o Dr. Coqueiro ou alguém que trate do corpo! Aqui em cima, creio que não ha ninguem, nem sequer o Paula Mendes.

O rabequista, com effeito, havia ficado essa noite em companhia da mulher em Nitheroy.

A noticia levantou em baixo um reboliço. A' excepção do Campello e do guarda-livros, ninguem mais se conservou na cama.

Mme. Brizard arrevelava-se, praguejando contra o maldito caiporismo que a perseguia ultimamente. — Até já lhe vinhã os tísicos morrer em casa! Era de mais!

Causou grande impressão a narrativa de Amancio sobre os ultimos momentos do homem. O Dr. Tavares desfez-se em altas considerações a esse respeito. Coqueiro prohibio á irmã que subisse ao segundo andar, enquanto o cadaver não estivesse convenientemente amortalhado e deposto no sofá que ás pressas se carregou para cima. Por toda a casa distribuiram-se fogareiros de incenso e alfazema. Sabino fôra, de um pulo, buscar á botica uma garrafa de labarraque, e o

copeiro sahira para lançar á primeira praia o colchão, os lençoes e os travesseiros que serviram ao defunto.

Descarregou-se o quarto. A franceza quiz abrir um velho bahú de folha, que jazia a um canto e que era o unico objecto deixado pelo morto; mas o Dr. Tavares oppoz-se-lhe energeticamente, citando artigos do codigo criminal e dizendo em tom de autoridade que o fallecido era um subdito portuguez e, por consequente, só ao consul de sua nação competia fazer-lhe o espolio dos bens!

— E o que nos ficou elle a dever?! E mais a despeza dos lençoes, do colchão e do diabo?! perguntou Mme. Brizard.

— Recebe-se do consulado portuguez ou não se recebe de pessoa alguma, apressou-se a explicar o Coqueiro, que já sabia perfeitamente não haver dentro do tal bahú coisa alguma de valor.

O corpo sahio no dia seguinte, em um carro da misericordia. E Amancio declarou positivamente que não estava disposto a ficar na casa de pensão nem mais um dia.

— Pois então vamos todos para um arrabalde! — deliberou Mme Brizard, em consequencia dos repetidos conchavos que fizera com o marido.

Diabo era o estado de Nini, a pobresita achava-se agora completamente desarranjada. Comia encostando a bocca ao prato, como um bicho; não trocava palavra com pessoa alguma e nem mais podia ficar em liberdade, porque de vez em quando lhe acommettiam frenesís, que lhe davam para morder os outros e espatifar as roupas, até ficar núa.

O medico entendia, porém, que, com um bom regimen hydrotherapico, ella ainda podia se restabelecer. Citou exemplos animadores, « bonitos casos, » disse os bellos resultados que ultimamente se obtinham por

meio das duchas de agoa fria no tratamento das enfermidades nervosas, e terminou declarando que, só por esse meio, havia esperança de uma cura radical.

E o doutor, logo que esteve a sós com Amancio, confidenciou-lhe, rindo : — Já toquei á velha sobre aquillo que fallámos ; creio que d'esta vez fica o senhor livre da hysterica !

Venceram-se, com effeito, os escrupulos de Mme. Brizard e Nini foi para a casa de saude do Dr. Eiras. A mãe teria noticias d'ella todos os dias e havia de lhe apparecer em pessôa duas vezes por semana.

— Aquella rapariga era o tormento de sua vida ! Antes Deus a tivesse chamado para si ! Agora, o que não seria necessario gastar com a tal casa de saude ?... talvez uns vinte mil réis diarios, si não foram mais ! Onde iria tudo aquillo parar ? Era caiporismo, definitivamente !

Como desejavam, descobrio-se uma casa em Santa Thereza. O Dr. Tavares e o guarda-livros acompanhariam a familia ; Campello, o exquisitão, é que não estava pela mudança. Logo que lhe fallaram n'isso, pediu seccamente a nota de suas despezas, pagou-a, e retirou-se muito calmo, assoviando, de mão no bolso, cabeça erguida, na mesma fleugma inalteravel com que costumava sahir todas as manhãs pãra o trabalho.

Todo elle ia como a dizer no seu silencio indifferente e egoista : « A mim tanto se me dá seis como meia duzia... morar com Pedro ou morar com Paulo, tudo para mim é a mesma coisa, desde que, em troca do—meu dinheiro—, me apresentem um quarto limpo e a comida á horas certas. Si dez annos continuasse aqui Mme. Brizard, dez annos ficaria eu na rua do Rezende ; mas, uma vez que se muda para Santa Thereza, — adeus ! vou bater a outra freguezia... o que por ahi não faltam são casas de pensão.

O Paulá Mendes, ao entrar pouco depois, recebeu em cheio a noticia de que a familia Coqueiro ia deixar a

casa e que por conseguinte era preciso que elle saldasse as suas contas.

Mas o rabequista não tinha dinheiro na occasião. — Logo que o tivesse havia de pagar integralmente.

Os locandeiros não estavam por isso, já lhes bastavam os calos do *Gentleman* e do Mellinho ! E, depois de uma troca agitada de palavras, Mendes propôz deixar o piano, ficando-lhe o direito de resgatal-o mais tarde com a devida importancia.

Mme. Brizard queria dinheiro e não instrumentos de musica ! O Sr. Paula Mendes que vendesse o piano e liquidasse depois as suas contas !

Assim foi. O rabequista sahio, e, quando á tarde voltou á casa de pensão, trazia comsigo um homenzinho de barbas compridas, que fechou o negocio por quatro centos mil réis. Mendes pagou o que devia, fez tristemente as suas malas, e afinal se retirou de cabeça baixa e mãos cruzadas para traz.

Cezar, que o fôra espreitar ao corredor, voltou á varanda, dizendo espantado que elle chorava ao descer as escadas.

— Deixa-o lá, menino ! resmungou a locandeira, e tocou a sineta, chamando para a meza.

O jantar não tinha mais o character de uma refeição de hotel, em meza redonda. Agora compareciam apenas cinco pessoas : Amancio, Amelinha, Mme. Brizard, o Coqueiro, Cezar e o Dr. Tavares. O guarda-livros, esse, continuava a não comer em casa.

Mme. Brizard suspirava á vista dos logares vazios. — Oh ! Que aperto de coração lhe fazia aquillo ! Não podia resistir a tanta contrariedade ao mesmo tempo !...

Pelo correr do jantar, fallou a respeito de Nini, queixou-se de saudades. Já á sobrezeza, recrudesceram-lhe as ternuras maternas, vieram-lhe nostalgias, uma lagrima saltou-lhe do olho esquerdo. Chamou Cezar para

junto de si, abraçou-o e beijou-o repetidas vezes e ficou a passar-lhe a mão pela cabeça. Um silencioso constrangimento se apoderou das pessoas presentes; depois, ainda com a voz quebrada de commoção, ella pediu ao Coqueiro que se não descuidasse de cobrar o que o Lambertosa e o Mellinho ficaram a dever. — Agora precisavam muito e muito de dinheiro ! . . .

Mudaram-se no dia seguinte. Amancio ia muito incommodado, amanhecêra peor, quasi que não podia mexer com as pernas; todos lhe prophetisavam, entretanto, rapidas melhoras em Santa Thereza. O commodo que lhe destinaram era da casa o mais espaçoso e arejado.

Amelinha não o desamparava, já não escondia até os seus carinhos, chegava-se abertamente para o rapaz, como se fôra casada com elle. A's vezes dizia-lhe segredos na presença do irmão ou da franceza; prestava-lhe pequeninos serviços amorosos: levantar-lhe, por exemplo, a gola do fraque, si fazia frio; abotoar-lhe o collarinho, si estava desabotoado; atar lhe a gravata, si o laço se desmanchava; chegar-lhe para junto a escarradeira, si Amancio queria fumar.

Em Santa Thereza esses desvelos multiplicaram-se. Ahi já era a menina quem lhe mettia os botões na camisa e as fivelas no colletê, quem lhe escovava a roupa e o chapéo, quem lhe punha o perfume no lenço e lhe dava corda ao relógio, e, quando fazia bom tempo e o rapaz tentava um passeio pelo môro, era ella quem corria a lhe trazer a bengala ou o chapéo de sol, perguntando muito solícita si elle não se esquecêra dos charutos e dos phosphoros, si já tinha lenço, si levava dinheiro.

Mas, ás vezes, resingava, quasi que ralhava com o estudante. Fazia-lhe censuras, tomava-lhe contas de umas muitas coisas: Si Amancio passára por tal rua, si estivéra durante a ausencia a passear sempre ou si entrára porventura em alguma parte; quando lhe

sentia cheiro de álcool queria saber o que o rapaz beberá.

Amelia, enfim, se derramava por todo elle, sem Amancio dar por isso; invadia-o subtilmente, como um bicho que entra na carne.

A nova residencia punha-os muito mais juntos, muito mais unidos do que a da rua do Rezende. Os quartos eram pequenos, chegados uns dos outros; havia um sotão com escadaria para a sala de jantar, Amancio morava ahi, sósinho.

Tinha de seu uma alcôva e um pequeno gabinete de trabalho; janellas para o nascente e para o ocaso, despejando sobre o jardim.

Em baixo, então, era a sala de visitas, a de jantar e mais quatro commodos, sem metter os quartos da criadagem, a cozinha, a despensa e o banheiro. N'um d'aquelles commodos ficou o João Coqueiro com a mulher; n'outro Amelinha; n'outro o guarda-livros, e o Dr. Tavares no ultimo.

A respeito de mobilia, só se carregou da rua do Rezende a que era de todo indispensavel. Não se vendeu sequer, um objecto; o casarão renderia muito mais com os trastes e, além d'isso, Mme. Brizard contava, mais dia, menos dia, rehabilitar a sua antiga e afamada casa de pensão.— Porque, dizia ella, — era impossivel que as coisas não voltassem ao estado primitivo!...

Coqueiro é que parecia, como nunca, satisfeito de sua vida. Cuidava da nova casa com muito interesse; fallava em melhoramentos e aconselhava a Amancio a que comprasse uma mobiliazinha catita para ver como « ficava então n'aquelle sotão melhor que um principe no seu castello. »

A casa, de facto, convidava ás fantasias do gosto, porque era perfeitamente nova e bem feita; o papel das paredes estava immaculado, o chão limpo e os tectos virgens ainda de moscaria.

Amancio experimentou rapidas melhoras ; quiz logo descer á cidade, mas o Coqueiro não lhe permittio ir só.

Aproveitaram o passeio para comprar a mobilia. O provinciano recebêra n'esse mez dinheiro do norte e retirára mais algum da casa do Campos; João Coqueiro levou-o a uma loja de trastes e escolheu elle proprio o que podia convir ao outro; isto é, uma commoda, um lavatorio, uma bôa cama de casados, uma secretária, duas estantes, um velador, e seis cadeiras; tudo de mogno e trabalhado ao gosto moderno.

Estes arranjos pediam outras coisas; escolheram-se tambem dous quadros para o intervallo das portas, um bello espelho de parede, um relógio de pendula, tapetes, capachos e escarradeiras.

O Coqueiro, muito empenhado na conducção dos trastes, havia se afastado alguns passos de Amancio, quando este sentio lhe baterem no hombro.

Era o Paiva Rocha.

— Oh! exclamou, satisfeito com o encontro.— Como vaes tu? Ha quanto tempo não nos vemos!... Que é feito de ti?

— Ai, filho, apoquentado! respondeu o Paiva. Ultimamente tem sido uma enfiada de coisas más!... Ha dous mezes que não recebo dinheiro do correspondente; tinha ahi um logar de revisor n'uma folha e os ladrões passaram-me a perna em mais de duzentos mil réis; além de que, a besta do director lá da escola lembrou-se agora de exigir uma infinidade de maçadas e obrigar-nos a despezas impossiveis! O diabo!

E, mudando de tom, perguntou como ia Amancio; onda se mettêra, que ninguem o via?

O outro prestou contas de sua vida, expôz os pormenores de sua molestia, fallou nos incommodos que déra á familia do Coqueiro, principalmente á D. Amelia, que, por signal, era uma excellente menina.

— Maganão!... disse o comprovinciano, esbarrando-lhe intencionalmente no braço.

Amancio repellio com febre aquella insinuação. O collega fazia uma tremenda injustiça, tanto a elle, Amancio, como á pobre rapariga!

— Ora, filho! Queres tu agora dizer a mim o que é a gente do Coqueiro!...

Amancio abriu grandes olhos.

— Morde aqui! accrescentou o outro, apresentando-lhe o dedo.

E em troca de um gesto negativo do amigo: — Não queres fallar por ora, e fazes tu muito bem! Mas é impossível que a tua ingenuidade chegue ao ponto de tomares a sério a irmã do Coqueiro, — a Amelia dos camarões!...

— Juro-te que, até aqui, só a tenho tratado com todo o respeito!

O outro soltou uma risada.

— E' factol insistio Amancio, aborrecido já com aquella troça do companheiro, mas ao mesmo tempo feliz por imaginar que as suas esperanças sobre a rapariga eram perfeitamente justificaveis.

— Pois, si é factol acredita que tens representado um papel de tôlo! Fazem-te a barba, filho!

Amancio, então, para provar a pureza de sua conducta, pintou o estado em que se achára ultimamente, — entreyecido de rheumathismo, sem prestimo para nada. E contou o que soffrêra com as bexigas.

— Ora, dize-me cá... volveu o outro em tom de segredo. — O Coqueiro já te não tem dado algumas facadinhas... confessa...

Amancio, nem só confessou, como disse até o dinheiro que por varias vezes emprestára ao senhorio.

— Hein?! bradou o Paiva, fazendo-se muito fino — Queres mais claro?... E ainda tens escrupulos, criança! Pois olha que te não fazem neuhum favor, — tu pagas, filho, e pagas bem!

E lembrou que não seria máo tomarem alguma coisa n'um botequim proximo.

O outro declarou que estava alli á espera do Coqueiro.

— Deixa lá o Coqueiro, homem ! Tens medo de ir só para casa ?...

— Mas é que não sei si me fará mal beber alguma coisa. Ainda estou em uzo de remedios.

— Não sejas idiota ! exclamou o Paiva, puxando-o pelo braço.

Amancio deixou-se levar, não tanto pelo prazer da companhia, como pela circumstancia de se livrar do Coqueiro, o que lhe dava esperanças de ver Lucia ainda essa tarde.

No café, defronte dos copos, a conversa voltou de novo á gente de Mme. Brizard.

— Gentinha ! qualificou o Paiva, atirando a palavra com o desprezo de quem lança fóra o sobejo de um copo.

E, depois, entortando os labios, n'uma obstinação torpe : — A questão está no pagamento !

Amancio rio. Sentia-se feliz : aquelle dia de liberdade, depois de tamanho recolhimento, os calices de Xerez, as palavras degotadas do Rocha ; tudo, isso lhe picava o espirito com uma pontinha de alegria devassa. Seus gostos, suas tendencias luxuriosas volviám-lhe em revoadas, como passaros de arribação. Ficou expansivo, disposto aos desabafamentos da vaidade. Em breve, contava tudo o que se passára com elle na casa de Mme. Brizard, descrevia as maneiras de Amelinha com sua pessoa, os pequenos cuidados amorosos, as pequeninas frases significativas ; narrou minuciosamente as scenas com Lucia e disse que, ao sahir do café, iria visitá-la á Tijuca.

— Está claro ! trejeitou o outro, cuspilhando a areia branca do chão de pedra e batendo com a ponta da bengala sobre os pés crusados. — Eu, no teu caso, já teria desferrado melhor os cobres !

— Achas então que eu devo ?...

— Ora, filho, é o que se leva d'este mundo ! A respeito de virtudes temos conversado ! Eu cá só acredito n'uma castidade — a da velhice !... tirando d'ahi...

E concluiu a sua idéa com um gesto feio.

Amancio já recorria á molestia para justificar aos olhos do amigo a attitude respeitosa que occupára ao lado de Amelia, — o collega que não o julgasse um tólo !... Mas que diabo havia elle de fazer, tolhido de dôres, como estava, n'uma cama ?...

Quando se despediram, o Paiva deu a entender que precisava de dinheiro ; mas Amancio negou-o, apesar de bem provido, dizendo com a voz triste que « sentia muito não o poder servir n'aquella occasião ».

O outro, sem mais querer, ouvir coisa alguma, retirou-se logo.

Amancio, assim que se vio livre, correu a tomar um tilbury e bateu para a casa de pensão, onde estava Lucia.

Era um palacete, com magnifica apparencia. Janellas de sacada, grande corredor ladrilhado de marmore e velhas escadarias encentradas de tapete de oleado, preso a cada degráo por um fio de metal amarello.

Foi recebido cerimoniosamente no salão por uma mulheração muito gorda, de lunetas, extremamente degotada, mostrando entre as almofadas do peito ramificações de veiazinhas escaletes, que pareciam miniaturas de arvores seccas desenhadas a bico de penna. Em um dos braços luzia-lhe uma joia e, por debaixo do vestido de cambraia, apparecia-lhe o pé, quasi redondo e empantufado de velludo azul.

Tinha a voz grossa, cheia de *u u*, e o lobolo do queixo coberto de pennugem negra.

Ao saber que Amancio não ia com a intenção de tomar algum commodo, mas sim para fallar á Lucia, retirou-se, sacudindo os rins ; e da sala o estudante lhe

ouvio gritar ao criado « que fosse prevenir á senhora do Sr. P'reira de que ahi estava um cavalheiro que lhe desejava fallare. »

Lucia mostrou-se no fim de meia hora, a pedir mil perdões por se haver demorado mais um pouco. Fizéa *toilette* especial para recebê-lo e parecia muito lisongeada com a visita.

Declarou, logo, que o achava mais gordo, de melhor phisionomia, — Abengoadá molestia, a d'elle!

E, em resposta ao que o rapaz lhe perguntava sobre aquella nova residencia, elogiou muito a casa, o serviço. « Sempre era outra coisa! Nem havia termo de comparação entre esta e a de Mme. Brizard! »

Amancio voltou-se todo na cadeira, considerando a sala. Uma rica sala, apezar de velha, — grande, espedhada, cortinas de ramagem, consólos cobertos de jarras com flôres artificiaes de penna. A um dos cantos um piano antigo e no centro do tecto de estuque, no logar d'onde espipava o lustre, um grande escudo de côres, rebentando em cabecinhas de anjos.

Fallaram logo sobre as novidades da casa de pensão do Coqueiro: a sahida dos hospedes, a morte do tísico, a mudança para Santa Thereza.

— Você alli está seguro!... disse Lucia.

O estudante protestou com um gesto, em que já havia alguma coisa das revelações que pouco antes lhe fizéa o Paiva Rocha.

E, discutindo os amores de Amelinha, foram a pouco e pouco empurrando a conversa para o verdadeiro motivo da visita, até que Amancio conseguiu tratar de si, das suas saudades, do quanto desejava Lucia, do quanto soffria por causa d'aquella ingrata que alli estava!

— Mais baixo! olha que te podem ouvir!...

Elle então se chegou para a illustrada senhora, tomando-lhe as mãos que cobria de beijos, e, no seu ardor, com a voz abafada, os olhos accendidos, procurava arrancar-lhe uma resposta definitiva, uma palavra

qualquer que o restituísse por uma vez á tranquillidade.

— Está quieto ! respondeu a tyranna. — Está quieto !

E, vendo que o demonio não a escutava, em risco de compromettel-a aos olhos de quem por acaso entrasse na sala, propôz mostrar-lhe a chacara emquanto esperavam pelo jantar. — Que ella já o não deixava sahir sem ter jantado !...

Havia duas descidas ; uma pelo corredor e outra pela varanda. Tomaram por esta.

Lucia, muito disfarçada, ia-lhe apontando os commodos e as bemfeitorias da casa, com tanto empêho e gosto como se fôra a mesma proprietaria ; amostrou-lhe o banheiro, os tanques para a lavagem de roupa, o co-radoiro, o cercado das gallinhas, e por ultimo o jardim.

Colheu logo uma rosa e, por suas proprias mãos, enfiou-a na gola do fraque de Amancio.

Em seguida atravessaram a horta.

Canteiros grandes, cobertos de verdura, saturavam o ar de um cheiro fresco de hortaliças. As alfices brilhavam ao sol doirado de julho. Mais para adiante havia um sombrejar melancolico e delicioso de arvores grandes ; era a chacara ; viam-se no ar as folhas largas e recortadas da fruta-pão faiscarem, como laminas de metal brunido ; ao passo que as bojudas mangueiras se debruçavam sobre a terra n'uma concentração pezada de somno.

Os dous proseguiram de braço dado por entre o murmurejar tristonho d'aquellas sombras. E lentamente, e sem trocarem uma palavra, se deixaram ir até á espalda de um morro, que servia de limite á chacara,

Havia um grosseiro banco de pão meio escondido entre bambús e trepadeiras. Assentaram-se. Um fio d'agoa corria da montanha e os passarinhos remigiavam trillando na mole embalsamada das estevas.

Amancio passou um braço na cintura de Lucia e chamou-lhe o corpo para junto do seu. Ella deixou-se

arrebatado, bambeando a cabeça, n'um encontro apaixonado de labios.

O rapaz parecia louco no seu desejo.

- Não ! Isso não ! dizia a outra. — Mostre que é um homem de espirito ! Não queira se confundir com esses materialões que ha por ahí !

Elle oppunha as razões que lhe vinham á cabeça para justificar os seus rogos : « Lucia que não quizesse disvirtuar o amor, o verdadeiro amor, fazendo de um sentimento real e fecundo uma pieguice romantica e desenhxada. » Lembrou-lhe o que ella propria dissera, quando pela primeira vez estiveram juntos.

E, n'um esfolegar febril e ruidoso, supplicava-lhe um pouco de compaixão, ao menos ; que não o torturasse d'aquelle modo ; que não o obrigasse a succumbir ao desespero de sua paixão !

Lucia não attendeu. — Elle que deixasse a casa de Mme. Brizard e viesse tomar um commodo alli na Tijuca. Assim... bem ! Mas, n'aquelle momento e n'aquellas circumstancias... Não ! não ! e não !

Apezar da energica recusa, Amancio insistia sempre.

— Não seja teimoso, reprehendeu ella, arrancando-lhe as saias da mão. — Oh !

Elle, porém, não se desenganava e até já recorria á violencia.

— Peior ! disse a mulher, notando que o estudante lhe desgrenhava os cabellos e machucava-lhe as roupas. — Já não you gostando muito da brincadeira !

E, a um movimento desabrido do rapaz :

— Ora pilulas ! Isso agora tambem já é estupidez !

Amancio ao seu lado bufava, immovel, emittindo sobre ella olhares de colera.

— O senhor faz-se desentendido ! exclamou Lucia, afinal, endireitando o penteado e armando as lunetas — Ha muito devia comprehender que nada alcançará de mim, em quanto eu estiver com meu marido !

— Marido o que! desmentio o provinciano, com a voz suffocada. — Tão marido com eu!

Lucia olhou para elle, apertando os olhos.

— E' isso! sustentou aquelle. — Sei de tudo! A senhora quer fazer de mim um tólo, pois fique sabendo que não faz! Trate de arranjar outro, porque commigo perde o seu tempo!

Ella o medio de alto a baixo, levantou desdenhosamente o labio superior, e afastou-se com um grande ar emproado e senhoril, murmurando entre dentes:

— Ordinario!

Amancio calçou o chapéo sobre os olhos, e, de cabeça baixa e passos lentos, retomou pelo caminho andado, a fustigar com a bengala as hervinculas da estrada. Sahio pelo portão da chacara.

* Já na rua, sacudio os hombros e disse a meia voz:

— Que a leve o diabo!

XV

O rapaz acordou muito bem disposto no outro dia, estava, ou pelo menos parecia, restabelecido completamente. Os ares tonificantes de Santa Thereza produziram-lhe efeitos miraculosos.

— Até que enfim podia mandar ao diabo os xaropes e as tisanas que, de tempos a essa parte, lhe melancolisavam a vida e relaxavam o estomago. E, ainda metido entre os lençóis, na matinal preguiça das sete e meia, dispunha-se a philosophar sobre o ridiculo episodio da vespera, quando um leve rumor na porta do quarto lhe desviou o curso das idéas. Era a menina que trazia o café.

Vio-lhe a pallida mãozinha medrosamente surdir por entre a fisga da porta mal cerrada, para depôr no chão, como era de costume, a chavena de porcelana. Amancio, porém, d'esta vez saltou da cama e, correndo de gatinhas, a impolgou nas suas.

A mãozinha quiz fugir, elle não consentio, e com ella veio um braço que as folhas da porta arremangavam.

Começou a beijal-o sofregamente, desde a ponta dos dedos até o biceps; enquanto Amelia, sempre escondida, ia consentindo, toda ella arripiada em cocegas.

— Um beijinho... pedio elle, mostrando o rosto.

— Logo !

— Com certeza ?...

— Com certeza !

E a pequena desapareceu muito ligeira, — tic, tic, tic, pela escada.

Pouco depois combinaram a primeira entrevista. Ella subiria ao sótão, logo que a casa estivesse completamente recolhida. Amancio que a esperasse no escuro e com a porta do quarto apenas cerrada.

O rapaz não pôde ficar tranquillo mais um instante. As horas nunca lhe pareceram tão longas e as conversas tão intermináveis. Um sobresalto feliz perturbava-o todo, tirava-lhe o appetite e não lhe permittia um pensamento que não fosse cahir aos pés de Amelia.

Por maior caiporismo, o Dr. Tavares tinha essa noite uma visita que parecia disposta a não largal-o. Era um velho de sua provincia, muito fallador de politica, apaixonado pelas eleições, pelos conservadores, mas que, nem á mão de Deus Padre, pronunciava os *r r* e os *s s* e dizia: « Os partido liberá, os senadô, » e outras barbaridades.

— Quando se irá este cacete?... pensava Amancio, tremulo de impaciencia.

E o Tavares a puxar pelo demonio do homem, a fazer-lhe perguntas sobre perguntas e a despejar contra elle a sua rhetorica inexaurível.

Até o guarda-livros que ás vezes passava dias e dias sem dar uma palavra, estava essa noite disposto a fallar pelos cotovellos. Ainda pilhára o chá e, repimpado na cadeira, com um brilhante a luzir n'um dedo, o ar satisfeito, os punhos bem engommados, taramelava a respeito dos seus projectos de casamento. « Sim, que elle, havia coisa de anno e meio, estava para desposar uma linda menina e de educação esmeradissima. J'ha que tempos a pedira!... Só esperava que a casa, onde trabalhava desd'os seus quinze annos, lhe dêsse sociedade, como aliás havia já promettido.— Ah! Toda a sua ambição era fazer familia! Que vidinha melhor que a do casado?... o matrimonio era um complemento do homem!... A gente emquanto moça não

sentia a falta da esposa, mas depois?... quando chegasse a velhice?... Ahi é que seriam ellas! Não! não podia admittir um eterno celibato!... A vida do solteiro tinha seus encantos, tinha, para que negar?... os espinhos porém, eram em maior número; si eram!...»

E citava os casos.

Amancio retirou-se da varanda, suffocado de raiva. Preferia esperar no quarto.

Deram onze horas. Amelinha pedio licença e tambem se recolheu. Mme. Brizard, á cabeceira da meza, já bocejava, entretendo os dedos a fazer pilulas das migalhas de pão que ficaram do chá; o marido, ao lado d'ella, estudava mechanica racional.

Veio finalmente o copeiro levantar a meza e buscar o Cezar para a cama. O guarda-livros apertou as mãos de todos e sumio-se; o sujeito dos *partido liberá*, a despeito das insistencias do amigo, despedio-se igualmente e, quando o advogado, que o fôra acompanhar até o portão da chacara, voltou á varanda, já não encontrou ninguem.

Em pouco a casa era toda silencio e trevas. Então, Amelinha, deixou o quarto sorrateiramente, tirou as botinas, apanhou as saias e galgou a escada do sótão.

Amancio, que a esperava na porta, logo que a teve ao alcance da mão, puxou-a para dentro, e deu uma volta á fechura.

Desde esse momento, a vida em casa de Mme. Brizard tornou-se para elle uma coisa muito agradável. Ninguem mostrava desconfiar, ao menos, de suas intimidades com Amelia, que pelo seu lado parecia satisfeita com o estado de coisas.

Só uma ligeira circumstancia covardemente o arreceava: é que a pequena não lhe exhibira amor em quarta ou quinta edição, como dizia o Paiva, mas em compro-

mettedoras primicias, com todos os cruentos requisitos de uma estreia.

Fugio o primeiro mez de lua de mel, sem o menor eclipse. Comtudo, elle agora puxava um pouco mais pela bolsa: a familia estava em crise; a pensão de Nini absorvia os proventos que se obtinham do Tavares e do guarda-livros; o casarão da rua do Rezende apenas se conseguira alugar em parte; os generos de primeira necessidade eram mais caros em Santa Thereza.

Mas que valia tudo isso posto em confronto aos gosos que lhe proporcionava a deliciosa rapariga?

Ella parecia viver exclusivamente para lhe dar carinhos e afagos. Era como se fôra sua esposa; deixava tudo de mão para só cuidar do amante. — Elle estava em primeiro logar! Agora a pequena lhe fazia a cama; levava-lhe ao quarto o moringue d'agoa, penteava-lhe os cabellos, e exigia que o rapaz lhe dissesse os passos que dava, por onde estivera, com quem fallára e o dinheiro que gastára. Revistava-lhe conjugalmente as algibeiras, lia-lhe as cartas e, sempre desconfiada, cheirava-lhe as roupas.

Amancio sorria de taes ciumes, com o ar seguro de quem desfructa em paz uma felicidade legitima e abençoada por todos. Já não furtavam beijinhos assustados por detraz das portas; não roçavam os joelhos por debaixo da meza e não se serviam das mãos como instrumento de amor; guardavam-se para as liberdades da noite, para a independencia do quarto. Na occasião, porém, em que elle sahia para as aulas ou á noite para o passeio, beijocavam-se sempre, como dous bons casados.

Entretanto, as épocas de exame batiam á porta. Amancio vivia em desasocego com os seus estudos tão mal apercebidos; mas o Coqueiro dava-lhe coragem, ensinando-lhe como devia proceder, dizendo-lhe o que devia estudar de preferencia, aconselhando-o a que não tivesse medo. « Amancio que se apresentasse

de cabeça erguida : o bom exito nos exames dependia quasi sempre do desembaraço mais ou menos atrevido do concurrente ! » E citava exemplos : « Fulano, que apenas conhecia dous pontos de tal materia, chimpára distincção, só porque era de um descaramento imperturbavel ; ao passo que sicrano, apesar 'de muito bem preparado, não conseguira passar com a sua vozsinha tremula e o seu todo rachitico e assustado ! »

Um novo acontecimento veio, porém, desviar Amancio d'aquella preocupação : por telegramma de sua provincia, constou-lhe que o velho Vasconcellos morrêra de beri-beri fulminante.

Os pormenores chegaram no primeiro vapor : « Vasconcellos fôra atacado como hoje e morrêra como depois d'amanhã. Ia pela rua, muito senhor de si, quando, de repente, sentio afrouxarem-se-lhe as pernas e teria desabado no chão, si dous homens que passavam não o soccorressem promptamente.

« Foi recolhido á primeira casa, que era felizmente de um amigo. Meia hora depois já lhe principiava a faltar a respiração : a molestia subia, ameaçando-lhe o estomago. Fez-se uma junta de medicos ; ficou resolvido que o doente devia seguir, sem perda de tempo, para qualquer parte,—Caxias, Rosario, mesmo Alcantara, a Villa do Paço, que fosse ; comtanto que sahisse da cidade quanto antes, até apparecer um vapor que o levasse para mais longe.

« Partio n'esse mesmo dia, dentro de uma rêde, com direcção á Villa do Paço. Mas o terrivel beri-beri subia sempre ; os membros por onde elle atravessava iam ficando paralyzados e frios como membros de defunto. A onda maldita galgára finalmente a caixa thoraxica, Vasconcellos não pôde respirar de todo e morreu. »

Amelia, ao receber a inesperada noticia, rebentou n'um berreiro e tratou de cobrir-se de luto fechado.

O irmão tambem se vestio de preto, fez cerrar as

portas e as janellas de casa por sete dias e, durante esse tempo, andou tristonho e anojado.

Amancio perturbou-se devéras com a morte do pae. Ha bastante tempo mentalisava projectos de, em voltando á provincia, tratá-lo de modo tão carinhoso e tão amigo, que sua consciencia ficasse, por uma vez, tranquila a esse respeito. Havia no segredo de tal intenção o sabor ineffavel de um voto religioso. E seus planos, assim malogrados de repente, enchiam-lhe agora o coração de tristeza e as noites de sonhos tormentosos.

Mas Amelinha lá estava para o consolar, para lhe reprimir os gemidos com a polpa vermelha de seus labios, e espantar-lhe os negrumes do desgosto com a luz voluptuosa de seus olhos e com a doçura crystalina de suas palavras.

Veio o Campos. Trataram longamente do « triste acontecimento »: Amancio queria dar um um pulo ao norte: a mãe com certeza precisava d'elle ao seu lado, quando mais não fosse para tratar do inventario.

O negociante já não comprehendia assim: « Estavam a chegar os exames; Amancio, si sahisse da Côte n'aquelle momento, perderia o anno; o melhor, por consequinte, seria esperar pelas férias. Pois então! eram mais alguns dias de demora que não prejudicavam a ninguem!... »

Coqueiro pensava do mesmo modo. « Nem o collega encontraria alguém com um bocadinho de juizo que lhe aconselhasse uma semelhante viagem antes do acto. Era até loucura pensar n'isso! »

Crusaram-se cartas entre o Rio de Janeiro e Maranhão. Amancio foi considerado maior pelo juiz de orphãos, podia receber o que lhe tocava na herança. Mas a firma liquidante offereceu-lhe sociedade em commenda; elle aceitou, a conselho do Campos, e instituiu

na provincia um advogado de confiança para lhe curar dos bens. Escolheu-se o Dr. Silveira, o dos cabellos pintados, aquelle mesmo que, no dia do exame de portuguez, se mostrára tão entusiasmado pelo rapaz.

Até que enfim estava Amancio livre e senhor de sua bolsa; podia gastar á farta, sem soffrer d'ahi em diante as peias da mezada. E não o amedrontava igualmente o risco de cahir na penuria, porque ainda havia para reserva o que tinha a herdar da mãe e da avó.

Os carinhos e as solitudes da familia Coqueiro inflammaram-se, já se vê, com os ultimos acontecimentos. O estudante era cada vez mais adulado e em compensação mais explorado. Agora, o irmão de Amelia não punha o menor escrúpulo em lhe aceitar os obsequios e a casa ia ficando a pouco e pouco ás costas do provinciano.

Era sempre por intermedio de Amelia que elle soffria a cardadura. Hoje tratava-se do aluguel da casa, amanhã seria a contá do Eiras, depois a dos fornecedores; si entrava um barril de vinho para a despensa, ou um sacco de feijões; si apparecia um novo aparelho de porcelana á meza do almoço ou do jantar, Amancio ficava á espera da factura que, á noite, impreterivelmente, passava das mãos da rapariga para as suas.

Amelinha, essa então, já não procurava rodeios para lhe arrancar as coisas. Quando precisava de um vestido, de uma joia, de um chapéo, dizia-lhe seccamente: « Deixa-me tanto, que amanhã tenho de fazer compras. »

E as despezas da casa recrudesciam, á proporção que mingüavam os lucros. O guarda-livros despedira-se, porque afinal chegára a época do seu casamento, e ninguem o substituiu; só ficou o advogado que deixaria por mez, quando muito, uns duzentos mil réis.

Amancio ia supportando a carga silenciosamente, certo de que não encontraria difficuldade em despejal-a, assim que a coisa lhe cheirasse mal.

Todavia, o dinheiro era já o unico recurso de que dispunha para fazer calar a amante, quando esta lhe fallava em casamento. Em taes occasiões a rapariga chorava quasi sempre ; dizia-se infeliz ; queixava-se da sorte. « Que Amancio fóra a sua perdição ! que ella cedera aos rogos d'elle na persuasão de que era amada e de que mais tarde seria sua esposa ! »

— Ora, filha ! Nós, antes de cahirmos na asneira em que cahimos, não tocámos uma só vez em casamento ! E, si queres que te diga com franqueza, eu até nem suppunha ser o primeiro com quem tivesses relações !...

Ella irritava-se ao ponto de ameaçal-o com um escandallo. Amancio que se não enganasse, pois que ainda havia um João Coqueiro sobre a terra ! Elle que não cahisse no descôco de querer desamparal-a, porque então as coisas lhe sahiriam mais atravessadas !

Estas resingas terminavam sempre por uma nova exigencia de Amelia. E já se não contentava com um chapéo ou com um par de botinas, queria vestidos de seda, joias de valor e dinheiro para gastar.

Uma noite, Amancio ficou abismado por lhe ouvir fallar na compra de um chalet nas Lorangeiras.

— Sim ! reforçou ella, ao perceber que o rapaz não tomavã a sério suas palavras. — Despedia-se o Tavares e ficaríamos á vontade por uma vez ! Eu não estou satisfeita aqui !...

Elle tornou a sorrir. — Amelia com certeza estava gracejando...

Mas a rapariga jurou que não, recorrendo a todos os segredos de sua ternura. Afinal, vendo que o amante não cedia, zangou-se como de costume.

— Tu assim o queres ; disse, arrancando-se dos braços d'elle, — pois bem, tu assim o terás ! Amanhã has de ver o que sae n'esta casa !

Amancio encolheu os hombros.

— Não te importas ? ! Pois veremos quem tem razão !

E limpando os olhos :

— Ingrato! Porque sabe que a gente o estima, abusa d'este modo! Tôla fui eu em me deixar seduzir !...

— Eu não a seduzi! Ora essa!

— Até fez mais, replicou ella, — deshonrou-me!

— Pois deshonrada ou seduzida, não tenho dinheiro para comprar casas!

Amelia sahio essa noite do quarto do estudante ameaçando fazer estoirar a bomba no dia seguinte.

E, pela manhã, quando Amancio, ao seguir para as aulas, lhe foi dar o beijo favorito, ella muito amuada, voltou o rosto, resmungando « que a deixasse. »

O rapaz prometteu que « ia pensar, » e á noite daria uma resposta.

Mas n'essa noite, Amelia, pela primeira vez, depois do seu novo estado, não se apresentou ás horas habituaes no quarto do estudante.

Amancio, sem perder as esperanças de a ver surgir de um momento para outro e precipitar-se-lhe nos braços, não conseguira ficar tranquillo. Aquelle procedimento, vindo de quem vinha, o revoltava como a mais infame das ingratidões!

Ouvio dar tres horas, quatro, cinco. Não se conteve, levantou-se, pizando forte, desceu á varanda e foi bater á porta de Amelia.

Nada.

Bateu mais rijo.

— Que é?! perguntou ella asperamente.

— Preciso fallar-lhe.

— Não são horas proprias para isso!

— Ouça! Quero dizer-lhe uma coisa...

— Não tenho negocios! Entenda-se com meu irmão!

Amancio voltou ao quarto, desesperado. Não que o acovardassem as ameaças da rapariga, bem percebia que as suas relações com ella não eram em casa nenhum segredo e, além d'isso, desde que aceitavam o pagamento, — ora adeus! nada podiam dizer! mas apo-

quentava-se com a falta que já lhe fazia o diabrete da pequena. Habitára-se a dormir ao calor perfumado d'aquelle corpinho branco, ageitára-se ao commodo amor d'aquella mulherzinha nova e palpitante e, agora, não podia voltar, assim sem mais nem menos, ás suas tristes noites desacompanhadas do outro tempo.

Acordou muito tarde no dia seguinte. Amelia, quando elle sahio do quarto, não lhe deu palavra; estava arrumando uma caixa de retalhos, e arrumando ficou. Mme. Brizard havia sahido para ver Nini. — O Coqueiro e os hospedes se achavam tambem na rua.

— Então a senhora não me quer fallar? perguntou Amancio, fitando-lhe as costas.

Ella interrompeu o que cantarolava e, sem se voltar, disse friamente:

— A culpa é sua...

E continuou a cantarejar, muito embebida nos seus retalhos de fazenda.

Aquella desdeo, namorado e artistico, a tornava ainda mais desejavel aos olhos do rapaz.

Parecia-lhe até mais bella esse dia; como si os seus encantos, intervindo na perrice, floreassem caprichosamente durante aquella noite de soledade.

Amancio nunca lhe achou a pelle tão fina, os dentes tão brancos, os olhos tão vivos e tão formosos. O pallido e ondulante pescoço da menina jámais lhe pareceu tão mysterioso; a sua garganta, macia e doce, jámais o captivára tão despoticamente. Elle, enfim, nunca a sentira tão necessaria, tão indispensavel.

E as scenas venturosas dos seus primeiros dias de amor lhe perpassaram vertiginosamente diante dos olhos, derramando-lhe por todo o corpo um appetite brutal de readquerir, no mesmo instante, aquella riqueza, que lhe fugia por entre os dedos, como um vinho precioso que se derrama.

— Então a culpa é minha?... disse elle, afinal, apal-

pando com a vista a carne esperta dos quadris e dos braços da amante.

— Pois você não vê, respondera ella, voltando-se espreitada, — que as coisas não podem continuar como até aqui?! E' uma canceira insupportavel! Quasi que já não durmo! Preciso esperar de olho aberto que toda a casa se recolha e recolher-me ao quarto antes que os mais se levantem! O resultado é que não descanso; ando tresnoitada; estou enfraquecendo! Já tenho até uma dôr do lado! Quem pôde com esta vida?! Ah! você não sente, bem certo! porque muita vez o encontro a dormir, e dormindo o deixo quando saio! Mas eu?! Si quero que não aconteça como outro dia (que nem sei como não deram pela coisa!) o remedio que tenho é ficar alerta e não deixar que o dia me sorprehenda a dormir no seu quarto! Vê você?!

— Mas d'ahi?... perguntou Amancio, no fundo compenetrado de que a « pobre menina » não deixava de ter o seu bocadinho de razão.

— D'ahi... esclareceu Amelia, — é que n'essa tal casa de que lhe falei, e que está para se vender muito em conta, ha, além dos commodos necessarios para Loló e Janjão, dous quartos magnificos, com entradas independentes e communicaveis entre si por uma pequena alcôva. Ora, um dos quartos dá para a sala de visitas e o outro para a sala de jantar; no caso que arranjassemos o negocio, você ficaria com um e eu ficaria com o outro, e d'essa fórmula acabavam-se os sustos e as canceiras; porque durante o dia abriam-se as portas do lado de fóra e fechavam-se as de dentro, mas á noite praticava-se justamente o contrario, e ficavamos nós em completa liberdade! Compreende você agora?...

— Sim. Amancio comprehendia e até achava o plano muito bem lembrado, mas a questão é que não via necessidade de comprar a casa, era bastante alugal-a...

— Sim, sim! mas é que o dono não a aluga, quer vendel-a. E onde ia você encontrar outra casa n'essas condições?...

— Hei de passar por lá...

-- Não. Vamos hoje mesmo, á tarde. Loló já prometteu que nos acompanha.

— Pois sim.

E Amancio puxou Amelia pelo braço, para lhe dar um beijo.

— Deixe-me... resingou ella, ainda com um restinho do arrufo. — Você só cuida de si e das suas commodidades... Egoista!

— Não digas isso, meu bem!

— Pois não é assim?! Qual foi a vontade séria que você já me fez? E' bastante que eu mostre gosto n'uma coisa, para você fazer justamente o contrario... Entretanto, eu, por sua causa, sacrifiquei tudo que possuia!

E começou a chorar, muito infeliz, a dizer que Amancio tinha razão! — Ninguem lhe mandára ser tôla! Ella nunca deveria se ter entregado sinão depois do casamento!

E as suas lagrimas enxugavam-se nos labios d'elle.

E assim ficaram alguns minutos, até que Amelia, de repente, se lhe tirou dos braços e, abrindo distancia, declarou de longe, em plena attracção de seus encantos, que « não faria nenhum caso de Amancio emquanto não possuísse o chalét. »

N'essa mesma noite ficou assentado que o rapaz, em nome da amante, compraria a casa das Larangeiras.

Com effeito, uma semana depois, tratava-se da escriptura de compra. O negocio correu a galope, visto que a propriedade era de um pandego sequioso por dinheiro.

Podiam cuidar logo da nova mudança; Amelia, porém, não consentio em tal, sem que se realisassem umas

tantas bemfeitorias que a « sua » casa reclamava; substituir, por exemplo, o papel da sala de visitas, que era de máo gosto; metter-lhe agoa, que não havia, e fazer esteirar os aposentos destinados para si junto com o seu homem.

Mas Amancio não podia distrahir tempo com essas coisas: andava muito absorvido pela idéa dos exames que se aproximavam.

Ultimamente viéra-lhe uma febre de formatura, queria a todo o custo « passar » no primeiro anno.—Tambem era só do que fazia questão, « passar no primeiro, » porque, quanto aos outros, tinha certeza de se preparar melhor e com mais antecedencia. Agora, lamentava o tempo perdido na preguiça e na molestia; dava aos diabos os seus amores, e vivia n'uma dobadoira a arranjar empenhos e cartas de protecção. Agarrou-se ao Campos; agarrou-se áquelle Dr. Freitinhas (do baile do Mello) que era unha com carne de um dos examinadores. E furou, e virou, e percorreu amigos e desconhecidos, até se julgar « garantido. » Então, pagou a segunda matricula e entregou-se de olhos fechados ao destino. « Seria o que Deus quizesse ! »

Era, pois, o Coqueiro quem dirigia as obras da casa da irmã. O methodico rapaz sempre tivéra paixão por esse genero de trabalho.

— Si fôsse rico, affirmava elle, — muito predio havia de fazer, só pelo gostinho de acompanhar as obras !

XVI

Chegou, finalmente, a vespera do amaldiçoado exame.

Que anciedade! Que de angustias para o pobre Amancio! E que noite, a sua! — Não descansou um segundo; apenas, já quasi ao amanhecer, conseguiu passar pelo somno; antes, porém, não dormisse, taes eram os pesadellos e barbaros sonhos que o perseguiam.

Via-se entalado n'um enorme rosario de vertebras que se enroscava por elle, como uma cobra de ossos; grandes tibias dansavam-lhe em derredor, atirando-lhe pancadas nas pernas; as formulas mais difficeis da chimica e da phisica individualisavam-se para o torturar com a sua presença; os examinadores surgiam-lhe terriveis, rispidos, armados de palmatoria, e todos com aquella feia catadura do seu ex-professor de portuguez no Maranhão.

Pelo incoherente prisma do sonho, o concurso academico se amesquinhava ás ridiculas proporções do exame de primeiras lettras. Era a mesma sálinha do mestre-escola, a mesma banca de paparaúba manchada de tinta, o mesmo fanhoso Sotero dos Reis presidindo a meza. João Coqueiro, o Paiva e o Simões, vestidos de menino, fitavam o examinando com um petulante riso de escarneo. Amancia sentia correr-lhe o suor por todo o corpo e agulhas invisiveis penetrarem-no até á medula. O professor, transformado em juiz e ostentando as feições do fallecido Vasconcellos, inquiria-o

com asperezas de senhor ; mas ás suas perguntas, em vez de concernirem ás matérias do acto, só se referiam a Amelia.

— Porque matou você a pobre menina?! bramia o pae, cravando-lhe olhares de fogo : — Responda, *seu canalha!* responda! Ah! Pensa que ainda não sei de que você, para melhor a seduzir, lhe havia prometido casamento e jurado olhar sempre por ella, *seu cachorro?!...*

O Coqueiro, lá do canto, sacudia a cabeça affirmativamente e enviava a Amancio caretas de vingança. Ao lado d'este, o cadaver de Amelia fazia-se todo vermelho com o sangue que lhe golpejava de um dos seios rasgado de alto a baixo.

O réo queria responder, justificar-se, expôr a verdade; eram, porém, baldados os seus esforços : não conseguia articular uma palavra; gelatinava-se-lhe a voz na gargante, empacando-lhe a falla.

— Bém! gritou o velho Vasconcellos á meia duzia de soldados que escoltavam Amancio.— Conduzam esse miseravel ao cêpo e cortem-lhe a cabeça !

O estudante atirou-se de joelhos, com as mãos postas, chorando, supplicando que o não matassem. Mas os soldados apoderaram-se d'elle com violencia e ataram-lhe os braços. O Juiz, Coqueiro, Simões, o Paiva, sumiram-se de repente, soltando gargalhadas. Amancio foi conduzido por um corredor muito escuro e apertado; os soldados, quando o percebiam vacillar, batiam-lhe no hombro com a coronha das espingardas. Chegou a um pateo lageado e humido, onde milhares d'homens armados formavam alas; no centro, sobre um tóro de madeira conspurcada de sangue, reluzia um machado á sua espera; e, de joelhos, abraçado a um crucifixo, um padre velho, de longos cabellos brancos, engorolava latins.

Fizeram silencio.

No meio das respirações abafadas, só se ouviam os

passos tropegos e o afflictivo resfolegar do condemnado que, á ponta de bayoneta, subia os degráos do cada-falso.

Veio o carrasco, despio-lhe a camisa, tosou-lhe os cabellos, e empunhou o ferro.

Amancio não se resolvia a entregar o pescoço, mas o velho Vasconcellos, que surgira por detraz d'elle, atirou-lhe um murro á nuca e fel-o calir de bruços contra o cepo.

Então, para lhe abafar os gemidos, romperam todos os soldados n'um rufo estridente de tambores.

Amancio sentio o aço frio entrar-lhe na carne do toutiço, espipar o sangue, e o corpo, de um salto, arrojar-se ás iages.

Havia saltado, com effeito, mas da cama. E o despertador, que ficára de vespera com toda a corda para as seis da manhã, continuava o rufo penetrante dos tambores.

O estudante abriu os olhos e passou em sobresalto a mão pela testa; os dedos voltaram ensoçados de suor.

Com a perceptibilidade das coisas foi aos poucos sahindo d'aquelle estado de excitação, mas voltando lentamente á taciturna agonia da vespera.

Vestio-se quasi sem consciencia do que fazia; esqueceu-se até de escovar os dentes, porque, mal voltou a si, correu aos livros, sem aliás conseguir firmar a attenção sobre coisa alguma.

E Amancio tremia todo só com a idéa de sua inhabilidade. A' medida que as horas se esgotavam e o momento fatal se lhe antepunha, um languor covarde e mulheril crescia dentro d'elle, produzindo-lhe arrepios que principiavam na ponta dos pés e iam-se estendendo pela espinha dorsal, até lhe interessar a cabeça, depois de percorrer as regiões abdominaes.

Mas em baixo, na varanda, em presença de Amelia e

Mme. Brizard, fazia-se forte, a despeito da pallidez que lhe alterava as feições. Nem de leve fallou nos sonhos d'essa noite, e o Coqueiro, a titulo de mettello em brios, contou varias anedotas de examinandos ridiculos.

Os dous tomaram café e porfim sahiram. O trajecto de casa á escola foi um martyrio para Amancio, afigurava se-lhe, como no sonho, que se dirigia ao patibulo.

Chegou ás dez horas. Alguns companheiros de acto já lá estacionavam em magotes de quatro e cinco pelos corredores ou á porta da secretaría; fumavam-se cigarros consecutivos, discreateavam-se os assumptos da occasião. Amancio cumprimentou os conhecidos, parando aqui e alli, fallando sobre os pontos do exame; —qual preferia que sahisse, em qual se presumia menos fraco e capaz de fazer figura.

Agora, sim, estava mais animado; a presença dos collegas o robustecia com um vago espirito de collectividade. Sentia-se mais forte e resolutivo ao lado dos companheiros de perigo, como si a victoria dependesse do numero de combatentes.

Entretanto, faziam-se horas. Os examinadores estavam já reunidos na sala d'exames, em torno da sua meza ferrada de panno verde. Amancio lobrigava-os pela frincha da porta entreaberta e ouvia-lhes o murmurar descuidoso da conversa, intercalada de risotas e baforadas de charuto.

A' vista d'aquelles homens resfriaram-lhe de novo as mãos e voltaram-lhe os calafrios do terror, algum resto de confiança, que ainda teria em si, evaporou-se de todo.

E, para não succumbir, procurava acreditar na effi-
cacia dos empenhos que arranjava; seu espirito, como o naufragó que braceja nas agonias da morte, já não escolhia os pontos a que se agarrava; tudo lhe servia n'aquelles apuros, tudo era um pretexto de esperança; mas a consciencia da verdadeira situação vinha met-

ter-se-lhe de permeio, arrancando, uma por uma, todas as taboas de salvação.

E Amancio arquejava, desorientado, perdido.

— Que diabo viéra fazer allí?! Para que se apresentára? porque não se guardou para o anno seguinte ou, quando menos, para março? Antes não tivesse pago a segunda matricula! Oh! si o arrependimento salvasse!...

E, á proporção que se avizinhava o momento supremo, mais e mais imprudente lhe parecia a sua temeridade.

—N'aquella occasião, pensava elle,—bem podia estar na provincia, á testa dos seus negocios, ao lado de sua querida mãe, passeando, rindo, gosando, como nos outros tempos!... Era rico, era já tão estimado antes da academia, para que então soffrer semelhantes torturas, passar por aquelles máos quartos de hora, que allí estava curtindo?...

E vinham-lhe venetas de fugir, abandonar tudo aquillo, sem dar satisfações a ninguém, correr á casa do Campos, encher-se de dinheiro e arribar para a Europa, para o inferno! comtanto que se livrasse da obrigação de expôr uma sciencia que não tinha, escrever idéas de que não dispunha!

Mas o bedel havia surgido e principiava a « chamada », e, a cada nome, recitado pausadamente, o seu olhar morbido, de funcionario publico no cumprimento de um velho dever enfadonho, consultava a multidão de estudantes, que em sussurros se apinhava pelo esvasamento das portas, empurrando-se uns aos outros, impacientes, curiosos, o pescoço espichado, a bocca aberta, o calcanhar suspenso.

— Amancio da Silva Bastos e Vasconcellos, disse aquelle arrastando a voz.

* Amancio sentio uma pontada no coração e tartamudeou:

— Presente.

Os companheiros, que lhe ficavam por diante, arredaram-se logo, dando-lhe passagem, e elle foi occupar uma das banquinhas que havia na sala.

A chamada ainda durou algum tempo, porque Amancio era dos primeiros; afinal, o bedel mastigou o ultimo nome; fechou-se a porta da sala; e um silencio formalista espalhou-se entre a turma dos estudantes e o grupo dos examinadores.

O presidente da meza tomou a lista dos examinandos, arranjou os oculos, tossicou e, com um bocejó, chamou pelo que estava em primeiro lugar.

Um rapazote loiro, de buço, ergueu-se e foi ter com elle. O presidente, com um segundo bocejo e um gesto de cabeça, ordenou-lhe que tomasse um dos pontos da urna.

Amancio offegava.—Ia decretar-se o ponto!

— Qual seria?... E si, por caiporismo, fosse justamente um dos mais crús?

E o sangue trepava-lhe á cabeça, pondo-lhe latejos nas fontes.

O rapazote loiro metteu enfim a mão na urna e tirou com a ponta dos dedos tremulos uma pequena torcida de papel, que passou ao presidente.

Este desenrolou-a e leu: « Hydrogenio. »

Amancio respirou: o ponto não podia ser melhor do que era! talvez fosse até entre todos o menos mal sabido; ainda essa manhã lhe passára uma vista d'olhos. Cómto, uma vez imposto o Hydrogenio, quiz lhe parecer vagamente que havia outros pontos preferíveis.

Mas estava mais tranquillo, que era o principal; já quasi nada lhe tremia a mão ao receber das do bedel uma folha de papel almaço, rubricada pelos lentes, das que ia aquelle distribuindo por todas as banquinhas dos examinandos.

— Alli, naquelles miseraveis dous vintens de papel, tinha elle de determinar o seu futuro, a sua posição

na sociedade, talvez a propria vida de sua mãe, dizendo o que sabia a respeito do tal Hydrogenio!...

Experimentou a penna, endireitou-se na cadeira, e escreveu, caprichando na lettra e procurando obter estylo.

A areia da ampulheta esgotava-se defronte da calva e dos bocejos do Senhor presidente. Correu meia hora; Amancio ergueu-se afinal, entregou a sua prova e sahio da sala, a esfregar, muito preocupado, os dedos da mão direita contra a palma da esquerda.

A' porta, mal accendêra sofregamente o cigarro, contava já aos amigos o que havia exposto pouco mais ou menos.—Ah! com certeza pilhava uma — nota bôa! —Não era por querer fallar, mas a sua prova sahira limpa. « Assim não fosse o ponto tão ingrato!... »

E ficaria a prozar sobre o caso, si o Coqueiro, aguilhoado pela ausencia do almoço, não o arrancasse d'alli.

A nota foi bôa, effectivamente.

Soube-o Amancio no dia seguinte, logo que correu á secretaria. Não contava, porém, ficar tranquillo, sinão depois do resultado de sua prova oral.

Novos sobresaltos foram se aggravando durante os dias que era preciso esperar. Voltavam-lhe as afflicções; no fim de algum tempo já não podia comer, não podia ligar duas idéas sobre qualquer coisa e não conseguia repousar duas horas seguidas. Ficou ainda mais desnorteado que da primeira vez.

Amelinha, então, o estimulava com as suas garrulices de pomba que já fez ninho. Puxava por elle, tentando arrancar-o d'aquelle estado, mas não conseguia lhe despertar um só dos antigos momentos de bom humor, nem lhe merecer uma de suas primitivas caricias.

O rapaz andava tonto, cheio de presentimentos e de sustos. Tornou-se até supersticioso. — Não podia vêr

entrar no quarto uma borboleta de côr mais escura ; não podia supportar o grunhir dos cães, nem queria que a amante prognosticasse « um bom resultado nos exames. »

— E' melhor não fallar !... dizia elle, muito esmalhado.

Mas que prazer o seu ao voltar prompto da escola ! Jamais tivéra um contentamento tão agudo. Ria sem motivo, sentia impetos de abraçar a toda gente, pulava, cantava, parecia doido.

Soubéra do resultado no mesmo dia da prova oral, por intermedio de um dos professores. — Sahira approvado plenamente.

Vencera !

Collegas o acompanharam até á casa. Lá ia o Paiva, sempre com o seu olhinho irriquieto o mexeriqueiro, o seu todo enfrezeziado e farto « desta porcariã de mundo. » Lá ia o triste Salustino Simões, encasmurado no seu ar incredulo e bambo, a mascar o cigarro, a aba do chapéo encostada á gola sebosa do fraque.

Abriram-se garrafas de champagne ; fizeram-se brindes. João Coqueiro desmanchava-se em sorrisos, como se partilhasse directamente de todas aquellas manifestações.

Foi muito elogiado o exame de Amancio, tocaram-se os copos, entre fervorosas palavras de animação ; falou-se em « filhos dilectos da scincia, » em « liberdade, » em « geração nova, » em « mineiros do progresso. »

Todavia, Amancio em ar feliz e pretencioso, confessava o pouco que estudára e gabava-se de sua fortuna. — Podia dar a palavra de honra em como mal havia tocado nos livros durante o anno. — O Coqueiro e a familia estavam ahí, que dissessem !...

E bazofiava a respeito de sua presença de espirito, particularisando circumstancias comprovativas de uma sãgacidade á toda a prova.

— Cá o menino não se aperta! dizia elle, muito satisfeito comsigo.

Expedio-se um telegramma para o Maranhão, dando noticia do grande « acontecimento. O Simões e o Paiva ficaram para jantar. Já estavam todos á mesa, quando appareceu o copeiro com uma carta que um portuguezito acabava de trazer.

Era do Campos. O bom negociante queria festejar o exito feliz do — joven academico — com « uma pequena reunião familiar. Pena era que o Dr. Amancio estivesse de luto. »

« Não ha festa », esplanava a carta, « apenas se reu-nem alguns amigos para lhe beber á saude; e o doutor bem pôde trazer em sua companhia mais alguns. »

Amancio declarou logo que não dispensava o Simões e o Paiva Rocha e exigio que o Coqueiro levasse comsigo a familia.

— Pois iriam, iriam todos, até o Cezar. Mas o festejado teve de franquear o seu guarda-roupa áquelles dous collegas que não queriam se apresentar mal amanhados em uma casa, onde entravam pela primeira vez.

O Coqueiro, em particular, exprobou-lhe essa franqueza :

— Foge da bohemia!... disse-lhe, no seu diapasão de homem sério.— Foge da bohemia, rapaz! Esses typos não merecem que se lhes faça a ménor coisa!... Mettem os pés — sempre! Já os conheço; não seria eu quem os convidára para a casa de ninguem! E' gentinha que só está habituada a cafés e botequins, não respeitam familia! Para elles as mulheres são todas iguaes!

Amancio sorrio.

— Ora Deus queira que não tenhamos de nos arrepender!... accrescentou o outro. — E, quanto áquella roupa, podes lhe rezar por alma... o que allí cae fica!

O provinciano afastou-se sem responder e lamentando interiormente que, logo n'essa tarde, não estivesse em casa o eloquente Dr. Tavares, que seria uma excellente perna nos brindes da sobrezeza.

Mandaram-se vir dous carros. N'um iria o Coqueiro mais a familia e no outro Amancio com os dous amigos.

Partiram ás oito horas, alegremente, n'um alvoroço garrulo de festa. Mme. Brizard déra toda força á sua elegancia: atirou-se ao decôte, poz a pedraria ainda do tempo do primeiro marido, e exhibio aquelle rico pescoço, « que ella não trocava pelo de ninguem ! »

Amelinha estreou um bello vestido de escomilha azul que lhe déra o amante. No seu collo, côr de camelia fanada, assentavam muito bem as perolas e os rubis; seus braços, levemente doirados de pennugem, sabiam, no meio da confusão caprichosa das rendas valencianas, fazer tilintar com graça os braceletes que se enroscavam nas compridas e transparentes luvas de retroz.

A cunhada, ao vel-a sahir do quarto, disséra :

— Não parece uma brasileira !... Tão linda está !

Foram recebidos com transportes de jubilo por toda a familia do negociante. Campos entregou a casa ao festejado, « que a este competia, n'aquella noite, obsequiar ás pessoas presentes; fazer as honras da copa e da meza; promover quadrilhas e prender as moças até pela manhã. Era o dono da festa, que se arranjasse ! »

Amancio tomou posse do cargo, sem caber em si de contente. Muito o sensibilisava tudo aquillo que, de qualquer modo, pudesse lhe afagar o amor proprio.

E em suas mãos a festa tomou um character assustador: o pianista não tinha tempo para fumar um cigarro; os convidados eram constrangidos a beber nos intervallos da danza e a dansar no intervallo das liba-

ções. Paiva Rocha e o Salustiano, a despeito de todas as suas garantias de philosophos intranzigentes e mãos dansadores, tiveram de entrar, por mais de uma vez, nas interminaveis contradansas.

Ao inverso do que presagiára o Coqueiro a respeito d'estes dous, tanto um como o outro se houveram admiravelmente. Ninguem melhor que elles para respeitar senhoras; um espesso acanhamento os encascava e tolhia, que nem a concha ao molluscó. Salustiano, principalmente, estava mais tenro e inoffensivo que uma criança; na quadrilha, mal ousava erguer os olhos para a sua dama e, querendo ser muito delicado, apenas lograva, com os exageros da cortezia, trahir a sua nenhuma frequencia nas salas.

Para os intimidar bastava a cerimoniosa presença de senhoras de bôa sociedade. Aquelles dous pandegos, tão septicos em theoria a respeito da mulher, alli, governados pelo meio, eram os homens mais tolerantes d'este mundo; seriam capazes de defender a existencia de Deus ou do diabo, si ellas o entendessem. Facto é que o dono da casa gostou d'elles em extremo e pedio-lhes que apparecessem aos domingos, uma vez por outra, para jantar.

A festa correu sempre animada até ás tres horas da manhã, quando Amancio convidou as senhoras a tomarem logar na meza. Ao desrolhar do champagne, ergueu-se este resolutamente e exigio que o acompanhassem n'um brinde.

Abstiveram-se de bulha, e o estudante grupou em torno do nome inteiro do Campos todo o velho arsenal de rethorica applicavel á situação. Em substancia nada affirmou, mas a sua palavra era sonora e cheia; as frazes gorgolhavam-lhe dos labios com essa verbosidade ôca e retumbante que se observa nos filhos do norte do Brazil, e que aliás tem valido a muitos posição eminente na politica. Aquella voz, estalada e aberta, ferindo as vogaes, tinha um sabor muito picante de ironia, vi-

brava no ar como uma flecha selvagem e feria os tympanos como um insulto em verso.

As damas interessaram-se pelo discurso e alguns homens o ouviram sem pestanejar. E todos eram de acordo que Amancio estava talhado para o Direito e que havia de fazer « uma brilhante figura », quer na advocacia, quer na politica, si por acaso abraçasse uma d'essas carreiras.

— E' rapaz de talento!... diziam já as senhoras cochichando.

— A mim commoveu tanto o demonio do moço, que chorei!... segredou uma quarentona de chinó, que passava entre os conhecidos por mulher de máos bofes.

E principiaram a olhar com uma certa submissão para o esperançoso Amancio.

E, com effeito, o seu typo nervoso e moreno de nordesta, o seu modo semcerimonia de abrir muito a bocca, mostrando n'um gesto de pasmo a dentadura, o desembaraço de sua gesticulação, sempre que entornava pra dentro um pouco mais de vinho, e principalmente o metal d'aquella voz emphatica e encrespada pelo tal sotaque da provincia; tudo isso, sem duvida alguma, agradava depois de uma boa ceia, quando cada um não exige de ninguem sinão que lhe deixe tomar em paz o seu café e lhe permitta accender o seu charuto.

O caso é que Amancio se converteu n'uma especie de presidente da meza. Era a elle que se dirigiam os que propunham novos brindes; era para elle que mais se voltavam durante o discurso, e, tal e qual no jantar de seu pae por occasião do celebre exame de primeiras lettras, ainda era elle o alvo das melhores felicitações; com a differença de que, n'este agora, em vez de consultar de instante a instante o famoso relógio alcançado n'aquelle dia, o que Amancio consultava eram os olhos de Hortencia, n'elle igualmente presos, mas por uma cadeia d'outra especie.

E, ainda como na primeira festa, o estudante abusou um pouco dos licôres; mas, agora, em vez de pegar no somno, deu-lhe a bebedeira para se abrir ás francas com a dona da casa, logo que a pilhou sozinha no terço, ao fundo do segundo andar.

Hortencia não se indignou com isso, mas também não se mostrou satisfeita; não repellio com energia as palavras do seductor, mas não se pôde dizer que as acolhesse de boa cara; não lhe deu, enfim, os beijos que elle pedia, mas por outro lado não retirou a mão que o rapaz agarrára entre as suas.

— Eu te adoro, meu amor, minha vida! dizia-lhe o velhaco, cheirando-lhe os grossos braços revestidos de fló. — Não t'ó disse ha mais tempo por falta de coragem, júro-te, porém, que é verdade! Amo-te, minha Hortencia, amo-te com todo o enthusiasmo, com toda a paixão de que sou capaz!

Ella o ouvia em silencio, a pensar, os olhos ferrados a um ponto, o ar todó cahido e acabrunhado como por uma especie de desgosto; não se mexia, apenas, quando Amancio teimava muito em querer beijal-a, desviava o corpo, sem voltar a cabeça.

— Mas, então?... perguntou elle.

— Então, o que?... fez a outra como interrompendo um longo pensamento.

— Não aceita o meu amor?.

— Não, de certo, não posso aceitar semelhante coisa!

— Porque, minha santa?...

— Não tenho esse direito; conheço os meus deveres e a minha responsabilidade. O mais que lhe posso dar é uma afeição de irmã, de amiga, uma afeição sagrada e pura!

Amancio declarou que pensava d'esse modo justamente, mas agora queria um beijo, um só! o primeiro e ultimo! — Nada mais sagrado e puro do que um beijo!...

— Nunca! disse ella, fugindo com o rosto.

Elle o tomou á força e a senhora ficou resentida, chegou a ter um gesto de impaciencia e teria fugido, si o estudante não a segurasse pela cintura.

— Solte-me!

— Perdôa, perdôa, meu amor! segredava elle, quasi ajoelhado.— Bem quizera ser para contigo o mais respeitoso dos homens, mas não me pude conter, não me pude dominar... Perdôa!

— E jura que, de hoje em diante, não cahirá n'outra?...

— Juro! juro! mas não te revoltes contra mim!

— E que nunca mais me faltará ao respeito?...

Amancio fez um gesto affirmativo, em o qual seus olhos, agora mais estrabicos sob a influencia do vinho e do desejo, luziam supplicantes, como os olhos de um cão que tem fome.

— Pois bem, murmurou ella, meio compadecida. — Vá lá por esta vez! Está perdoado, mas fique prevenido de que, si repetir a graça, não respondo pelas consequencias.

Amancio ia fazer novos protestos, quando sentio que **alguem se aproximava**; ergueram-se ambos, instinctivamente, e, fugindo ao rumor, seguiram de braço dado para a sala.

Tocava-se uma valsa. Elle, sem consultar Hortencia enlaçou-lhe a cintura, e puzeram-se os dous a rodar, a rodar, tão certos e tão leves, que prendiam a attenção de quantos lá se achavam. E o Coqueiro, encostado á hobreira de uma porta, acompanhava-os com um sorriso de felicidade, no qual havia alguma coisa de orgulho de pae que se revê n'um filho prodigioso.

Mas o querido estudante, para o fim da festa, já não parecia o mesmo: as bebidas e o cansaço davam-lhe um ar grosseiro e desalinhado; já se lhe não via o collarinho, nem os punhos; a roupa empastava-se-lhe com o suor e a cabelleira desguedelhava-se-lhe sobre a testa. E vinham-lhe então pilherias de mão gosto; tra-

tava Amelinha quasi licenciosamente e regambleava as pernas e os braços no meio da quadrilha, como si estivesse n'um baile publico. Já não dava excellencia a ninguem e queria, por força, que o Simões e o Paiva, depois da festa, o acompanhassem a um passeio ao alto da Tijuca.

— Que diabo! rosnava elle, cuspilhando p'ros lados. — Ou bem que a gente se mette na pandega ou bem que não se mette!

Só se retiraram ao despontar da aurora. Cezar, que adormecêra desde as onze horas da noite, ficou para passar o dia com a familia do Campos. Amancio pôz um carro á disposição do Paiva e do Simões e seguiu no outro com as duas senhoras e o Coqueiro.

Este toscanejava durante a viagem, ao lado da mulher que se sumia na abundancia de uma formidavel capa de lã; emquanto que Amancio, a charutar derreado para um canto da carruagem, adormecia com a mão direita esquecida entre as de Amelia.

XVII

Recebeu no dia seguinte uma carta de Angela; era a segunda que ella escrevia ao filho depois da morte do marido.

Já na primeira lhe supplicava que a fosse ver, logo ao entrar das férias, pois agora estava muito só e acobrunhada de desgostos; além d'isso, os seus padecimentos se aggravavam. Amancio que se não demorasse; a infeliz tinha para si que a presença do filho substituiria com vantagem todos os remedios da botica.

Na segunda carta ainda se mostrava mais impaciente e mais afflicta pelo rapaz. Fallava até no receio de morrer sem abraçal-o, caso Amancio não se apressasse a ir em seu socorro. — A presença d'elle tornava-se precisa, mesmo com referencia aos interesses do inventario; porquanto D. Angela começava a desconfiar do Silveira, que não fazia outra coisa sinão lhe pedir dinheiro e mais dinheiro para as faes custas. — Enfim, por todos os motivos, era urgente que Amancio dêsse, quanto antes, um pulo ao Maranhão.

Amelinha, que já não ficára muito tranquilla com a primeira carta, assustou-se devéras quando o amante lhe mostrou a segunda.

— Eu não consinto n'essa viagem! disse-lhe terminantemente.

— Mas não vês que se trata de um caso urgente, que se trata de defender meus interesses, que se trata de

salvar a vida de minha mãe?!... Ou queres tu que eu a mate, hein?...

— Amelia não tinha nada que ver com isso!... A sua questão resumia-se no seguinte: « Déra-se a um homem, porque o amava e porque se suppunha amada por elle; esse homem a possuio como bem quiz, gosou-a como muito bem entendeu, e, um bello dia, talvez por já estar farto, resolvia metter-lhe os pés e pôr-se ao fresco!... » Bóas! Não havia de ser com ella! Amancio que não cahisse em semelhante asneira, porque então veria o bom e o bonito! Quem o afiançava era « a Amelinha dos camarões! »

— Mas, filha, que queres tu que eu faça?... Bem vêes que esta viagem ao norte é inevitavel!

— Pois então vamos juntos... Casa-te primeiro comigo!

A idéa foi tão intempestiva que o estudante respondeu com uma gargalhada. Mas o demonio da rapariga, tornando ás boas de repente, saltou-lhe ao pescoço e disse-lhe, entre beijos:

— E porque não?... Porque não te casas logo comigo, meu amor?...

— Porque era impossivel!... explicava elle. « Casar não é casaca! » Era ainda muito cedo para cuidar n'isso!... Primeiro tinha de formar-se, praticar algum tempo em Paris, e depois então... sim senhor, não dizia o contrario e havia de ser o mais empenhado em que a coisa se realizasse! Mas por ora... « Deus nos acuda! » era até loucura pensar em semelhante historia!...

Amelia fez-se logo de máo humor; vieram os remouques e os reviretes do costume; houve palavras duras de parte a parte e, afinal, como estabelecido imposto de reconciliação, ficou assentado que Amancio arranjaria mobilia nova para o chalézinho das Larangeiras.

E o rapaz lá foi comprar os trastes.

Dous dias depois realisava-se a terceira mudança. O Dr. Tavares, o ultimo hospede da famigerada Mme. Bri-

zard, pagou a sua ultima conta e recebeu da franceza um abraço de despedida.

— Ah ! suspirou ella.—Até que enfim se podia descansar um pouco ! Já não era sem tempo !

O chalézinho de Amelia ficou muito catita ; parecia um ninho de noivos.—Estava a pedir lua de mel !

A cachorra da pequena tinha gosto. Exigiu tapetes, espelhos, cortinas de chita indiana para a sala de jantar, cortinas de renda para a sala de visitas ; quiz moldura doirada nos quadros, estatuetas pelas paredes ; não dispensou nos aparadores e nos consólos jarras de porcelana das mais á moda ; jardineiras aqui e alli, vasos caprichosos com begonias e tinhorões sobre a meza de jantar ; cestinhas artisticas, com parasitas, para pendurar nas janellas ; e ainda fez substituir na cozinha, nos arranjos da comida e no arranjo dos quartos, tudo aquillo que lhe parecia em condições de reforma.

E só com essas coisas e só com a satisfação de tanta exigencia é que Amancio conseguia palliar as revoltas da amante. O desgraçado já não tinha animo de contrariar-a, porque bem conhecia o preço das resingas e, sem achar meio de reagir, via claramente que as reconciliações se tornavam mais caras de dia para dia.

Entretanto, depois da mudança, o amor dos dous tomou um character mais digno e decente. Já não era necessario que a rapariga andasse á noite em ponta de pés pela casa, tenteando a escuridão para ir ter com o seu homem. Agora dormiam á vontade, seguros de sua independencia, com as portas bem fechadas por dentro.

E só se despregavam do lado um do outro, quando tinham que abandonar o quarto. Então, cada um se servia da porta competente : Amelia tomava a da varanda e Amancio a da sala de visitas.

Não podiam desejar melhor !

Melhor, bem certo, para o descanso do corpo e re-

pouso do espirito; não, porém, para garantia do amor, essa estranha funcção psychologica que só alimenta as suas raizes nos sobresaltos e no perigo. Tamãha segurança e tamanha liberdade de acção deviam fatalmente levantar a ponta do tédio, cujo novello existe, mais ou menos escondido, no fundo de todas as coisas.

Não vinha longe a saciedade; Amancio já lhe ouvia o bocejar. Iam-se-lhe pouco a pouco amornecendo os primitivos arrebatamentos do desejo; os dous tinham-se já frouxamente, sem lumes de enthusiasmo, sem os esforçadores auxilios da imaginação. Assumptos praticos, positivos, agora se lhes intercalavam nas caricias, puxando-os grosseiramente á calma realidade da vida.

Amelinha já lhe não surgia no quarto com aquelle trefego ruçar-se de pomba assustada, o que lhe enchia as feições e os movimentos de uma graça tão maliciosa e provocadora; agora se apresentava com um ar muito tranquillo, de casada, a arrastar os chinellos, o roupão desabotoado e solto, n'um farto abandono de alcôva.

Despia-se defronte de Amancio, coçando negligentemente as partes do corpo que estiveram comprimidas durante o dia, como a cinta, o logar das ligas e dos canos das botinas. Despenteava-se alli mesmo, ao lado da cama do rapaz, sacudindo o cabello com ambas as mãos, n'um movimento de braços erguidos que lhe mostrava a grenha das axillas; elle, tambem, parecia não dar por isso, era todo do livro que lia á luz de uma véla pousada no criado-mudo.

E os assumptos de suas conversas materialisavam-se completamente. Já só discutiam interesses praticos, arranjos de vida e conveniencias domesticas: « Era preciso arranjar um jardineiro, que viesse uma vez por semana cuidar das plantas e limpar os tanques.— Era preciso chamar o homem do gaz para concertar tal candieiro que não dava boa luz.— Era conveniente alugar uma criada que soubesse lavar, porque o ladrão da

lavadeira trocava as camisas e encardia a roupa, que fazia lastima! »

E, ás vezes, na intimidade d'essas conversas, criticavam os actos de Mme. Brizard e do Coqueiro; censuravam-lhes umas tantas coisas, como, por exemplo: a negligencia d'estes para com o Cezar. « O pequeno ia por um tal caminho, que, si não abrissem os olhos, haviam de amargar mais tarde! — Que diabo custava ao Janjão arranjar-o ahi em qualquer casa de commercio ou, pelo menos, fazel-o aprender um officio?... Em casa mesmo já lhe podiam ter mettido nas unhas a carta do A B C e já lhe podiam ter ensinado alguma coisa... Mas Loló não se queria incomodar! e sinão, vissem o que se passava a respeito de Nini; outra fosse a bôa da mãe, que a pobre rapariga não levaria semanas e semanas lá na casa de saude, sem ter uma pessôa que olhasse por ella. »

Eram sempre d'este theor os motivos de sua conversa. Amelia, não obstante, fazia-se muito ligada aos menores interesses do amigo: queria saber o que elle gastava por fóra, com quem estivera; reprovava-lhe certas relações, certas companhias « que não punham ninguém p'ra diante », e aconselhava-o a que se não descuidasse de outras que lhe podiam ainda vir a servir; prérgava-lhe sermões a respeito de economias. « O mundo estava cheio de espertos: elle que desconfiasse de todos; cada um só procurava chamar a braza para a sua sardinha! » Queria estar a par de como iam os negocios do amante na provincia: « Si o dinheiro ficára em boas mãos; si não havia risco de uma quebra ou de alguma ladroeira. » E, muito egoista, muito mulher, muito agarrada ao que lhe pertencia, desde Amancio até ao pó de suas gavetas, fazia justamente como fazem os socios commerciaes que, parecendo tratar dos interesses abstractos de uma firma, estão mas é tratando dos proprios interessês.

Outras vezes boquejavam sobre os conhecidos, sobre

as pessoas de amizade. Uma noite, em que, durante o serão da varanda, se conversou muito a respeito de Hortencia, Amelia, já no quarto, em fralda, com um joelho dobrado em cima da cama, enquanto tirava grampos da cabeça e os arremecava para o velador, disse, como si continuasse um pensamento :

— Ella, no fim de contas, não passa de uma mulher como as outras!... Loló e Janjão, é que, quando gostam de uma pessoa tiram tudo dos outros para enfeitá-la!

— Quem ? D. Maria Hortencia ? perguntou Amancio, procurando n'um livro o logar em que na vespera deixára a leitura. E, depois de um movimento affirmativo da rapariga :

— Não, o Coqueiro têm razão,—a mulher do Campos é uma excellente senhora. Muito honesta!

—Ora! E' uma mulher como as outras!... sustentou Amelia, galgando a cama por cima do amante, para se aninhar do lado da parede.

— Como as outras, como? Em que sentido?

— Não é lá essas purezas que a querem fazer! Não é nenhuma santa!

— Estás enganada, filha! A Hortencia é uma mulher muito séria!...

— Quando não se ri...

— Pelo menos até aqui, que me conste, ninguem ainda se animou a dizer nada de sua conducta!

Amelia, então, possuida de um rancor instintivo de classe, de uma surda antipathia de mulher suspeita por mulher honesta, desencadeou os seus argumentos e as suas razões. Trouxe á lume conversas inteiras, que bispára na tal noite do exame. « Amancio via caras e não via corações!... Aquelle—meu bem p'r'a cá, meu bem p'r'a lá, — que todos notavam entre o Campos e a mulher, era só dos dentes para fóra! No intimo, Hortencia detestava o marido! Achava-o muito bom homem, é verdade, muito generoso, não podia se queixar

de que lhe faltasse nada, —bôa meza, bôa casa, criados p'ra servir, theatros, bailes, seu bom carro, seu vestido de preço, —sim senhor! mas só! Quanto a carinhos — nicles! A respeito de certos confortos de que uma mulher precisa, —era uma miseria! A's vezes, passavam-se mezes e mezes sem que o marido a procurasse! O pobre homem andava lá com os seus negocios, coitado! E a doida, em logar de conformar-se com a sorte, punha a bocca no mundo e eram queixas e mais queixas p'ra frente! Que ella, Amelia, não soubéra de tudo isso por parte d'este ou d'aquelle — escutára com seus proprios ouvidos! »

— Pois bem, ainda me ajudas!...olveu Amancio, tomando extremo interesse pela conversa, — ainda me ajudas, porque, si é como dizes, o bom comportamento de D. Hortencia torna-se muito mais digno de admiração!...

— Sim!... retrucou a rapariga ironicamente.—Tambem acho bom, mas móro longe! —De um, quando mais não seja, sei eu, por quem o tal « anjo de pureza » seria capaz de dar uma perna ao diabo! E olha que, si ainda não a deu, foi porque ainda não teve occasião para isso! vontade não lhe falta! Elle que se apresentasse e veriamos!

Amancio quiz logo saber quem era o sujeito.

— Um typo! Não o conheces.

— Mas como se chama?

Amelia, depois de alguma hesitação, confessou.—Era o Souza Antunes... Ahi tinha!

— Que Antunes?! irterrogou Amancio, já mordido.

— O Antunes, homem! Aquelle sujeito da Camara. Alto, de cavaignac, aquelle de castor branco, que uma vez encontrámos nas regatas, em Botafogo.

— An!... Já sei, já sei...

E Amancio procurou disfarçar a sua contrariedade, fingindo que se abismava na leitura. E parecia muito preso á pagina, enquanto aliás o seu pensamento bus-

cava descobrir no typo do Souza Antunes os attractivos que captivaram á mulher do Campos.—Impossivel! O tal Antunes era um viúvo talvez de quarenta annos, pae de filhos, e vulgar, sem talento de especie alguma, vivendo de um ordenado de official de secretaria, nem tendo, ao menos, qualidades phisicas que inspirassem paixão a qualquer mulher, quanto mais áquella! aquella que não pôz duvida em lhe atirar com uma recusa pelas ventas!...

— Não! Isso deve ser historia!... considerou elle em voz alta.

— Qual historia, o que! retorquio logo Amelia. — E' louca por elle! Quando o avista, fica tonta! Eu vi! (E arregalou um dos olhos com o dedo.) Aind'outro dia, no S. Pedro—que escandalo! Não lhe tirava o binoculo de cima! O que a cegou, sei eu...

— Mas como vieste tu á saber d'isto?...

— Ora! Loló é toda das FONSECAS, que estão agora de cama e meza com a Hortencia!...

— FONSECAS?...

— Aquellas moças exquisitas, aquellas que foram á soirée!... Lembras-te?... O' homem! as FONSECAS... as de Catumby!...

A Amancio pouco lhe importavam as FONSECAS, o que elle desejava eram mais algumas informações a respeito do escandalo. Não podia supportar a idéa de que Hortencia, a mesma Hortencia que lhe repellira os beijos, tivesse um fraco pelo Antunes, o Antunes do cavaignac! — Que horror!

E, depois d'essa conversa, principiou a frequentar a casa do Campos com mais assiduidade. Aparecia regularmente duas vezes por semana e quasi sempre se demorava até ás horas do chá.

Mas Hortencia — qual! Não atava, nem desatava. Era sempre a mesma creatura incomprehensivel; sem-

pre aquella mesma ambiguidade, a mesma duvida, o mesmo querer e não querer! Hoje— um sorriso de esperanças; amanhã — uma frieza esmagadora; depois — suspiros, meias palavras de resentimento, olhares mysteriosos, vagos, ora muito coloridos de ternura, ora julados de orgulho; tão depressa altiva e sobranceira, como supplicante e humilde; tão depressa risonha como triste, generosa como sovina, dando com uma das mãos para tomar logo com a outra.

O rapaz impacientava-se: — Fossem lá comprehender semelhante mulher! Um dia — toda condescendencia, toda interesses por elle; no outro — gestos desabridos, ameaças, palavras duras.—Sebo! — Já passava a debique! No fim de contas não valia a pena!

Mas o ladrão da mulher tinha uns olhos tão doces, uns dentes tão brancos, uma pelle tão viçosa!... « Não! não senhor! Era preciso acabar com aquillo! Elle estava fazendo um papel ridiculo!... »

E deliberava não pensar mais na mulher do Campos. « Que diabo! Si se queria divertir, comprasse um boneco de engonços! » Quando, porém, dava por si no dia immediato, já os passos o tinham conduzido para a casa do negociante.

— Entraria, mas lá dentro havia de ser forte, inabalavel! E trepava pelas escadas, imaginando improvisar um namoro com a Carlotinha, estudando os assumptos de que teria de uzar na conversa, calculando os effeitos que a sua affectada indifferença devia produzir no espirito da caprichosa. Bastava, porém, um sorriso de Hortencia, uma palavra mais terna, um gesto mais amoroso, para o fazer ficar cahido, desarmado, seguro como nunca. — Era o diabo!

Voltava para casa furioso, atirando com as portas, respondendo de má vontade ás perguntas que lhe dirigiam.

Amelia o estranhava, sem dar, comtudo, a perceber coisa alguma. Apenas lhe perguntava, aliás como sem-

pre, onde estivera e, quando o rapaz dizia seccamente « Com o Campos, » ella fazia :

— An!...

E não tocava mais em semelhante coisa.

Uma noite elle entrou ainda peor que das outras. Não quiz ir á varanda, metteu-se no quarto, abriu um livro e ahi ficou, junto á secretária, com a phisionomia fechada sobre a pagina.

Todavia, seu pensamento trabalhava : « Era preciso acabar com aquillo, custasse o que custasse ! Era preciso definir as posições ! — Ou a mulher do Campos se explicava, ou elle não poria lá mais os pés ! »

E resolveu que o melhor seria escrever-lhe uma carta, uma carta energica, decisiva, exigindo um « sim » ou um « não. » Fôsse a resposta qual fôsse, com tanto que viesse, comtanto que Hortencia desembuchasse por uma vez !

Mas não queria escrever enquanto Amelia não pegasse no somno.—Elle bem sabia o quanto era a rapariga desconfiada e fina. Só quando a pilhou quieta e presumio que já estivesse dormindo, foi que se animou a minutar a carta.

Frazes e frases desesperadas e cheias de fogo acavalavam-se umas pelas outras, fallando em martyrios infernaes, em supplicios dantescos e terriveis anniquilamentos. E Amancio, no seu epicurismo estrupitoso e brutal, declarava que « já não podia supportar as meias promessas, os dubios sorrisos e as lentas torturas que ao sangue recaldado lhe impunham as attitudes perplexas de Hortencia. Preferia a dôr por inteiro, completa, de um só golpe. Ella que tomasse uma resolução, que despachasse ! Si lhe não convinha o amor que elle propunha, declarasse-o com franqueza : — ficaria o dito por não dito ! E, assim, excusavam de proseguir n'aquelle encarniçamento desabrido, de cujo oscillante resultado as duvidas e incertezas o acabrunhavam e consumiam, mais dolorosamente do que



Não! disse a mulher do Fontes.

tudo que pudesse haver de terrível e cruel em uma solução desfavorável ! »

Quando deu por bem correcto e limado o que escrevera, tirou a limpo uma cópia, sobrescriptou-a e, para que Amelia não descobrisse nada, escondeu todos os corpos de delicto no fundo de uma das gavetas da secretária. Depois, como si tivesse alijado um novello da garganta, respirou desafrontadamente, amorteceu o bico de gaz e, abafando os passos e desfazendo-se em cautellas, foi metter-se nos lençoes, muito empenhado em não acordar a amante.

Não levou dez minutos a cahir no somno.

Então, Amelia ergueu-se, ainda com mais cuidado do que elle se recolhêra, foi pé ante pé á secretária, tirou a carta e, depois de guardal-a em logar seguro, tornou de novo á cama, e d'esta vez adormeceu devéras.

Leu-a precatadamente no banho, ás oito horas da manhã, enquanto esperava que o tanque de marmore se enchesse.

Amancio ainda ficára no quarto.

Ella, já despida, encostada ao rebordo da banheira, os hombros curvos, uma perna sobre a outra, a cabeça descahida mollemente para os combros polposos do seio, tinha em uma das mãos a pequena folha de papel e, de tal modo a fitava, que parecia disposta a consumir-a com o brilho iracundo de seus olhos.

Aquella carta a revoltava muito ; não por elle, mas por si mesma ; não pelo affecto que teria ao estudante, mas pelo resentimento de seu amor-proprio offendido. Não lhe podia soffrer a vaidade que um homem, a quem, por merecer, ella fizêra tudo que estava em suas mãos ; um homem por quem lançára em jogo todos os recursos de sua feminilidade ; um homem por quem barateára

todo o valimento de seu corpo, tivesse animo de desprezal-a por uma outra mulher !

E, com o olhar immovel sobre a nudez oriental de seus membros, a bocca entre-aberta, o collo palpitante, Amelia se concentrava toda na idéa de uma vingança completa, tão completa, tão grande que lhe atulhasse o rombo cavado no seu orgulho de mulher trahida.

A agoa, que escorria da torneira com um trapejar monotonico, punha no ambiente desagasalhado do banheiro uma impressão ainda mais fria de humidade e desconforto ; e aquelle corpo nú destacava-se alli como uma bella estatua desprezada. Sua carne tersa e massica contrahia-se, empinando os lobolos do peito e enrijando a vermicular protuberancia dos quadris.

N'isto, uma abelha voejou á roda da cabeça de Amelia, tentando pousar-lhe nos cabellos ; ella agachou-se toda, fugindo logo n'um movimento medroso de caça que se assusta. Em seguida, puxou a toalha do cabide e pôz-se a dardej-a contra o doirado importuno.

Foi uma lutã. O insecto fugia ; ella trepava-se á borda do tanque, equilibrando-se, ora n'um pé, ora no outro, segurando-se á parede, vindo, recuando, a despedir para todos os lados golpes perdidos da toalha.

Mas a abelha não se deixava prender. Ia e revinha no ar, zumbindo, a sacudir as suas tremulas azas de escomilha ; até que o sol, por uma frincha do telhado, veio buscal-a n'uma aresta de luz, ainda mais doirada do que ella.

N'essa occasião, Amancio, no quarto, perdia a cabeça, á procura da carta.

— Pois si eu a guardei aqui, com estas minutas !... resmungava elle sósinho, depois de ter já desarrumado toda a gaveta.

Imaginar que Amelia dêsse com ella, não ! não era

possível ! Não descobriria o logar, onde Amancio, tão previdentemente, sepultára a maldita carta ; além d'isso quando elle se metteu na cama, já a pequena dormia a bom dormir e, pela manhã bem a vio acordar e escafeder-se para o banho... Quem diabo teria então mexido alli?... As portas ficavam sempre fechadas por dentro !... Suppôr que tivesse guardado o demonio da carta em outra parte... mas como ? si a deixára justamente dentro das minutas, e as minutas lá estavam?...

Mas Amelia vinha de entrar no quarto ao pé.

— O' Amelinha ! viste acaso por ahi alguma carta?... perguntou o rapaz indo ao seu encontro.

— Que carta ? fez ella com o ar mais calmo e mais natural d'este mundo.

— Uma carta que nem é minha!... Guardei-a n'a-quella gaveta, — desapareceu ! Agora não sei que contas preste ao dono ! E' uma entalação ! uma verdadeira entalação ! queixava-se o rapaz convictamente.

— Mas, onde a puzeste ?

— Na gaveta da secretária ; estou-te a dizer !

— Então deve estar lá. Procura bem.

— Já vi. Não está !

— Pois aqui não entra mais ninguém... Eu cá por mim, não mexo nunca nos teus papeis, e ainda nem abri, uma vez sequer, qualquer d'essas gavetas... Si puzeste a carta ahi, ahi deve estar por força !

— Qual está o que ! Já despejei a gaveta ! já remexi tudo !

E a desordem em que se achava o quarto dizia isso mesmo.

— Então não sei... concluiu Amelia, sacudindo os hombros. E continuou tranquillamente a enxugar os cabellos, cujo serviço havia interrompido para attender ás perguntas do amante.

— Mas a carta tambem não podia voar ! declarou este em tom aspero.

— Sei cá ! replicou a outra — Commigo é que não a tenho... isso afianço !

— Diabo ! praguejou Amancio , sem se poder dominar. Pois, nem uma miseravel carta posso ter n'esta casa ? ! Arre ! que inferno !

— Inferno são esses modos que tens ultimamente ! De certo tempo para cá é esta boniteza ! Parece que fallas ao Sabino ! Ora quem sabe !... quem sabe si tenho aqui algum senhor ? !...

— Está bom ! Basta !

— Basta vá elle ! *seu* atrevido ! Quero saber que culpa têm os mais com os sumissos que levam as cartas, para ouvir improperios d'esta ordem !

— Eu não me dirigi a ninguem ! Sebo ! Fallo cá commigo ! Creio que ao menos tenho o direito de zangar-me quando entender !

— Sim , mas é que os outros tambem não estão dispostos a aturar esses repellões a todo o instante !

— Pois que não aturem !

— Malcreado ! Agora, por qualquer coizinha é isto que se vê !

— Qualquer coisinha, não ! berrou Amancio. — E' que hontem puz aqui uma carta (soltou um murro na secretária) e a carta desapareceu ! Irra !

— Mas quem é que te podia vir aqui tirar a carta, creatura de Deus ? ! perguntou Amelia mais branda, encaminhando-se para o amante, a modos de querer chamal-o á razão.

— Não sei ! O facto é que a puz aqui, e ella cá não está !

— Ha de estar, homem ! Não a encontras agora porque já não tens cabeça, mas, logo que te acalmes, has de descobril-a...

— Mas onde ? ! Já corri tudo !

— Deixa estar ; eu me encarrego de procural-a assim que sahires.

— Mas é que eu precisava leval-a commigo ! E' negocio urgente !

Amelia, como em resposta á ultima fraze do rapaz, abaixou-se sobre os papeis espalhados no chão e começou a examinal-os, um por um.

— Não está ahi! observou Amancio zangado, a passear de um lado para outro — Já revistei tudo isso mais de cem vezes! Furtaram a carta, não tem que vêr!

Amelia já não respondia e continuava, muito afoita, a esquadrinhar o que havia pelo quarto.

— Si me lembro perfeitamente que a metti n'aquella gaveta, ao fundo, dentro d'estas minutas!... accrescentou Amancio, depois de um silencio colerico.

— Mas quando a trouxeste?... disse Amelia, sem tirar os olhos do que rebuscava.

— Hontem á noite.

— Mas eu não te vi com ella...

— Já estavas dormindo, quando a puz na gaveta.

— Quem sabe si ficou n'aquella algibeira?...

E a manhosa, com um vislumbre, largou tudo de mão, para correr a examinar a roupa do cabide.

— O' filha! Eu não estava bebado quando me recolhí! observou Amancio.

E sahio para se lavar, traçando furioso o lençol em volta do corpo, n'um gesto melodramatico.

Quando tornou ao quarto, Amelia já havia arrumado as gavetas e dispunha sobre a cama a roupa que o rapaz devia vestir á volta do banho.

— Então?... perguntou elle, ao entrar.

— Nada!olveu ella, com admiração na voz.

— Com effeito! Isto contado não se acredita!... rosou Amancio, enfiando as meias.

E gritou para fóra:

— O' sabino! Olha essas botas, moleque!

Amelia, ao lado, mettia-lhe os botões n'uma camisa engommada.

E depois, a escovar-lhe o palitó no corpo, quando o estudante já estava prompto:

— E a carta, de quem era?...

— Do Campos, respondeu elle, sem hesitar.

E sahio.

Amelia acompanhou-o pelas costas com um riso de asco.

E, logo que se vio só, tirou do seio o seu furto e releo-o mais uma vez.

— Que devia fazer d'aquella carta?... como se devia servir d'aquella arma?... Denunciar o infame? — atirar-lhe á cara a prova de sua villania e nunca mais o procurar para nada, ou devia simplesmente fingir que não sabia de coisa alguma e, em segredo tomar a vingança que lhe parecesse melhor?

Despedil-o por uma vez — não convinha! isso nem por sonhos! Ficar, porém, eternamente resignada e submissa, também seria asneira!

Seu amor-proprio estava mordido e sangrava. O procedimento desleal de Amancio assumia no tribunal egoistico de seu espirito ignorante e mal educado ás proporções juridicas de um crime, de um monstruoso abuso de confiança, um estellionato. Não se podia conformar com a idéa d'aquella tremenda injuria, lançada contra os seus direitos de mulher nova e bonita.

— Canalha! murmurava consigo, a esmoer o facto. — Bem me dizia o coração!... Agora, o que precisavas que te fizesse, sei eu! Ah! Mas descança que has de pagar com lingua de palmo! para não seres cão, meu safardana!

Foi-se, porém, todo o dia, sem que Amelia deliberação o destino que deveria dar á carta. Só na manhã seguinte appareceu-lhe uma resolução.

Foi ter com o mano, chamou-o de parte e entregou-lh'a.

— Vê isto, disse.

Coqueiro abismou-se, logo desde as primeiras palavras: « Minha adorada e incomprehensivel Hortencia. »

— Que vem a ser isto?... perguntou elle intrigado.

— Lê! respondeu ella.

E, enquanto o irmão devorava o que vinha escripto :

— Vê tu só a hypocrisia d'aquelle sonso!...

— Elle já sabe que esta carta está em teu poder? interrogou Coqueiro depois da leitura.

— Qual! Nem pôde descobrir!

— Ainda não deu pela falta?

— Já. Zangou-se um bocado, arrêpelou-se, mas afinal creio que se convenceu de que a tinha perdido.

— E agora o que tencionas fazer d'isto?

— Não sei... Que achas tu?...

— Acho que por ora não convem fazer nada!

— Calar-me?!

— Por ora, de certo! Esta carta pôde vir ainda a servir-te de muito, mas é preciso que, em primeiro lugar, appareça a occasião. Si quizeres, deixa-a commigo, que eu sei o destino que lhe devo dar.

E guardou-a no bolso, depois de um gesto approbativo da irmã:

— Elle a teria escripto de novo e feito chegar ás mãos de Hortencía, sabes?...

— Não sei, mas posso ver.

— Bem. Em todo o caso, não te dês por achada! Nem uma palavra a este respeito! Precisamos dar tempo ao tempo... pôdes, todavia, ficar desde já tranquillá, que o que tem de ser—traz força! A justiça não se fez para os cães!...

— E' por isso mesmo que eu não confio muito na tal justiça! observou a rapariga.

XVIII

Mas, no fundo, João Coqueiro principiava a « scismar com o negocio. » Segundo os seus calculos, a irmã, por aquella época, já deveria estar pejada; circumstancia esta que daria oportunidade a um escandalo, de ante-mão preparado, forçando Amancio a « reparar sua falta. »

E, no entanto, Amelinha « nada de aviar! » O bom irmão, sentia até como um peso na consciencia por haver contribuido directamente para aquella situação.

— Era sempre assim!... pensava elle enraivecido. — Si não precisassemos de um filho, é que os pestinhas haviam de apparecer ahi de enfiada!

E o receio amargo de ter sacrificado a menina, talvez sem os bellos resultados que esperava para si e para ella, invadia-lhe o coração e punha-lhe momentos máos na vida.

Mme. Brizard já não pensava do mesmo modo. Aquella existencia prompta, inteiramente desoccupada, lhe viéra muito a proposito. « Ella, coitada de si! bem precisava de um bocado de descanso! »

As coisas, de facto, iam-lhe agora admiravelmente: Tinha a sua meza bôa e farta, um bom quarto de dormir, a mucama para lavar-lhe e engommar-lhe a roupa, um camarote no theatro de quando em quando, aos domingos um passeio á cidade, e lá uma vez por outra uma soirée em casa de alguma amiga. « Ah!

Não se podia comparar a existencia que levava agora côm a peste de vida que curtira na rua do Rezende !

E' que então não havia a menor folga ; não se podia arredar pé do serviço ! E todo o dia reclamações ! E todo o dia — o banho morno de fulano ! O chocolate de beltrano ! Este queria ir sem pagar a conta ; o outro se entendia no direito de dizer desafôros porque pagava ! Apre ! Assim tambem não era viver ! Seu corpo ha muito tempo que pedia aquelle repouso ! Si continuasse a labutar como d'antes, — credo ! — Estoirava por ahi um dia, esfalfada !

E, com medo de perder a « pepineira » cercava Amancio de adulações. Tinha-o na conta de um patrão, de um amo, com direito a todos os carinhos e desvelos. Assim, jamais o contrariava, nunca lhe oppunha censuras. — Aquillo que o rapaz fizesse estava sempre muito bem feito !

No seu entendimento mercantil de locandeira, Amancio não apparecia « como isto ou como aquillo » representava pura e simplesmente « um bom arranjo. » Alli não havia favores, havia negocio, ninguem ficava a dever obrigações. — Elle despendia tanto em dinheiro, mas recebia em caricias e bom trato um valor correspondente. — Estavam quites !

Apenas, como o negocio era rendoso e agradava á boa mulher, esta fazia o que estava ao seu alcance por agumental-o o maior tempo possivel, como de resto, qualquer um procederia com referencia a um bom emprego. Quanto á posição de Amelia, Mme. Brizard a dava por natural e coherente. Não via na cunhada uma victima ou coisa que o valha, mas tão sómente um membro solidario n'aquella empreza, envidando os esforços de sua competencia para o cõmmun interesse da associação

Isto, já se deixa ver, era o que pensava a franceza, mas não o que ella expunha ; de sorte que o marido ficou muito espantado, quando, fallando sobre a ne-

cessidade de tratar do casamento de Amelia com o hospede, lhe ouviu dizer :

— Homem... para fallar com franqueza... acho que o melhor é deixar seguir o barco como vai!...

— Como vai!...

E o Coqueiro engolio a frase indignado : — Ora essa ! Tu, com certeza, não estás fallando sério !

— A's vezes, quem tudo quer, tudo perde !... sentenciou a mulher.

— Mas que diabo quero eu ? ! retrucou aquelle. — Eu não quero sinão o que é de justiça ! Quero apenas que elles se casem !

A outra, para quem o casamento de Amelia não trazia vantagens immediatas e podia, aliás, comprometter o estado feliz das coisas, saltou logo com uma bateria de opiniões contrarias : « Coqueiro faria muito mal em precipitar os acontecimentos ! N'aquella situação o mais razoavel e o mais prudente era sem duvida esperar ! A natureza não dava saltos ! as coisas haviam de attingir a um bom resultado, sem ser preciso lançar mão de meios violentos !... »

— Mas é que elle nos póde escapar !... argumentou Coqueiro.

— Não creias ! retorquiò a velha com um gesto arraigado na experiencia.

— Mas, filha, vem cá ! — Não vês como o Amancio está ultimamente ? Já não é o mesmo ! Amelinha já não tem sobre elle dominio de especie alguma ! O maroto já não pensa n'ella, é todo da Hortencia !

— E que tem isso ! O que tem qu'elle farisque a Hortencia ? ! Está no seu direito ! — é moço, tem dinheiro !

— Ora essa !... exclamou de novo o Coqueiro, ainda mais indignado que da outra vez. — O que tem isso ? !...

E, crusando os braços :

— E' muito boa !...

Mas tornou logo : — Tem, que elle deve uma repa-

ração á minha irmã! Tem, que elle, apaixonado pela Hortencia, póde virar as costas á pobre menina e abandonal-a no estado em que a pôz! — deshonrada, perdida! « Que tem isso?! » Ora faça-me o favor!

—Tôlo! disse a franceza com um riso cheio de philosophia, cuja tranquillidade contrastava com as irritações do marido.—Tôlo! Bem se vê que não conheces os homens!... Pois acreditas lá que o Amancio despreze a rapariga por ter agora um capricho pela outra?... Não sabes que a unica mulher capaz de prender o homem é aquella com quem elle convive dia e noite; aquella com quem elle se habituou; aquella que já lhe conhece as fraquezas, os ridiculos, as pequeninas miserias da intimidade?! Abandonal-a!... Digo-te mais: — Hortencia é até necessaria! Deixa que elle a persiga, que elle a conquiste á força de mil sacrificios e de mil soffrimentos; deixa que elle a possúa, que a tenha inteira na mão! Deixa, porque elle ha de voltar, e voltar farto!... Meu amigo, paixão é fogo de palha! — não dura! Nas occasiões de fadiga e abatimento é com o amorzinho de casa que a gente se acha! E, fica então sabendo que, para um homem amar devéras uma mulher, é preciso que elle se tenha já desilludido com muitas outras! Tristes de nós, si assim não fosse! Ha maridos que, ao voltar de suas correrias, apaixonam-se pelas mesmas esposas, a quem d'antes só se chegavam por obrigação!

E a franceza vêha, saboreando o silencio que cavára no adversario, concluiu depois de tomar folego:

— O rapaz quer, por graça, dar cabeçadas?... Pois deixa-as dar! Que elle, quando partir a cabeça, ha de fazer justiça á tua irmã. Este facto da mulher do Campos, cre tu, foi uma providencia, foi um atalho que se abriu nos teus planos!

E o facto é que o Coqueiro acabou por concordar com

a mulher. « Amelia, desde que se convertesse n'uma necessidade para a vida de Amancio, este, com certeza, seria o mais interessado em fazer d'ella sua esposa; por consequente, agora o que convinha era que a rapariga tambem ajudasse de sua parte, empregando todo o geito e bôa vontade de que podesse dispôr; devia mostrar-se cordata, simples nôs seus gostos, bem arranjadinha, amiga do asseio, honesta, digna, enfim, de um marido! »

E dominado por esta idéa, aconselhou logo á irmã que se fizesse meiga com o « noivo », docil, bôa companheira e fiel principalmente, fiel quanto possível, que todo o futuro d'ella, bom ou máo, só d'isso dependia!

Mas a rapariga, com uma pontinha de desanimo, contrapunha-lhe o feio procedimento de Amancio para com ella n'aquelles ultimos tempos. Apontou as scenas de altercação que mais a humilharam; disse as frases grosseiras que ouvira do amante, as ameaças que recebêra, as palavras que lhe escaparam, a elle, na febre das contendas; palavras, onde se enxergavam claramente o fastio e a má vontade!

— Não faças caso! discreteou o irmão. — Isso não vale nada!... Fecha por emquanto os olhos a todas essas coisas! Não convem o menor espalhafato antes que o tenhas seguro de pés e mãos! Nada de espantar a caça!... Lembra-te, minha rica, de que, no estado em que te achas, só elle te poderá proporcionar uma posição legitima e definida!

Depois d'esta conferencia, o Coqueiro ficou mais tranquillo. Agora, a sua maior preocupação era o sobrado da rua do Rezende. — Já lá se iam mezes, sem que o conseguisse alugar; o diabo do prédio era grande de mais para familia e, na disposição em que estavam os quartos, só mesmo podia servir para casa de pensão.

N'esta conjuntura, resolveu alugar-o a varias pessoas; mas, para isso, tinha de fazer obras e faltava-lhe

um homem de confiança, que estivesse disposto a ir para lá e tomar conta de tudo. — Ah! Si não fôra a familia!... ninguem mais se encarregava d'isso sinão o proprio Coqueiro! E fal-o-ia até por gosto!

Encontrou, porém, o seu homem n'um velho conhecido, empregado no correio e que, já em algum tempo, tomára a seu cargo, nas mesmas condições, a casa de um outro amigo. Chamava-se Damião; — bom rapaz, activo e zeloso. Estava talhado para a coisa.

O Damião, mediante a faculdade de não pagar a parte que occupasse na casa, compromettia-se a cobrar o aluguel dos outros inquilinos e entregal-o pontualmente ao senhorio; item, obrigava-se a fiscalisar a conservação do predio, a pregar escriptos quando houvesse commodos deshabitados e administraria enfim o serviço da pessoa que se encarregasse de fazer a limpeza dos quartos, de varrer os corredores, encher os jarros e moringues, tomar conta da chavaria e ter olho sobre quem entrasse e quem sahisse.

Para estes ultimos cuidados arranjou-se um homemzinho meio corcunda, portuguez, esperto e rafeiro como um rato, um pouco fallador, mas muito experimentado n'aquelles serviços. Coqueiro dar-lhe-ia alguma coisa por mez e um canto da casa para dormir. « Uma pechincha! »

Fechado o negocio, tratou o proprietario de dividir a sala de visitas e a varanda do sobrado em pequenos repartimentos de tabique, forrados de papel nacional. E' inutil dizer que n'este ponto foi indispensavel a intervenção pecuniaria de Amancio, que ficou por conseguinte com direito sobre uma parte dos rendimentos do predio.

E tambem não é menos inutil declarar que o provinciano, nem de longe, sentio jamais o cheiro de taes rendimentos.

Mas o certo é que as obras se fizeram, e a celebre casa

de pensão de Mme. Brizard, outr'ora tão animada e concorrida, transformou-se n'um d'esses melancolicos sobradões de alugar quartós, que se observam a cada canto do Rio de Janeiro e onde, promiscuamente, se aninha toda a sorte de individuos, mas de individuos que já foram alguma coisa ou de individuos que ainda não são nada.

Ahi, as mais bellas e atrevidas illusões vivem paredes meias com o mais denso e absoluto septicismo. Velhos bohemios, curtidos no veneno de todos os vicios e no segredo de todas as miserias, encontram-se diariamente, hombro a hombro, com os vizonarios estudantes de preparatorios.

E' n'essas praias desamparadas á ventania da sorte que a sociedade costuma arreversar o destroço dos que naufragaram nas suas agoas, mas é d'ahi tambem que ella pesca ás vezes novas perolas para o seu diadema. Ha de tudo — homens de todas as nacionalidades, sujeitos de vida mysteriosa, solteirões libertinos e neutralizados pelo venerio, artistas completamente desconhecidos que se imaginam victimas do meio, e suppostos talentos que vivem para amaldiçoar a fortuna dos que conseguiram vencer a onda.

Quasi todos elles têm na sua vida um facto, uma época, uma coisa extraordinaria, para contar: um, apresenta a honra de lhe haver morrido nos braços tal homem celebre; outro, diz que foi amante da Sra. condessa de tal; outro, afiança e jura ser o verdadeiro, si bem que obscuro, promotor de tal acontecimento historico; outro, revela um romance de amor que lhe cortou a carreira, mas que o immortalizará em vendo a luz da publicidade; outro, confia n'uma invenção, « é o seu segredo, » um projecto mecanico, ou industrial ou economico politico; outro, não aceita emprego nenhum do actual governo, e espera a occasião de « pegar n'uma espingarda e fuzillar as velhas instituições de seu miserando paiz »; outro, emfim, (e são os menos

raros) têm apenas para exhibir em honra propria a circumstancia de algum parentesco illustre.

Ah! Não se encontram ahi notabilidades de nenhuma especie, mas sim os parentes. Este, é o sobrinho de tal poeta illustre; aquelle, é irmão do ministro tal, que deu o nome a tal rua; est'outro, cunhado ou primo em terceiro gráo do glorioso artista Fulano dos anzóes.

E os typos, quando lhe tocam n'isso, enchem-se de orgulho, como se participassem das glórias do festejado parente; pelo menos, ninguem os apresenta a qualquer pessoa, sem acrescentar logo, com assombro: « Irmão de Sicrano!... cunhado de Beltrano!... »

Então o apresentado costuma abaixar os olhos, sorrindo modestamente, como si dissesse: « O' senhor! Por quem é... não me confunda!... »

E' tambem d'esses viveiros sombrios e mal cheirosos que surgem certas figuras, que ás vezes, nos espantam na rua, — a tossicar dentro de um sobretudo enorme, um chale-manta em volta do pescoço, um bengalão entre os dedos e na phisionomia um ar melancolico e ao mesmo tempo irritado.

E' d'ahi, d'esses quartos silenciosos, humidos e tristonhos, como sepulturas vazias, que surgem com o seu passo inalteravel e pousado os sinistros aranhões, que vemos passeiar estranhamente pelos jardins publicos, ao sol das boas manhãs de inverno.

Coitados! São em geral homens sem meios de vida, protegidos por algum figurão qualquer, de quem, ou foram collegas na academia, ou ainda continuam a ser parentes com a mais cruel pertinacia. Quando fallam d'esse protector feliz e rico não se animam a dizer mal, mas á sua phisionomia acóde nm invencivel sorriso cheio de velha bilis accumulada e soffrega por transbordar. Uns vão regularmente comer a certas casas commerciaes, outros se arranjam pelas impossiveis casas de pasto da Cidade-Nova, os « freges, » onde as refeições não passam de duzentos réis. Alguns

têm o almoço seguro á mesa de um velho amigo de melhores tempos, o jantar em casa d'outro; ás sextas-feiras são infalliveis nas comezainas gratuitas dos frades de S. Bento. Uns, passam a noite na jogatina, percorrendo espeluncas, tomando café nos kiosques ás quatro e meia da manhã e então, durante o dia seguinte, dormem a faltar; outros, recebem donativos de alguma irmandade religiosa, á qual se filiaram em épocas de prosperidade.

São sempre vistos, em horas determinadas, no jardim do Rocio, no Passeio Publico, assentados nos bancos de pedra, lendo jornaes á sombra das amendoeiras, ás vezes têm ao lado a botina que descalçaram por amor dos callos; são vistos igualmente nos edificios publicos em construcção, acompanhando as obras com interesse, como si estivessem encarregados d'isso, fazendo perguntas, ralhando com os operarios, n'uma necessidade irresistivel de applicar, seja como fôr, a sua actividade desoccupada e vadia. Não ha motim, não ha incidente de rua, por mais ligeiro, em que elles não intervenham, tomando logo a parte principal na coisa, reprehendendo o aggréssor, conciliando o aggreddido, fazendo enfim acreditar que alli está uma autoridade civil em pleno exercicio de suas funcções.

São violentos quando lhes fallam de politica e só se referem aos homens do poder com palavrões brutaes e desabridos; a alguns nomeam sempre com alcunhas determinadas e todos os outros, que ainda não receberam o baptismo de sua colera invejosa, são indistinctamente « os ladrões, os patoteiros, os vis, os trahidores, os capachos do rei! » Atravéz dos cerrados negrumes d'aquella mizeria e d'aquelle resentimento, nada enxergam de bom e de legitimo.

O Coqueiro, não obstante, se mostrava satisfeito com os seus inquilinos e dizia ter encontrado no Damião o « homem que lhe convinha. »

Apparecia por lá constantemente; gostava de ver

como ia o predio, gostava de dar uma vista d'olhos pelos cantos da casa, em silencio, de mãos no bolso, e sentia um verdadeiro prazer sempre que encontrava alguma coisinha para concertar, — algum pedaço de papel solto da parede, alguma regua despregada, alguma taboa fóra do logar.

A existencia nunca lhe parecêra tão corredia e tão facil; só faltava, para complemento da ventura, que o massante do collega desembuchasse por uma vez com aquelle maldito casamento.

— Ah! então é que seriam ellas!...

Mas o «massante do collega» estava bem longe de pensar em casamento; todo elle era pouco para soffrer a caustica impassibilidade de Hortencia.

A caprichosa continuava no seu terrivel systema de não aviar nem desaviar. Amancio fizêra-lhe ir ter ás mãos uma segunda cópia da carta subtrahida, e ella em resposta aconselhou-o a que não escrevesse outra, sob pena de entregal-a ao marido.

— Pois que vá para o diabo que a carreguel pensou o estudante, furioso, e resolveu dar o negocio por acabado.

Com effeito, durante um mez inteiro, nas poucas vezes em que teve de fallar ao Campos sobre questões de interesses materiaes, não passou do escriptorio.

— Homem! dizia-lhe o negociante. — Você só apparece aqui por fructa, e faz visitinhas de medico! Não ha meios de apanhá-lo lá em cima! Nenem até já se queixou!

Amancio defendia-se com os seus estudos e com os sobressaltos em que andava depois das ultimas cartas do norte.

— Porque? Ha alguma novidade?!... perguntou o amigo, cheio de solicitude.

— A velha não está boa!... explicou o rapaz.—Desde

que morreu, meu pai, a pobre de Christo ainda não levantou a cabeça! confesso-lhe que tenho meus receios, tenho!...

E quedava-se abstracto, a fitar o chão, com a phisionomia paralyzada por uma tristeza vidente e ao mesmo tempo irresoluta.

O outro não se animava a interromper aquelle silencio doloroso e respeitavel. Mas, por fim, lembrou discretamente, com delicadeza, que não seria máo uma viagem á provincia; talvez com isso se evitasse um desgosto maior... Amancio era a menina dos olhos de D. Angela... bem podia ser que, só com a presença d'elle, a pobre senhora melhorasse!...

O estudante mostrou-lhe a ultima carta da mãe; e os dous, tendo ainda conversado com o mesmo recolhimento, vieram a concordar em que era indispensavel um passeio ao Maranhão; Amancio retirou-se, fazendo já os planos da viagem.

— Oh! exclamava elle por dentro. — Vou! não tem que ver! vou definitivamente! e provo áquella mulher que não ligo a menor importancia ao que ella me fez! Hei de provar-lhe que o seu procedimento em nada me alterou. Que até sigo muito satisfeito e muito senhor de mim.

E via-se já na occasião das despedidas, — frio, indifferente, sorrindo ás lagrimas de Hortencia. E sua fantasia, gosando do effeito d'esses devaneios, armava-lhe, ao sabor da vaidade, scenas muito espectaculosas, nas quaes representava elle sempre o papel mais brilhante e mais elevado.

Via Hortencia a seus pés, lacrimosa e misera, supplicando-lhe por piedade que não se fosse, que a perdoasse, que se compadecesse de tamanho desespero. «Ella alli estava submissa e arrependida, prompta a cumprir de olhos fechados as ordens de seu querido Amancio, do seu senhor, do seu Deus, do seu tudo!»

Elle, então, com um riso cruel, voltando-lhe o rosto

e accendendo um charuto: « Não, filha, tem paciência ! E, si insistes, vae tu-lo ás mãos do Campos !... »

Hortencia, ao ouvir estas palavras, estorcia-se n'uma afflicção theatral, e, logo que Amancio se dispunha a partir, desabava de costas, quasi morta, justamente como as heroínas dos romances que elle devorára aos quinze annos.

Mas a terrivel concupiscencia do nortista, sobrepujando logo a fantasia do vaidoso, não resistia á tentação de possuir, ao menos em sonho, aquelle bello corpo desfallecido e, como d'antes, começava mentalmente a despil-o, peça por peça, até deixal-o em pleno escandalo da carne.

Entrou em casa resolvido a levantar o vôo, custasse o que custasse.

— Sim, era preciso ir ! por Hortencia, por sua mãe, por Amelia, por méra distracção, por tudo ! Precisava afastar-se d'aquelle inferno, onde duas mulheres, como duas sombras, o torturavam ; uma fugindo e a outra o perseguindo. Desde que recebeu a tremenda resposta de Hortencia, sentia-se muito nervoso e irascivel ; Amelia supportava-o, sabe Deus como, fazendo milagres de paciencia para não se afastar dos conselhos que lhe dá o irmão. Quasi que já se não podiam soffrer um ao outro. Além d'isso, as cartas de Angela repetiam-se agora desesperadamente. « Estaria a pobre mãe com effeito em risco de vida?... » pensava Amancio. « Dependencia d'elle o salva-a?... E os seus interesses que havia tanto tempo o reclamavam?... E as saudades da patria? e os prazeres que encontraria á volta do primeiro anno academico? »

Os prazeres, sim, que Amancio, pelo derradeiro paquete, recebêra em uma das principaes folhas diarias de sua provincia a seguinte noticia :

« MARANHENSE DISTINCTO.— Acaba de fazer brillhan-

temente o primeiro anno de seu curso na Escola de Medicina na Córte o nosso talentoso comprovinciano, Amancio da Silva Bastos e Vasconcellos, filho do ha pouco fallecido e sempre chorado Commendador Manoel Pedro de Vasconcellos, um dos mais estimados negociantes que foi desta praça. Emquanto não podemos pessoalmente abraçar o digno joven e esperanzoso discipulo de Hippocrates, apressamo-nos a enviar-lhe d'aqui os nossos sinceros parabens, futurando em S. S. mais uma gloria legitima para a nossa Athenas, já tão rica, aliás, em talentos privilegiados! »

Ninguém poderá imaginar o effeito que produziram taes palavras no espirito presumpçoso de Amancio. Era a primeira vez que elle via o seu nome em letra redonda, seguido de alguns adjectivos laudatorios.

Por detraz d'aquella noticia presentia o rapaz um paraiso de novas considerações que o esperava na provincia; antevia o sorriso das damas, a reverencia dos paes de familia e a inveja dos ex-collegas do lyceu.

— Não! não podia deixar de ir. O Maranhão, n'aquelle momento, e por todos os motivos, representava para elle uma necessidade urgente. — Havia de metter a cabeça e varar por quantos obstaculos se lhe antepozessem.

Amelia ficou estonteada quando o amante lhe deu parte dos seus projectos de viagem, tão calmo e resolutivo foi o tom em que o fez; mas, voltando do primeiro choque, rompeu n'um grande pranto e atirou-se de bruços na cama, soluçando muito afflicta. « Que era uma desgraçada! Que Amancio a queria abandonar, depois de a ter deshonorado e perdido!

— Eu volto, filha! disse elle, procurando fazer-se meigo.— Vou tratar de meus interesses, ver minha mãe, e volto para o teu lado! Não tenhas receio de que te engane! eu, ainda si quizesse, não podia ficar por lá,

já não digo por ti, mas, que diabo ! pelos meus estudos. Pois acreditas que eu cahiria na asneira de abandonal-os, agora que estou tão bem encaminhado ?...

— Não sei ! respondeu a rapariga, erguendo-se rapidamente, com as feições sumidas na vermelhidão do choro. — Você, é impossível que não tenha no Maranhão alguém á sua espera !... E essa com certeza não ha de ser pobre como eu, não terá a boa fé que eu tive !... com essa você não porá duvida nenhuma para casar !...

E voltaram-lhe os soluços, como um temporal que recresce.

— Estás a dizer tolices, filha ! Dou-te a minha palavra de honra em como nunca me esquecerei de ti ! Que mais queres ? !

— Pois então casemo-nos e partirás depois !...

— Isso é impossível ! Já te disse um milhão de vezes ! Oh ! — Minha mãe espera-me ha quatro vapores seguidos ! Imagina tu como não estará ella, coitada, com a morte do velho ! Não hei de agora, em vez de minha pessoa, lhe apresentar uma carta pedindo licença para casar !... Que especie de filho seria eu n'esse caso ? ! « Enquanto a pobre viuva se desfaz em lagrimas ; enquanto na familia tudo é luto e desgosto, o bom do filho pensa em casamento e, sem duvida, prepara as festas do noivado ! » Não ! gritou elle energeticamente. — Isso não faria eu, nem si me cosessem a facadas ! Pelo menos, enquanto estiver com esta roupa sobre o corpo...

E sacudio com força a aba do seu fraque de lustrina. — Enquanto estiver com esta roupa, não penso em mulher ! Nada ! Antes de tudo, sou filho ! Percebes ? ! Antes de tudo, tenho de olhar por minha pobre mãe, que é muito capaz de morrer si não me vir ao seu lado !

E foi, cheio de excitação, debruçar-se no peitoril da janella, fitando as plantas do jardim, a roer as unhas.

Houve um silêncio. Amelia já não chorava ; immo-

vel, apoiando-se ao espaldar da cama, entontecia a vista contra as ramagens crúas do tapete.

— N'esse caso, ella que venha ter' contigo... disse, afinal, sem erguer os olhos:

— Ora! resmungou Amancio, voltando-se vivamente na janella.

— Ou então iremos nós... accrescentou a rapariga, fazendo um biquinho de enfado. E depois, com piçuice: — Tenho muito medo das maranhenses!...

O estudante não respondeu, foi ter com ella, tomou-lhe meigamente a cabeça entre as mãos.

—Esta cabecinha!...— disse,—esta cabecinha não sei quando terá juizo!...

E, passando a fallar em tom sério, protestou que era até injustiça suppor-o capaz de commetter uma perfidia d'aquella ordem! Amelia já devia estar perfeitamente convencida de que elle a amava devéras; de que elle não seria tão máo que a abandonasse, depois de receber tantos carinhos. Ella que não estivesse a descobrir perigos onde nem sombras d'isso havia!... A tal viagem ao norte, no fim de contas, era uma questão de dous ou tres mezes; e elle deixaria uma mezada regular e escreveria por todos os vapores!...

— Não acreditas ainda que te estou fallando com sinceridade?... concluiu, a beijal-a nos olhos. — Que precisão tinha eu de te enganar?..,

— Sim, creio, creio que por ora assim seja, não ha duvida! Mas tambem estou persuadida de que, logo que passes a barra, tudo muda de figura!... Nos primeiros dias ainda te lembrarás da infeliz que aqui deixas-te, mas depois... com a presença de outras, com os novos passatempos que te esperam... até has de perguntar aos teus botões « como foi que em algum dia chegaste a pensar a sério n'este casamento?... »

— Bem se vê que não me conheces!... retorquiu o rapaz.

— Não! não! não irás! sustentou Amelia. — Adoro-te, és meu, não te quero perder! Ora essa!

—Mas, filha, observou Amancio impacientando-se,— lembra-te de que é mais decente fazermos a coisa por bons modos... Afinal, tu não me podes constranger a ficar, e eu, em vez de ir, deixando um compromisso de cavalheiro, sou capaz de ir, sem deixar coisa alguma! Ora ahí tens!

-- Heim?! bradou ella, transformando-se a contra gosto.—Cáe n'essa! Experimenta só, para veres o gosto que lhe achas!

Amancio respondeu com um gesto desabrido, enterrou o chapéo na cabeça, e sahio, á tóa, sem destino, com uma furia surda a espesinhar-lhe o coração.

Mas, ao voltar, encontrou Amelia no mesmo estado. E a questão reapareceu á noite, reapareceu na manhã seguinte, e todos os dias, tomando um caracter de ressinga permanente.

Amancio perdeu de todo a paciencia.

—Era de mais! Sebo! Elle, no fim de contas, não tinha obrigação nenhuma de aturar semelhante gaita nos ouvidos! Que mastigação! Arre! Amelia que fosse atezar o pae!

Ella respondeu possessa, deixando escapar palavrões. « Suppunha ter encontrado um homem, mas encontrára um quidam, um canalha, um desfructador! »

—Desfructadores são vocês todos! Percebes tu?! berrou elle, colericó.—Desfructadores— é teu irmão,— é tua madраста e és tu! que só faltam me arrancar a pelle! Sucia de filantes!

E lembrou o que até até ahí gastára com elles, o que lhes déra, o que comprára e o que lhe desaparecia das algibeiras.

— Não me estás de graça, não! exclamou, sahindo afinal do quarto como da outra vez.

D'esta, porém, quando voltou á casa, vinha com o ar mais despreoccupado que se póde desejar. E, logo que

Amélia lhe fallou na questão da viagem, elle respondeu tranquillamente que já não havia nada a esse respeito. « Resolvêra ficar. »

A rapariga comprehendeu o disfarce e, no dia seguinte, tratou de prevenir o irmão de que abrisse os olhos, si não queria ver o Sr. Amancio escapar-lhe por entre os dedós.

João Coqueiro ficou de orelha em pé.

XIX

A pequena tinha toda a razão ; Amancio, si parecia resolvido a desistir da viagem, era porque n'essa mesma tarde encontrára o Paiva e, na sua necessidade de expansão, levou-o para o fundo de um café e abriu-se com elle. Contou-lhe as difficuldades que o affligiam, e pedio-lhe conselhos.

— Não ha que saber !... disse o consultado. — Não ha que saber !... Ahí só vejo dois partidos a tomar : — ser tólo — ou — não ser tólo !

E, como o outro fizesse um trejeito de má comprehensão : — Tólo, — si fícares e — não tólo, — si te puzeres ao fresco !

— Mas, Paiva, você então acha que devo ir ?... perguntou Amancio, hesitando, a morder as unhas.

— Homem ! voltou aquelle, — si precisas ir ao norte, prepara-te caladinho e vae ! Que necessidade tens tu de que a gente do Coqueiro saiba d'isso ?... Deves-lhe satisfação de teus actos ?... Si não deves, é apromptar as malas e... por aqui é o caminho ! olha ! deixa-lhe uma carta, muito delicada, já se vê, muito cheia de promessas. « Que voltas, que has de fazer, que has de acontecer ! » E, no emtanto, vae-te raspando... Porque estas coisas, filho, assim é que se decidem. E, quanto aos arranjos da viagem... cá estou eu para te ajudar !...

Calaram-se por alguns instantes. Paiva Rocha pedio um novo sherry-cobler e proseguio emquanto o amigo,

muito pensativo, fitava o marmore da meza : — Agora, si estás tão embeijado pela sujeita, que não tenhas animo de a deixar, isso é outra coisa !... N'esse caso, o melhor é escrever á velha, dizendo-lhe que venha, arranjar um novo advogado de confiança que se encarregue de teus negocios no Maranhão,—e faze a vontade á pequena, — casa-te!

Amancio torceu o nariz com enfado : — Qual!

— Então, filho, que esperas?... E' perder o amor aos objectos que lá tens, e fazer o que já te disse!

— Mas o Coqueiro não poderá tomar alguma vingança?...

— Não sejas parvo! resmungou o outro, bebendo de um trago o que ainda tinha no copo; e ergueu-se disposto a sahir. — Amanhã, ás mesmas horas, cá estou! Traze o cobre e deixa o resto por minha conta!

Separaram-se concordes de que no dia seguinte ficariam depositados na republica do Paiva os apetrechos da fuga.

Em casa do Coqueiro, todos, á semelhança de Amelinha, nem de leve mostravam suspeitar de coisa alguma; pareciam até mais tranquillos e satisfeitos. Nem um gesto de resentimento, nem uma palavra indiscreta que os denunciasse. Tudo era paz e bema venturança.

Reappareceram as primitivas noites de amor, como bôa estação que volta carregada de flôres. Os dous amantes nunca se possuiram tão satisfeitos um do outro e nunca se patentearam tão convictos da mesma felicidade. No empenho commum de se enganarem, cada qual redobrava de carinhos e meiguices; emquanto por dentro os corações lhes bocejavam, aborrecidos e fatigados.

O dia da viagem chegou sem novidade alguma. Amancio levantou-se como das outras vezes, apenas um pouco mais cedo. Olhou por um momento Amelia que ainda dormia, toda sumida nos lençóes, vestio-se

cautelosamente para a não acordar; depois foi á varanda, bebeu café e sahio em ar de passeio.

No Largo do Machado tomou um carro e bateu para a republica do Paiva.

Não encontrou o collega, havia já sahido. — Devia estar á sua espera com a bagagem, no caes Pharaux.

Amancio mandou tocar o carro para lá. E, á proporção que se aproximava do mar, crescia-lhe por dentro um vago sobresalto de impaciencia e de medo.

— Anda! gritou ao cocheiro, espiando repetidas vezes pela portinhola e apalpando de instante a instante o bilhete da passagem que tinha no bolso.

Estava commovido, principiava a sentir pena de deixar a Côrte; appareciam-lhe saudades das boas noites com Amelia, das patuscadas com os amigos. E um mundo de recordações formava-se e transformava-se atraz d'elle, fugindo, desapparecendo como sombras que se esbatem.

Para disfarçar a impressão desagradavel de taes magoas, procurava embriagar-se com a idéa das aventuras que o esperavam na provincia, grupando na fantasia tudo aquillo que o podesse interessar de qualquer modo; e compunha, e construia, inventava episodios, scenas, dramas inteiros, nos quaes lhe cabia sempre a principal figura. E, depois de bem mergulhado nos seus devaneios, depois de bem envolvido na alacridade de seus sonhos de gloria, o Maranhão apparecia-lhe risonho e brilhante como a ultima expressão do que ha de melhor sobre a terra.

Mas, na occasião em que se apejava, um typo mal encarado, olhando por cima dos oculos, a barba grisalha, um tom geral de porcaria no seu velho fato de panno preto, nas suas botas acalcanhadas, no seu chapéo de pello cheio de manchas amarellas, aproximou-se d'elle e, com uma voz enxuta e morfanha, intimou-o « a comparecer immediatamente em presença

do delegado de semana na secretaria de policia. » Era um official de justiça.

— Mas que desejam de mim?... perguntou o estudante, empallidecendo e procurando o Paiva com os olhos.—Eu não tenho nada com a policia!

E recuou dous passos.

— O senhor está intimado! repetio seccamente o outro, e, em voz baixa, disse a dous sujeitos que se haviam adiantado: — Cérca! cérca o homem!

Então aquelles avançaram logo, jogando o corpo n'um pé só, o chapéo para traz, um grosso porrete na mão.

— Commigo é onze! exclamou um d'elles, muito canalha, a cuspirhar p'r'os lados.

— Mas, porque me prendem?!... perguntou o estudante, sentindo-se tolhido.

— São coisas!... responderam-lhe, fazendo-o entrar no carro.

Amancio ainda procurou descobrir o Paiva; depois, azoinado pela gentalha que se reunia em torno d'elle, saltou para a almofada, perseguido sempre pelos tres sujeitos.

O official segredou alguma coisa ao coqueiro, e o carro deu volta e rodou em sentido contrario ao caes.

Amancio cobrio o rosto com o lenço e principiou a soluçar.

Coqueiro, desde a prevenção que lhe fez a irmã, não se descuidou mais um instante de vigiar a sua prêza: seguio-lhe os passos, farejando, até o momento em que Amancio tomou bilhete de passagem para o norte.

Então, correu á casa do Dr. Telles de Moura.

O Telles era um advogado velho, muito respeitador nôfôro; não pelo seu character, que o não mostrava nunca, nem pela sua sciencia, que a não tinha; nem tão pouco pelos seus cabellos brancos, que a estes nem elle proprio respeitava, invertendo-lhes a côr; mas

sim pela sua proverbial sagacidade, pelas suas manhas de chicanista, pela sua terrível figura de raposa velha, pelos seus olhinhos irriquietos e matreiros, pelo seu nariz á bico de passaro e pela sua bocca sem labios, d'onde a palavra sahia secca e penetrante como uma bala.

O passado do Telles era toda uma legenda de victorias judiciaes ; attribuiam-lhe aneddotas mais antigas do que elle ; muito processo se annullou n'aquellas unhas aduncas de tamanduá ; muito criminoso escapou ás penas da lei por entre as malhas da sua astucia ; muito innocente foi parar á cadeia ensarilhado nas pontas de seus sophismas.

Para elle não havia causas más ; em suas mãos qualquer processo se enformava ao capricho dos dedos como uma bola de miolo de pão.

E o irmão de Amelia sabia de tudo isso perfeitamente quando lhe foi bater á porta.

Seriam então nove horas da manhã ; a raposa almoçava.

Coqueiro esperou um instante e, só terminado o barulho dos pratos, animou-se a tocar a campainha.

Appareceu um moleque, tomou o recado no corredor e pouco depois trouxe a resposta. « O amo estava muito cheio de occupações n'aquelle dia, não fallava com pessoa alguma. Coqueiro que voltasse n'outra occasião. »

Mas, Coqueiro recalcitrou. « Esperaria... Tinha que fallar ao Dr. Telles, custasse o que custasse ! Tratava-se de uma causa importantissima ! »

Veio afinal o doutor, pallitando os dentes, o ar muito occupado, os movimentos de quem tem pressa.

— Que era ? O que desejavam ?

Coqueiro, com a voz alterada, os gestos dramaticamente desesperados, disse que ia alli buscar protecção e justiça. « Era pobre, sim, mas estudioso e trabalhador. Sua vida ahi estava, — limpa ! Podia até servir

de modelo! — Casára-se na idade em que os rapazes em geral só pensam nos prazeres e nas loucuras!... Adorava a familia; sim! adorava, porque a familia era o bem unico de que elle dispunha na terra! Tinha uma irmã, innocente e indefeza, a quem até ahí servira de pae e de tutor... »

O advogado deixou escapar uma tossezinha de impaciencia.

— Pois bem, senhor doutor! exclamou o outro, puxando com ambas as mãos, contra o peito, o seu chapéo de feltro. — Pois bem! Essa menina, que era todo o meu orgulho, que era como o documento vivo do bom cumprimento de meu dever... essa menina, que eduquei sob os maiores sacrificios... essa pobre criança...

— Que fez? perguntou o velho muito calmo. — Arribou de casa?...

— Não senhor, acaba de ser victima da maior traição, da mais degradante maldade, que...

— Mas, afinal, o que houve?... interrogou o doutor, fugindo ás preliminares.

— Foi desvirtuada por um rapaz, um collega meu, que, ha coisa de um anno, hospedei, por amisade, de baixo de minhas telhas!...

— E elle? perguntou o advogado, sem se commover.

— Elle já está de passagem comprada para o Maranhão e foge amanhã mesmo, si não houver uma alma recta e caridosa que lhe embargue a viagem.

— Ella ficou pejada?

— Não senhor.

— E' menor?

— Tem vinte e tres annos, respondeu o queixoso, triste porque sua irmã não tinha menor idade.

— Está o diabo!... resmungou a raposa; espetando os dentes com o pallito. — E elle?

— Elle tem vinte e um.

— Feitos?

— Feitos, sim senhor.

— Bem.

E accendeu um cigarro que levára a preparar lentamente.

— E' o diabo!... repisava.— Não se póde fazer nada, sem a verificação do facto... E' o diabo!

E calaram-se ambos. O velho a pensar; o outro, de cabeça baixa, o aspecto infeliz, a choramigar baixinho.

— Elle tem recursos? perguntou aquelle afinal.

— E' rico, bastante rico, respondeu o Coqueiro, sem tirar os olhos do chão.

— Emancipado?...

— Totalmente. Orphão de pae! E' até socio communitario de uma importante casa commercial. Tem para mais de quatrocentos contos de réis.

— Bem. Arranja-se a queixa-crime. Olhe! Deixe-me ahi o seu nome, o d'elle, o da victima, o dos competentes paes, si os tiverem, as respectivas moradas, profissões, etc., etc. Enfim, a substancia da queixa...

— O Sr. doutor acha então que?...

— Veremos! Veremos o que se póde fazer!... Não perca tempo — escreva.

Coqueiro escreveu promptamente, interrompendo-se de vez em quando para pedir informações.

— S'tá direito! sussurrou o advogado, correndo os olhinhos pela folha de papel que o outro lhe acabava de passar.—Póde ir descansado. Vá.

E seu todo impaciente estava a despedir a visita. Esta, porém, fazia não dar por isso e desejava mais esclarecimentos; queria saber ao certo o tempo que deitaria aquella questão. « Si era de esperar que Amancio casasse com a victima; si havia recursos na lei para o perseguir, etc., etc. »

O velho pallitou os dentes, mais vivamente. « Que diabo! Um processo era um processo! Tinha de percorrer todos os competentes sacramentos! Não se chegava ao fim, sem passar pelos meios!... Amancio podia

furtar-se á citação, esconder-se; os officiaes de justiça eram tão facéis de ser comprados!... tão ordinarios!... vendiam-se por qualquer lambugem, por um relógio, por um pouco de dinheiro!...

E principiou a encarecer a causa, grupando termos juridicos, apontando difficuldades. Sua voz transformava-se ao sabor d'aquella terminologia especial. « Em primeiro logar tinham de apresentar uma queixa perante o juiz de direito do districto criminal. Deferida a petição, intimar-se-ia o indiciado para a audiencia que se designasse. — E os interrogatorios? E a pronuncia? e os recursos?... Enfim havia de se fazer o que fosse possivel!... »

— E por em quanto... accrescentou o chicanista, consultando apressado o relógio, — não tenho de meu nem mais um segundo!

E despedindo o outro com um apertado de mão: — Olhe! Procure-me logo mais na policia, ao meio dia. Estou lá á sua espera. Póde ir descansado. Adeus!

E empurrando-o brandamente: — Não dêixe de ir, hein?... Meio dia em ponto! Adeus! Desculpe!

Coqueiro sahio, mastigando agradecimentos.

Estava agora mais tranquillo; — a fama do Dr. Telles de Moura enchia-o de esperanças radoras. « Sua causa não podia cahir em melhores mãos! »

E a verdade é que elle, industriado pela raposa velha, obteve um mandado de notificação, obrigando Amancio a comparecer na policia, immediatamente, para investigações policiaes, e peitou o official de justiça e arranjou dous secretas e, afinal, o amante da irmã foi conduzido á presença do delegado de semana e d'ahi levado á detenção, d'onde só sahiria para responder ao primeiro interrogatorio.

O advogado requereu corpo de delicto na offendida e, para a seguinte audiencia, o comparecimento dos ou-

tros dous inquilinos que, por occasião do crime, moravam na casa de pensão, — o Dr. Tavares e o guardalivros.

No inquerito duas testemunhas fizeram-se ouvir contra Amancio; um taverneiro das Larangeiras, — bicho gordo, cabelludo, a pelle côr de telha e dono de uma venda que encostava os fundos com os da casa de Amelia, e um alfereszinho de policia, n'outro tempo vizinho do queixoso em Santa Thereza e agora morador do casarão da rua do Rezende, — homemsito magro, pobre de sangue, olhos fundos e a bocca devastada por uma anodonia horrorosa.

Amancio, que ainda não conhecia de perto o que vinha a ser « um processo » e estava longe de imaginar as tricas e os ardís de que costumam lançar mão os litigantes para defender ou accusar um pobre diabo que a justiça lhe atira ás unhas, ficou pasmo, quando, na occasião de assignar os actos e termos, leu a materia do facto criminoso que lhe arguiam.

O alferes declarou em substancia que: « na noite de 16 de julho do anno tal, pela uma hora da madrugada, estando em Santa Thereza, no sotão que então occupava, (o qual era mistico ao sotão de uma outra casa, onde, viêra a saber mais tarde, residira Amancio), ouviu d'ahi partirem gemidos angustiados e uma voz fraca, de mulher, a dizer: *Solte-me! Solte-me! Não me force!* E que, tomado de curiosidade, trepára-se ao muro do quintal e pozêra-se a espreitar para a casa do vizinho, e, então, percebêra distinctamente que um homem violentava uma rapariga; e que depois cessaram as vozes e só se ouviram suspiros e soluços abafados. »

O taverneiro depunha que: « n'aquella mesma noite, estando casualmente de passeio em Santa Thereza, ouvira, ao passar pela casa onde então resedia João Coqueiro com a familia, uma altercação de duas vozes, na qual se destacava uma de mulher que chorava, im-

plorando piedade e supplicando, por amor de Deus, que a não deshonrassem. »

E tudo isso estava perfeitamente de accordo com o que já havia declarado o Coqueiro. Disséra este que: « n'essa mesma noite se recolhêra ás tres horas da madrugada, pois estivera até então em Botafogo, na companhia de seu collega, Firmino de Azevedo, e que, ao entrar em casa, ouvira leves gemidos no quarto da irmã e, chamando por esta da varanda e perguntando-lhe o que tinha, ella respondêra que — *não era nada, apenas havia acordado ás voltas com um pezadelo*; mas que elle, Coqueiro, apesar d'essa explicação, ficou muito sobresaltado e ainda mais, quando, depois de acordar a esposa, que dormia profundamente, e perguntar-lhe se houvêra em casa alguma novidade durante a sua ausencia, lhe ouvira dizer que = até ás nove horas da noite podia afiançar que nada acontecêra, mas que, d'ahi em diante, não sabia, visto que, sentindo-se áquella hora muito incommodada, se havia recolhido ao quarto com seu filho Cezar e, como uzava agoa de flôr de laranja para os seus padecimentos nervosos, suppunha ter essa noite medido mal a doze e tomado de mais o remedio, em virtude do estranho e profundo somno que se apoderou d'ella até o momento em que o marido a chamára. — Por consequente, das nove horas da noite ás tres da madrugada, Amancio e Amelia haviam ficado em plena liberdade. »

E mais: « que, no dia seguinte áquella noite fatal, Amelia não quiz sahir do quarto e que elle, indo ter com a irmã e perguntando-lhe si soffria de alguma coisa e si precisava de medico, notou-lhe certa perturbação, certo constrangimento e um grande embaraço, na resposta negativa que deu; e que ella, todas as vezes que era interrogada, fugia com o rosto para o lado contrario e abaixava os olhos, como tolhida de vergonha; e que, examinando-a melhor, lhe descobrira signaes rôxos nos labios, nas faces, e pequenas escoriações no

pescoco, nas mãos e nos braços; e que então, fulminado por uma suspeita terrível, exigio energicamente a revelação de tudo que se passára na vespera durante a sua ausencia, e que ella, empallidecendo, abriera a chorar e, só depois de muito resistir, confessou que fôra violentada por Amancio, mas que este promettêra, sob palavra de honra, em breve reparar com o casamento a falta commettida. »

Mme. Brizard confirmou o que disse o marido a seu respeito.

Amancio, porém, logo que foi novamente interrogado, negou: 1.º — Que conhecesse as duas testemunhas deponentes contra elle; 2.º — Que em tempo algum houvesse succedido o que ellas affirmavam; 3.º — Que tivesse empregado violencia contra Amelia; 4.º — Que fizesse promessa de casamento a quem quer que fosse e debaixo de quaesquer condições. E confirmou: 1.º — Que em a noite, não de 16, mas de 20 de julho d'aquelle anno, estabelecêra relações carnaes com a queixosa; 2.º — Que n'essa noite, permanecendo de pé o conchavo de uma entrevista combinada entre elles, Amelia, logo que a casa se achou de todo recolhida, apresentára-se-lhe no quarto e ahi ficára até ás cinco horas da manhã, sem mostrar durante esse tempo o menor indicio de contrariedade, e parecendo, aliás, muito satisfeita e feliz com o que se déra, como si alcançára a realisação do seu melhor desejo; 3.º — Que de tudo isso nada absolutamente teria succedido, si Amelia não o perseguisse com os seus repetidos protestos amorosos, com as suas proyoções de todo o instante, chegando um dia a sorprendel-o á banca do trabalho com uma alluvião de beijos! Que não teria succedido, si todos os de casa, todos! — o irmão, a cunhada, ella, o Cezar, os famulos, não concorressem directa ou indirectamente para aquillo, armando situações, preparando conjuncturas arriscadas para ambos, explanando occasiões escorregadias, nas quaes fôra inevitavel uma quéda!

E Amancio accrescentou, arrebatado pela correnteza de suas palavras: — Nada d'isso teria acontecido, senhor juiz, si me não desafiassem, si me não sobresaltassem os instinctos, atirando-a a todo o momento contra mim; si nos não empurrassem um para o outro, com insistencia, com tenacidade, deixando-nos á sós horas e horas consecutivas; fazendo-a enfermeira ao lado de minha cama; pespegando-a todos os dias, todas as noites, diante de meus olhos, ao alcance de minhas mãos,—enfeitada, perfumada, preparada, como uma armadilha, como uma tentação viva e constante!

O delegado observou discretamente que Amancio se excedia nas suas declarações; mas o auditorio, na maior parte formado de estudantes, protestava, attrahido por aquella septentrional verbosidade que enchia toda a sala.

Rebentavam já d'aqui e d'alli, algumas exclamações de applauso. E a voz do nortista, ironica e crespna no seu sotaque provinciano, ainda se fez ouvir por alguns instantes, em meio do quente rumor que se alevantara.

— Ah! Por Deus! por Deus, que bem longe estava elle de imaginar um fim tão dramatico áquella comedia! Bem longe estava de imaginar que, depois de o escodearem por tantas maneiras; já o fazendo chefe de uma familia que não era a sua; já lhe exigindo a compra de uma casa, exigindo vestidos, joias, carros, dinheiro para as despesas diarias, dinheiro para a botica, dinheiro para o açogue, para o medico, para tudo! — ainda se lembrassem de extorquir-lhe a coisa unica que até ahi não haviam cobigado — seu nome! — o nome que herdára de seus paes!

— Bravo! Bravo! Muito bem!

E a matizada dos estudantes rebentou com enthusiasmo, suffocando os novos protestos que appareciam. O delegado reclamava silencio, e Amancio, muito pallido, a testa luzente de suor, tinha os braços cruzados,

a cabeça baixa, n'uma attitude dramatica de altiva resignação.

Findo o inquerito e dada a queixa, o summario caminhou sem mais incidente. Todavia, o provinciano, sempre que era interrogado, deixava-se arrebatado como da primeira vez.

As testemunhas, com mais ou menos tergiversação, reproduziam as suas patranhas; concederam-se os dias da lei ao iniciado, para que juntasse a sua defeza escripta e os seus documentos; e, afinal subiram os autos á Relação, onde foi sustentada a pronuncia, e o processo esperou que designassem a sessão em que Amancio teria de entrar em julgamento.

XX

O accidente de Amancio causou enorme impressão nos seus conhecidos. Campos, ao receber a noticia, ficou fulminado e atirou-se no mesmo instante para a casa de correcção, sem mais se lembrar de que n'esse dia estava cheio de serviço até os olhos.

Seu primeiro impeto foi de reprehender severamente o culpado, verberar-lhe com energia a « acção indigna », que acabava de praticar; mas, pouco depois, veio-lhe uma grande commiseração. « Porque, enfim, coitado, o pobre moço era ainda muito criança... naturalmente fraco... e d'ahi... Quem sabia lá o que teriam feito para o precipitar n'aquelle crime?... »

Sem saber porquê, afigurava-se-lhe que o papel de victima cabia mais a Amancio do que ao Coqueiro. Este surgia-lhe agora á imaginação, como um satanaz de magica que deixou fugir de repente, pelo alcapão do theatro, a sua tunica de bom velho peregrino. Seria até capaz de jurar que, a despeito do disfarce, já de muito lhe havia bispado a saliência dos cornos diabolicos por debaixo do religioso capuz. E pequeninos factos, que até ahi jaziam dispersos e abandonados no seu espirito, inham, acordando de repente, justificar semelhante transformação.

— Sim! Já em certa época descobrira no Coqueiro taes e taes symptomas de hypocrisia; ouvira-lhe taes e taes frases que o fizeram desconfiar de seu carater!...

Não tinha que vêr! — Já lá estavam as taes pontas diabólicas a espetar o capuz!

E arrependia-se de não haver em tempo desviado o pobre Amancio d'aquelle perigo: — Andára mal! Devia previnil-o!... devia ter dado qualquer providencia a esse respeito!...

E voltando-se contra si:

— Mas, onde diabo tinha eu esta cabeça, para não ver logo que um homem, — que se casa especulativamente com uma velha do feitio de Mme. Brizard; um homem que consente á irmã receber presentes e mais presentes de um estranho; um homem que especula com tudo e com todos, um maroto! — não se mostraria tão agarrado ao rapaz, sinão com o proposito firme de lhe pregar alguma?!... Oh! andei mal! andei mal, como um pedaço d'asno!...

E apressou-se a soccorrer a « pobre victima. »

— Ainda si houvesse a hypothese de uma fiança!... reconsiderava elle, já em caminho da detenção. — Mas qual! O Dr. Tavares, que lhe levára ao escriptorio a noticia do escandalo, dissera-lhe que « o crime era inafiançavel e que por conseguinte não se podia evitar a prisão! » — Infeliz moço! infeliz moço! resmungava o Campos, quasi chorando. — Antes nunca elle viesse ao Rio de Janeiro! — Que demonio hei de eu agora escrever á familia?... E a pobre D. Angela?! Coitada, como não ficará, quando, em vez do filho, receber a noticia de tanta desgraça?!... Valha-me Deus!

E foi n'esse estado que o Campos chegou á rua do Conde.

Hortencia não ficou menos impressionada; ao saber do caso empallideceu extraordinariamente e começou a tremer toda. Desde então se tornou apprehensiva e nervosa de um modo lastimavel; tinha pezadelos, ataques de chôro, ameaços de febre e um fastio enorme.

Carlottinha, que se achava n'essa occasião de passeio

em casa das Fonecas de Catumbý, foi logo reclamada á lhe fazer companhia.

Em casa do negociante quasi que se não fallava de outra coisa que não fosse o processo de Amancio ; pareciam todos empenhados com o mesmo ardor na sorte do « pobre rapaz. » Os caixeiros murmuravam pelos cantos do armazem e os criados, sempre desejosos de merecer a attenção dos amos, traziam da rua os commentarios que ouviam ou que inventavam sobre o facto.

E o escandalo, como um liquido derramado, ia escorrendo pelas ruas, pelos beccos, penetrando por aqui e por alli, invadindo as repartições publicas, os escriptorios commerciaes, as redacções das folhas e as casas particulares.

Os jornaes começavam a exploral-o.

Na academia de medicina e na escola polytechnica levantavam-se partidos. João Coqueiro bem poucos collegas tinha de seu lado ; nem só porque lhe cabia na questão o papel, sempre mais antipathico, de aggressor, como em virtude de seu genio insociavel e secco. Antigos resentimentos que pareciam esquecidos, resurgiam agora, aproveitando a occasião para tirar vinganças ; d'ahi, — opiniões mal intencionadas ; commentarios atrevidos sobre a conducta de Amelia, sobre o character mercantil de Mme. Brizard, sobre as velhas bregeirices da rua do Rezende. Uns se contentavam em fazer conjecturas, outros, porém, tiravam conclusões, e alguns iam ainda mais longe, contando factos : « Em tal baile do Mozart, » dizia um quarto-annista de medicina, « estivera com a irmã do Coqueiro, dansára com ella duas valsas e desde então ficára sabendo de que força era a tal bichinha !... » E seguiam-se pormenores degradantes e revelações descaradas.

Este, sustentava que o João Coqueiro sabia perfeitamente de tudo que lhe ia por casa e que era até o primeiro a mercadejar com a irmã, como seria capaz de

fazer com a propria mulher, si houvesse um homem de bastãnte coragem para affrontar aquelle dragão! Est'outro, affirmava que elle não se lamberia com a protecção do caróla Telles de Moura, si não fôram as legendarias relações de Mme. Brizard com o fallecido conego Muniz, ex-redactor de um jornal catholico.

E choviam as insimulações, as denuncias: « Coqueiro era um hypocrita, um jesuita! — Fingia-se muito devoto na escola para agradar o professor Fulano; defendia a escravidão e a monarchia para lisongear Beltrano; — si entrava n'uma pandega com os companheiros, no outro dia punha-se a dizer que só elle não se embebedára e não fizera papel triste! — si lhe tocavam em mulheres, o velhaco abaixava os olhos e ficava todo estomagado, e, debaixo da capa de Santarrão, ia fazendo das suas! — Era um cão! um Tartufo!

Toda essa má vontade contra o João Coqueiro redundava em beneficio de Amancio, por quem alguns estudantes pareciam sentir verdadeiro enthusiasmo. Na faculdade de medicina não se encontrava um só rapaz a favor d'aquelle; ao passo que este tinha por si quasi toda a polytechnica. Nas duas escolas fallava-se muito em « exploração, em roubo, em piratagem. » A cifra dos bens de Amancio, á medida que passava de bocca a bocca, ia tomando proporções fabulosas, faziam-na de mil, quatro mil, dez mil contos de réis. O Paiva era agora requestado pelos collegas, como um boletim sanitario que traz os ultimos telegrammas da guerra. Por saberem de sua intimidade com o réo e das visitas quotidianas que elle fazia á casa de correcção, não o largavam um só instante; cercavam-no, cobriam-no de perguntas: « Como estava Amancio, si triste, abatido, desesperançado, ou si alegre, indifferente, risonho?... E a tal Amelinha dos camarões?... que fazia? como se portava no negocio? — ia visitar o amante? escrevia-lhe? apparecia a alguém! comprazia-se com a desdita do prêzo ou era solidaria nos soffrimentos d'elle?

Paiva respondia para todos os lados, não tinha mãos a medir; os espiritos, porém, longe de se acalmarem com isso, mais se sofregavam e accendiam. A impaciencia tomava o logar da curiosidade; um sobresalto febril, de jôgo, preava o coração dos estudantes; os animos palpitavam na expectativa de um desfecho escandaloso. Previam-se, com arrepios de gôso antecipado, o impudico espectáculo dos depoimentos, as brutaes declarações dos medicos e todo o cortejo descomposto de um jury de desfloramento.

O artigo 222 do codigo criminal lá estava pairando nos ares, cynico e espectacular como o *flammeun* de Nero no banquete de Tigellino.

O Campos, entretanto, não podia descansar com a idéa d'aquella desgraça. Abandonava tudo, esquecia os proprios interesses para correr as bancas dos advogados, consultando, propondo defezas; mais tonto, mais afflicto do que si tratasse de salvar um filho.

A situação o relacionára com o Dr. Tavares, o qual, um pouco em represalia ao Coqueiro por havel-o despedido de casa, sem as explicações devidas ao seu alto merecimento, e um pouco talvez na esperança de lucros pecuniarios, mostrava-se ferozmente empenhado na questão. Nunca esteve tão verboso, tão cheio de entusiasmo e tão fecundo em citações latinas. Viam-no, a cada passo, em todos os grupos da rua do Ouvidor, berrando, gesticulando sobre o assumpto, como si tudo aquillo lhe tocasse directamente.

— E' incontestavel, exclamava elle a quem lhe cahia nas garras,— é incontestavel que Amancio foi victima de uma arbitrariedade! E esse delegado das duzias que, sem mais nem menos, o mandou recolher á prisão,—prevaricou! Prevaricou, principalmente porque Amancio nada mais fez do que desflorar mulher virgem maior de dezeseite annos, o que, perante a nossa

lei, não constitue crime! Por conseguinte, a prisão preventiua não devia ser effectuada!

E a sua voz, aguda e systemática, repetindo a palavra friamente obscena da lei, causava no auditorio o effeito vexativo que nos produz um cadaver nú.

Hortencia já se escondia no quarto, quando o mas-sante se lhe pespegava em casa.

— Ah! Elle havia de mostrar a esses advogadozi-nhos de meia tigella, os quaes, mal surge um processo andam se offerecendo como protectores de qualquer uma das partes e compromettendo a causa! — elle ha-via de mostrar o que é dignidade e rectidão na justiça! E, si não tivesse outro meio, escreveria uma série de artigos, que os poria a todos na rua da amargura! Campos havia de ver!

E, chegando-se para este, em attitude mysteriosa:

— Mas o senhor, justamente, é quem me podia ajudar si quizesse!...

— Ajudal-o?

— Sim! Nós dois, brincando, davamos cabo da pannelinha do Coqueiro! Que julga? Sei de tudo! Vi — com estes olhos! Sei, melhor que ninguem, como se armou a cilada ao pobre moço!

Campos declarou que, em beneficio de Amancio, estava prompto a fazer o que fosse preciso.

— Encarrega-se da publicação dos artigos? ! exclamou o advogado.

— Pago-os até a quem os fizer... disse o Campos.— contanto que isso aproveite ao rapaz! Todo o meu desejo é livral-o o mais depressa possivel! E' uma questão de consciencia!

— Pois então, meu caro amigo, póde escrever que, ou ã seu protegido não soffrerá o menor desgosto ou leva o diabo a caranguejola desta justiça de borra! Sou eu quem o affirma! Amanhã mesmo trago-lhe o primeiro artigo! Verá!

— Está dito!

Mas, n'esse mesmo dia, quando o Campos se dispunha a sahir de casa, para se entender com o Saldanha Marinho que parecia resolvido a tomar a causa de Amancio, entregaram-lhe uma carta.

Era do Coqueiro e dizia simplesmente: «Para que V. S. não continue illudido e não se sacrifique por quem não lhe merece mais do que o desprezo, junto remetto-lhe um documento que nos torna quasi companheiros de infortunio e que lhe dará uma idéa justa do character d'esse moço perverso, cuja intenção ao lado de sua familia era deshonorral-a como deshonorou a minha! »

O negociante desdobrou, a tremer, o papel que vinha incluso, e leu aquella celebre carta subtrahida por Amelia, algum tempo antes.

Não quiz logo acreditar no que via escripto. Uma nuvem passára-lhe diante dos olhos. «Mas não havia duvida! Era a lettra de Amancio, era a lettra d'aquelle miseravel, por quem elle ultimamente passára dias tão penosos! »

— Que ingratição! E o Campos que o tinha na conta de um rapaz honesto!... Como vivêra illudido!... Agora, dava toda a razão ao Coqueiro! Calculava já o que não teria feito o biltre na casa de pensão!

As taes pontas de mephistopheles iam desapparecendo da cabeça do irmão de Amelia para se revelarem na cabeça de Amancio.

— E Hortencia?! gritou-lhe de surpresa o coração.

— Ah! Por esse lado estava tranquillo!... Por ella metteria a mão no fogo! — De mais, o theor da carta bem claro mostrava que o infame não conseguira seus lubricos designios! — no desespero brutal d'aquellas palavras via-se indubitavelmente que a «virtuosa senhora» fechára ouvidos ao malvado!

Mas, como se podia conceber tanta perversidade e tanta hypocrisia em uma creatura de vinte annos?!...

E lembrar-se o Campos de que, ainda n'aquella manhã, nem conseguira almoçar direito, de tão preocupado que estava com o destino de semelhante cachorro!...

Agora, nem de longe queria ouvir fallar de Amancio ou do que a este se referisse. As suas boas intenções sobre o rapaz fugiram de um só vôo e o coração esvaziou-se-lhe de repente, como um pombal abandonado.

Mas ainda lá ficou uma idéa branda e compassiva que respeitava ao ingrato; ainda lá ficou uma mesquinha pomba esquecida, que já não tinha forças para acompanhar a revoada das companheiras,—era a commiseração inspirada pela mãe do criminoso. Essa ficou.

— Que desgraça da infeliz senhora! — possuir um filho d'aquella especie!

E o Campos, com as mãos cruzadas atraz, encaminhou-se lentamente para o segundo andar, em busca da mulher.

Não a accusou; não lhe fez de leve uma pergunta de desconfiança; apenas disse, pondo-lhe a carta defronte dos olhos:

— Mira-te n'este espelho.

Hortencia ficou livida.

—Vê tu em que eu me mettia!... accrescentou elle.— Defender aquelle miseravel! Calcúlo quanto não te incommodaste, minha santa!

E beijou-a na testa.

Ella sacudio os hombros n'uma expressão de confiança na propria virtude:

—O marido a conhecia bem, para que pudesse receiar uma deslealdade de sua parte!

Logo, porém, que lhe escapou da presença, sentio uma grande vontade de chorar. Correu ao quarto, fechou-se por dentro, e atirou-se á cama, abafando os soluços com os travesseiros que se inundavam.

Era um desespero nervoso, uma estranha magoa por

alguma coisa que ella não podia determinar o que fosse, mas que só se abrandava com aquella orgia de lagrimas. Sentia gosto em vertel-as, abundantes, fartas, como si as derramasse no fogo que a devorava.

Não obstante, ao receber aquella carta, ainda lhe so-bejára coragem para responder, sem afrouxar nos seus principios de honestidade; mas, agora, uma subita transformação ganhava-lhe os sentidos e parecia chamar-lhe á cabeça as ondas quentes de seu sangue revolucionado.

— E quem não se revoltaria, pensava Hortencia, — defronte da sorte tão contraria do lastimavel moço, cujo grande crime consistia apenas no muito amor que ella lhe inspirára?... Ah! Era isso de certo o que a enchia de afflicção e desalento! — era a desgraça d'essa pobre creatura, contra a qual tudo parecia conspirar, como si um genio fantastico e máo a perseguisse! Que seria agora do misero, sem a protecção do Campos?... Que seria do desgraçado, sem esse ultimo companheiro que lhe restava no meio de tamanhas lutas?...

Violou uma donzella, é verdade! Mas deveriam responsabilisal-o por isso?... Seria elle o verdadeiro culpado ou simplesmente uma victima?... Fallava-se tanto nos costumes de toda aquella gente do Coqueiro!... rosnavam com tanta insistencia sobre os planos, os calculos, as armadilhas tramadas ao dinheiro do rapaz!... De que lado estaria a razão?... E, quando se revoltassem todos contra o infeliz, teria ella, Hortencia, o direito de fazer o mesmo?... Não lhe caberia grande parte na culpa de que o accusavam? não poderia ella, só ella, ter evitado aquillo tudo com uma simples palavra de amor?... Porque, afinal, o que lançou Amancio nos braços da tal rapariga?... Foi a paixão? foi a belleza? foi o talento? — não! Foi unicamente o despeito! foi o delirio, o desespero de um coração repudiado! — Sim, sim! Tudo aquillo succedêra, porque ella o repellira; porque ella, a imprudente, fechárlhea-

os braços, quando o desgraçado, louco de paixão, lhe supplicava por tudo um bocado de amor, um pouco de caridade!..

Antes tivesse cedido!..

E embravecia-lhe o pranto.— Antes tivesse, porque, si assim fosse, o pobre moço, com certeza, não pensaria na outra! — Mas o infeliz, coitado! vio-se afflicto, enraivecido, soffrendo, sabe Deus o que! e succumbio, ora essa! succumbio como aconteceria a qualquer nas mesmas condições! Succumbio por desalento, talvez por vingança, talvez por não ter outro remedio! — Não! definitivamente sentia muita pena d'aquelle desditoso rapaz!

Amava-o agora. Seu espirito atrazado e muito brasileiro descobria n'elle uma victima de fatalidades amorosas, e esse prisma romantico emprestava ao estudante uma irresistivel sympathia de tristeza, uma deliciosa attracção de desgraça.

Hortencia sonhava-o « pallido, melancolico, desprezado no fundo de uma prisão, tendo por leito—um catre abominavel, por unica luz—uma trémula aresta do sol que se filtrava pelas grades negras do carcere. »

E aquella encantadora figura de prisioneiro, com a cabeça languidamente apoiada nas mãos, os olhos humidos de pranto, os cabellos em desalinho sobre a fronte,—a penetrava toda, enchia-lhe o coração, n'um afflictivo transbordamento de lagrimas.

— Oh! Aquella adoravel figura de vinte annos soffria tudo aquillo porque a amava! — porque uma paixão insensata lhe entrára no peito; soffria porque Hortencia recusára os beijos que o desventurado lhe pedira com tanta febre e com tanta anciedade.

Pobre moço! Pobres vinte annos! dizia ella quasi com as mesmas frases do marido.—Mas porque se haviam de ter visto?... porque se haviam de amar?..

E a mulher do Campos, que até ahi não sentira difficuldade em resistir ás seducções do estudante, agora,

fascinada pela dramatisação d'quella catastrophe que o heroicava, via-o bello, indispensavel, grande na sua situação especial, conhecido das mulheres, temido e odiado dos homens, vivendo na curiosidade do publico, percorrendo todas as fantasias, sobresaltando todos os corações.

E o contraste da soffredôra condição em que o via presentemente com as attitudes brilhantes que elle outr'ora estadeára n'aquella propria casa, quando, de de taça em punho, espargia a sua bella palavra quente e sonora, prendendo a attenção de velhos e moços, dominando, conquistando, — esse contraste ainda mais a arrebatava para elle com toda a violencia de uma allucinação.

Não mais se possuiu, — um desgosto mofoño apode-rou-se d'ella; ficou insociavel e muito triste; entregou-se a longas leituras mysticas, acompanhando com interesse amores infelizes, lentos martyrios da alma, que só terminavam no esquecimento da morte ou do chlaustro. Decorou entre lagrimas a carta do réu.

— Como elle me amava! dizia soluçando, — como elle soffria, quando arrancou do coração estas palavras, ainda quentes do seu sangue!

De sorte que, ao lhe communicar o marido a resolução de escrever a Amancio, remettendo-lhe a terrivel carta denunciadora e prevenindo-o de que lhe retirava a sua amizade, ella, com uma agonia a suffocal-a, resolveu tambem escrever ao moço uma carta que servisse, ao menos, para suavisar o golpe da outra.

O estudante, no dia seguinte, recebia na prisão as duas cartas.

Não se pôde determinar qual d'ellas o surpreendeu mais; notando-se, porém, que a do Campos produziu completo o effeito a que se propunha; ao passo que a outra, em vez de o consolar, enraiveceu-o.

— Pois aquella mulher ainda não estava satisfeita e queria insistir nas suas provocações?... Ella talvez fosse a culpada unica de tudo que de máo lhe acontecera!—As coisas não tomariam de certo o mesmo caminho, si a maldita não lhe fizesse as negações que fez e não lhe acordasse desejos que se não podiam saciar! — E agora?... além de perder a amisade do Campos; justamente quando mais precisava d'ella, havia de supportar a prosa lyrica da Sra. D. Hortencia!... «Que estava arrependida, que o adorava, que seria capaz de tudo por lhe dar um momento de ventura e que o esperava de braços abertos, logo que elle se achasse em liberdade. »

Fosse para o inferno com as suas adorações! Diabo da pamonha! « Que o esperava de braços abertos! » Era quanto podia ser! Aquillo até lhe cheirava a debique! Aquillo parecia um insulto á sua desgraça, á sua terrivel posição!

E chorava, o infeliz, chorava como si se quizesse vingar nas lagrimas.

Depois da carta de Hortencia, a vida se lhe fazia mais escura e mais apertada entre as paredes da sua prisão. Quasi que já não podia aguentar a presença do Paiva, do Simões e de alguns outros collegas que lá iam. No meio das sombras, progressivamente accentuadas em torno d'elle, só a imagem tranquilla e doce de sua mãe permanecia com a mesma consoladora suavidade; sempre aquella mesma carinhosa figura de cabellos brancos, aquelle corpo fraco, vergado e tão mesquinho que parecia pequeno demais para sustentar tamanho amor.

— Minha mãe! Minha santa mãe! exclamava o preso, quando seu espirito, esfalfado pelas desillusões, precisava remaneear ao abrigo morno e quieto de um bom pensamento.

— Minha santa mãe!

XXI

Tres mezes depois, a escola polytechnica e a escola de medicina apresentavam o quente aspecto de uma sedição.— Amancio fôra absolvido.

Os estudantes formigavam assanhados como se acabassem de ganhar uma victoria. O nome do nortista era repetido com transporte; um grupo enorme de rapazes, capitaneado pelo Paiva Rocha e pelo Simões, aguardava o collega á sahida do jury, para o conduzir em triumpho ao *Hotel Paris*, onde havia á sua espera um almoço e a banda de musicos allemães.

Fôra muitó extenso o ultimo jury, quarenta horas seguidas; a defeza de Amancio principiou á meia-noite e acabou ás seis da manhã. O advogado, que « estava feliz como nunca », ainda aproveitou engenhosamente essa circumstancia para afestoar o remate de seu pomposo discurso: « Não queria que o rei dos astros se envergonhasse com aquelle nojentó espectaculo de pequenas miserias! Não quêria que o sol tivesse de corar defronte de similhante tolinha! Pedia que se varressem de prompto as consciencias; que se descarregassem os espiritos, pará que limpamente recebessem a esplendida vizita da aurora! — Ahi chegava o dia! ahi chegava a luz, enxotando os fantasmas tenebrosos da noite e precipitando-os em debandada pelo espaço!

« Pois bem! pois bem, meus senhores! Si ainda permanece nos vossos espiritos alguma sombra, alguma

duvida, alguma opinião vacillante sobre a innocencia d'aquelle pobre mancebo... (E mostrava Amancio com um gesto supremo) — que essa duvida se apague! que essa opinião vacillante se resolva na luz que nos assalta! que essa ultima sombra se retire éspavorida de envolta com as ultimas sombras da noite que foge!»

— Bravo! Bravo! Apoiado! Muito bem!

E, no conflicto da luz fresca, que entrava pelas janelas do edificio, com a luz vermelha do gaz que amortecia, as palavras retumbantes do orador tomavam uma expressão de tragica solemnidade. E os rostos lividos e tresnoitados iam-se esbatendo nas sombras da sala, como pallidas manchas brancas que se dissolvem.

Ninguém sahira antes de terminar a defeza; um empenho nervoso os prendia alli; as palavras do advogado eram applaudidas com febre; — todos queriam a absolvição de Amancio.

A's nove horas da manhã a cidade parecia ter enlouquecido. Interrompeu-se o trabalho; os empregados publicos demoravam-se na rua; os cafés enchiam-se com a gente que vinha do jury. A' porta das redacções dos jornaes não se podia passar com o povo que se agglomerava para ler as derradeiras noticias do processo, pregadas na parede á ultima hora.

Por toda a parte discutia-se a brilhante defeza de Amancio de Vasconcellos: « Estivéra magnifica! — Sorprehendente! — Uma verdadeira obra prima! uma gloria para o advogado Fulano! » Repetiam-se frases inteiras do immenso discurso; faziam-se comparações; « Maitre Lachaud não se sahiria melhor! »

A rua dos Ourivés estava quasi intransitavel com a multidão que se precipitava freneticamente para ver sahir o absolvido. A' porta do jury o tal grupo de estudantes capitaneado pelo Paiva, esperava-o formando alas ruidosas. Tudo era impaciencia e sofréguidão.

Afinal, appareceu o homem. Vinha muito pallido e um pouco mais magro.

Ouvio-se então um rugido formidavel que se prolongava por toda a rua. Os chapéos agitaram-se no ar.

— Viva Amancio de Vasconcellos!

— Vivó! repetiram os collegas.

— Morram os locandeiros!

— Morram os piratas!

Amancio passava de braço a braço, afagado, beijado, querido, como uma mulher formosa.

Mas o Paiva e o Simões apoderaram-se d'elle, e, seguidos pelo enorme grupo de estudantes, pozeram-se a caminho para o hotel, entre as continuas exclamações de enthusiasmo, que rompiam de todos os pontos.

Entraram na rua do Ouvidor. Por onde passava o bando alegre dos rapazes, um rumor ardente, ancho de vida, enchia a rua n'um delirio de vozes confundidas. As portas das casas commerciaes atulhavam-se de gente; pelas janellas dos dentistas, das costureiras e dos hoteis, surgiam com o mesmo alvoroço, cabeças femininas de todas as gradações: — senhoras que andavam em compras, raparigas que estavam no trabalho, professoras de piano, actrizes, cocotes; e em todas igual sorriso de pasmo, olhares incendidos, boccas entreabertas a balbuciar o nome de Amancio. Braços de carne branca apontavam para elle n'um tilintar nervoso de braceletes.

— E' aquelle! diziam, — Aquelle, moreno, de cabello crespo, que alli vai!

— Mamãe! mamãe! gritavam d'outro lado, — venha ver o moço rico que sahio hoje da prisão!

E flôres desfolhadas choviam-lhe sobre a cabeça, e os lenços de renda borboleteavam e iam cahir-lhe aos pés, como uma provocação, e olhares de amor entornavam-se das janellas entre o ruidoso e pittoresco catasol das mulhéres em grupo.

E Amancio, tonto de prazer, caminhava no meio dos amigos, abraçado a um grande ramo de flores naturaes, que um preto lhe acabava de entregar e em cuja larga fita pendente via-se o nome d'elle em lettras de ouro. Era uma lembrança de Hortencia.

E o bando crescia sempre. O largo de S. Francisco já estava cheio e ainda a rua do Ouvidor não se tinha esvaziado.

Ao passar pela escola polytechnica, ouviram-se estalar foguetes e os vivas a Amancio e á Liberdade reproduziram-se com mais vehemencia. Os musicos allemães responderam da porta do hotel com a Marselheza.— A vertigem chegou então ao seu cumulo, inflammada pela vibração corajosa dos instrumentos de metal. A rua do Theatro, o Rocio e todos os beccos e travessas circumvizinhas já se achavam tolhidas de povo; as janellas do *Hotel Paris* destacavam-se embandeiradas e cheias de gente, como nos dias de carnaval. E aquella festa, alli, no coração da cidade, tomava um largo character de manifestação publica.

Já ninguem se entendia com o estardalhaço das vozes, da musica e dos foguetes. Amancio, carregado em triumpho nos hombros dos collegas, entrou no hotel ao som do grande hymno, chorando de commoção e agitando freneticamente o seu velho chapéo de feltro, desabado e bohemio.

Francezas de cabello amarello desciam com espalhafato ao primeiro andar do *Paris*, para ver de perto o «typo da ordem do dia», o bello moço de que todo o Rio de Janeiro se occupava n'aquelle momento, — o heróe d'aquelle romance de amor que havia mezes prezava tantos espiritos e sobresaltava tantos corações.

Elle, que até ahi parecia suffocado e não déra palavra, como que despertou ás primeiras notas da Marselheza e recobrou de subito a sua equatorial verbosidade de brasileiro nortista; accenderam-se-lhe repentinamente as faces; os olhos luziram-lhe como duas joias,

e a sua voz era já segura e vibrante quando ao tecto voaram as primeiras rolhas do champagne.

E, de pé, dominando a extensa meza coberta de iguarias, — a taça erguida ao alto, o corpo torcido em uma posição theatral, desencadeou o seu verbo apaixonado e brilhante.

Entretanto, á essas horas, Coqueiro se dirigia tristemente para casa. As mãos cruzadas atrás, a cabeça baixa, as sobrancelhas franzidas, com o ar tragico de um heróe vencido.

Vira e ouvira tudo!

Oculto n'um botequim, vira passar o bando fegoso dos collegas que festejavam o amante de sua irmã; ouvira os « morras ao locandeiro! ao pirata!» ouvira as galhofas, os risos de escarneo, que lhe atiravam como a um inimigo de guerra. E uma raiva negra, um desespero surdo e profundo entraram-lhe no corpo, que nem um bando de corvos, para lhe comer a carniça do coração. Um duro desgosto pela vida o levava a pensar na morte, revoltado contra o mundo, contra a sociedade, contra sua familia, contra a hora em que nascêra.

— Maldito fosse tudo isso! Maldito seus paes! sua patria! suas convicções! Malditas as leis todas que regiam aquella miseravel existencia!

Chegou livido, sombrio, com os labios a tremer na sua commoção mortifera. Um silencio funebre enchia a casa; dir-se-hia que acabava de sahir d'alli um enterro. Amelia chorava fechada no quarto e Mme. Brizard, extendida na preguiçosa, tinha a cabeça entre as mãos e meditava soturnamente. Sobre a meza o almoço ha que horas esfriava, esquecido e ás moscas.

E' que já sabiam do terrível desfecho do jury: — Amancio estava livre, senhor de si por uma vez! po-

dendo ir para a provincia quando bem quizesse, porque, além de tudo, nem o dinheiro lhe faltava!...

— E elles que alli ficassem, a roer um chifre! — sem recursos, e obrigados a occupar aquella casa, que era o preço de sua deshonra commum.

— Mas, o culpado foste tu e só tu! berrou de sopetão Mme. Brizard, erguendo-se da cadeira com um movimento de çolera. — Si me tivesses ouvido, não ficarias agora com essa cara d'asno. « Quem tudo quer, tudo perde! » Foi bem feito! Foi muito bem feito, para que, de hoje em diante, prestes mais attenção ao que te digo! — Agora, — pega-lhe com trapos quentes!

O marido deixou cahir a cabeça sobre o peito e queudou-se a fitar o chão. Mme. Brizard, depois de voltêar agitada pela sala, accrescentou:

— Si fosses o unico a soffrer as consequencias de tuas cabeçadas, — vá! Mas é que nós todos temos de as aguentar! Agora só quero ver como te arranjas! onde vaes tu descobrir dinheiro para sustentar a casa! E' preciso ser muito cavallo, para ter a fortuna nas mãos e atiral-a pela janella fóra! Agora é que eu quero vêr! Anda! Vae arranjar hospedes! Vê si descobres um novo Amancio! ou quem sabe si contas viver do que dêr o cortiço da rua do Rezende?!... Fizestel-a bonita; os outros que amarguem!...

Calou-se por um instante, arquejando, mas repinchou logo:

— Olha! Por estes tres mezes já podes avaliar o que não será o resto! — Não ha mais um punhado de farinha em casa; a companhia já hontem nos cortou o gaz, porque não lhe pagámos o trimestre vencido; o ultimo criado que nos restava foi-se ha mais de quatro semanas, dizendo ahi o diabo; só nos resta a mucama, que é aquelle estafermo que sabemos; o Eiras reclama todos os dias o tratamento de Nini! — E tu!... tu! — sem um emprego, sem um rendimento, sem nada! — Então?! (E poz as mãos nas cadeiras, com um riso

abominavel de ironia) Então?! Estamos ou não estamos arranjadinhos?!... O que te afianço é que não me sinto nada disposta a tornar ao inferno da existencia que curti na rua do Rezende! Vê lá como te arranjás!

Coqueiro fugio para o quarto, sem responder á mulher. «Tinha medo de fazer um despropósito!»

— Que miseria de vida, a sua! reflectia elle. — Nem ao menos a propria familia o consolava! Por toda a parte a mesma perseguição, o mesmo odio, a mesma luta! — Que seria de si?! que fim poderia ter tudo aquillo?! Onde iria cavar dinheiro para manter os seus?! — E as custas do processo, e as despezas que fizera?! — O alferes e o homem da venda exigiam o pagamento do que depuzeram contra Amancio, a quem mal conheciam de vista; aquelle o ameaçava com um escandalo, si Coqueiro não lhe « cuspiisse p'r'alli os cobres; » o outro o abocanhava pela vizinhança, fazendo acreditar que o devedor era, nem só um caloteiro, como um bebado!

E não havia dinheiro para nenhuma d'essas coisas!

— Um inferno! um verdadeiro inferno! — Os moradores da rua do Rezende ha que tempos que não pingavam vintem; — o Damião estava já pelos cabellos para arriar a carga: « Não podia mais aturar semelhante corja! » dizia e contava até que um dos inquilinos lhe tentára chegar a roupa ao pello por questões de alugueis.

E o Coqueiro vio arrastar-se todo aquelle mão dia na mesma inferneira.

A' noite, foi preciso accender vélas em substituição do gaz suprimido. Amelia não comêra desde a vespera e queixava-se agora de muitas dôres na cabeça, náuseas, tonturas de febre e um fastio mortal; appareciam-lhe por todo o corpo pequenas manchas rôxas. Mme. Brizard só abria a bocca para fazer novas recriações e praguejar; na sua colera chegára alguns

tabefes ao filho; e este rabujava a um canto, embesourado e casmurro.

— Antes morresse! antes, mil vezes antes! repisava o Coqueiro, sentindo-se esmagar debaixo d'aquelle desmoronamento. — Que faria agora de uma irmã prostituida, e de uma mulher desesperada? !...

E as horas arrastavam-se pesadas como cadeias de ferro. A casa mal esclarecida tinha uma tristeza lugubre de igreja deserta.

Afinal, Mme. Brizard foi para a cama com o filho; Amelia parecia mais tranquilla; só o Coqueiro velava, só elle, com o seu desespero a tritural-o pôr dentro.

Não podia socegar um minuto,—era deixar-se ir consumindo pelo soffrimento, até que a dôr cansasse de doer e os taes bichos negros do coração lhe comessem o ultimo bocado da carniça. Sentia, porém, uma especie de volupia pungente em reler as cartas anonymas que lhe enviaram durante o dia; encolerisava-se com isso, mas não podia deixar de as ler, como quem não resiste a tocar n'uma parte dorida do corpo.

Tres, nada menos do que tres cartas anonymas, e cada qual a mais insultuosa e mais perversa; não lhe poupavam coisa alguma: —a vergonha real da situação, o ridiculo que havia de o acompanhar para sempre, a ogerisa que o publico lhe votava espontaneamente; tudo lá estava; tudo vinha descripto com uma minuciosidade cruel, e com pequeninas considerações ultrajantes, com o terrivel cuidado de quem se vingava.

E, para o effeito ser mais completo, fallavam intencionalmente, com enthusiasmo, nas conquistas e nas sympathias do outro, do querido, do « feliz! » Não se esqueciam da menor circumstancia lisongeira para Amancio: — o modo pelo qual o receberam ao sahir da prisão, — os vivas, — as flores desfolhadas sobre elle, — os offerecimentos, — as declarações de amor, — os ramilhetes que lhe déram, — os brindes; tudo, tudo fôra mettido alli, para ferir, para damnar, para moer.

Reconheceu logo que uma das cartas era de Lucia; as outras deviam ser de seus proprios collegas ou, quem sabe?... de algum velho inimigo já esquecido por elle! — Tanta gente sahira despeitada da sua casa de pensão!... Ser credor é ser algoz!... exigir pagamento de uma conta a quem não tem dinheiro é exigir a sua inimidade eterna! Além d'isso, com os seus modos seccos e retrahidos, elle sempre fôra tão pouco estimado na academia!... não tinha, como o «prosa» do Amancio, genio para agradar a todo o mundo; não tinha as labias do outro; não sabia fazer «discursatas e fallações» a proposito de tudo!... Era um infeliz, que todos evitavam, — um leproso! um lazeiro!

E a dôr, sem se resolver nas lagrimas que lhe faltavam, encaroçava-se-lhe por dentro, n'uma grande afflicção.

— Agora, cómo se apresentar nas aulas?!... Com que cara supportar o riso sarcastico dos collegas?!... Como resistir á curiosidade brutal do publico que o esperava impaciente por cuspir-lhe no rosto?!... Como passaria debaixo d'aquellas mesmas janellas que despejaram flôres sobre a cabeça de Amancio?!... — Amancio! o homem que dormio meio anno com sua irmã!...

E, machinalmente foi á secretária e tirou o velho revólver que fôra do pae.

Que estranhas recordações á vista d'aquella arma! d'aquella arma que na sua infancia o fizera chorar tantas e tantas vezes!... Bellos tempos que não voltam!...

E contemplava distrahido os bonitos do revólver,—os arabescos de prata e madreperola com o braço do velho Lourenço Coqueiro em ouro.

Rica peça! artistica, bem trabalhada; não se lhe enxergava signal de ferrugem, nem desarranjo nas mólas.—Tambem, que havia n'isso para admirar si o dono tinha por ella uma especie de fetichismo e andava sempre a brunil-a e azeital-a! Era o unico objecto

que lhe fallava ainda das extinctas grandezas do pae : Quantas vezes elle não ouvira o pobre velho cavaquear sobre as allegorias d'aquelle rico brazão !... E quantas vezes, a tremer de mêdo, não o vira descarrregar aquella mesma arma contra uma laranja que um escravo segurava com a mão erguida !

Ah ! Bem que se recordava de tudo isso !... Parecia-lhe ouvir ainda gritar o pae, quando lhe mettia á força o revólver entre os dedos. « Não ! Isso agora has de ter paciencia ! tu, ao menos, ficarás sabendo dar um tiro ! »

E, todavia, não fiquei sabendo... balbuciou o filho de Lourenço, a experimentar nos labios o contacto frio do canno de aço.—Não fiquei sabendo dar um tiro, que, si o soubesse, acabaria aqui mesmo com esta vida estúpida e miseravel !...

Si eu tivesse animo... pensou elle, estremecido com a idéa da morte,—amanhã encontravam o meu cadaver e não ficariam naturalmente fazendo de mim um juizo tão triste e tão ridiculo !—Talvez até chegassem a amaldiçoar o outro e erguessem em volta de meu nome uma legenda respeitosa e compassiva...

Foi á gaveta, havia lá algúmas balas, carregou a arma.

— Não ha duvida, é a melhor coisa que eu poderia fazer... reconsiderava Coqueiro, immovel, a olhar indeciso para o revólver que tinha na mão.

Mas era bastante chegal-o contra a bocca ou contra um dos ouvidos, para que os seus dedos logo se paralyassem e para que um arrepio muito agudo lhe corresse pela espinha dorsal.

Faltava-lhe a coragem.

Duas vezes ergueu-o á altura da cabeça, duas vezes o desviou, com as mãos tremulas e o corpo entalado n'uma agonia insupportavel.

— E' horrivel ! resmungava elle.—E' horrivel !

Ja principiar de novo as tentativas, quando da rua

uma forte matizada lhe prendeu a atenção. Um grupo se aproximava, entre cantarollas e algazarras de riso.

Eram dez ou doze dos ultimos convivas de Amançio; haviam passado todo o dia e grande parte da noite a folgar no *Paris*; muitos, como o autor da pandega, lá ficaram prostrados pela bebida, mas aquelles tiveram a fantasia de um passeio matinal ao Jardim Botânico e metteram-se barulhosamente no bonde.

Já no Largo do Machado, um d'elles, um, que de ha muito trazia o Coqueiro atravessado na garganta, lembrou que seria mais divertido apearem-se alli e seguirem a rua das Larangeiras. « A casa do velhaco era a alguns passos, — bem lhe podiam cantar uma serenata debaixo das janellas ! »

A idéa foi bem acolhida, e a ruidosa farandola despejou-se pelo caminho das Larangeiras n'uma hilaridade plethorica de bebados.

Só pararam defronte da porta de João Coqueiro. Atravéz das vidraças e das cortinas de uma das janellas, viram transparecer dubiamente a tremulã mortecor de umã luz avermelhada.

— Estás dormindo, ó Joãozinho dos camarões ? ! berrou cambaleando o que tivera a idéa d'aquella romaria. — Dorme, dorme ! é assim que fazem os semvergonhas de tua especie ! — Vendem a irmã e põem-se a descansar no colchão que lhe deixou o amante !

Séguio-se um estrupido de gritos e risos :

— Fóra ! fóra !

— Fião, fião !

— Larga essa casa que não é tua, gritou aquelle. — E' da outra ! Ganhou-a com o suor de seu rosto ! — Sáe, parazita !

— Sáe ! Sáe !

E espocavam gargalhadas no grupo, e os guinchos sibilantes iam até o fim da rua : — Fóra !

— Fóra !

— Fião !

— Sae, cão!

— Deixa a casa, que não é tua! — Fóra!

— Fóra o caften!

— Fião!

Os vizinhos chegavam ás janellas, vozeando furiosos contra semelhante berraria.

— E' o que succede a quem móra perto de um João Coqueiro! bradou um da turma.

— Quem móra junto ao chiqueiro sente o fedor da lama! gritou segundo.

— Queixe-se á Camara Municipal! acudio outro.

E formidavel matacão foi de encontro á vidraça illuminada do chalet de Amelia.

Um dos vizinhos apitou e outro despedio um jarro d'água sobre os desordeiros.

Ouvio-se logo o estardalhaço impetuoso dos gritos, das descomposturas e do crepitar dos vidros que se partiam sob um chuveiro de pedras.

— Morrá!

— Morra o infame! bramia a malta, já de carreira para o Largo do Machado.—Morra o caften!

João Coqueiro presenciára tudo aquillo, grudado a um canto da janella, mordendo os nós da mão, os olhos injectados, o sangue a saltar-lhe nas veias.

— Oh! Era de mais, pensava elle desesperado.—Era de mais tanta injuria! — Si Amancio estivesse alli, n'aquella occasião, por Deus, que o estrangulava!

Abrio a janella. O dia repontava já, mas ennevoado e triste. Não havia azul; ceu e horisontes de neblina, formavam uma só pasta côr de perola, onde vultos cinzentos se esfumavam.

O homem da venda abria tambem as suas portas. Coqueiro comprimentou-o, elle respondeu com um risinho insolente, acompanhado de pigarro.

Uma caleça rodejava lentamente ao largo da rua, o

cocheiro vergado sobre as redeas, o seu casquete sumido na gola do capotão. Coqueiro fez-lhe signal que esperasse, embrulhou-se no sobretudo, enterrou o chapéo na cabeça, metteo o revólver no bolso e sahio.

— *Hotel Paris!* disse ao da boléa, atirando-se no fundo da carruagem. O coqueiro endireitou-se sobre a almofada, espichou o pescoço, sacudio as redeas e os animaes despararam, assoprando grossamente contra o ar frio da manhã.

Coqueiro enfiou pela escadaria do hotel.

Estava tudo deserto e silencioso; apenas, no salão principal, viam-se um preto velho e um caixeiro desdormido que, entre bocejos, se dispunha a principiar a limpeza da casa.

Dir-se-ia que alli passára um exercito de bebados. Por toda a parte vinho derramado, copos partidos, cacos de garrafa e destroços do vasilhame que servira á meza; o oleado do chão escorregava com uma crusta gordurosa de restos de comida e vomito pezinhado; um espelho ficára em fanicos e um aquario desabára, fazendo-se pedaços e alagando o pavimento, onde peixinhos doirados e vermelhos jaziam, uns mortos e outros ainda estrebuchando.

O preto, de gatinhas, em mangas de camisa e calças arregambiadas, procurava desencardir o sobrado com um esfregão de côco, que ia embeber ao canto da sala n'uma tina cheia d'agoa; enquanto o caixeiro, a jogar o corpo, muito esbodegado, erguia o que estava pelo chão e empilhava as cadeiras sobre as mezinhas de marmore, ao comprido das paredes.

— Onde é o quarto do Amancio? perguntou-lhe João Coqueiro.

— Amancio?... repetio aquelle, emperrando no meio da sala para fitar o interlocutor com um olhar morto

de somno! — Ah! bocejou. — O tal moço do pagode de hontem?...

Coqueiro sacudio a cabeça perpendicularmente.

— E' cá, no numero dous, mas excusa bater, qu'elleahi não está. Ficou lá em cima, no onze, com a Jeanette.

E, voltando ao serviço: — Si elle não é coisa de pressa, o melhor seria procural-o mais logo... Deve de estar agora ferrado no somno; que levou na pandega até as quatro e meia!...

Coqueiro voltou-lhe as costas e dirigio-se para o segundo andar. Bateu á porta do n. 11.

Ninguem respondeu.

Tornou a bater.

Ainda nada.

Bateu de novo.

— *Qui est lá?* !... perguntou na rouquidão do estremunhamento uma voz de mulher.

— Preciso fallar a esse rapaz que ahi está; o Amancio!

Ouvio-se um farfalhar de pannos, chinellas arrastaram, e em seguida a porta abriu-se cautelosamente, mostrando pela fisga um rosto gordo, de olhos azues.

— *Qui est lá?* ...

Mas o Coqueiro, em vez de responder, afastou a porta com um murro e atirou-se para dentro do quarto; ao passo que a Jeannette, esfandogada de medo, desgalgava em fralda o escadaraõ que ia ter ao primeiro andar.

Amancio, em uma cama muito cortinada e muito larga, dormia profundamente, de barriga para o ar, pernas abertas e braços atirados sobre a desordem das colchas e dos lençoes. No chão, ao lado do escarrador, um travesseiro cahido, e em torno, por todo o desarranjo da alcôva, roupas espalhadas.

O Coqueiro olhou um instante para elle, sem pestanejar; depois, sacou tranquillamente o revólver da algibeira e deu-lhe um tiro á queima-roupa.

Amancio soltou um ai.

A segunda bala já o não pilhou, mas o irmão de Amelia, abstracto, pateta, continuava a disparar os outros tiros, até que a arma lhe cahio das mãos.

N'isto, cómo si acordasse de uma vertigem, sahio a correr, tropeçando em tudo. No primeiro andar um policia lançou-lhe as garras ao cós das calças e foi o conduzindo á sua frente, sem lhe dizer palavra.

Entretanto, Amancio despertou com um novo gemido e levou ao peito as mãos que se ensoparam no sangue da ferida. Olhou em torno, á procura de alguém ; mas o quarto estava abandonado.

Então, fechou novamente os olhos, estremecendo, esticou o corpo, — e uma palavra doce esvoaçou-lhe nos labios entreabertos, como um fraco e lamentoso appello de criança: — Mamãe! ..

E morreu.

XXII.

Começou logo a reunir povo na porta do hotel. Faziam-se grupos ; os reporters andavam n'um torniquete ; via-se o Piloto por toda a parte, irriquieta, farrisqueiro ; e o facto ia ganhando circulação, com uma rapidez electrica. Panico sobresalto quebrava violentamente a placida monotonia da Côrte ; mulheres de toda a especie e de todas as edades, empenhavam-se com a mesma febre na sorte dramatica do infeliz estudante, e o Coqueiro, alado pela transcendencia de seu crime, principiava a realçar no espirito publico, sob a irradiação sympathica e brilhante de sua corajosa des-afrenta,

A's dez horas da manhã já se não podia entrar facilmente no necroterio, para onde fôra sem perda de tempo, conduzido o cadaver de Amancio, entre um cortejo immenso de curiosos.

Choviam as interpretações, os commentarios sobre o facto ; todos queriam dar esclarecimentos, explicar os pontos mais obscuros do grande successo. « A bala atravessára-lhe as regiões thoraxicas e fôra cravar-se n'um osso da espinha », affirmava um homem alto, elegante, de cabellos brancos, cujo ar empantufado prendia a attenção dos mais.

Esse homem, que alguns tomavam por um medico, outros por qualquer autoridade policial ; outros por um jornalista, outros por um dos professores da faculdade, onde estudava o defunto, não era sinão o Lambertosa,

o illustre — *Gentleman* da casa de pensão de Mme. Brizard.

E, sempre distincto, sempre viajado, prompto sempre a explicar as coisas scientificamente, agitava a bengala, afagando a barriga bem abotoada, e de pernas abertas, pescoço duro, ia estadeando a sua « grande intimidade » com o celebre morto; citando factos, contando magnificas anedotas que se deram entre os dous.

— Ah! Era um moço de invejavel talento! — Bôa memoria, comprehensão facil e gosto cultivado. Para a rhetoriça ainda não vi outro... Não, mintol! — em Londres, em Londres, confesso que encontrei um outro n'essas condições!...

E punha-se a fallar de Londres, e passava depois á França, á Italia, á Europa inteira, e chegaria até aos pólos, si alquem quizesse o acompanhar na viagem.

Muitos outros dos antigos inquilinos de Mme. Brizard tambem appareceram no necroterio. Lá esteve a pallida Lucia, cheia de melancolia, a fitar o cadaver, em silencio, com os seus bellos olhos alterados pelo abuso das lunetas. Agora morava ella com o seu Pereira em Nitheroy, n'uma casa de pensão de um italiano, educador de cães e macacos. Era a terceira que percorria depois da da rua do Rêzende.

Lá esteve, de passagem, o Fontes, com as suas amstras de renda debaixo do braço; lá esteve o triste Paula Mendes, para fazer a vontade á mulher, que exigira ver a « victima d'aquelle grande cão! »; lá esteve o Dr. Tavares que parecia tomar cada vez mais interesse no « escandaloso assassinio. » E, quem diria? até lá esteve o exquisitão do Campello que muito difficilmente se abalava com as questões alheias.

Por toda a cidade só se pensava no « crime do *Hotel Paris* »; os jornaes sahiam carregados de noticia e artigos sobre elle; esgotavam-se as edições da defeza e da accusação de Amancio; vendia-se na rua o retrato

d'este em todas as posições, feitios e tamanhos: moribundo, em vida, na escola, no passeio. E tudo ia direito para os albuns, para as paredes e para as collecções de raridades.

Hortencia, quando lhe constou o terrivel desfecho d'aquelle episodio que, na sua fantasia romantica, tomava as proporções de um poema, cahio sem sentidos e ficou prostrada na cama por uma febre violenta. Durante esse tempo, o marido procurava na prisão o assassino para lhe offerecer os seus serviços e pôr a disposição delle o dinheiro de que precisasse. «Coqueiro podia ficar tranquillo — nada lhe havia de faltar á familia, nem mesmo a pensão de Ninã.»

E foi em pessoa dar as providenciás para o enterro do outro.

O funeral attingio dimensões gigantescas; parecia que se tratava da morte de um grande benemerito da patria.

Por influencia do advogado de Amaçio, que era politico e bem relacionado, compareceram muitos figuras e até alguns homens do poder. Houve senadores, ministros em vigor, titulares de varios matizes, altos funcionarios publicos, artistas de nome, doutores de toda a especie, clubs de todas as ordens, ordens de todas as devoções, jornalistas, negociantes, emprezarios, capitalistas e estudantes; estudantes que era uma coisa por demais.

A cidade inteira abalou-se, demoveu-se, para deixar passar aquella estranha procissão de um magro cada-ver de vinte annos.

Veio muita gente dos arrabaldes. De todos os cantos do Rio de Janeiro acudia povo e mais povo a vêr o enterro. As ruas, os largos, por onde elle ia, ficavam acogulados de gente; os garotos grimpavam-se aos muros, escalavam as arvores, subiam ás grades das chacaras;

as janellas regorgitavam, como n'um domingo de festa.

O caixão foi carregado a pulso, coberto de corôas; no cemiterio ninguem se podia mexer com a multidão que affluia.

Um delirio !

E no dia seguinte, descripções e mais descripções jornalisticas; necrologios, artigos funebres, noticias biographicas e poesias dedicadas á « triste morte d'aquellas vinte primaveras. »

E, o que é mais raro, o factio não cahio logo no esquecimento, porque ahi estava o novo processo do assassino para lhe entreter o calor, á feição de um banho-maria.

Continuavam, pois, as noticias juridicas; Coqueiro ia se popularisando, ia conquistando opiniões e sympathias; ia aos poucos se installando no logar vago pelo desaparecimento do outro. Muitos collegas se voltavam já á favor d'elle; até o Simões, — até o Paiva !

O Paiva, sim ! que agora, completamente restaurado com as roupas herdadas de Amancio, deixava-se ver a miudo nos pontos mais concorridos da cidade e, entre as palestras dos amigos, mostrava-se todo propenso a justificar o acto do irmão de Amelia.

— Não ! dizia elle, quando lhe tocavam n'esse ponto, — não ! O Coqueiro andou bem !... Eu, si tivesse uma irmã, fosse ella quem fosse, faria o mesmo naturalmente!...

Entretanto, pouco depois do enterro, no meio do borborinho de passageiros chegados no vapor do norte, uma senhora já edosa, coberta de luto, saltava no caes Pharoux.

Vinha acompanhada por uma mulata, que trazia constantemente os braços cruzados em signal de respeito, e por um velho gordo e bem vestido, cujas maneiras faziam adivinhar que elle alli não passava de um simples companheiro de viagem.

Como si já tivessem resolvido no escaler o que deviam fazer logo que saltassem, o velho, mal se vio em terra, chamou por um carroceiro, deu a este a sua bagagem com o competente endereço, fez signal á mulata que seguisse a carroça e, depois de ajudar a senhora a sahir do bote, perguntou, sólicitamente, si ella queria tomar um carro.

A senhora, muito inquieta, respondeu que preferia ir a pé, e os dous, de braço dado, puzeram-se a andar na direcção da rua Direita.

Essa senhora era D. Angela.

O Campos já lhe havia escripto, communicando a prisão do filho. A principio, não se achou com animo de fallar n'isso á pobre mãe; mas seus escrúpulos fugiram totalmente, desde que lhe chegou ás mãos aquella terrivel denuncia do Coqueiro.

Angela não esperava pelo golpe e ficou á ponto de perder a cabeça. « Como?! Seria crível?... Seu filho, seu querido filho na prisão, com um processo ás costas e

sem ter quem lhe valesse!... O' Santo Deus! Santo Deus! que isso era demais para um pobre coração de mãe!—Que mal teria ella feito para merecer tão grande castigo?!

E resolveu seguir para a Côrte, immediatamente, no mesmo vapor. Sentia-se corajosa, capaz de todas as lutas, de todas as violencias, para salvar seu filho. Esqueceu-se de seus achaques, do estado melindroso de seu peito, para só cuidar n'elle; só pensar n'essa creatura idolatrada que valia mais, no fanatismo de seu affecto, do que todas as grandezas da terra, todos os esplendores do mundo e todas as potencias do céu.

— Oh! Haviam de restituir-lhe o filho!... Ella estava resolvida a atirar-se aos pés dos juizes, das autoridades, do imperador, si preciso fosse, para resgatal-o! —Não era possível que só encontrasse corações tão duros, que resistissem a tanta lagrima, a tamanha dôr e a tamanho desespero!

No primeiro paquete achava-se a bordo, apenas seguida de uma escrava que, entre as suas, lhe merecia mais confiança.

Mas, agora, pelo braço de um estranho que a não desamparava por méra delicadeza, ou talvez por compaixão; agora, no grosseiro tumulto do caes, estremada e enxada no meio d'aquella gente desconhecida,—a infeliz sentia-se fraquear. Não sabia que fazer,—si ir em busca do Campos ou correr á tóa por aquellas ruas, a gritar pelo filho, a reclamar-o d'aquelle mundo indifferente que formigava em torno de sua perplexidade.

E, por mais que se quizesse fingir forte, uma afflicção crescia-lhe dentro e tomava-lhe a garganta. Tremiam-lhe as pernas e os olhos marejavam-se-lhe de lagrimas.

— Mas V. Exa. não disse que seu filho morava nas Larangeiras?... perguntou o velho, comprehendendo a perturbação de Angela.

— Sim, foi para ahi que elle me mandou diri-

gir as cartas... Tenho até aqui commigo o número da casa, mas, depois d'isso, já recebi a tal noticia da prisão, e...

— Bem, interrompeu o outro, — o mais certo é irmos até lá. — Si não encontrarmos o rapaz, haveremos de achar alguém que nos dê informações. E' mais um instante! Eu ainda posso acompanhá-la; não tenho prêssa; o melhor, porém, seria tomarmos um carro.

— Não, não! respondeu a senhora, sempre inquieta, a olhar para todos os lados, como si esperasse, por um acaso feliz, descobrir Amancio, de um momento para outro.

Estavam já na rua Direita. Ella, de repente, estacou e pôz-se a fitar a vidraça de um armarinho.

— Algum conhecido? perguntou o velho.

— Não. E' que estes chapéus... tenha a bondade de ver si consegue ler aquelle nome... eu, talvez me enganasse...

O velho leu distinctamente « A' Amancio de Vasconcellos. » — E' o titulo! disse — Elles agora baptisam as mercadorias com os nomes que estão na moda. Algum tenor!

— E' singular!... balbuciou a senhora.

— Porque?

— E' esse justamente o nome de meu filho.

— Oh! Não ha só uma Maria no mundo!...

Mas D. Angela fugira-lhe outra vez do braço para correr a uma nova vidraça. Eram agora bengalas e gravatas « á Amancio de Vasconcellos » que lhe prendiam a attenção.

Acabavam de entrar na rua do Ouvidor.

— Vê?... interrogou ella, muito preocupada e procurando esconder a commoção. — Ainda!

— Ah! fez o companheiro, já impaciente. — V. Exa. vai encontrar o mesmo nome por toda a parte. — E' o costume! Olhe! Si me não engano, lá está o retrato do tal Amancio! Tenha a bondade de ver!

D. Angela aproximou-se do retrato, correndo, e soltou logo uma exclamação :

— Mas é elle ! E' meu filho ! ó meu Amancio !

E começou a rir e a chorar muito perturbada.

O velho, meio commovido e meio vexado com aquella expansão em plena rua do Ouvidor, principiava talvez a se arrepender de ter sido tão cavalheiro com Angela, quando esta, que estivera até ahí a percorrer, como uma doida, outros mostradores, arrancou do peito um formidavel grito e cahio de bruços na calçada.

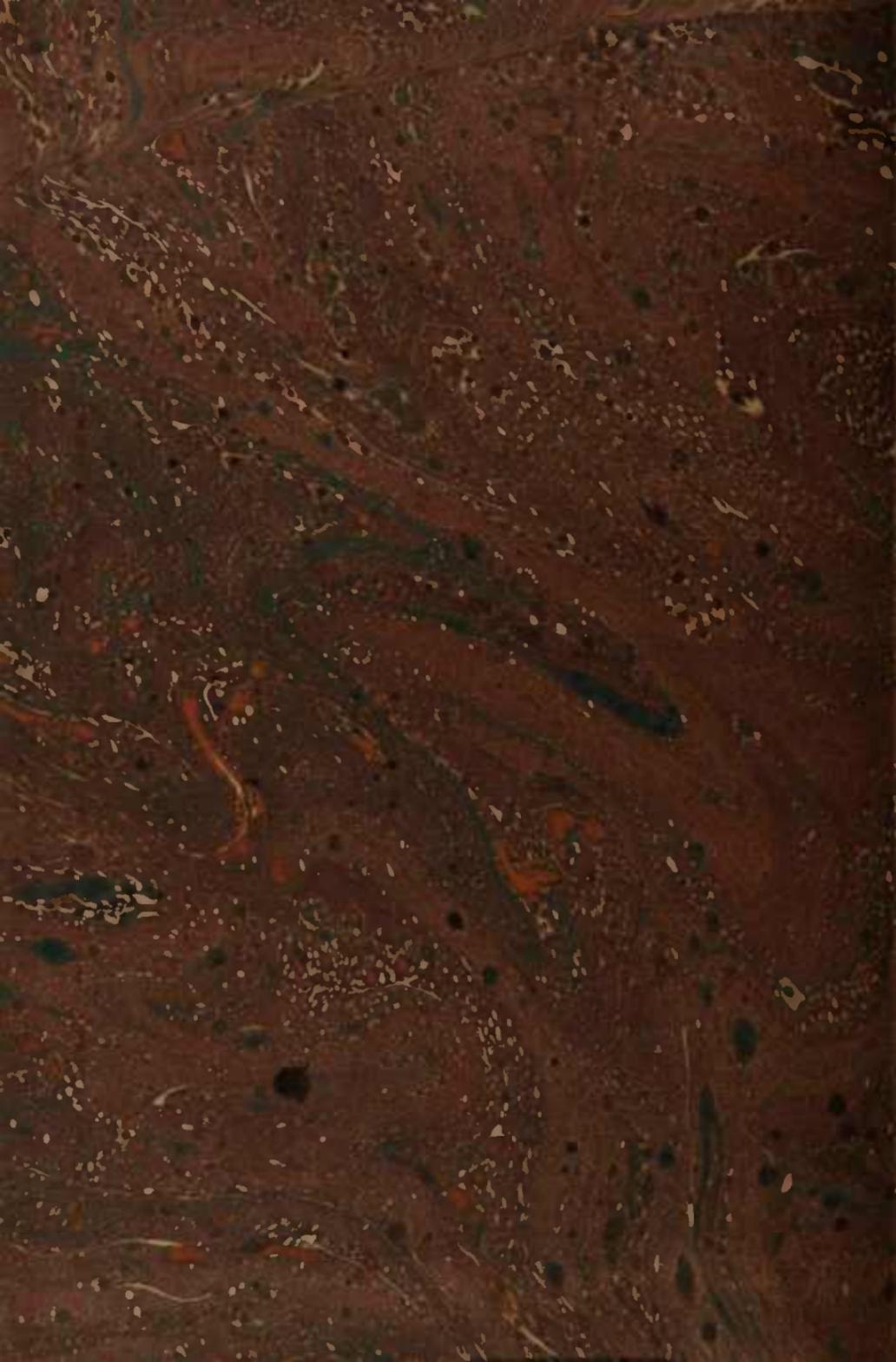
Tinha visto seu filho representado na meza do necroterio, com o tronco nú, o corpo tingido em sangue.

E por debaixo, em lettras garrafaes :

« Amancio de Vasconcellos, assassinado por João Coqueiro no *Hotel Paris*, em tantos de tal. »

Rio - Grande - 2
1910 - 11

FIM







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).